

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM PSICOLOGIA

JUVENTUDES: O CONCEITO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

ALCIMAR ENÉAS ROCHA TRANCOSO

Maceió

2012

ALCIMAR ENÉAS ROCHA TRANCOSO

JUVENTUDES: O CONCEITO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

Dissertação de Alcimar Enéas Rocha Trancoso apresentada junto ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira

Maceió

2012

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

P436d Trancoso, Alcimar Enéas Rocha.
 Juventudes : o conceito na produção científica brasileira / Alcimar Enéas
 Rocha Trancoso. –2012.
 222 f.

 Orientadora: Adélia Augusta Souto de Oliveira.
 Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
 Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Departamento de Psicologia.
 Maceió, 2012.

 Bibliografia: f. 191-203.
 Apêndices: f. 204-222.

 1. Juventude – Conceito. 2. Produção de conceito. 3. Metassíntese – Produção
 científica. 4. Vigotski. 5. Psicologia sócio-histórica. I. Título.

CDU: 159.9.016.2-053.6

ALCIMAR ENÉAS ROCHA TRANCOSO

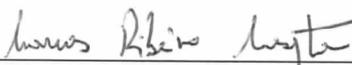
JUVENTUDES: O CONCEITO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

Dissertação de Alcimar Enéas Rocha Trancoso apresentada junto ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Data de aprovação: 17/12/2012



Profa. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira
Dra. em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Presidente da Banca – Orientadora
Programa de Pós Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Alagoas



Prof. Dr. Marcos Ribeiro Mesquita
Dr. em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Componente da Banca: Membro interno titular
Programa de Pós Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Alagoas



Profa. Dra. Katia Maheirie
Dra. em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Componente da Banca: Membro externo titular
Departamento e Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Santa Catarina

*“De vez en cuando, dar un paso atrás nos ayuda
a tomar una perspectiva mejor.
El Reino de Dios no sólo está más allá de nuestros esfuerzos,
sino incluso más allá de nuestra visión.
Durante nuestra vida, sólo realizamos una minúscula parte
de esa magnífica empresa que es la obra de Dios.
Nada de lo que hacemos está acabado,
lo que significa que el Reino está siempre ante nosotros.
Ninguna declaración dice todo lo que podría decirse.
Ninguna oración puede expresar plenamente nuestra fe.
Ninguna confesión trae la perfección,
ninguna visita pastoral trae la integridad.
Ningún programa realiza la misión de la Iglesia.
En ningún esquema de metas y objetivos se incluye todo.
Esto es lo que intentamos hacer:
plantamos semillas que un día crecerán;
regamos semillas ya plantadas,
sabiendo que son promesa de futuro.
Sentamos bases que necesitarán un mayor desarrollo.
Los efectos de la levadura que proporcionamos
van más allá de nuestras posibilidades.
No podemos hacerlo todo y, al darnos cuenta de ello, sentimos una cierta liberación.
Ella nos capacita a hacer algo, y a hacerlo muy bien.
Puede que sea incompleto, pero es un principio,
un paso en el camino,
una ocasión para que entre la gracia del Señor y haga el resto.
Es posible que no veamos nunca los resultados finales,
pero ésa es la diferencia entre el jefe de obras y el **albañil**.
Somos albañiles, no jefes de obra, ministros, no el Mesías.
Somos profetas de un futuro que no es nuestro. Amen.”*

Monseñor Óscar Romero

AGRADECIMENTOS

Ao fim desta empreitada, sou muito grato a muitas pessoas que, em um esforço conjunto, intencional, às vezes tácito, uns de forma constante e persistente, outros fortuitamente, porém intensos e generosos, me ajudaram a começar, vivenciar e realizar este trabalho. Serei sempre grato:

-À Professora Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira pela orientação de fato e não somente de direito, pela confiança e por ter assumido junto comigo o desafio de aprender e seguir aprendendo;

-Aos Professores Dr. Marcos Ribeiro Mesquita (PPG-Psicologia/UFAL) e Dra. Rosângela Francischini (UFRN) pelas contribuições a este trabalho na banca de qualificação em Março 2012;

-Aos demais professores Programa de Pós Graduação-Psicologia/UFAL com os quais tive aulas, por ordem alfabética: Dra. Heliane de Almeida Lins Leitão, Dr. Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho, Dra. Simone Maria Hunning, e ao professor Dr. João Batista Menezes Bittencourt, do Instituto de Ciências Sociais – ICS/UFAL;

-Aos colegas da primeira turma de mestrado em psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, por ordem alfabética: Alexsander Lima da Silva, Analinne Maia, Dayse Santos Costa, Juliana Falcão Barbosa, Jussara Ramos da Silva, Kyssia Marcelle Calheiros Santos, Luciano Bairros da Silva, Mariana Yezzi de Araujo, Patricia Vieira de Souza Toia, Raquel de Lima Santos, Renata Guerda de Araújo Santos, Wanderson Vilton Nunes da Silva, Zaira Rafaela Lyra Mendonça. Agradeço pela recepção, pelas contribuições, pelos incentivos ao longo do curso e pelos “fale mais sobre isso...”;

-Em especial, ao colega de orientação Alexsander Lima da Silva, pelas contribuições, comentários e dicas para entender o mundo acadêmico da UFAL;

-À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela concessão de bolsa CAPES/DS durante cinco meses (Dezembro/2011 a Abril/2012);

-À Andrea, secretária do PPG-Psicologia até meados de 2012, e ao Marcio, atual secretário, pela sempre sorridente recepção e apoio na resolução das questões referentes ao curso;

-À Visão Mundial onde trabalhei por quase 23 anos, por ter me liberado parcialmente do trabalho para que fosse possível frequentar as aulas, encarar a carga de leitura e demais atividades acadêmicas;

-À minha equipe de trabalho na Visão Mundial no período do mestrado, e também amigas, por ordem alfabética: Ângela Esteves Modesto, Cristiane Machado, Roberta Escarião Parente

Spinelli, Tânia Barbosa Tomaz, por terem assumido algumas coisas a mais para que eu ficasse mais liberado para os estudos;

-Aos meus pares quando trabalhava na Visão Mundial – gerentes sêniores na Visão Mundial – e também amigos: José Elísio da Silva Gomes e Sueli Catarina de Carvalho, pelo incentivo e ainda divisão da carga de trabalho;

-Aos amigos Eduardo Albuquerque Nunes pelas conversas “paralelas” e pela mais importante dica recebida antes de começar de fato esse mestrado: “a orientadora sempre tem razão”, e Ednardo de Souza Nascimento que, ao entrar no mestrado antes de mim, dentre outras coisas, me motivou a ingressar no mesmo “problema”;

-Às minhas tias, e respectivas famílias: Terezinha Rocha (Érika, Adriana), Aracy Rocha (Tio Nilson, Niara e Rommel) e Rozália Rocha, pelo apoio mesmo à distância e por ainda estarem cuidando da minha filha Ana Clara nessas Minas Gerais. Uma preocupação a menos!

-Aos meus pais, Alcides Trancoso e Margarida Rocha, pela vida, exemplos e os muitos momentos de alegria, e aos meus irmãos/irmãs, cunhados/cunhadas Dea Trancoso (Marcelo Oliveira), Alcides Junior (Maria José Pereira), Adriana Maria (Gerson Santos) e Arthur Emmanuel, pelo carinho, afeto e torcida;

-À minha família mais próxima, aqui em Maceió: Ildiomar, esposa e sempre parceira, pelo amor traduzido em cuidado e paixão, Anne Caroline (Diego Macedo), filha que também tem filhos, Ana Luiza, sempre preocupada comigo, Ana Clara, longe, mas aqui, e Jeferson Ronaldo, o caçula de quase dois metros. Certamente sem o apoio e a alegria de me verem voltar a estudar, teria sido muito, mas muito difícil;

-Por fim, à Universidade Federal de Alagoas por ter proporcionado um ensino gratuito e de qualidade, nesse sentido, ao povo brasileiro, por ter financiado através dos impostos, a minha formação acadêmica, da educação infantil à pós-graduação, em escolas públicas.

RESUMO

Metassíntese do conceito de juventude, na produção científica brasileira, no âmbito das Ciências Humanas, incluindo a Linguística, Letras e Artes; e as Ciências Sociais Aplicadas. Pressuposto teórico e metodológico sócio-histórico, materialista e dialético, especialmente como apresentado por Vigotski. Para tanto, realiza estudo de 189 documentos científicos produzidos nos anos 2007 a 2011, sendo 37 artigos científicos identificados no banco de dados virtual *Scientific Eletronic Library Online* – SCIELO / *Google Acadêmico*, 120 dissertações e 32 teses, via banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Utiliza os descritores juventude, juventudes e conceito de juventude. Critério de escolha da amostra: presença da palavra juventude ou juventudes no título, ou da expressão ‘conceito de juventude’ no resumo e, por explicitarem no resumo, ou no sumário, a intenção de discutir o conceito de juventude. Os resultados indicam: a significativa importância adquirida pelo tema na produção acadêmica e científica brasileira, crescente no período analisado em 23 das 26 áreas do conhecimento das Ciências Humanas, incluindo a Linguística, Letras e Artes e das Ciências Sociais Aplicadas especialmente nas áreas de Educação, Sociologia e Psicologia; a diversidade na abordagem teórico e metodológica; a Psicologia possuindo a maior proporção de estudos sobre o conceito de juventude. O conceito de juventude nos 189 documentos analisados desenvolve aspectos: sociológicos, considerando papéis, relações geracionais e participação política juvenil; biológicos, a partir das mudanças corporais em função da idade; e psicológicos, refletindo sobre a constituição da pessoa individual e suas relações com o outro. O conceito de juventude se amplia com o aumento das diversas áreas de interesse que empreendem estudos a respeito ou utilizam aqueles já estabelecidos. Por outro lado, há uma forte presença de questões operacionais que ajudam a definir juventude e a localizá-la como categoria social específica e objeto de pesquisa: relação juventude e adolescência, características da condição e da situação juvenil, juventude e a relação com o tempo e o *devir*. Apresentam-se como desafios para os estudos atuais de juventude: o diálogo entre as distintas ciências a partir de um pressuposto histórico e cultural; o processo identitário pelo qual passa o jovem, em meio a fortes apelos por uma ‘autonomia tutelada’, pelo mercado; a sobreposição geracional como espaço de transmissão geracional a favor do fortalecimento da acumulação de experiência; e a relação da juventude com outras categorias sociais, no esforço de se compreender a sociedade contemporânea. Consideram-se potencialmente úteis, os subsídios deste estudo para a reflexão teórica e metodológica acerca da produção de conceito, especialmente, da juventude no campo da pesquisa acadêmica, bem como a intervenção junto às políticas juvenis.

Palavras-chave: Juventude. Produção de conceito. Metassíntese. Vigotski. Sócio-Histórica.

ABSTRACT

Metasynthesis about the concept of youth in Brazilian scientific production in the Humanities Sciences and Applied Social Sciences scope. The theoretical and methodological assumption is socio-historical perspective, dialectical materialism, especially as presented by Vygotsky. To such end, are studied 189 scientific documents produced in the years 2007 to 2011: 37 papers identified in the virtual database Scientific Electronic Library Online - SciELO / Google Scholar, and 120 dissertations and 32 theses, by CAPES database. Use as descriptors to find documents: 'youth' and 'youth concept'. Criteria for selection of the sample: the presence of the word 'youth' in the title or the expression 'concept of youth' in the abstract, and explain in the summary or abstract the intention of discussing the concept of youth. The results appoint that: There is significant importance acquired by the subject in academic and scientific Brazil production, growing in the analyzed period in 23 of the 26 knowledge areas of Humanities Sciences, and Applied Social Sciences, specially in Education, Sociology and Psychology areas. Diversity in theoretical and methodological approach. Psychology has the largest proportion of studies about the concept of youth. The concept of youth in 189 documents analyzed develops sociological aspects considering roles, generational relations and juvenile political participation; biological aspects, from body changes with age; and psychological aspects, reflecting about the constitution of the individual person and their relationships with other. The concept of youth widens with increasing number of areas of interest that do studies about youth or that use those concepts already established. Moreover, there is a strong presence of operational issues that help define and locate the youth as a social category and specific research object: relationship between youth and adolescence, characteristics of the condition and youth situation, relationship with time and the 'becoming'. Some challenges present themselves to current studies of youth: the dialogue between the various sciences from a historical and cultural assumption; the identity process through which young people spend amid strong calls for a 'subordinate autonomy' to the market; a overlapping generations as space to generational transmission in favor of strengthening and accumulation of experience, and the young people relationship with other social categories, in an effort to understand contemporary society. The subsidies of this study are potentially useful to the theoretical and methodological reflection about the concept production, especially youth concept in the field of academic research, as well as to the intervention in youth policies.

Key words: Youth. Concept Production. Metasynthesis. Vygotsky. Socio-Historical.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo do processo de busca no banco de dados <i>Scielo / Google Acadêmico</i> , para artigos sobre juventude de acordo critérios definidos para esta dissertação	62
Quadro 2 – Classificação geral quanto ao tipo dos 905 documentos encontrados de acordo processo de busca 3 descrito no quadro 1	63
Quadro 3 – Classificação dos documentos de acordo ano de publicação, com destaque específico para os documentos tipo ‘Anais de Congresso’	64
Quadro 4 – Dissertações e teses produzidas ao longo dos anos 2007 a 2011 em todas as áreas do conhecimento, que abordam o tema juventude em alguma perspectiva, disponíveis no portal CAPES	64
Quadro 5 – Filtros sucessivos aplicados aos documentos que compõem o ‘Grupo Total’, para a definição daqueles que comporiam o grupo de análise	65
Quadro 6 – Quantidade de primeiros autores classificados em relação à quantidade de artigos com a palavra juventude no título, produzidos no período de 2007 a 2011	66
Quadro 7 – Quantidade de veículos de publicação classificados por quantidade de títulos com a palavra juventude no título, publicados no período de 2007 a 2011	67
Quadro 8 – Tipos de vínculo dos veículos de publicação e do primeiro autor de cada artigo, e quantidade de artigos relacionados a cada um	68
Quadro 9 – Artigos científicos classificados em relação à área de conhecimento à qual se vincula o primeiro autor	69
Quadro 10 – Artigos científicos classificados em relação ao tema principal de discussão	70
Quadro 11 – Artigos científicos classificados em relação à apresentação e discussão dos resultados no resumo	72
Quadro 12 – Artigos classificados em relação ao tipo de estudo	73
Quadro 13 – Artigos científicos classificados em relação ao local foco da pesquisa	74
Quadro 14 – Artigos classificados em relação ao público abordado prioritariamente no estudo	74
Quadro 15 – Artigos científicos classificados em relação aos procedimentos de coleta, amostra, análise e definição de instrumentos	75
Quadro 16 – Orientadores classificados em relação à quantidade de trabalhos orientados sobre juventude, no período de 2007 a 2011	76
Quadro 17 – Quantidade e dissertações e teses sobre juventude, por instituição de ensino superior	77

Quadro 18 – Teses e dissertações classificadas por área de conhecimento	78
Quadro 19 – Dissertações e teses em relação à discussão do conceito de juventude	79
Quadro 20 – Grandes temas aos quais as teses e dissertações se vinculam	80
Quadro 21 – Dissertações e teses classificadas em relação à definição de teoria	81
Quadro 22 – Dissertações e teses classificadas em relação à apresentação e discussão dos resultados	81
Quadro 23 – Dissertações e teses classificadas em relação ao tipo de estudo	82
Quadro 24 – Dissertações e teses classificadas em relação ao <i>locus</i> da pesquisa	82
Quadro 25 – Dissertações e teses classificadas em relação ao público alvo do estudo	83
Quadro 26 – Dissertações e teses classificadas em relação aos procedimentos de coleta, amostra, análise e definição de instrumentos	83
Quadro 27 – Taxa de crescimento da produção geral sobre juventude, considerando os documentos do grupo de análise, calculada pela diferença entre a quantidade do último e do primeiro ano da análise – 2007 a 2011	86
Quadro 28 – Autores de referência sobre juventude, identificados de acordo formação principal, classificados de acordo à quantidade de áreas do conhecimento que influencia presentes no material analisado	87
Quadro 29 – Autores de referência sobre juventude citados em 10 ou mais trabalhos, identificados pelo nome/sobrenome, classificados de acordo a quantidade de trabalhos e de áreas do conhecimento em que é citado	88
Quadro 30 – Grupo de produções acadêmicas que mencionam uma reflexão sobre a relação entre juventude e adolescência, separadas por tipo de documento e por ano de publicação	104
Quadro 31 – Grupo de produções acadêmicas que não mencionam uma reflexão sobre a relação entre juventude e adolescência, separadas por tipo de documento e por ano de publicação	108
Quadro 32 – Grupo de produções acadêmicas que não utilizam os termos adolescência/adolescente na produção acadêmica analisada, separadas por tipo de documento e por ano de publicação	111
Quadro 33 – Grupo de produções acadêmicas que apresentam a juventude como um grupo que possui posturas intrínsecas, separadas por tipo de documento e por ano de publicação	114
Quadro 34 – Grupo de produções acadêmicas onde a categoria juventude é representada a partir de características ou comportamentos de um grupo específico de jovens, separadas por tipo de documento e por ano de publicação	119

Quadro 35 – Grupo de produções acadêmicas que apresentam a condição juvenil a partir de características homogeneizantes, separadas por tipo de documento e por ano de publicação	122
Quadro 36 – Grupo de produções acadêmicas que apresentam a idade como parte integrante do conceito de juventude	133
Quadro 37 – Grupo de produções acadêmicas que apresentam a idade como fator importante para a definição da amostra para pesquisa, separadas por tipo de documento e por ano de publicação	137
Quadro 38 – Grupo de produções acadêmicas que utilizam o conceito de juventude como um valor, separadas por tipo de documento e por ano de publicação	139
Quadro 39 – Classificação da produção acadêmica que utiliza o conceito de moratória em relação ao significado utilizado	143
Quadro 40 – Resumo do grupo de produções acadêmicas que utilizam a categoria <i>devir</i> na conceituação de juventude	149

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Volume da produção de artigos científicos sobre juventude durante os anos 2007 a 2011 66

Gráfico 2 – Volume da produção de teses e dissertações sobre juventude durante os anos 2007 a 2011 77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE ATÉ 2006	23
2.1	Os apontamentos de Cardoso & Sampaio (1995)	24
2.2	As proposições de Haddad (2000)	27
2.3	As perspectivas coordenadas por Sposito (2002 e 2009)	28
2.4	As especificidades a partir da visão de Weisheimer (2005)	33
2.5	O trabalho de Hayashi, M.; Hayashi, C. e Martinez (2008)	35
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	39
3.1	Considerações teóricas: a formação de conceito no processo sócio-histórico	39
3.2	Considerações metodológicas	47
3.2.1	Fundamentos da Pesquisa Qualitativa	47
3.2.2	Procedimentos	49
3.2.2.1	Etapa exploratória: a escolha dos documentos	50
3.2.2.2	Etapa de garimpagem: refinamento da amostra	55
3.2.2.3	Etapa Análise de Conteúdo	59
4	JUVENTUDE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA NACIONAL DE 2007 A 2011	61
4.1	Dados do Grupo Total	64
4.2	Dados a respeito dos artigos científicos do Grupo de Análise e do Conceito de Juventude	65
4.2.1	Identificação geral e publicação	65
4.2.2	Tema	68
4.2.3	Fundamentos	71
4.2.4	Método	72
4.3	Dados a respeito das dissertações e teses do Grupo de Análise e do Grupo Conceito de Juventude	75
4.3.1	Identificação geral e publicação	75
4.3.2	Tema	78
4.3.3	Fundamentos	80
4.3.4	Método	82
4.4	Apontamentos e sínteses	84
5	JUVENTUDE COMO CONCEITO DINÂMICO	90
5.1	Questões teóricas	91
5.1.1	A ampliação do conceito de juventude	91
5.1.2	Vinculações sócio-histórica, histórico-cultural e biológicas	99
5.2	As questões operacionais	102
5.2.1	Juventude e adolescência: apontamentos implícitos e explícitos sobre esta relação	104

5.2.1.1	Produções acadêmicas que mencionam reflexão sobre os conceitos de juventude e adolescência	103
5.2.1.2	Produções acadêmicas que não mencionam reflexão sobre os conceitos de juventude e adolescência	107
5.2.1.3	Produções acadêmicas que não mencionam as expressões adolescência / adolescente	111
5.2.2	Características da Condição Juvenil	112
5.2.2.1	Juventude como grupo que possui posturas intrínsecas	113
5.2.2.2	Juventude como categoria social classificada a partir de características de um dos grupos que a compõe	118
5.2.2.3	Juventude e alguns elementos universalizantes da condição juvenil	121
5.2.3	Juventude, tempo e devir	130
5.2.3.1	Juventude e faixa etária nas definições conceituais, de amostra na pesquisa e de população na política pública	132
5.2.3.2	Juventude como período de moratórias	141
5.2.3.3	Juventude como um momento ou um espaço de/para devir ou vir a ser	145
5.3	Apontamentos e sínteses	149
6	JUVENTUDE: DESAFIOS PARA A REFLEXÃO DO CONCEITO	154
6.1	Juventude como objeto de estudo de distintas ciências	155
6.2	Juventude e a realidade sócio-histórica-cultural da constituição e experiência humana	160
6.3	Juventude como processo identitário	163
6.4	Juventude, experiência e geração	172
6.5	Juventude como retrovisor da sociedade	177
6.6	Apontamentos e sínteses	180
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
	REFERÊNCIAS	191
	APENDICES	204

1 INTRODUÇÃO

O que é conceituar? O que é juventude? São duas perguntas, feitas aqui de uma das maneiras mais simples e direta de se fazer, que são as principais mobilizadoras desta dissertação. Vigotski e Luria, ao discutirem o instrumento e o signo no desenvolvimento da criança, já afirmavam o poder da palavra. A partir dos resultados das suas investigações concluem que, ao final, na díade ação – palavra, o processo inicia de um jeito e termina de outro completamente diferente. Literalmente afirmam:

hemos tratado de demostrar que la *palabra*, al intelectualizarse y desarrollarse sobre la base de la *acción*, eleva a la acción a un nivel supremo, la subordina a la voluntad del niño e inscribe el sello de la voluntad sobre la acción. Pero puesto que deseábamos expresar todo esto en una breve fórmula, en una sola frase, podríamos expresarlo así: si el acto, independiente de la palabra, está *al principio* del desarrollo, al final de él está la palabra convirtiéndose en acto, la palabra que hace libre la acción humana (VIGOTSKI; LURIA, 2007, p. 85, grifos dos autores).

Claro que não se está falando da palavra em si, que possui uma magia ou um dom inato, mas da palavra inserida em uma relação social, definida em um contexto histórico-cultural, palavra como signo que comunica e representa, que “permite agir sobre as pessoas e sobre si mesmo, produzindo mudanças nelas e em si próprio. Basta lembrar o poder da *palavra* sobre as pessoas. Ela comanda suas ações” (PINO, 2005, 148, grifo do autor).

Os conceitos são palavras penetrantes, tornadas social e culturalmente proprietárias de um poder especial, da capacidade de mudar o rumo das coisas, de permitir a vida ou autorizar a morte. Justifica-se, por isso, a preocupação de Sawaia (2001a) e de Souza Santos (1997, 2012), ao quererem ativas perguntas que subvertam uma ordem mundial homogeneizada de forma a reforçar a ação dominadora do homem sobre o homem, que caminhem na contra mão dos fundamentos epistemológicos e ontológicos do saber constituído que brinca de excluir e incluir, conforme melhor aprouver aos grupos que permanecem no poder nas sociedades contemporâneas.

Ao discutir o desenvolvimento dos conceitos científicos na infância, Vigotski (1999a, p. 105) apresenta e rejeita duas concepções explicativas correntes em sua época: a que os conceitos são absorvidos, assimilados pela criança não estabelecendo eles nenhuma relação com os seus processos internos, e a que entende que há sim “um processo de desenvolvimento na mente da criança”, mas sem diferença, “em nenhum aspecto, do desenvolvimento dos

conceitos formados pela criança em sua experiência cotidiana”. Diferentemente, para este autor, os conceitos nem são aprendidos mecanicamente como que colados à mente, nem tão pouco são meros pares dos conceitos espontâneos, posto que “evoluem com a ajuda de uma vigorosa atividade mental por parte da própria criança” (VIGOTSKI, 1999a, p. 107).

Entendendo que estabelecer um conceito é ter uma percepção generalizante, ou seja, é colocar debaixo de uma única explicação uma série de coisas que se inter-relacionam, este autor atribui a este momento na história de vida da criança uma importância muito grande dentro da sua concepção dialética dos processos humanos. Através do aprendizado, os conceitos vão se constituindo uma poderosa força que direciona o desenvolvimento da criança “determinando o destino de todo seu desenvolvimento mental” (Ibid, p. 107). Os conceitos científicos parecem constituir o canal por onde a consciência e o domínio das coisas, da realidade, de si mesmo se desenvolvem, podendo a criança dominar ou se subordinar a um conceito.

O referido autor trata da formação de conceitos, a partir do processo de desenvolvimento na criança do pensamento e da linguagem. Desse modo, podemos levar em consideração o princípio de que os conceitos, dentro do processo de aprendizagem da pessoa, tornam-se determinantes nas relações intra e intersubjetivas estabelecidas. Como base em simples observação de dados históricos, são vastos os exemplos de grandes mobilizações sociais conseguidas a partir da difusão de uma ou conjunto de ideias. Guerras, revoltas, discriminações, racismos, consumo de produtos mediado pelo consumo de imagens e ideias, dentre outras coisas.

Daí a importância de se perguntar: dentro de um processo sócio-histórico, como os conceitos são produzidos? Como o ato de conceituar se relaciona com a atividade humana, concebida de uma forma generalizada, e dentro dela, influencia a relação dos distintos campos do conhecimento, as escolhas do cotidiano, a ação política?

O conceito de juventude, o modo como é expresso pelas distintas forças políticas, é um exemplo do poder mobilizador do ato de conceituar. Refletindo sobre a dificuldade de conceituar juventude, Barbosa (2009, p. 22) afirma que “qualquer definição precisa de juventude(s) pode resultar em simplificações incompletas de uma categoria social complexa e diversa”, especialmente considerando que as significações vão se transformando à medida que a própria realidade é transformada, posto que:

o desenvolvimento das necessidades humanas e das formas de satisfazê-las, ao mesmo tempo em que só são possíveis diante de determinadas relações sociais, provocam a necessidade de transformação dessas mesmas e condicionam o aparecimento de novas relações sociais (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 90).

Dito de outra forma, “a dificuldade para um conceito unívoco para a juventude implica na sua complexidade dada às circunstâncias históricas, sociais, culturais, familiares e pessoais inerentes ao conceito” (COSTA, F., 2011, p. 17), da elasticidade que o conceito ganha atualmente por se desvincular a idade do sentir-se jovem, da importância de se pensar em questões biológicas, psíquicas, sociais e culturais do desenvolvimento humano.

Em meio a esta consciência da complexidade deste conceito, o tema juventude tem adquirido destaque crescente nos últimos anos e vem sendo pesquisado a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Podem ser listados pelo menos quatro aspectos, às vezes antagônicos, que têm contribuído para que os estudos sobre juventude estejam em evidência no Brasil e no mundo.

O primeiro aspecto é o fortalecimento da perspectiva de que é uma etapa do ciclo da vida onde culmina o processo de socialização, bem como prepara o indivíduo para a produção e reprodução da vida e da sociedade (ABRAMO, 2005; FREITAS, 2005), e isso possui um forte apelo em uma sociedade como a ocidental erigida sobre pilares capitalistas onde a entrada no mundo do trabalho/emprego ocupa o centro do projeto de vida. Esse aspecto possui uma relação circular de fortalecimento mútuo com as políticas públicas, especialmente as de educação.

O segundo, em outra direção, refere-se ao fato de a juventude estar deixando de ser vista e representada como uma etapa da vida e se convertendo em uma condição a ser alcançada e/ou conservada pelas pessoas, independentemente da idade que possuem (KAFROUNI, 2009; SPAZIRO; REZENDE, 2010), fenômeno esse conceituado sob a alcunha de juvenilização.

O terceiro aspecto vincula-se aos conceitos de protagonismo e resistência, situações que o jovem adquiriu – ou lhe foram atribuídas – na contemporaneidade, sendo visto como um barômetro das novas tendências (FEIXA; LECARDI, 2010). Por último, mas não menos importante, as reflexões sobre o desenvolvimento da capacidade de resistência do jovem apoiado no aumento do capital social e no fortalecimento do sentimento de pertença (KOTLIARENCO; CÁCERES; FONTECILLA, 1996; LEÓN, 2005; OLIVEIRA, A. A.;

RODRIGUES; LEVI, 2010) que vem sendo identificados como formas concretas de possibilidade de revolução, de mudança social a partir da juventude resgatando a ideia de latência proposta por Mannheim (1961), se apresentam também como um aspecto difusor dos estudos sobre juventude.

Some-se a esses aspectos, no campo da aplicabilidade de ações, o fato de o Estado brasileiro, em 2005, ainda que tardiamente (ABRAMO, 1997) em relação a países europeus, por exemplo, elevar o jovem a uma condição de maior visibilidade no campo da política pública, ao estabelecer um setor no seu corpo administrativo para cuidar das questões referentes a este grupo. Assim a Lei Federal que cria o Conselho Nacional de Juventude – CNJ, como instância vinculada à estrutura organizacional da Secretaria Geral da Presidência da República, destaca que este conselho possui:

a finalidade de formular e propor diretrizes da ação governamental voltadas à promoção de políticas públicas de juventude, fomentar estudos e pesquisas acerca da realidade socioeconômica juvenil e o intercâmbio entre as organizações juvenis nacionais e internacionais (DIÁRIO OFICIAL [DA] REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 01 jul. 2005. Seção 1, p. 1-2).

O conteúdo da referida Lei dá uma ideia de como o tema juventude estará sendo tratado pelo poder público federal. Um tema cuja relevância o coloca como alvo da criação de políticas públicas específicas, cuja necessidade de conhecimento influenciará a destinação de recursos para pesquisas acadêmicas, e que será transversal dentro das ações ministeriais. A juventude está sendo vista no âmbito da política pública, como um grupo que, em si mesmo, possui relevância estratégica para o país no momento presente, especialmente pela quantidade de pessoas na população que atendem à qualificação etária básica para ser considerada jovem segundo esta Lei e as implicações dela decorrentes: dados do censo brasileiro de 2010 fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE informam que aproximadamente 17,94% possuem de 15 a 24 anos de idade e em torno de 26,91% 15 a 29 anos de idade.

As distintas abordagens presentes no campo da discussão teórica também podem ser observadas na apropriação e uso conceitual do termo juventude por organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas – ONU, o governo brasileiro e organizações não governamentais. Para os dois primeiros percebe-se que prevalecem os argumentos da juventude como uma fase da vida delimitada por uma idade de entrada e de saída. Não obstante, estabelecem parâmetros etários distintos para definição do ser jovem

(FURIATI, 2010). As organizações não governamentais utilizam, ao focalizarem suas intervenções nos problemas sociais que afetam os jovens incluindo, ainda que com menor intensidade, o fomento do protagonismo juvenil (ABRAMO, 1997), um conceito não exclusivamente etário, apesar desta dimensão também ser considerada nas definições utilizadas.

Todos esses aspectos e as questões práticas referentes à juventude trazem certa dificuldade e tensão no processo de conceituação. Para Sposito (2002), uma forma de superar essas dificuldades na definição do conceito de juventude reside em reconhecer que a própria definição da categoria juventude encerra um problema sociológico passível de investigação, na medida em que os critérios que a constituem são históricos e culturais. Reconhecer juventude como problema sociológico significa aceitá-la como noção socialmente variável. Varia ao longo do tempo entre sociedades e dentro dos grupos de uma mesma sociedade. Um exemplo disso, para Pais (1990) e Geber (2010) é a adolescência que, apesar da puberdade ser universal, ela só aparece como fase da vida a partir de problemas e tensões a ela associados.

Nesta dissertação não se pretende expor historiografia a respeito do surgimento do conceito de infância e juventude. Com a ressalva de que não é possível que se pense uma história da juventude ao longo da história da humanidade, e sim histórias respectivas à juventude e aos jovens inseridos num jogo de relações específicas, vinculados a contextos e a momentos históricos distintos, devido justamente ao caráter plural e diverso que possui; a literatura clássica que aborda o surgimento dos conceitos de infância, adolescência e juventude pode ser satisfatoriamente representada por Ariès (1981) e sua obra *História Social da Criança e da Família*. Nesta obra o autor observa e aponta as mudanças sociais e históricas que cooperaram para produzir na sociedade novos sentidos e significados para a família, seus membros, a relação destes entre si e com as demais pessoas e instituições da sociedade. As análises que faz remontam a períodos do século XVII. No Brasil a discussão mais intensa sobre juventude é relativamente recente (ABRAMO, 2005; BORGES, 2010), considerando que “somente por volta de 1995, que a ‘percepção da juventude para além da adolescência em risco, numa direção, e para além dos setores da classe média, em outra direção’ tomaram força” (BORGES, 2010, p. 40).

A produção de conceito de juventude, portanto, é o objeto de estudo da dissertação aqui apresentada. Não houve necessidade de um conceito prévio de juventude para a seleção

do material a ser consultado, pois o interesse é justamente estudar como o conceito é construído e utilizado na produção acadêmica.

A discussão teórica e metodológica desta produção permite uma abordagem no âmbito da significação e da cultura acadêmica e científica. Nesse sentido, a investigação busca por meio de uma metassíntese, descrever e analisar a produção do conceito de juventude, no âmbito das Ciências Humanas, incluindo a Linguística, Letras e Artes, e das Ciências Sociais Aplicadas. O objetivo da pesquisa é, portanto, analisar criticamente a produção acadêmica e científica do conceito de juventude, realizando uma metassíntese na produção científica e acadêmica brasileira a partir de 2007 a 2011, e buscando a compreensão deste fenômeno na contemporaneidade.

Diante deste objetivo geral, a questão norteadora desta investigação pode ser expressa na pergunta: como se dá o processo de produção do conceito de juventude no meio científico e acadêmico brasileiro?

Esta questão central, especificamente neste trabalho, gera as seguintes indagações complementares, tratadas ao longo das seções propostas: como tem sido feita a análise da produção acadêmica sobre juventude? Em relação aos artigos científicos, teses e dissertações, qual é a classificação por grande área do conhecimento? Qual é o ano de maior produção? Quais as tendências geográficas, de produtividade e teórico-metodológicas dessa produção? Como se dá o processo de produção do conceito de juventude no meio científico e acadêmico brasileiro? Quais são os conteúdos presentes na literatura nacional nos últimos cinco anos que geram conhecimento sobre conceito de juventude? Quais conceitos são produzidos, considerando àqueles que servem como referência aos autores e que são por eles adotados? Que fatores evidenciam ou não a ampliação deste conceito? Quais são as raízes epistemológicas desses conceitos? Quais sugestões podem ser dadas em relação à produção de conceitos e ao estudo sobre juventude? Quais questões se apresentam com desafios para a produção de um conceito de juventude?

As repercussões da investigação podem ser consideradas em sua potencialidade para a reflexão teórica e metodológica acerca da juventude no campo da pesquisa acadêmica, bem como para a intervenção junto às políticas juvenis.

Considerando o objetivo bem como as questões geradoras definidas a partir dele, e ainda os limites de uma dissertação de mestrado, apresenta-se a discussão estruturada em sete capítulos, sendo estes comentários introdutórios o primeiro capítulo.

No segundo, realiza-se uma revisão da literatura a respeito dos estudos do tipo estado da arte sobre juventude, procurando apresentar como tem sido analisada a produção acadêmica sobre juventude. São analisadas seis obras tidas como importantes nesse aspecto, sendo três mais antigas, Cardoso e Sampaio (1995), Haddad (2000) e Sposito (2002), e três mais recentes, Weisheimer (2005), Hayashi; Hayashi e Martinez (2008) e Sposito (2009). São obras que trazem em comum entre si a preocupação métrica em relação ao que se produz sobre juventude, buscando, além de sintetizar os temas tratados pelos autores analisados, apontar perspectivas teóricas e refletir sobre a emergência do tema juventude e correlatos, apresentar ao público em geral um acervo para consultas às discussões propostas e às referências bibliográficas das obras analisadas e catalogadas.

O terceiro capítulo está dividido em dois blocos que apresentam os pressupostos teóricos e metodológicos. O primeiro bloco, a partir da abordagem sócio-histórica baseada em Vigotski, traz uma reflexão sobre a produção de conceitos. O ato de conceituar é visto como fundamental tanto para a apreensão da realidade, como para estabelecer uma ação sobre ela. É fruto das relações socioculturais, influenciando as escolhas do cotidiano, a ação política das pessoas, e, no universo acadêmico, a relação entre os distintos campos do conhecimento. A produção de um conceito não se dá de forma neutra, de modo a esclarecer a verdade sobre as coisas, antes revela um olhar a partir de uma janela. Quanto mais se aproxima desta janela, mais o campo de visão se abre, no movimento contrário, esse campo se restringe, podendo significar tanto a diminuição das possibilidades de se enxergar, como uma maior precisão sobre um objeto específico. O eixo de argumentação para essa articulação é o sujeito constituído a partir de sua inserção cultural. Desse modo, produzir conceitos, a forma de apropriar-se deles e de criar modos para nomear a realidade norteou as leituras, reflexões e articulações expostas nesta seção.

O segundo bloco, por sua vez, apresenta as opções metodológicas adotadas nesta dissertação. Realiza-se uma investigação de cunho qualitativo buscando compreender, a partir da análise de conteúdo, a produção do conceito de juventude. Utiliza-se de levantamento bibliométrico na identificação e descrição da amostra de documentos a ser analisada. São utilizadas algumas ferramentas eletrônicas como forma de apoiar os procedimentos junto ao

material encontrado: planilha eletrônica *libre office* para catalogação e limpeza dos dados, e o *software* EPIINFO¹ para elaborar estatísticas descritivas, parte deste procedimento encontra-se nos apêndices E e F, páginas 208 e 210 respectivamente, a título de demonstração dos mecanismos adotados na busca e tratamento das informações.

O quarto capítulo apresenta os resultados bibliométricos não só da produção acadêmico-científica analisada, mas de todo o material coletado para análise preliminar. Seu conteúdo é produto direto dos procedimentos descritos no segundo bloco da parte três. O material é classificado, dentre outras variáveis, pela área do conhecimento, ano de produção, tendências geográficas, de produtividade e teórico-metodológicas. Destaca-se nesta parte a Educação, prevalecendo ainda como a grande área do conhecimento que produz o maior volume de artigos, dissertações e teses sobre juventude; a variedade com a qual esta produção ocorre, tanto em termos de áreas do conhecimento como no que diz respeito à quantidade de pesquisadores envolvidos; e a tendência de crescimento da produção que discute o conceito de juventude.

O quinto capítulo apresenta a metassíntese do conceito de juventude no conteúdo dos artigos científicos, dissertações e teses analisadas. Dividido também em dois grandes blocos, o primeiro apresenta as questões mais de cunho teórico discutidas no material analisado. O segundo traz o que é denominado aqui de questões operacionais, por se referirem a elementos do conceito que traduzem mais objetivamente a forma como os jovens são tratados pelos pesquisadores, pelas políticas públicas, e nas relações cotidianas. O que se faz nesta dissertação como um todo, mas estritamente neste capítulo não é uma classificação dos autores especificamente, colocando-os em um campo teórico limitado, mas sim a metassíntese de uma produção acadêmica e científica historicamente localizada e, ainda que guarde, evidentemente, uma relação direta com o seu produtor, não o representa essencialmente, podendo este, inclusive, não se ver localizado nesta classificação.

No sexto capítulo busca-se apresentar os desafios para a produção do conceito de juventude. Sendo um conceito polissêmico, ressalta-se sua característica de inacabamento, transitando entre os campos da Biologia, da Psicologia e da Sociologia, por meio de aproximações conceituais, em um processo criativo a serviço da comunicação, do

¹ O *software* EPIINFO não é um pacote estatístico padrão. É um programa de código aberto (livre) desenhado especificamente para tratamento de dados epidemiológicos, mas utilizado de forma secundária, também para tratamento estatístico de qualquer tipo de dado de levantamentos.

entendimento e da solução de problemas ou questões teóricas, metodológicas e operacionais a respeito da juventude.

Por último, o sétimo capítulo traz as considerações finais que sintetizam as propostas dos autores analisados, além de apontar desafios e possibilidades para novos estudos sobre juventude.

2 ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE ATÉ 2006

Este capítulo responde a questão: como tem sido feita a análise da produção acadêmica sobre juventude? Para tanto, realiza a revisão de literatura de estudos sobre juventude, a reflexão dos assuntos a ele vinculados e as tendências do debate na academia brasileira e demais ambientes como a escola e a política pública. Define assim, o lugar deste trabalho nestas pesquisas.

Os estudos do tipo metassíntese são imprescindíveis para aprofundamento e avanço do conhecimento. De acordo Sposito (2009, p. 7), “a produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência”. Esta é uma prática muito importante, por exemplo, para determinar o grau de relevância e/ou ineditismo de determinada investigação acadêmica.

Além desta questão, digamos mais pragmática, empreender ou ter à mão um conjunto de dados e informações em forma de meta-análise ou metassíntese, sobre determinado campo da produção acadêmica e teórica, possibilita acesso a princípios norteadores, capazes de orientar mudanças de abordagens ou retomar variáveis abandonadas por quaisquer motivos. São estudos denominados de estado da arte, revisão de literatura, análise da produção científica e ainda bibliometria (BUFREN; SILVA; FABIAN; SORRIBAS, 2007; HAYASHI, M.; HAYASHI, C.; MARTINEZ, 2008; LARANJEIRA, 2007; SOUZA; CERVENY, 2006).

Estudo do tipo Estado da Arte permite “num recorte temporal definido, sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura” (HADDAD, 2000. p. 4). Analisar a produção do conhecimento, portanto, pode ser decisivo na orientação dos rumos de pesquisas em andamento ou por iniciar.

O uso deste tipo de estudo vem crescendo ao longo dos anos na academia brasileira. Contudo, esta ainda não dispõe de trabalhos do tipo “balanço da produção” com regularidade e quantidade necessárias, tão comuns entre os europeus (QUINTEIRO, 2002, p. 140).

Seis estudos do estado da arte estão sendo considerados clássicos e importantes para a produção científica brasileira sobre juventude: quatro desses, pelo seu volume e abrangência, estão sendo considerados mais relevantes. Pela ordem cronológica de publicação: o livro ‘Dissertação sobre a juventude’ das professoras Dras. Ruth Cardoso e Helena Sampaio, publicado em 1995; em seguida, o livro ‘O estado da arte das pesquisas em Educação de jovens e adultos no Brasil’ publicado em 2000 sob a coordenação do professor Dr. Sérgio Haddad; a pesquisa ‘O estado do conhecimento sobre juventude em educação’ coordenada pela professora Dra. Marília Pontes Sposito, com o apoio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP e publicada no ano 2002; o livro ‘O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999 -2006)’, com dois volumes, publicado em 2009, coordenado também pela professora Dra. Marília Pontes Sposito.

Os outros dois estudos considerados nesta revisão são: o livro do professor Dr. Nilson Weisheimer, ‘Juventudes rurais: mapa de estudos recentes’, publicado em 2005 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, que focaliza a análise dos estudos sobre juventude rural nos anos 1990 a 2004, e o trabalho dos professores Drs. Maria Cristina Hayashi, Carlos Roberto Hayashi e Claudia Maria Martinez, publicado em 2008, intitulado ‘Estudos sobre jovens e juventude: diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira’, que analisa a produção científica sobre os jovens e a juventude no Brasil nos anos 1989 e 2006.

2.1 Os apontamentos de Cardoso & Sampaio (1995)

Na reflexão realizada no livro ‘Dissertação sobre a juventude’, as autoras comentam mais de 200 títulos sobre juventude, dentre livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso, comunicações em congressos, dentre outros. Esses títulos estão agrupados em cinco grandes temas² – juventude e educação; juventude e trabalho; cultura jovem: atitudes contemporâneas e valores; juventude: participação social e política; situação da juventude no Brasil e no

² De acordo autoras, esta organização temática está fundamentada em publicação de 1978 do Centro Latino-americano sobre Juventude – CELAJU.

mundo – acompanhados de comentários curtos, com linhas gerais do que se pode encontrar em cada obra. De acordo com as autoras, a intenção inicial não era produzir este comentário bibliográfico, mas em função do tema de uma pesquisa empreendida “se julgou necessário fazer um amplo levantamento dos trabalhos publicados acerca de juventude” (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 11).

A obra traz, desde os relatos etnográficos de Margareth Mead sobre os jovens da ilha de Samoa, os escritos da chamada escola de Chicago, que datam das décadas de 20 e 30 respectivamente, a artigos publicados no início dos anos 90. As próprias autoras observam essa desigualdade, expressão utilizada por elas mesmas, não somente quanto às características de localização temporal, mas também em relação ao alcance e influência e ainda à abordagem da temática juventude feita pelas obras apresentadas e descritas no livro.

Sobre este último item, por exemplo, abordagem da temática juventude, as autoras reconhecem a diversidade presente nas obras escolhidas, ao mesmo tempo em que as localizam de maneira não rígida e um pouco caricatural, em duas tendências que se opõem, sugerindo sua sobreposição ou sua alternância ao longo do tempo. “Essas duas tendências correspondem, de um lado, a uma ideia genérica de juventude e, de outro, a uma concepção que valoriza a especificidade das experiências juvenis” (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 14).

As autoras constataam que a passagem de uma abordagem a outra ou o maior enfoque em uma das duas está diretamente relacionado com questões contextuais, sejam globais que influenciam uma grande parte dos países – por exemplo, as guerras mundiais, fenômenos como o nazismo – ou mais localizados, que guardam uma influência mais restrita aos microambientes sociais – por exemplo, gangs, guetos, comportamentos considerados delinquentes – porém, com grande capacidade de expansão e reprodução em outros ambientes. Ou seja, consideram haver uma estreita relação entre a produção científica e a subjetividade do pesquisador.

Nos primeiros exemplos de contextos, a tendência da abordagem temática vincula-se mais à ideia genérica de juventude. As autoras identificam que esses estudos, na sua grande maioria, enfatizam a dinâmica geracional como via explicativa e de compreensão das profundas transformações desses períodos históricos. Alertam para a necessidade de “matizar as diferenças que existem nesse tipo de abordagem. E isso porque a própria noção de geração

se modifica, passa a ser construída histórica e culturalmente” (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 15), representando uma ruptura com os que viam – ou veem – na dinâmica das gerações um movimento natural.

Por sua vez, no segundo grupo de contextos exemplificados, o vínculo é com as experiências juvenis, remetendo à discussão de conceitos mais sociais e culturalmente localizados, isto é:

a juventude só pode ser entendida em sua especificidade, em termos de seguimentos de grupos sociais mais amplos. Os jovens passam, assim, a ser vinculados as suas experiências concretas de vida e adjetivados, de acordo com o lugar que ocupam na sociedade (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 18).

As autoras apresentam acontecimentos históricos, distintos pelo período de ocorrência compreendido em décadas, que marcaram esta característica da produção menos abstrata sobre juventude, localizando esta juventude estudada no escopo de sua experiência concreta que evidencia uma multiplicidade identitária às quais os sujeitos concretos se vinculam.

Para cada estudo sobre juventude, o livro apresenta então a referência bibliográfica completa, um comentário sucinto e conclusivo sobre a ideia central da obra. Para alguns, apresenta a localização geográfica e temporal do estudo bem como os seus objetivos, e para outros, além disso, apresenta os resultados obtidos na investigação proposta, citando métodos e procedimentos. Os critérios de seleção utilizados para a inclusão foram descritos genericamente como sendo as obras relevantes e clássicas sobre o tema juventude. Identificam-se, por outro lado, poucas informações sobre as fontes e procedimentos de busca. Uma novidade desse trabalho é a inclusão de exemplares da produção realizada pelos grupos de iniciação científica, classificados como de restrita circulação e, pode-se acrescentar, quase imperceptível.

Dois outros benefícios podem ser ressaltados de um trabalho como este. O primeiro é que se tem à mão uma biblioteca portátil de referenciais teóricos com informação capaz de orientar a busca por fontes bibliográficas importantes para os trabalhos sobre juventude. O segundo está justamente na análise realizada no prefácio do livro pelas autoras, onde comentam o conjunto de obras pesquisadas agregando-as em duas macrotendências de abordagem da temática juventude. Apesar de as autoras dizerem que não estão fazendo um “balanço crítico sobre a sociologia da juventude contemporânea” (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 34) oferecem elementos para que se aprofunde esta análise crítica.

Podemos considerar, por outro lado, os seguintes limites do trabalho: não apresentação para todas as obras uma síntese das principais conclusões a que se chega; não explicitação do método e procedimento de escolha, identificação e seleção das obras a serem tratadas na coletânea; não delimitação do tempo para a busca das obras sobre juventude, algo que é reconhecido e denominado pelas autoras de desigualdade temporal e, não apresentação de uma análise exaustiva da produção sobre juventude, tanto por não delimitar de maneira mais restrita o espaço de tempo em que obras consideradas deveriam se localizar, como por não realizar de maneira sistematizada uma metassíntese do conteúdo da produção analisada, nem uma meta-análise.

Considera-se, no entanto, que a obra cumpre seus objetivos explicitados pelas autoras como sendo “compartilhar (...) achados e descobertas, mostrando a grande diversidade dos estudos sobre o tema da juventude e, deste modo, contribuir para o desenvolvimento de pesquisas futuras e já em andamento na área” (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 12).

2.2 As proposições de Haddad (2000)

Citado por Sposito (2002) como complementar ao que ela realiza, o estudo denominado ‘O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil’ coordenado pelo pesquisador Sergio Haddad e publicado no ano 2000, traz o estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil, do ano 1986 ao ano de 1998. Verifica o tema, de forma exaustiva, na produção dos cursos de pós-graduação *strictu sensu* no Brasil em educação, e, de forma incidental, nos cursos de Linguística, Psicologia, Serviço Social e Sociologia.

O objetivo declarado da obra é:

detectar e discutir os temas emergentes da pesquisa em educação de jovens e adultos no Brasil, atualizando para o período 1986-98 as indicações do conjunto de estudos que compuseram um estado da arte da educação de jovens e adultos no Brasil para o período 1975-1985 (HADDAD, 2000, p. 4).

Ao final, foram catalogados, pela leitura e análise dos resumos e palavras chaves, 183 trabalhos³ dentre dissertações e teses, identificados a partir da relação com o tema da educação de jovens e adultos. Após procedimentos de indexação bibliográfica e preenchimento de ficha complementar de análise de conteúdo “que compreendeu a identificação do objetivo, do problema de pesquisa, da abordagem teórica, tipo e metodologia de pesquisa e suas conclusões, terminando com uma apreciação crítica do leitor” (HADDAD, 2000, p.10).

Todo esse processo de análise permitiu produzir uma metassíntese sobre os tópicos da ficha de análise de conteúdo utilizada, que resultou em estatísticas e numa descrição das obras pesquisadas, a partir dos pontos da ficha de análise de conteúdo, estruturadas em cinco temas: professor, aluno, concepções e práticas pedagógicas, políticas públicas de educação de jovens e adultos, e educação popular.

Além desta estruturação, que facilita a pesquisa do leitor a respeito desses temas e subtemas, Haddad (2000) apresenta um conjunto de dezoito conclusões a partir de reflexões que buscam, além de resumir as percepções sobre o conjunto de obras analisadas, apontar desafios e recomendações em relação ao futuro da educação de jovens e adultos no Brasil.

Por sua própria natureza, o livro não se restringe ao tema da juventude. Este assunto permeia toda a obra, travestido dos assuntos referente ao jovem na escola e questões referentes, mas aparece em poucos momentos, especificamente no tema Aluno, subtema Perfil dos Alunos, quando se pensa em juventude como condição, como categoria sociológica. O cerne do objeto de estudo dos trabalhos analisados é a educação, o processo como tal, as partes envolvidas, incluindo aí o aluno, o professor e o poder público no âmbito das políticas públicas, são tratados em função da prática educativa.

2.3 As perspectivas coordenadas por Sposito (2002 e 2009)

³ Foram encontradas inicialmente 222 dissertações e teses. Pelo não enquadramento ao recorte temporal e temático 39 trabalhos foram descartados, restando, portanto, os 183 analisados.

O trabalho de Sposito e colaboradores publicado em 2002 produz, como mesmo declara, o estado do conhecimento sobre juventude e escolarização. Um estudo, tipo estado da arte, de pesquisas sobre a juventude na academia brasileira restrita à área da educação. A pesquisa abrange a produção acadêmica brasileira nos anos de 1980 a 1998. Foram considerados para a meta-análise 332 documentos entre dissertações e teses e para a metassíntese, ou estado do conhecimento como denomina a autora, “foi possível analisar, de modo completo, 296 exemplares, pois alguns volumes foram enviados após a conclusão da redação dos artigos” (SPOSITO, 2002, p. 4). Questões logísticas causaram esta discrepância em torno de 10% do universo utilizado entre uma e outra análise.

Houve delimitação do corte temporal neste estudo, bem como do procedimento para coleta dos exemplares de documentos a serem analisados. Foram consideradas “dissertações e teses apresentadas e defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, compreendendo um período de dezoito anos (1980-1998)” (SPOSITO, 2002, p. 3), constituindo um universo analisado de forma exaustiva, como informa a autora. Para justificar a delimitação dos textos a partir de uma abordagem específica sobre juventude a autora afirma que:

não foram classificados os estudos que trataram de componentes específicos do processo de ensino e aprendizagem - os de natureza estritamente pedagógica - que visavam a uma percepção de questões relacionadas ao modo como ocorre a absorção de conceitos, conteúdos e novas metodologias de ensino. Não constam também do levantamento as dissertações e teses que examinaram populações portadoras de algum tipo de deficiência (SPOSITO, 2002, p. 3).

A produção foi organizada em sete grandes temas: estudos sobre aspectos psicossociais de adolescentes; juventude e escola; jovens, mundo do trabalho e escola; estudantes universitários; adolescentes em processo de exclusão social; jovens e participação política; a pesquisa sobre juventude e os temas emergentes. Estes serviram como eixos aglutinadores analíticos da produção acadêmica.

Também coordenado por Sposito e publicado em 2009, os volumes I e II do livro ‘O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999 -2006)’ tiveram por objetivo fazer um inventário do que foi produzido sobre juventude nos anos 1999 a 2006, dentro das limitações explícitas no título, dando sequência ao trabalho apresentado em 2002 pela mesma pesquisadora, que, por sua vez, inventariou e analisou a produção feita pelo corpo discente na pós-graduação em Educação, no período de 1980 a 1998, sobre juventude. Além de dar sequência à importante tarefa de

estabelecer o estado da arte da produção discente sobre juventude, esse trabalho amplia o escopo, inserindo duas grandes áreas do conhecimento, além da Educação: Ciências Sociais e Serviço Social, e fazendo, quando possível, análise comparativa com o trabalho de 2002.

Os volumes trazem além de um prefácio interessante que contextualiza a obra dentro do projeto do Ministério da Educação e Cultura – MEC denominado “Diálogos com o Ensino Médio”, que à época era desenvolvido pelo MEC em parceria com dois observatórios da juventude, o da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e o da Universidade Federal Fluminense – UFF⁴, uma meta-análise do universo de dissertações e teses analisadas e uma metassíntese das abordagens sobre juventude presentes nessas dissertações e teses.

Esta metassíntese constitui o conteúdo principal dos dois volumes, pois estrutura em dez temas gerais a maioria das 1189 dissertações e 238 teses identificadas como produções que tratam do tema juventude. Os dez temas gerais são: juventude e escola; adolescentes em processo de exclusão social; jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional; jovens, sexualidade e gênero; jovens e trabalho; juventude, mídias e tecnologias da informação e comunicação – TIC; jovens na inserção da escola como o mundo do trabalho; grupos juvenis: presenças e ausências; jovens na interface com a política; estudos históricos sobre a juventude: estado da arte.

Segundo a autora, apesar da superposição de temas encontrada na leitura dos documentos, a classificação temática, descrita acima, observa o tema preponderante em cada trabalho. Sobre isso “é preciso reconhecer que todo trabalho de distribuição e de alocação encerra certa dose de arbitrariedade que sempre desafia o pesquisador a proceder da forma mais coerente possível” (SPOSITO, 2009, p. 21).

Apesar do considerável volume de documentos, 1.427 no total, a produção sobre juventude no Brasil está registrada, segundo Sposito (2009), em um volume muito maior de produções, não sendo possível abarcá-la em um só estudo. De acordo com a pesquisadora,

⁴ O projeto ‘Diálogos com o Ensino Médio’ foi realizado pelo Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF e pelo Observatório da Juventude da UFMG, em cooperação técnica com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. O projeto teve três objetivos gerais: 1) Estabelecer o diálogo entre as temáticas do Ensino Médio e a juventude por meio do levantamento, sistematização e divulgação da produção acadêmica sobre estes assuntos, com a finalidade de subsidiar a elaboração, a implantação e o monitoramento de políticas públicas que atendam com qualidade o público jovem no espaço da escola; 2) Fomentar o intercâmbio entre a comunidade acadêmica e atores envolvidos nos processos de educação e de produção de conhecimentos relacionados com os jovens alunos do Ensino Médio; 3) Realizar pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo sobre a opinião de jovens estudantes do Ensino Médio e seus professores sobre a escola.

ficaram de fora da pesquisa que ela empreendeu, estudos sobre juventude apresentados em livros, relatórios de pesquisa, periódicos e outros feitos fora da academia, por organizações não governamentais – ONG e governos, por exemplo, que, independente da qualidade e formatação, de algum modo traçam diagnósticos, determinam projetos e constroem ativamente a imagem sobre os jovens no Brasil.

Outras limitações apontadas pela própria coordenadora é que nem todas as obras selecionadas foram acessadas – das 1427, 134 não foram recuperadas – e até a publicação dos dois volumes, não havia sido lido todo material recolhido, devido principalmente à relação desfavorável entre quantidade de material e número de pesquisadores, agravada pela diversidade temática das obras e o tempo disponível para as leituras não ser suficiente.

A restrição às três áreas do conhecimento citadas no título do livro, não significa que a coordenadora do trabalho e os demais pesquisadores participantes desconheçam a produção sobre juventude em outros campos do ensino. Como mesmo afirma Sposito (2009, p. 11), “certamente, outras áreas têm apresentado produção significativa sobre o tema, como a Psicologia, por sua tradição adquirida nos estudos sobre a adolescência, as Ciências da Comunicação e a Saúde Coletiva”, não obstante, privilegia estudos que, segundo ela, possuem um viés social. Somente essas três áreas foram consideradas como tendo em:

seus apoios teóricos, uma *dominante social*. A expressão dominante social é aqui utilizada apenas para delimitar as áreas investigadas no conjunto das disciplinas das Ciências Humanas (Educação e Ciências Sociais) e Ciências Sociais Aplicadas (Serviço Social). Neste caso, a ênfase recai sobre o que pode ser designado como produção de conhecimento fundamentada na teoria social, que compreende a Sociologia, a Antropologia, a Ciência Política e os domínios a elas correlatos como o Serviço Social (SPOSITO, 2009, p.11, grifo da autora).

Essa restrição ocorre, embora o estudo de 2002, circunscrito à área de educação, já indicar o esforço para ampliar o balanço da produção sobre juventude, inserindo o campo da Psicologia. Em 2009 o argumento para a escolha é de áreas do conhecimento que se fundamentam na teoria social ou que possuem uma dominante social. A Psicologia não está incluída nesse estudo, podemos considerar, no entanto, que CAPES classifica as ciências nas áreas do conhecimento que estabelece. Assim a definição de uma grande área do conhecimento se dá em função da “aglomeração de diversas áreas do conhecimento em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos”, ou seja, há uma reconhecida afinidade epistemológica

entre um determinado grupo de ciências. Nesse sentido, tem-se que todas as ciências sociais aplicadas, e não somente o Serviço Social, se fundamentam na teoria social.

No grupo das ciências humanas, tomando o argumento pelo viés da dominante social, a Psicologia é uma área do conhecimento que se vincula com a teoria social, e, na sua prática entende as condicionantes sociais como importantes ou mesmo determinantes no processo de individuação, de surgimento do indivíduo psicológico. Dentre outras coisas, isso a coloca no centro da discussão do que Sposito (2009) apresenta como desafio para a Sociologia e a Antropologia, qual seja, entender como os indivíduos se relacionam com as estruturas sociais. Na mesma medida, podemos considerar que o processo de significação cultural, sendo uma preocupação da Antropologia, tem sido estudado pela Psicologia (VIGOTSKI, 1999; PINO, 2005).

Outro argumento para a restrição das áreas do conhecimento que comporiam a amostra a estudar é que a ampliação traria um aumento considerável no volume de documentos a serem analisados, tornando o exercício de estado da arte mais complexo e talvez nem tão mais produtivo.

Para a autora, os jovens entram em pauta como tema de estudos acadêmicos, tanto pelas crescentes estatísticas da violência, como pelo também crescente envolvimento em ações e interlocuções políticas, haja vista a criação do Conselho Nacional de Juventude – CNJ em 2005 pelo governo federal. Portanto, “o tema Juventude [grifo da autora] alcançou maior visibilidade nos últimos quinze anos no Brasil como produto da intersecção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores” (SPOSITO, 2009, p. 17). Contudo, ainda segundo a autora, o aumento no volume de produção não pode ser sinônimo de avanço científico. Nesse caso específico, ainda fica evidente a fragilidade, considerando incipientes os espaços destinados à discussão sobre juventude na produção acadêmica brasileira, mesmo nos campos disciplinares tratados na pesquisa. Será mais o adensamento investigativo e teórico do que a quantidade de eventos – congressos, periódicos – que indicarão avanços nesta área de pesquisa. Sposito (2009, p. 40) observa ainda que “um traço comum na produção acadêmica tem sido a falta de acumulação no processo de conhecimento”, considerando que os “trabalhos não dialogam entre si, apesar da abundância de referências bibliográficas”.

A delimitação do que seriam estudos sobre juventude para serem incluídos no referido trabalho, foi feita de duas formas: pela faixa etária, ou seja, estudos que tratavam de pessoas

consideradas jovens no limite de até 29 anos de idade, e identificados por descritores associados ou indiretamente ligados à categoria juventude: jovens, juventude e adolescente. O estudo está atento à discussão do conceito, ainda que a delimitação seja difícil, identificando quais elementos empíricos foram selecionados como capazes de indicar algo sobre ser jovem no Brasil. Em linhas gerais, a produção pode ser classificada em dois grupos: a produção discente que se articula com as preocupações explícitas de orientadores e a produção sobre outros temas, para os quais juventude adquire papel significativo para elucidar questões importantes.

A autora observa, no período analisado, concentrações temáticas dentro de cada área do conhecimento. Na Educação, os estudos sobre trajetórias escolares ocupam quase 40% da produção. Diminui em relação à pesquisa de 2002 que era de 47%, mas segue como tema forte, e aproxima este campo da Sociologia da Educação. Dentro da Educação ainda, observa que os temas sobre juventude tem se vinculado mais à Sociologia do que à Psicologia. A desigualdade social e exclusão constituíram temas importantes nas três áreas analisadas. Há um crescimento dos estudos sobre gênero e sexualidade, e sobre portadores de necessidades especiais, tempo livre e lazer.

Por outro lado, há poucos estudos sobre jovem e família, religião, substâncias psicoativas, e a respeito de deslocamentos transnacionais. A autora verifica ainda a ausência de estudos sobre trabalho clandestino, tráfico de pessoas e “que tratem de aspectos mais transversais da vida dos jovens, capazes de dialogar com diferentes domínios (família, escola, trabalho, relações de amizade, vida no bairro, entre outros)” (SPOSITO, 2009, p. 30).

2.4 As especificidades a partir da visão de Weisheimer (2005)

O livro de Weisheimer (2005), ‘Juventude Rurais: mapa de estudos recentes’ apresenta 50 trabalhos, produzidos no período de 1990 a 2004, e analisados em relação ao ano e tipo de publicação, à localização geográfica da instituição de ensino superior à qual se vinculam às publicações.

O autor vincula os trabalhos analisados a linhas temáticas e as instituições de ensino superior nas regiões geográficas brasileiras: juventude e educação rural; juventude rural, identidades e ação coletiva, nas regiões Norte e Nordeste; juventude rural e inserção no trabalho; e juventude e reprodução social na agricultura familiar, na região Sul. A região Norte aparece com o menor volume de produção, um trabalho, vinculado ao tema da educação rural.

Quanto ao vínculo às grandes áreas do conhecimento, ocorre uma predominância da Sociologia com 30%, seguida da Antropologia, 14% e empatados com 12% as áreas de Desenvolvimento⁵, Educação e Extensão Rural.

Na sequência, o autor apresenta duas análises importantes sobre o material coletado. A primeira é o que ele denomina foco de investigação. Para cada linha temática o autor apresenta as abordagens gerais de investigação de como os textos agrupados tratam esta referida temática. Faz um esforço de metassíntese, procurando diferenciar o que pode ser considerado transversal perpassando outros focos investigativos, daquilo que se apresenta como específico em cada um.

A segunda, independentemente do grupo temático ao qual a obra analisada é vinculada, Weisheimer (2005) elabora uma metassíntese do conceito ou abordagem de juventude adotada pelos autores. Neste ponto, faz um segundo agrupamento dos 50 textos. De acordo o autor:

foram identificadas cinco abordagens utilizadas nas definições conceituais sobre a juventude rural: faixa etária; ciclo da vida; geração; cultura ou modo de vida e ainda representação social. Alguns pesquisadores enfatizam uma dessas abordagens, outros procuram fazer diferentes combinações entre elas. Há ainda aqueles que não se preocupam em estabelecer alguma definição sobre o que entendem por juventude e a tratam como um pressuposto, como se o termo fosse auto-explicativo (WEISHEIMER, 2005, p. 20).

O autor conclui o trabalho apresentando o que denomina de catálogo temático de bibliografias, onde expõe, para as teses e dissertações, uma cópia do banco de dados de teses e dissertações da CAPES (nome do autor, título do trabalho, nível acadêmico, programa de pós-graduação ao qual se vincula, instituição de ensino superior, ano de publicação, resumo e

⁵ O autor não define esta área de forma explícita. Os trabalhos analisados e classificados sob esta categoria tratam de desenvolvimento regional, agrário e social.

palavras chave) e ficha bibliográfica acrescida do resumo e palavras chaves para os artigos e livros.

Sposito (2009) tem em seu grupo de dissertações analisadas a que foi produzida por Nilson Weisheimer em 2004, sob o título ‘Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no bairro Escadinhas, Feliz/RS’. Contudo, Sposito (2009, p. 160) não faz uma análise do grupo juvenil rural, pois afirma reconhecer que “as formas associativas juvenis que se constituem e agem no mundo rural – de cultura tradicional ou não – ainda são negligenciadas ou estão esfumaçadas aos olhos de discentes dos Programas de Pós-Graduação das três áreas”. Nesse sentido, o trabalho de Weisheimer (2005) que é posteriormente inserido com algumas modificações em sua tese de doutoramento defendida em 2009, não é subsumido em Sposito (2009) trazendo assim uma novidade no campo do estado da arte da produção nacional sobre juventude.

2.5 O trabalho de Hayashi, M.; Hayashi, C. e Martinez (2008)

O artigo “Estudos sobre jovens e juventude: diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira”, de Hayashi, M.; Hayashi, C. e Martinez (2008), analisa a produção científica sobre os jovens e a juventude no Brasil nos anos 1989 e 2006.

É importante ressaltar que este artigo possui duas características fundamentais para a composição da amostra de documentos a ser analisada nesta dissertação, conforme discutido no capítulo 3 mais adiante: data de publicação entre 2007 e 2011 e presença da palavra juventude no título. Contudo, pelo fato de não tratar da discussão do conceito de juventude, mas trazer um estudo do tipo estado da arte sobre o tema, ele foi considerado como de conteúdo importante para a revisão de literatura, não constando, por este motivo, no rol de artigos científicos selecionados para a definição da amostra.

Neste trabalho, Hayashi, M.; Hayashi, C. e Martinez (2008) fazem uma revisão de literatura citando Cardoso; Sampaio (1995), Sposito (2002), Weisheimer (2005) como emblemáticos nas metassínteses nacionais sobre juventude, também revisados aqui. Além desses, cita, igualmente, as obras ‘Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição’

de Ana Amélia Camarano escrita em 2006, ‘Juventude e contemporaneidade’ escrita em parceria por Osmar Fávero, Marília Pontes Sposito, Paulo Carrano e Regina Novaes em 2007, ‘Ganchos, tachos e biscates: jovens trabalho e futuro’ escrita em 2001 por José Machado Pais, além de ‘Transições incertas: jovens perante o trabalho e a família’ de Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes, publicada em 2007.

Estes três últimos trabalhos, em nosso entendimento, não devem ser considerados na revisão de literatura de estudos do tipo estado da arte ou metassíntese sobre juventude, visto que, o primeiro, a obra de Ana Amélia Camarano não é estudo sobre produção científica, mas sobre um tema vinculado à juventude, que é a transição para a vida adulta. O livro discute o tema através de vários textos, e não analisa a produção nacional em um determinado período sobre o tema. O estudo citado de Osmar Fávero e colaboradores é uma republicação de textos da década de 1990 para auxiliarem na discussão sobre as questões da juventude na época e não uma análise da produção ou uma metassíntese. As obras citadas de José Machado Pais, Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes são estudos sobre a juventude portuguesa, extrapolando os limites do próprio artigo de Hayashi, M.; Hayashi, C. e Martinez (2008), bem como desta dissertação.

Os autores fazem uma observação importante sobre a integração de várias áreas do conhecimento nos estudos sobre juventude e que essas ‘fertilizações cruzadas’, como denominam, possibilitam “situar as mudanças e transições que afetam os jovens no campo educacional, o trabalho e desemprego, da sexualidade, da estrutura familiar, das questões éticas e de gênero” (HAYASHI, M.; HAYASHI, C.; MARTINEZ, 2008, p.135). Afirmam ainda um avanço de estudos sobre juventude que se fundamentam na abordagem ecológica do desenvolvimento humano preconizada por Urie Bronfenbrenner.

Argumentam eles, ainda, não quererem discutir o período de vida denominado juventude, muito menos inventariar as definições e características propostas para este grupo social, haja vista que na literatura sociológica específica, na opinião deles, estes aspectos têm sido suficientemente dissertados. Querem dizer com isso, que a preocupação do estudo é a bibliometria da produção sobre juventude e não a discussão do ou a respeito desse conceito.

Para isso fazem buscas em três bancos de dados, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, o banco de teses da CAPES e o portal Domínio Público. Para selecionar os documentos a serem analisados utiliza descritores pré-definidos que posteriormente se

convertem nos tópicos de análise e classificação do material analisado, sobre o qual produz também dados bibliométricos.

Os autores analisam 84 trabalhos entre teses de livre docência e de doutoramento e dissertações de mestrado do período de 1989 e 2006, porém, pelo menos no texto lido, não identificam a razão da delimitação temporal. Os critérios de análise são: “ano de produção; nível de pós-graduação (mestrado, doutorado, livre-docência); vinculação institucional dos pesquisadores (autores e orientadores); áreas de conhecimento e temáticas abordadas” (HAYASHI, M.; HAYASHI, C.; MARTINEZ, 2008, p. 141).

Identificam uma produção quantitativamente estável nos anos 1989 a 2000 e crescente a partir do ano seguinte. A maior parte composta por dissertações de mestrado (71,4%). Em números absolutos, as instituições de ensino superior do Sudeste têm a preponderância quantitativa da produção analisada (64,4%), seguidas pelas localizadas no Nordeste (19,0%). Ainda em números absolutos, cinco instituições de ensino superior se destacam pelo volume de produção: uma no Nordeste com 7,1% da produção, uma no Sul do país com 8,3% e as três restantes no Sudeste sendo duas com 7,1% cada e a terceira com 15,5% da produção analisada pelos autores.

Em relação aos autores analisados, observam que no período, seis pesquisadores dão sequência no doutorado à pesquisa temática sobre juventude iniciada no mestrado. A Educação e Ciências Sociais, com destaque para a Sociologia, são as áreas do conhecimento com maior produção sobre juventude, e a Psicologia aparece em uma posição de pouco destaque com 1,20% dos casos analisados. Os temas vinculados à juventude, mais recorrentes nos estudos analisados foram escola, política pública e identidade juvenil. A conclusão dos autores é que:

os 84 trabalhos analisados abrem inúmeras veredas para o estudo desta temática, e que a partir de diferentes enfoques e quadros interpretativos deixam transparecer abordagens teóricas e metodológicas relevantes para o avanço do conhecimento sobre os «jovens e juventude», evidenciando que esta temática não pode ser pautada por uma única perspectiva analítica (HAYASHI, M.; HAYASHI, C.; MARTINEZ, 2008, p. 149).

Como vimos nesta revisão bibliográfica, em relação aos seis trabalhos referidos acima, a investigação apresentada nesta dissertação tem em comum o tema juventude, mas diferencia-se substancialmente no que se refere ao objeto de investigação que é a produção de

conceito sobre juventude e não a totalidade do que se produz sobre o tema, a partir de uma perspectiva teórica e metodológica, o que permite um olhar específico sobre o objeto definido.

Demarcada esta diferença fundamental, é importante ressaltar que a dissertação ora apresentada se caracteriza ainda por uma rigorosa delimitação temporal e de conteúdo para localização e definição dos critérios de elegibilidade do material a ser analisado. Em termos de tempo, documentos produzidos nos anos de 2007 a 2011, e quanto ao conteúdo, somente teses, dissertações e artigos científicos já publicados em veículos apropriados. Também pode ser identificada pela delimitação das fontes de busca – *google* acadêmico e banco de teses da CAPES -, pela escolha de documentos que tratassem somente a respeito da realidade brasileira, pela busca na produção discente e docente, advinda necessariamente das áreas das Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas incluindo Linguística Letras e Artes, conforme definido pela CAPES. Busca fazer bibliometria da produção, análise de conteúdo e metassíntese do conceito de juventude, além de gerar banco de dados a ser disponibilizado para uso público.

Como apresentado, os trabalhos analisados reforçam o fato de que o tema juventude tem adquirido destaque crescente nos últimos anos e vem sendo abordado a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. A seguir, é apresentada a perspectiva teórica sobre produção de conceitos adotada nesta investigação.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

3.1. Considerações teóricas: a formação de conceito no processo sócio-histórico

Este capítulo aborda a produção e apropriação de conceitos, a partir da psicologia social crítica de base sócio-histórica a fim de lançar elementos que ajudem na análise e compreensão do objeto de estudo, a produção do conceito de juventude. Esta escolha teórica traz implicações na compreensão do homem, da sociedade e das relações intersubjetivas.

Nessa medida, o homem é visto como ser que vai se constituindo enquanto estabelece relações sociais determinadas culturalmente. Bock; Furtado e Teixeira (2002) chamam a atenção para a oposição entre esta forma de conceber a formação da individualidade humana da postulada por uma visão que os autores chamam de liberal. Esta visão liberal de homem se fundamenta em uma gênese autônoma do indivíduo, uma espécie de natureza humana que, como uma semente, independentemente de qualquer externalidade, se desenvolveria atingindo o seu propósito vindo a constituir-se no seu verdadeiro eu.

Um pressuposto que fundamenta esta ótica é o descolamento clássico do indivíduo em relação à sociedade, da pessoa e relação ao seu meio, o que por sua vez, pressupõe também a existência, em potencial, de uma entidade psicológica autônoma que pode ser corrompida pelos vícios da sociedade, adquiridos pelo indivíduo justamente pelo seu convívio social.

Em oposição radical, a concepção sócio-histórica, tem como fundamentos a visão materialista e dialética da história, o que implica dizer que é na materialidade que se dá a produção da existência em que o homem se faz como ser humano de fato. De forma alguma significa negar o papel fundamental dos processos físicos e bioquímicos que ocorrem no interior de cada organismo e que comandam as funções normais de cada órgão e as transformações que ocorrem no decorrer do tempo da existência biológica de cada um.

Significa sim entender que, por mais objetivos que sejam esses processos fisiológicos, eles estão submissos à intensa atividade de significação que é processada pelo homem. Ou seja, a dor, a morte, o envelhecimento, o nascimento, a maternidade, a paternidade, a

excitação dentre outras situações vivenciadas pelas pessoas no escopo do conjunto de funções usuais realizadas pelos mais variados órgãos do corpo, são experimentadas sob uma égide cultural específica. E esse é um processo que se repete indeterminadamente fundamentada na contradição dialética: o ambiente cultural e social que serve de meio para processamento da experiência, pode ser transformado por este mesmo exercício.

Significa ainda compreender, como Pino (2005), que é a ordem simbólica que confere à atividade biológica do homem sua capacidade criadora; que a cultura nada cria, mas confere significado ao que foi criado como função ou obra da natureza, numa relação simbiótica entre ela e o simbólico. Sobre esta interação, fundamentado em Vigotski, Pino (2005) entende que há um processo de conversão onde as duas coisas mudam uma na outra, cada uma delas conservando elementos próprios essenciais. Nesse sentido, não há anulação de uma em função da outra, mas transformações que ocorrem mutuamente de forma indefinida no tempo, enquanto durar a relação.

A sociedade é compreendida não em oposição ao indivíduo, mas como o ambiente criado por ele mesmo na relação com os demais seres humanos, com a natureza modificada ou não pela ação antrópica, e também com as coisas, concretas ou virtuais, produzidas pelo homem. É o espaço onde a ação do homem faz e produz sentido, e tem significado. Os fenômenos sociais, portanto, estão intimamente ligados às pessoas. Como ainda afirma Pino (2005, p. 31), “no desenvolvimento cultural da criança cada função aparece em cena duas vezes, em dois planos. Primeiro o social, depois o psicológico, primeiro entre pessoas como uma categoria interpsicológica, depois no interior da criança como uma categoria intrapsicológica”.

Vigotski (1999a) faz uma relação interessante entre a tarefa coletiva de produzir cultura e a tarefa do coletivo de introduzir o indivíduo na cultura. Ou seja, o processo de individuação se dá sob a tutela do outro até que essa pessoa consiga, na linguagem de Pino (2005), sair de uma relação – onde as coisas não fazem sentido sem a lente mediadora do outro –, para uma na qual o signo ocupa esse lugar e o outro se torna de fato parte necessária, de uma relação de produção social e cultural. Necessária, mas não suficiente, considerando que o indivíduo torna-se agente ativo.

É nesse contexto, então, que se compreendem as relações intersubjetivas. Assim que, para além de exercer um papel coercitivo sobre o indivíduo, a sociedade, as relações sociais e

a cultura produzida pelas pessoas neste ambiente de constante relação são processadas individualmente, recebem um sentido. É um processo complexo, especialmente se for considerada a questão da cultura de massas e outras perspectivas de dominação e governo de sujeitos, que também é produto histórico e cultural. O objetivo aqui é tão somente marcar este processo de significação como uma possibilidade real do indivíduo em sociedade, como uma aptidão humana (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Como vimos, abordamos aqui do ponto de vista da Psicologia Social Crítica de base sócio-histórica, a produção e apropriação de conceitos, especialmente apoiados na proposta de desenvolvimento histórico do ser humano na perspectiva de Vigotski (ALPIZAR; BERNAL, 2003; PINO, 2005; VIGOTSKI, 1999a; ZANELLA; REIS; TITON; URNAU; DASSOLER, 2007) lançando elementos para a análise e compreensão do processo de produção de conceitos. Por sua vez, essa concepção defende a tese de produção histórica do conhecimento científico, sendo necessária a busca de sua gênese para a compreensão de fenômenos psicossociais.

Um conceito, portanto, é uma produção social. Não é um esforço exclusivo de abstração e nem um processo natural a partir da associação direta das palavras às coisas, como a definição das mesmas já estivesse lá cabendo ao cientista, ao sábio, apenas acessá-la de uma forma inequívoca. Segundo Vigotski, a formação de um conceito está diretamente ligada à experiência vivida, afirmando que:

um conceito não é uma formação isolada, fossilizada, imutável, mas sim uma parte ativa do processo intelectual, constantemente a serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas (...) a produção de um conceito é um processo criativo, e não um processo mecânico e passivo (VIGOTSKI, 1999a, p. 67).

Da mesma forma, ao abordar a problemática das gerações, Mannheim (2012) trata os conceitos como instrumentos úteis para examinar o estado de um problema, sendo que os caminhos tomados para este exame seguem, certamente, a composição de forças do determinado contexto histórico e social, e Oliveira, A. A. (2009, p. 53) ao propor “discutir a produção de conceitos sobre a infância para poder refletir a criança como sujeito real”, reforça a perspectiva do uso do conceito para o entendimento e a solução de problemas como observa Vigotski.

Gorczewski (2007) corrobora com esta perspectiva quando considera um conceito como um dispositivo auxiliador que dispõe e/ou sustenta algo. Essa produção social transita

por um caminho que pode ser compreendido como em forma de espiral, indo do ser social que produz o conceito, o homem, para o grupo social restrito ou não ao seu convívio, podendo, em época de comunicação instantânea como a atual, atingir escala global; e vindo desse grupo social complexo para os indivíduos. Souza Santos (1997, p. 118), por exemplo, aborda conceitos hegemônicos cujas imagens referentes são promovidas e difundidas por “poderes hegemônicos que comandam a sociedade de consumo e a sociedade de informação”. Estes são “teorias e imagens manipulatórias que ignoram as diferentes circunstâncias e aspirações dos povos, classes, sexos, regiões, etc., bem como as relações desiguais, de exploração e de vitimização, que tem unido às partes que compõem esta pseudototalidade”. Neste raciocínio, quando Vigotski (1999a) afirma que o cérebro reage também às ligações semânticas, pode-se inferir a respeito do poder dos conceitos, das ideias, na atividade cerebral, numa conexão complexa, construtiva e criativa entre mente e corpo⁶. Segundo Sawaia, pelas afirmações de Vigotski é plausível pensar:

que as substâncias responsáveis pelas funções do cérebro que promovem a emoção e harmonia dos movimentos, as quais, hoje, são denominadas de neurotransmissores, como a serotonina e a dopamina, são da ordem do simbólico. O significado penetra na comunicação neurológica levando o homem a agir, não em resposta a uma estrutura e organização biológica, mas a uma ideia (SAWAIA, 2001a, p. 103).

Conceituar determinada situação, grupo ou objeto, a partir de Vigotski (1996), é considerar que o entendimento a respeito do que será conceituado deve estar sujeito aos processos criativos próprios de cada ambiente cultural; que o campo científico que servirá como meio para o desenvolvimento desse conceito não pode estar sujeito a dogmas, mas às “leis e condições gerais do conhecimento científico (...) [e às] exigências objetivas que a natureza dos fenômenos objetos de estudo coloca para o conhecimento científico no estágio atual da investigação” (Ibid, p. 219).

A esse respeito, Alpizar e Bernal (2003), compartilhando dos pressupostos de construção sócio-histórica dos conceitos, observam, porém, a possibilidade de o seu desenvolvimento estar sujeito ao que chamam de ideias fossilizadas, apoiadas em dois equívocos ainda comuns.

O primeiro equívoco é o que atribui aos conceitos uma existência natural, como uma reafirmação dos fundamentos primordiais e originários da epistemologia moderna: existe uma

⁶ “tudo que aumenta ou diminui, favorece ou reprime a potência de ação do meu corpo, aumenta ou diminui, favorece ou reprime a potência de pensar de minha mente” (SAWAIA, 2001a, p. 114, citando o filósofo Espinosa).

verdade a respeito das coisas e ela pode ser acessada através da correta dissecação do objeto estudado. Ou seja, por esta via, os conceitos estão presentes nas coisas a serem conceituadas, quase como uma entidade, independente da lente de quem as enxerga e da própria pessoa ou uso dos objetos enxergados. Ao contrário, o conceito é produzido em um ambiente cultural, e a cultura ou a dinâmica cultural⁷ não pode ser reificada, transformada em uma coisa (DURHAM, 1980) sob a pena de ser colonizada, perdendo a capacidade de dar vida aos conceitos, assumindo um papel secundário nos processos de subjetivação.

Em relação a esta perspectiva Alpizar e Bernal (2003, p. 105-106) ainda afirmam que a partir da metade do século passado “se desarrollaron corrientes de pensamiento que cuestionaron la supuesta «base natural» de estas nociones y conceptos (definida por su proceso psicobiológico, independientemente de los condicionamientos históricos, económicos y culturales que la producen)”. Estas corrientes de pensamento apontadas pelas autoras contribuem com o que se conhece como “‘construcción social de la realidad’, noción que posibilita ver al sujeto como activo y capaz de transformar, deconstruir y construir las explicaciones que existen sobre él o ella y sobre su mundo”. Não há uma entidade inicial que gera o conhecimento, um conceito-origem. Os conceitos transformam e são transformados, forjam realidades e são forjados por elas, a relação é recursiva, não tautológica, mas generativa.

O segundo equívoco, também próprio da corrente de pensamento mais naturalista a respeito da formação de conceitos, é entender a academia como um ambiente supostamente neutro, na tarefa de construção de conceitos a respeito das várias coisas. É ingenuidade pensar a academia como a tutora, ou a principal determinante na produção científica e, por conseguinte, de conceitos. Esta tarefa está presa a um emaranhado de fios que representam os mais distintos interesses. Faz sentido, então, pensar a ciência a partir de Bruno Latour, como um sistema circulatório, pelo que não faz sentido perguntar – ou preocupar-se – com o centro, o coração da ciência, mas por quais são os componentes desse sistema e como eles interagem. De acordo Ferreira (2010), para Bruno Latour, o sistema circulatório das ciências está composto pelos circuitos:

1) *Mobilização do mundo*, ou conjunto de mediações aptas a fazer circular os entes humanos e não-humanos através do discurso (instrumentos, levantamentos, questionários e expedições); 2) *Autonomização*, ou a delimitação de um campo de

⁷ “Processo permanente de reorganização das representações na prática social (...) através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana” (DURHAM, 1980, p. 13).

especialistas em torno de uma disciplina, capazes de serem convencidos ou entrarem em controvérsia; 3) *Alianças*, ou recrutamento do interesse de grupos não científicos, como militares, governamentais e industriais; 4) *Representação Pública*, ou o conjunto de efeitos produzidos em torno do cotidiano dos indivíduos; e 5) *Os Vínculos e Nós*, que dizem respeito ao coração conceitual, que amarra todos os demais circuitos (FERREIRA, 2010, p. 51, grifos do autor).

Ou seja, nesta representação da produção científica mobilizada a partir de circuitos, estão presentes pelo menos três que demonstram esta tensão de interesses a respeito do que, de como e para que são produzidos os conhecimentos científicos.

As correntes de pensamento hegemônicas, segundo Mannheim, estarão sujeitas ou diretamente vinculadas às estruturas históricas e políticas, sendo que:

la tesis de que la forma de plantear las cuestiones y los modos de pensar cambian con los países, las épocas y las voluntades políticas dominantes, difícilmente puede encontrar una prueba mejor que la de confrontar las soluciones propuestas para ese problema en los distintos países con las corrientes que dominan en cada uno de ellos (MANNHEIM, 2012, p. 198).

Nesse processo de disputas políticas dentro do sistema circulatório da ciência, guerras a respeito das matrizes de pensamento são travadas, mas as batalhas a respeito da conceituação dos fenômenos componentes é que vão delineando o percurso desta peleja.

Ainda em relação à disputa no campo político, Sawaia (2001a, p. 98), por exemplo, ao discutir a dialética exclusão/inclusão, afirma a importância de usar categorias, conceitos que possam desestabilizar perspectivas epistemológicas que legitimam relações de poder e que culpabilizam o indivíduo pela sua própria situação social, entendendo como importante a estratégia “de recuperar conceitos discriminados pelas ciências nas análises das questões sociais, e de perguntar por que eles foram excluídos ou classificados no rol do patológico e da desordem”.

Essa proposta diz respeito à inserção, ou recuperação, do conceito de afetividade para uma análise psicossocial da exclusão, como sendo capaz de manter viva a capacidade de indignação do pesquisador e retirar do olhar o vício que desvincula pobreza da integralidade do viver, atando-a exclusivamente à preocupação com a sobrevivência num retorno à psicologia de Maslow. Souza Santos (1997, p.116) também vê na capacidade de indignação, de espanto como forma de pensar a transformação social, de tornar novamente possível o *phatos*, a renovação, a partir de uma nova conceituação da história diferente daquela que denomina teoria da história da modernidade, que seriam as forças contra-hegemônicas.

Nesse contexto de produção e apropriação conceitual em uma base sócio-histórico e cultural pode ser localizado o problema das arbitrariedades conceituais apontado por Bourdieu (1983, p.153), quando, referindo-se ao conceito de juventude, pontua que as divisões etárias são fruto de arbitrariedades, os cortes geracionais são objeto de manipulação e o subsumir “no mesmo conceito universos sociais que praticamente nada têm em comum⁸” é possível somente “por meio de um formidável abuso de linguagem”.

Como forma de enfrentar ou dirimir, entender estas arbitrariedades, a conceituação pode e deve ser compreendida como um processo, uma tentativa de aproximação que, pela junção de vários conceitos amplia a capacidade de compreensão e apreensão da realidade. Para isso, Sawaia (2001a) a partir de Souza Santos sugere o uso do que chama conceito-processo, uma relação não canibal e não destrutiva entre conceitos. Ou pode-se pensar em uma versão para os conceitos da hermenêutica diatópica de Souza Santos (1997). Para ele “a *tradução entre saberes* assume a forma de uma *hermenêutica diatópica*. Consiste no trabalho de interpretação entre duas culturas com vista a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas” (SOUZA SANTOS, 2012, p. 31, grifos do autor). Esse tipo de hermenêutica “é um exercício de reciprocidade entre culturas que consiste em transformar as premissas de argumentação de uma dada cultura em argumentos inteligíveis e críveis noutra cultura” (SOUZA SANTOS, 1997, p. 121). Ou seja, a proposta é, como alternativa aos contemporâneos processos de colonização, a integração começando pela quebra das atribuições hegemônicas, caçando os estatutos vigentes de totalidade e homogeneidade. Esse caminho reforça a ideia da perspectiva histórica na compreensão dos fatos, dos fenômenos, como preconizada por Karl Marx, L. S. Vigotski, dentre outros.

Diante do exposto anteriormente, pode ser afirmado sobre a produção de conceitos que:

- a) Conceitos são formados no processo sócio-histórico, materialista e dialético. Por isso, quando alguns refletem concepções predominantes ou hegemônicas de ser humano, de estruturação econômica e social existentes, que perpassam sujeitos concretos, não é por desígnio, mas pelo processo material no qual é produzido. Além disso, os conceitos geralmente se submetem a um movimento de vai e vem. Estão em alta em um momento, depois desaparecem, reaparecendo mais na frente travestido ou

⁸ Referindo-se ao uso da palavra juventude para se referir ao que ele chamava de “juventudes” ou pelo menos duas juventudes: das classes populares e das classes dominantes.

com a mesma roupagem (VIGOTSKI, 1996). Esse movimento reafirma ou traz sempre à memória que os conceitos são produções humanas, e por isso podem ser modificados. Não fazem parte de uma totalidade fechada, mas aberta, não havendo como circunscrever de forma definitiva e intocável, como afirma Konder (1985, p. 51-52), a “infinita riqueza da realidade ao conhecimento”, ou seja, “para dar conta do movimento infinitamente rico pelo qual a realidade está sempre assumindo formas novas, os conceitos com os quais o nosso conhecimento trabalha precisam aprender a ser ‘fluidos’”. Considera-se aqui que esta possível e provável transformação não implica necessariamente em aniquilação do conceito anteriormente formado, pelo menos no âmbito do uso geral na sociedade, mas em superação e abandono do mesmo como fundamento de produção de sujeitos de forma hegemônica;

b) A produção de conceitos está diretamente ligada à capacidade criativa e de significação do homem. Isso significa dizer, dentre outras coisas, que é uma ação exclusiva do ser humano pelo uso de suas funções psicológicas superiores – atenção voluntária, memória mediada, pensamento abstrato –, conforme descreve Vigotski (1999a, 1996);

c) A construção de conceitos é um campo, como outros, de disputa simbólica e política. Por isso, os conceitos produzidos devem ser olhados com lentes de atenção, mas conscientes da condição de lentes que são, ou seja, conscientes que reproduzem um olhar dentre outros tantos possíveis, com a ressalva de que é na condição objetiva que essas várias lentes e construções possíveis devem ser ‘provadas’. Quando se construiu inicialmente o conceito de civilização, por exemplo, amplamente utilizado pelas ciências humanas, estava em questão o estabelecimento de um padrão ideal de ser povo, justificando cientificamente ações concretas de dominação e escravidão de um povo por outro (ELIAS, 1990).

d) Ainda pensando em bases histórico-materialistas, há uma relação interdependente entre a abstração e a materialidade no exercício de produzir conceitos (VIGOTSKI, 1996). O produto final, a resposta generalizadora deverá lançar luz ou solucionar uma situação concreta, que realmente atinge de forma significativa a vida de alguém ou de determinado grupo social. Não deveria estar a serviço da produção de conhecimento em função de um excesso de saber, e sim, a partir de “interrogações poderosas”, de um processo que fortalece a “capacidade de penetrar nos pressupostos epistemológicos e

ontológicos do saber constituído, como as indagações que unem ciência e virtude, introduzindo a ordem do valor e da ética nos conceitos científicos” (SAWAIA, 2001a, p. 97).

Em síntese, os conceitos são produtos sociais, cuja produção não é um processo neutro, não só pelo posicionamento político, ainda que tácito, de quem os produz, mas pela própria dinâmica de uso do conceito ao longo da história. Sua natureza teórica e fluída não o desvincula do fim material imposto pelo processo sócio-histórico, no sentido que deve servir tanto para responder a uma situação concreta, como para fazer avançar a ciência. A matriz de pensamento sócio-histórico possibilita e autoriza uma ampla variedade de alternativas conceituais a respeito de qualquer coisa, inclusive juventude. Essa escolha implica ainda em opções metodológicas e procedimentos a serem adotados, que serão apresentados a seguir.

3.2 Considerações metodológicas

3.2.1 Fundamentos da Pesquisa Qualitativa

Esta investigação tem como pressuposto os fundamentos da proposta qualitativa de pesquisa social, apoiada em uma abordagem sócio-histórica. Nesse sentido, Minayo (2008, p. 14, grifos da autora) afirma que “o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*”, sem desconsiderar os métodos quantitativos, visto que em qualquer que seja abordagem, os caminhos percorridos, pesquisadores e pesquisadoras estarão querendo saber sobre algo dinâmico, que produz e reproduz cultura, que é capaz, inclusive, de fingir interesses, percepções e sentimentos diante da pessoa que investiga.

Essa existência suntuosa dos seres humanos, como se refere Minayo (2008) pode ser conhecida, ainda que de forma aproximada, pelas Ciências Sociais, o que inclui a Psicologia Social, pelo uso de métodos e técnicas apropriadas, fundados em arcabouços teóricos e revestidos de rigor processual que os credencia à tarefa de descrever, analisar e interpretar os fenômenos que envolvem os seres humanos.

Nesta mesma direção, Turato (2005, p. 509) defende que não se pode definir o método qualitativo pela negação, dizendo o que não é feito no uso desta abordagem, nem de forma tautológica, afirmando que é o método “usado para estudar a “qualidade” de um objeto”. Assim, a definição que este autor apresenta para o método qualitativo é, em linhas gerais, aquele que ajuda o pesquisador a buscar o significado, o sentido de determinado fenômeno dentro de uma pauta de padrões culturais. Nesse sentido, Pino (2005) também corrobora com esta perspectiva em relação à necessidade da abordagem qualitativa dos fenômenos humanos, que são essencialmente culturais. Desse modo, abordar a apropriação conceitual é refletir como determinado conceito, no caso juventude, é definido, sob quais pressupostos epistemológicos – conceitos de mundo e de ser humano – revelando a ordem qualitativa desta investigação.

Buscando uma abordagem sócio-histórica como orientação da pesquisa qualitativa, Freitas (2002) entende que a compreensão do fenômeno deve se dar a partir do seu acontecer histórico, no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social, assumindo uma postura dialógica onde o pesquisador é parte integrante da pesquisa. Para a autora, no processo investigativo, deve-se conservar a concretude do fenômeno, descrevê-lo de forma densa, em direção à sua explicação.

Por sua vez, a análise a ser operada nesta investigação é a análise de conteúdo. Esta é uma abordagem que nasce nos início do século XX, em um cenário onde predominava, especialmente na pesquisa psicológica, a perspectiva behaviorista e positivista, que advoga a existência de uma verdade *a priori* a ser desvelada pela ciência através de um método válido. Ou seja, o foco é mais estrito no método, nas verdades *a priori* a serem desveladas e menos no pesquisador, e menos ainda nos pesquisados e suas apresentações ou representações.

Com o passar dos anos, ocorrem mudanças na concepção deste método, a análise de conteúdo. De acordo Gomes, R. (2008), são realizadas modificações à proposta original por Laurence Bardin, no fim da década de 70. A análise de conteúdo é redimensionada ao ser-lhe acrescentado um viés qualitativo e compreensivo, ou seja, passa a ser definida como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2002, p. 42).

Nessa medida, ao afirmar que os indicadores de análise podem ser quantitativos ou não e que deverão ser feitas inferências de conhecimentos, que pressupõe relação entre causa e efeito, mas a partir de probabilidades, probabilidades essas imersas nas infinitas possibilidades de significados, por parte dos atores envolvidos na pesquisa, indicando o caminho da compreensão e não das determinações. Determinações estas que são muitas vezes postas a despeito da produção cultural dos indivíduos envolvidos na investigação, o que inclui o pesquisador.

Essas considerações nos permitem afirmar a opção pelo método de análise de avaliação ou análise de representação, que “se presta para medir as atitudes do locutor quanto aos objetos de que fala, levando em conta que a linguagem representa e reflete quem a utiliza” (GOMES, R., 2008, p.85). Assim, o tema de interesse conceitual da juventude está pré-estabelecido, bem como a escolha da amostra de documentos a ser analisada. No entanto, outros eixos temáticos foram definidos no decorrer do processo de analítico, a partir do contato com o conjunto de documentos escolhidos e interlocuções com outros autores.

A análise de conteúdo da produção científica permitiu a realização da metassíntese pretendida. De acordo com Matheus (2009), esta é uma correspondente qualitativa do que a meta-análise é no âmbito da pesquisa quantitativa. Em suas palavras:

a metassíntese qualitativa é definida como integração interpretativa de achados qualitativos (derivados de estudos fenomenológicos, etnográficos, da teoria fundamentada nos dados e outros) que são a síntese interpretativa de dados. Essas integrações vão além da soma das partes, uma vez que oferecem uma nova interpretação dos resultados. A nova interpretação não pode ser encontrada em nenhum relatório primário de investigação, pois são inferências derivadas do fato de todos os artigos terem se tornado uma amostra, como um todo (MATHEUS, 2009, p. 544).

Então, pretende-se analisar o conteúdo dos documentos na perspectiva de estabelecer uma síntese interpretativa da apreensão do tema juventude, por parte da academia brasileira em um dado período (2007 a 2011), verificando quais convergências e divergências existem.

3.2.2 Procedimentos

Para o estudo da produção nacional a respeito do conceito de juventude, no âmbito científico das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas⁹ realiza-se a busca em dois níveis de produção: científico – artigos – e científico-acadêmico – dissertações e teses. A sistematização dos documentos referentes a esta produção na literatura nacional nos anos de 2007 a 2011, foi feita através do levantamento e mapeamento por meio de dois bancos de dados: *Scientific Electronic Library Online* – SCIELO através do *Google Acadêmico* para os artigos científicos, e o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES para a produção da Pós-Graduação.

Utiliza-se de três etapas: uma ‘exploratória’, em que se busca os documentos de onde seria retirada a amostra para análise; a de ‘garimpagem’, quando foi feita leitura do resumos de todos os documentos selecionados na etapa exploratória. Para aqueles documentos que a leitura do resumo não foi suficiente para determinar o vínculo com a discussão do conceito de juventude foram feitos ainda dois procedimentos nesta etapa de garimpagem, que foi a leitura flutuante somente dos artigos científicos, e verificação do sumário somente de algumas teses e dissertações; e por fim, a etapa de ‘análise de conteúdo’ com a leitura integral dos artigos científicos e os capítulos das dissertações e teses que tratam do conceito de juventude. Cada etapa foi executada mediante passos definidos previamente, mas também revistos durante o percurso, e gerou resultados específicos cujos exemplos estão localizados nos apêndices desta dissertação.

Na sequência, a descrição mais detalhada de cada etapa, seus procedimentos e resultados específicos.

3.2.2.1 Etapa exploratória: a escolha dos documentos

A etapa exploratória caracterizou-se por realizar no primeiro banco de dados, SCIELO – *Google Acadêmico*, a identificação de material, utilizando filtros de busca que foram

⁹ De acordo classificação da CAPES presenta na "Tabela de Áreas de Conhecimento", publicada na página eletrônica da CAPES em 11/07/2012 e disponível no endereço eletrônico <http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento>, mas incluindo nas Ciências Humanas as áreas de Linguística, Letras e Artes.

estabelecidos de forma progressiva. Esta etapa ocorreu, inicialmente, em junho de 2011 de forma preliminar, e, em caráter definitivo em dois momentos: janeiro de 2012, especialmente para os artigos produzidos em 2007 a 2010 e agosto de 2012, especialmente para os produzidos em 2011. Os números resultantes desta busca estão apresentados ao longo deste item.

Em todos estes momentos foram pesquisadas páginas eletrônicas em português, no Brasil, com textos que apresentassem pelo menos um resumo. Na busca preliminar, utilizamos inicialmente o conjunto de descritores – juventude/juventudes, resistência e Psicologia – inseridos no filtro ‘encontrar artigos com todas as palavras’ e habilitando a opção de pesquisa avançada ‘ocorrendo em qualquer lugar do artigo’. Este recorte vincula os conceitos de juventude e de resistência, estudando-os no campo da Psicologia, o que resultou em 10.200 indicações de textos nos mais distintos formatos.

Esta primeira incursão permitiu verificar que, nos duzentos primeiros itens apresentados por este banco de dados, havia uma diversidade quanto ao tipo de item apresentado na pesquisa, ou seja, estavam listados artigos científicos (sozinhos ou vinculados a revistas científicas), artigos jornalísticos, entrevistas e livros eletrônicos completos ou em partes; havia também uma diversidade na abordagem de juventude, ou seja, ora aparecia somente na bibliografia citada, ora era apenas uma referência em relação às fases anteriores ou posteriores dos sujeitos vinculados ao tema da pesquisa exposta no texto encontrado. Poucos casos a palavra juventude aparecia como um conceito importante ao tema do artigo e discutido no texto. Para exemplificar, dos duzentos analisados inicialmente antes da mudança de filtros, somente dez foram pré-selecionados como relevantes ao tema da pesquisa proposta, ou seja, possuíam características básicas de artigo científico.

Considerando que a busca se caracterizava por se tratar de artigos científicos, ainda no primeiro banco de dados SCIELO – *Google Acadêmico* decidiu-se pela substituição nos descritores a palavra ‘psicologia’ pela expressão ‘psicologia social’ que foi colocada no filtro ‘Com a frase exata’. Os demais procedimentos permaneceram os mesmos, o que resultou em 1.450 achados. No entanto, como o objetivo da pesquisa se relaciona com a apropriação e a produção de um conceito, não seria interesse restringir a uma única área de conhecimento nem vincular obrigatoriamente o conceito de juventude a outra categoria conceitual como resistência, por exemplo. Assim, ampliamos para as áreas das Ciências Humanas, incluindo Linguística Letra e Artes, e das Ciências Sociais Aplicadas. Retiramos ainda a palavra

‘resistência’ de entre os descritores tratando de forma menos restrita a produção do conceito juventude. Uma última alteração neste momento foi inserir a palavra ‘juventude’ ou ‘juventudes’ como sendo obrigatória no título do artigo, compreendendo que estar no título representaria, de fato, ser um conceito importante para o trabalho em questão.

Este último procedimento permitiu definir a seguinte configuração de busca: obrigatoriedade no título do artigo da palavra juventude, pesquisar em páginas em português no Brasil, em artigos com pelo menos um resumo, o que exclui citações. Esta busca resultou, somando os três momentos em que foi feita sob as mesmas condições, em 905 achados. Neste momento verificamos a acessibilidade de cada documento, e procedeu-se uma classificação inicial para a identificação do número de artigos científicos em meio ao total de achados. Os itens de classificação foram: título, data da produção e publicação, e se podia ser caracterizado como artigo científico ou que tipo de documento se tratava. Este procedimento de classificação inicial foi registrado em arquivo de planilha eletrônica do pacote de programas *Libre Office*. (ver quadro 1, p. 62 e apêndice A, p. 204).

O critério para considerar artigo científico¹⁰ para esta dissertação é a presença de, no mínimo: título; identificação de autor ou autores; identificação de veículo de publicação; resumo; corpo do texto com estrutura básica de introdução, desenvolvimento e conclusão; e referências bibliográficas utilizadas. Neste momento de classificação, percebemos pequenos problemas facilmente contornáveis: uma quantidade de artigos de produção e publicação anterior ao ano de 2007, presente nos resultados da pesquisa, apesar do filtro de data ter sido estabelecido; os elementos que aparecem duas vezes em anos diferentes; e os que estavam inacessíveis. Foram 48 (~5%) anteriores a 2007, 23 repetidos (~2,5%) e 04 (~0,4%) sem acesso. Esses foram excluídos do universo total de documentos encontrados através do *google acadêmico*.

A respeito dos encontrados anteriores ao ano de 2007, foi feita uma verificação específica nos mesmos e percebeu-se que havia artigos republicados em data posterior à da primeira publicação, publicados *on line* em uma data e fisicamente em outra, e outros em periódicos bienais. Na maioria dos casos percebeu-se que a ferramenta de busca considerava o

¹⁰ Para fins desta classificação não foi observada a necessidade desses itens cumprirem, em termos de conteúdo, com o que determina as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT referentes aos mesmos, a saber, NBR6022/2003 e NBR6028/2003 respectivamente sobre estrutura de artigos científicos e de resumos de artigos científicos. Apenas verificou-se neste momento a existência da estrutura básica.

documento dentro dos parâmetros do filtro, devido às datas recentes de atualização da página eletrônica onde o artigo estava hospedado ou ainda, quando este fazia parte de revistas, devido à data do último número publicado daquela revista.

A classificação descrita acima permitiu delimitar 187 artigos científicos para que se verificasse a área do conhecimento à qual se vinculava o primeiro autor. Este vínculo foi identificado pela própria informação contida nas páginas do artigo ou através de verificação no currículo do autor à época da publicação do material em análise. 01 artigo foi descartado por se tratar da realidade de outro país, e outros 23 artigos foram descartados pelo fato de seus autores se vincularem a outras áreas do conhecimento que não as elegíveis para esta dissertação. Portanto, os que seguiriam para a segunda etapa, de garimpagem e refinamento da amostra, foram 163 documentos classificados como científicos (ver resultado no quadro 2, p. 63). Este grupo compõe a primeira parte do universo de documentos a serem utilizados para a análise da produção científica brasileira do conceito de juventude, presentes na literatura nacional nos anos 2007 a 2011.

A etapa exploratória caracterizou-se, ainda, por busca no banco de dados, de teses e dissertações da CAPES, ocorrida também em três momentos: em junho de 2011, quando foi consultada a produção dos anos de 2007 a 2009; em janeiro de 2012, para consulta da produção de 2010, pois dos anos que compreendem a busca desta pesquisa, o próprio banco fornecia, em 20 de janeiro de 2012, somente documentos dos anos 2007 a 2010; e em julho de 2012 para consulta à produção de 2011. Pela característica do instrumento de busca fornecido pelo próprio banco de dados, o filtro utilizado foi o descritor 'juventude' como assunto do documento.

Aplicado o filtro, foi encontrado um total de 1.408 teses e dissertações para os cinco anos. Em seguida, verificou-se inicialmente, quais dessas possuíam a palavra 'juventude' no título, procedimento já definido a partir da busca dos artigos conforme relatado anteriormente. Neste segundo momento de filtragem, exclusivamente para as teses e dissertações, considerando que algumas discutiam o conceito de juventude ainda que não insiram a palavra juventude no título, também buscamos aquelas produções com a expressão 'conceito de juventude' no resumo, possibilidade propiciada pela ferramenta de busca do banco de teses da

CAPES. Isto resultou em 408 documentos, sendo 392 com a palavra ‘juventude’ no título e 16 com a expressão ‘conceito de juventude’ no resumo¹¹.

A seguir, catalogamos estes 408 documentos de forma que pudessem ser acessados sem a necessidade de conexão com a *internet*. Para isso elaboramos também arquivo na planilha eletrônica do pacote de programas *Libre Office* (ver apêndice B, p. 205). Os dados que seguiram para o catálogo foram: autor, título, ano da defesa, enlace de acesso ao banco de teses CAPES, nível, instituição de ensino superior, unidade da Federação desta instituição, existência da palavra juventude dentre as palavras-chave do trabalho, área do conhecimento à qual está vinculada, orientador, além do resumo para posterior leitura.

Nesta etapa dos procedimentos descartou-se o material que não seria analisado na etapa seguinte de garimpagem. Foram descartados os que não se vinculavam às áreas das Ciências Humanas nem das Ciências Sociais Aplicadas conforme definição da CAPES. Nessa condição se encontravam 23 artigos (~12%) e 28 teses/dissertações (~7%). Consideramos importante destacar que a vinculação à área de conhecimento para as teses e dissertações está explícita no registro da produção acadêmica no banco de teses da CAPES. Para os artigos científicos esta identificação foi feita considerando o vínculo de formação acadêmica do primeiro autor. Descartamos também aquele material que não tratava do tema a partir também da realidade brasileira. Por este motivo, 01 (~0,5%) artigo e 05 (~1,2%) teses/dissertações foram descartadas. Por fim, eliminamos aquele material para o qual não foi encontrado nem em forma de resumo para análise preliminar. Nesta condição estavam 04 (~1,0%) teses/dissertações¹².

Em síntese, na etapa exploratória, a partir de dois bancos de dados, *google* acadêmico e CAPES, buscamos e analisamos documentos que foram selecionados sob três critérios básicos: quanto ao tipo – obrigatoriamente documentos científicos em forma de artigo, dissertação de mestrado ou tese de doutorado; a data – documentos produzidos nos anos de 2007 a 2011; e o tema – documentos que tratam do tema juventude, trazendo a palavra no

¹¹ Esses 16 novos trabalhos estão inseridos nas 1.408 teses e dissertações originalmente recuperadas no banco de dados da CAPES que traziam de alguma forma e em qualquer lugar a palavra juventude. O procedimento complementar de busca tendo com o descritor a expressão ‘conceito de juventude’ evitou que fossem deixados de lado dentre os 1.016 trabalhos que não possuíam a palavra juventude no título, aqueles que discutiam o conceito de juventude.

¹² No banco de teses da CAPES havia 08 documentos sem resumo. Desses, 03 foram encontrados através do acesso ao documento completo pelo portal <http://www.dominiopublico.gov.br> e 02 eram produções acadêmicas que se referiam a outros países: Angola e Uruguai. (ver apêndice C, p. 206).

título como indício da importância do tema no conteúdo do texto, ou, no caso das teses e dissertações, trazendo a expressão ‘conceito de juventude’ no resumo. Com a aplicação desses critérios o universo de artigos, teses e dissertações para leitura e análise do resumo está constituído de 534 documentos, sendo 163 artigos científicos, 68 teses e 303 dissertações. (ver quadro 05, p 67).

3.2.2.2 Etapa de garimpagem: refinamento da amostra

A fase de garimpagem consistiu em identificar a relação que os 163 artigos científicos, 68 teses e 303 dissertações guardavam com a discussão do conceito de juventude por meio da leitura, pelo menos três vezes, dos resumos. Esta permitiu destacar no texto as evidências que fundamentavam as conclusões sobre a classificação atribuída aos mesmos: intenção de discutir o conceito de juventude, opção teórico-metodológica, tipo de estudo, apresentação e discussão de resultados, dentre outras conforme descritas na sequência. Ressaltamos que em poucos casos, a forma como o arquivo eletrônico foi elaborado não permitia edição. Nesses, foram feitas as leituras, identificadas as evidências, mas sem marcações de destaque (ver apêndice D, p. 207). Apoiado parcialmente em Zanella e Titon (2005) e elaborando definições e procedimentos próprios, os resumos foram analisados com base em quatro critérios macro que foram: identificação geral da publicação, tema, fundamentos teóricos e método utilizado.

No quesito identificação geral da publicação, observamos o título, considerado conforme apresentado no próprio documento; a autoria, para os artigos, havendo mais de um autor, o primeiro nome foi considerado o primeiro autor; o ano de publicação ou defesa, ou seja, nos anos de 2007 a 2011 que é delimitação temporal desta pesquisa.

Foi considerada ainda nesse quesito a identificação do veículo de publicação, conforme exposto no próprio artigo capturado ou em outras versões, nos casos em que a versão originalmente encontrada não trazia tal informação; o tipo de veículo se revista ou outro tipo, considerando estritamente o que estava disponibilizado nas páginas eletrônicas oficiais de cada veículo; a vinculação do veículo de publicação a alguma instituição de ensino, governos, iniciativa privada ou outro. No caso de aparecer mais de um nome, todos foram identificados. Não foram listados os patrocinadores, mas somente a instituição que respondia

pelo conteúdo do veículo de informação. Os dois primeiros itens, veículo de publicação e tipo de veículo, foram exclusivos para a análise das teses e dissertações. Por fim, vinculação acadêmica e profissional do primeiro autor.

Quanto ao tema, identificamos a área de conhecimento principal à qual os documentos se vinculavam. Para as dissertações e teses, utilizou-se a identificação exposta no próprio banco de dados CAPES. Já para os artigos, esta classificação foi definida a partir do critério já exposto, ou seja, a verificação da formação principal do primeiro autor. Às vezes havia no resumo uma identificação explícita coincidente com a da formação do primeiro autor, como neste exemplo de Frezza; Maraschin e Santos (2009, p. 313) que escrevem “a partir da perspectiva da Psicologia Social, usamos como estratégia metodológica a problematização”.

Ainda no quesito tema, verificou-se a existência do item específico palavras chave, e na sequência, se possuía juventude como palavra chave. Nesse item específico, foi considerada somente a palavra juventude, aparecendo sozinha ou em forma de expressão como “juventude operária” (MATTOS, 2008, p. 297), “juventude e religião” (SOFIATI, 2008, p. 73), dentre outras expressões similares. Também a identificação do tema principal do documento. Este item registra a identificação temática das produções analisadas. Buscou-se utilizar inicialmente as próprias palavras dos autores, para depois definir algumas macrocategorias que englobassem um conjunto de temas individuais.

Mais dois itens, dentro do quesito tema, verificaram a relação dos documentos com o conceito de juventude. O primeiro foi se a discussão desse conceito era o tema principal. Essa classificação exigiu uma leitura mais acurada de cada resumo, considerando que todos os documentos selecionados tratam do tema juventude em alguma medida. A intenção aqui foi identificar a especificidade com a qual o tema juventude estava sendo tratado, como neste exemplo onde o autor escreve que o “artigo apresenta uma possível solução para um dos problemas dos estudos sobre juventude nas Ciências Sociais: definir a juventude antes da pesquisa de campo. Mostra como é possível chegar a uma definição objetiva sem reduzi-la a faixas etárias” (MAIA, R., 2010, p. 46).

O outro item foi observar se discutir o conceito de juventude era parte dos objetivos do documento. Esta foi categoria central para a definição da amostra de artigos, dissertações e teses para análise de conteúdo a ser descrita na etapa seguinte. A definição deste critério foi a

que mais exigiu leituras dos resumos, além de leitura flutuante da obra completa, no caso dos artigos científicos, ou do sumário, no caso das teses e dissertações.

Para classificar os documentos em relação aos fundamentos, verificou-se se definiam teoria, buscando identificar a teoria sob a qual o autor diz que construiu sua análise. No resumo devia haver a menção de que houve um arcabouço teórico que perpassou a análise e as conclusões expressas no artigo. Foram consideradas como válidas duas formas de expressar a existência desse arcabouço. Uma explícita como em Maia, R. (2010, p. 46) quando afirma que para a análise empreendida “o referencial na literatura é a Teoria das Representações Sociais”, e Castro, L. (2009, p. 479), ainda que menos explícito, porém igualmente claro, quando afirma que discutirá os pressupostos da socialização política a partir de “uma teoria identitária de subjetividade”. Outra quando afirma a existência de um referencial a partir de autores, mas não nomeia a teoria específica, como é o caso de Oliveira, M. B. e Rosa (2010, p. 121), quando escreve que a ampliação do entendimento a respeito do fenômeno da violência apoia-se “principalmente em autores como Castel, Chauí, Ianni e Wiewiorka”. Para esses dois tipos de caso, a resposta para este item foi sim, define teoria.

Os fundamentos puderam ser analisados pela verificação da apresentação dos resultados, identificando se tratavam de pesquisa empírica ou discussão teórica, quais as principais descobertas feitas; e existência de discussão, como exercício de comparação dos resultados da pesquisa ou discussão teórica com resultados de outras pesquisas, ou ainda uma reflexão à luz da abordagem teórica ou dos teóricos elencados.

Por fim, os 534 documentos foram analisados em relação ao método de investigação. Todos foram classificados quanto ao tipo de estudo, localizando-os em subcategorias: (a) levantamento, considerado como “estudos sobre um determinado objeto a partir do questionamento de pessoas” (ZANELLA; TITON, 2005, p. 307); (b) dados secundários, entendidos como estudos cujos autores destacam uso de dados provenientes de uma pesquisa direta, um levantamento específico de terceiros, utilizado como fundamento do seu trabalho; (c) teóricos, que de acordo com a definição de Santos, A. T. (1995, apud ZANELLA; TITON, 1995, p. 26) “analisam um determinado objeto de estudo ou conceito à luz de uma revisão de literatura ou de teorias existentes e estudos que realizam análises críticas a respeito de posições teóricas”; (d) estudo de caso, entendidos como “pesquisas que realizam um estudo amplo e exaustivo sobre determinado(s) objeto(s)” (ZANELLA; TITON, 2005, p. 307). Importante observar que algumas pesquisas que fazem levantamento de dados junto a pessoas

foram consideradas estudo de caso somente quando os autores explicitam que o estudo empreendido é do tipo estudo de caso. Temos ainda, (e) levantamento bibliográfico, que são estudos que se caracterizam como estado da arte, ou seja, pesquisas que propõem “mapear e discutir certa produção acadêmica em determinado campo do conhecimento, na tentativa de responder quais aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em determinada época e lugar” (ZANELLA; TITON, 2005, p.306), e, por último, (f) análise documental que, como afirma também Zanella e Titon, (2005, p. 307), “congrega estudos que se caracterizam pela análise de documentos”, como o acréscimo de que nos documentos analisados não está somente a fonte de informação, mas o argumento de análise. Para os que não se encaixavam em nenhuma dessas seis subcategorias, foi estabelecida a subcategoria outros.

Para os itens local e público da pesquisa, foram considerados os informados nos próprios resumos. Alguns resumos não traziam esta informação com muita clareza e foram classificados como indefinidos.

Ainda dentro do quesito método, verificou-se a ocorrência de construção do conjunto de dados diretamente com pessoas por parte do autor, e se, independente da classificação quanto ao tipo de estudo, havia um mínimo de clareza na definição dos procedimentos para se conseguir os dados, proceder a análise, definição de instrumentos e da amostra utilizada.

A classificação dos artigos científicos, dissertações e teses quanto a esse conjunto de critérios, categorias e subcategorias foi registrada em planilha eletrônica *Libre Office*. A geração de estatísticas foi feita com auxílio do programa EPIINFO. (apêndices E e F, p. 208 e 210).

No conjunto dos 163 artigos científicos analisados, este procedimento de refinamento da amostra identificou que 37 artigos tratavam do conceito de juventude, sendo que 17, o abordavam como temática principal e 20 como um dos objetivos a serem discutidos de forma a elucidar melhor o tema proposto.

Dos 126 artigos restantes, 06 não tratavam da temática da juventude como categoria social sob nenhum aspecto; para esses a palavra juventude no título referia-se à forma de se referir às pessoas idosas, e a obras escritas no período de juventude dos pensadores de Marx, Dostoievski e Nietzsche. Os outros 120 apresentavam outra temática como sendo o tema

central, principalmente subjetividades e modos de vida juvenis, política pública para juventude e cultura, mas não referiam tratar do conceito de juventude em si.

Já no conjunto das 371 dissertações e teses, esta fase permitiu identificar que 176 tratam da temática ‘conceito de juventude’, sendo 12 o abordando como eixo central e 164 restantes como um dos objetivos discutidos. Nas 195 restantes o conceito de juventude não era discutido como um dos objetivos.

Além de classificar os artigos, dissertações e teses especialmente em relação ao tema conceito de juventude, esta etapa serviu também para confirmar a presença das características fundamentais que confirmariam os artigos selecionados como material científico.

3.2.2.3 Etapa Análise de Conteúdo

Esse procedimento foi realizado no período de 18/04/2012 a 06/08/2012. É fundamental destacar que todos os 37 artigos selecionados como discutindo o conceito de juventude foram acessados integralmente. Já as teses e dissertações, das 176 selecionadas como discutindo o conceito de juventude, pela leitura dos resumos e do sumário em alguns casos, 24 (~14%) não foram acessadas, sendo 03 teses e 21 dissertações.

A estratégia de acesso se deu pela busca em ambientes virtuais através da *internet*: páginas eletrônicas das bibliotecas depositárias, biblioteca digital denominada ‘Domínio Público’¹³, mantida pelo Ministério da Educação, e outros ambientes virtuais surgidos a partir da inserção do título do trabalho, ou do nome do autor na ferramenta de busca *google*. Em relação a todas as teses e dissertações não acessadas, foram escritas correspondências eletrônicas aos autores, utilizando o endereço disponibilizado no banco de teses da CAPES, no currículo plataforma LATTES do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, nos dados de identificação do pesquisador na página eletrônica do CNPq ou do grupo pesquisa ao qual estava vinculado. Não obtivemos respostas. Em alguns casos, foram tentados, também sem sucesso, contatos através de terceiros que moravam nas

¹³ <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

idades onde se localizavam as bibliotecas depositárias. Portanto, efetivamente foram lidos 189 documentos, sendo 37 artigos científicos, 32 teses e 120 dissertações (Apêndice H, p. 212).

O conteúdo do material selecionado foi analisado, utilizando-se como ferramenta de registro um quadro de análise (apêndice G, página 211) preenchido a partir de uma leitura flutuante utilizada para confirmar a identificação geral do documento, as partes da dissertação, teses ou artigo, do ponto de vista formal, identificando em quais dessas partes aparecia a discussão de juventude. Foi necessária para isso, nova releitura do título, do resumo, das palavras-chave, do sumário e apresentação do documento.

A análise aprofundada ocorreu, no caso dos artigos científicos, leitura completa, para as teses e dissertações, leitura do capítulo ou partes de capítulo onde se localizava a discussão sobre o conceito de juventude. Como a discussão proposta nesta dissertação é conceitual, as distintas leituras serviram para identificar de forma mais precisa a perspectiva teórica adotada para a discussão de juventude, verificando quais referências subsidiam as reflexões teóricas presentes.

Concluída esta leitura aprofundada e as referidas identificações, procurou-se delimitar como o conceito de juventude estava apresentado em cada trabalho, aglutinando, diferenciando ou realizando outros movimentos que foram considerados necessários e pertinentes à reflexão proposta. Estes resultados e análises respectivas encontram-se nos capítulos apresentados a seguir.

4 JUVENTUDE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA NACIONAL DE 2007 A 2011

Este capítulo pretende responder três perguntas que inquietaram esta pesquisa: em relação aos artigos científicos, teses e dissertações, qual é a classificação por grande área do conhecimento? Qual é o ano de maior produção? Quais as tendências geográficas, de produtividade e teórico-metodológicas dessa produção?

A apresentação desses resultados está dividida em três grupos. O primeiro, denominado Grupo Total, representa todos os documentos encontrados na etapa exploratória e filtrados pelos critérios estabelecidos na etapa de garimpagem ou refinamento da amostra. O segundo grupo, denominado Grupo de Análise, está composto pela quantidade de documentos submetidos à leitura do resumo, sumário e leitura flutuante do conteúdo para identificar a relação que possuía com a discussão do conceito de juventude. O terceiro grupo, denominado Conceito de Juventude, contém os documentos que discutem o conceito de juventude e passaram pela análise de conteúdo para fundamentar as discussões e reflexões propostas nesta dissertação. Portanto:

- a) O ‘Grupo Total’ trata das características básicas dos 2.313 documentos catalogados inicialmente (905 documentos dentre artigos e outros tipos, e 1408 teses e dissertações) e foram a base para a definição dos exemplares que passariam pela análise preliminar;
- b) O ‘Grupo de Análise’, por sua vez, apresenta os dados dos 534 documentos (163 artigos e 371 teses e dissertações) que passaram pela análise preliminar, ou seja, leitura do resumo, sumário e leitura flutuante do conteúdo no caso dos artigos científicos;
- c) Já o grupo ‘Conceito de Juventude’, informa os dados dos 213 documentos (37 artigos científicos e 176 dissertações e teses) que de fato foram lidos na sua integralidade e servem de fundamento para o conteúdo dos capítulos que se seguem.

4.1 Dados do Grupo Total

Os 2.313 documentos identificados apontam para o aumento do volume da produção sobre juventude. Impressionou-nos bastante a variedade deste montante, porém, não nos detivemos na análise pormenorizada de todos os tipos de documentos que surgiram por não ser este o propósito desta dissertação.

Na busca por artigos científicos, na etapa exploratória, os 905 documentos que compuseram o total coletado foram definidos após a aplicação de três procedimentos sucessivos e com a utilização de filtros integrados. Esse total encontrado na terceira pesquisa no banco de dados SCIELO através da ferramenta Google acadêmico, é fruto do processo de refinamento, e é plausível considerar que estava presente no conteúdo encontrado as duas primeiras incursões neste mesmo banco de dados, excluindo é claro, pela data de acesso, os documentos disponibilizados nos últimos seis meses do ano de 2011 que só puderam ser acessados de fato nas incursões feitas em 2012. A sucessão dos procedimentos utilizados para a identificação dos artigos científicos pode ser vista com clareza no quadro 01.

Quadro 1 – Resumo do processo de busca no banco de dados *Scielo / Google Acadêmico*, para artigos sobre juventude de acordo critérios definidos para esta dissertação

Identificação da pesquisa	Descritores Utilizados em cada pesquisa	Situação do Descritor no Artigo		Localização dos Descritores no Artigo		Quantidade de Artigos	Mês e Ano da Pesquisa
		Com todas as palavras	Com a frase exata	Em qualquer lugar	No título		
1	Juventude	X		X		10.200	06/11
	Resistência	X		X			
	Psicologia	X		X			
2	Juventude	X		X		1.450	06/11
	Resistência	X		X			
	Psicologia Social		X	X			
3	Juventude(s)	X			X	905	01/12 e 08/12

Fonte: Autor, 2012.

A classificação preliminar dos 905 documentos identificados foi feita com base na informação que aparecia diretamente na página eletrônica do programa de buscas e a partir do acesso direto ao material, pelo enlace disponibilizado. Esta não foi uma identificação difícil, visto que estes dados estavam presentes logo na primeira página do documento. Quando isto não ocorria, fazíamos outras buscas daquele documento, utilizando partes do título, nome dos

autores e outros recursos para identificarmos de forma cabal o tipo de documento em questão. O resultado final desta classificação está disponibilizado no quadro 02.

Como ainda demonstram os números do quadro 02, os documentos que possuíam as características de artigo científico não foram maioria, em torno de 20,66%, o que é compreensível pela amplitude do alcance da ferramenta de busca utilizada dentro de um ambiente virtual também muito amplo.

Pela análise do mesmo quadro pode ser notada uma grande presença de textos publicados em anais de congressos. Entendidos como embriões de dissertações, teses, e também artigos científicos, demonstram o vigor adquirido pelo tema juventude no meio científico. Tanto o volume absoluto, como o relativo dessas publicações sobre juventude em congressos é crescente.

Quadro 2 – Classificação geral quanto ao tipo dos 905 documentos encontrados de acordo processo de busca 3 descrito no quadro 1

Tipo de Documento	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Tipo de Documento	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Artigo científico	187	20,66%	Produções de outros países	23	2,54%
Anais congresso	253	27,96%	Iniciação científica e relatórios de estágio	20	2,21%
Teses e dissertações	122	13,48%	Artigo de dissertação ou tese	18	1,99%
Outros textos	65	7,18%	TCC graduação	18	1,99%
Publicação anterior a 2007	50	5,52%	Somente resumo	16	1,77%
Texto jornalístico	38	4,09%	Resenha crítica e propaganda de livros	12	1,22%
Livro	24	2,65%	Conclusão de especialização	7	0,77%
Resumo de dissertação ou tese	24	2,65%	Sem acesso	4	0,44%
Repetido	23	2,54%	Projeto de pesquisa	3	0,33%
Total – 905					

Fonte: Autor, 2012.

O quadro 03 revela que do total de 253 documentos do tipo anais de congresso, 20 são de 2007 e 89 de 2011, respondendo por aproximadamente respectivos 16% e 46% dos documentos sobre juventude catalogados para cada ano mencionado, excluindo os não acessados, os repetidos, anteriores a 2007 e os de outros países. Fazendo estas mesmas exclusões, analisando o mesmo quadro 03, também aparecem de forma crescente na distribuição total por ano, os documentos sobre juventude encontrados na *internet*, claramente evidenciando à primeira vista uma maior disponibilização, mas também, indicando a possibilidade de estar havendo maior produção sobre o tema. O aumento dos registros sobre juventude em anais de congressos ao longo do período analisado reforça este indicio.

Quadro 3 – Classificação dos documentos de acordo ano de publicação, com destaque específico para os documentos tipo ‘Anais de Congresso’

Ano de Publicação	Geral (incluindo Anais de Congressos)	Anais de Congressos
2007	125	20
2008	144	48
2009	159	35
2010	186	61
2011	191	89
Subtotal	805	253
Não acessados, repetidos, anteriores a 2007 e estrangeiros	100	-
Total	905	253

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

Em relação às teses e dissertações, a maioria do material capturado no banco de dados da CAPES era dissertação de mestrado acadêmico e profissionalizante, representando aproximadamente 82% do total. Quanto ao comportamento da quantidade produzida em relação ao tempo, de uma forma geral, os números também demonstram uma tendência de crescimento nas produções acadêmicas que, de alguma forma, abordam o tema juventude. Há um salto no volume de produção de 2007 para 2008, uma relativa estabilidade nos anos de 2008 a 2010, voltando a crescer de forma significativa em 2011. Apesar deste movimento de aumento e diminuição da produção no intervalo, a tendência geral é de crescimento, considerando que em 2007 obtêm 15,5% da produção e em 2011 26,1%. Isso pode ser observado no quadro 04 abaixo.

Quadro 4 – Dissertações e teses produzidas ao longo dos anos 2007 a 2011 em todas as áreas do conhecimento, que abordam o tema juventude em alguma perspectiva, disponíveis no portal CAPES

Nível	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Doutorado	45	51	45	51	63	255
Mestrado Acadêmico	164	208	222	214	285	1093
Mestrado Profissionalizante	9	6	15	11	19	60
Total absoluto	218	265	282	276	367	1408
Total relativo	15,5%	18,8%	20,0%	19,6%	26,1%	100%

Fonte: Autor, 2012.

Feita a análise dos títulos das teses e dissertações, das 1408 resultaram 408 que traziam a palavra ‘juventude’ no título ou a expressão ‘conceito de juventude’ no resumo. Os detalhes da análise deste desse grupo de documentos serão apresentados mais adiante, no quadro 05 à frente.

No último item de análise neste grupo total de documentos, verificamos se a grande área do conhecimento à qual pertenciam os 187 artigos científicos e 408 dissertações e teses fazia parte das Ciências Humanas, incluindo Linguística, Letras e Artes, e das Ciências Sociais Aplicadas. Esta verificação definiu a composição final do grupo de análise. O descarte foi da ordem de aproximadamente 12% e 6% respectivamente. Na oportunidade, no caso das teses e dissertações, foram identificados também os que tratavam de situações referentes a outros países e os que tiveram seus resumos inacessíveis pelos meios utilizados nesta pesquisa. O resultado resumido desses filtros pode ser visto no quadro 05.

Quadro 5 – Filtros sucessivos aplicados aos documentos que compõem o ‘Grupo Total’, para a definição daqueles que comporiam o grupo de análise

	Artigos Científicos e outros documentos	Teses e Dissertações
Total coletado	905	1408
Com a palavra “juventude” no título ou a expressão “conceito de juventude” no resumo	905	408 (392 + 16)
Classificado como artigo científico	187	NA
Resumo não acessado	-	4
Tratam da realidade de outros países	1	5
Áreas do conhecimento não elegíveis	23	28
Total que compõe grupo de análise	163	371

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

4.2 Dados a respeito dos artigos científicos do Grupo de Análise e do Conceito de Juventude

4.2.1 Identificação geral e publicação

Apresenta-se a análise do volume da produção por autor dos artigos científicos, a vinculação acadêmica e/ou profissional dos veículos de publicação e do primeiro autor, além do ano de publicação desses artigos.

O volume da produção dos artigos científicos por autor ou conjunto de autores, na maioria absoluta dos casos, permanece em uma unidade. Isso ocorre tanto no grupo de análise

como no grupo conceito de juventude, onde em torno de 93% e 94% respectivamente estão nesta situação. O quadro 06 abaixo apresenta esses números.

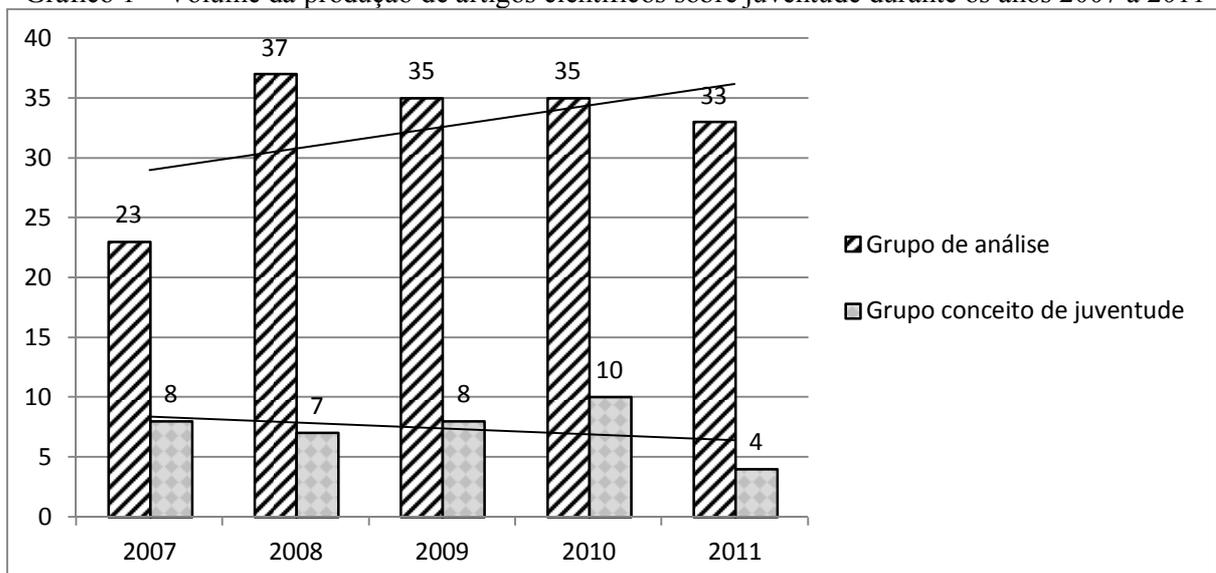
Quadro 6 – Quantidade de primeiros autores classificados em relação à quantidade de artigos com a palavra juventude no título, produzidos no período de 2007 a 2011

Grupo de análise		Grupo Conceito de Juventude	
Nº de autores	Nº de produções	Nº de autores	Nº de produções
3	3	2	2
8	2	33	1
138	1		
149		35	

Fonte: Autor, 2012.

A respeito do comportamento da quantidade produzida ao longo do período analisado, os 163 artigos do grupo de análise apresentam ritmo de produção com uma leve queda em 2011, mas de tendência crescente, tomando o conjunto dos anos analisados. Já dentre os 37 artigos que discutem o conceito de juventude há uma relativa estabilidade de 2007 a 2010, com uma queda acentuada 2011, fato que define a tendência de queda desta característica neste grupo. Em linhas gerais, esse panorama pode significar que o tema juventude vem adquirindo importância crescente na academia ao longo dos últimos cinco anos, em consonância com o observado no grupo total. Considerando-se esses dados, a discussão do conceito não acompanha quantitativamente o desempenho da produção geral a respeito do tema. Como há uma tendência crescente no período 2007 a 2010, será prudente observar posteriormente, utilizando dados também de 2012 para verificar a conformação das tendências. O gráfico 1 abaixo apresenta estes números.

Gráfico 1 – Volume da produção de artigos científicos sobre juventude durante os anos 2007 a 2011



Fonte: Autor, 2012.

Em relação às questões diretamente ligadas à publicação, nos dois grupos de artigos, o veículo mais utilizado foi revista, nas modalidades: somente impressa, com os artigos indexados, versão impressa e eletrônica e versão somente eletrônica. No grupo de análise, cento e sessenta e dois artigos, aproximadamente 99% do total, foram publicados nesse tipo de veículo. O restante, duas ocorrências, está publicado em sites. Já dentro o grupo conceito de juventude, todos estão publicados em revista. No que diz respeito à quantidade de publicações por veículo, para os dois grupos em torno de 85% e 87% respectivamente, ou seja, a maioria, se apresentaram na pesquisa realizada somente com 01 publicação que trazia a palavra juventude no título. Para o restante dos veículos, aproximadamente 10% e 7% aparecem nos respectivos grupos com 02 publicações, 4% e 3% com 03, e com 04 publicações, 1% e 3%. O quadro 07 abaixo apresenta esses números.

Quadro 7 – Quantidade de veículos de publicação classificados por quantidade de títulos com a palavra juventude no título, publicados no período de 2007 a 2011

Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
Quantidade de Veículos de publicação	Quantidade de publicação no período sobre juventude de acordo a pesquisa	Quantidade de Veículos de publicação	Quantidade de publicação no período sobre juventude de acordo a pesquisa
114	1	26	1
13	2	2	2
5	3	1	3
2	4	1	4
134	163	30	37

Fonte: Autor, 2012.

Os vínculos dos veículos de publicação e do primeiro autor de cada artigo estão expostos no quadro 08 a seguir. Tanto os veículos de publicação como os autores possuem vínculos, na sua maioria, com instituições de ensino superior com destaque para as universidades públicas e particulares. Isto ocorre, nos dois casos, tanto com os documentos do grupo de análise como os do grupo conceito de juventude. No primeiro grupo, dos 134 veículos, 88 se vinculam a universidades, e dos 149 autores, 121 possuem este vínculo. No segundo grupo, a razão entre os números é de 21 em 30 nos casos dos veículos de publicação, e 28 em 35, em relação aos autores.

Em termos quantitativos, os demais tipos de vínculos não se apresentam muito relevantes. As associações de profissionais e pesquisadores, bem como as empresas, por exemplo, somente aparecem no grupo de análise. Já os vínculos com órgãos executivos de governos, especialmente Governo Federal, aparecem nos dois grupos, tanto com autores como com veículos de publicação, mas alcançam um volume pouco expressivo.

Sobre a localização geográfica da instituição à qual se vinculava o primeiro autor, para ambos os grupos, a ampla maioria está no Sudeste, alcançando em média, aproximadamente 62%. Na sequência vêm a região Sul, com percentuais em torno de 14% e 11% nos respectivos grupos de análise e conceito de juventude. A região Nordeste aparece em terceiro lugar com quase 12% e 16% respectivamente. A região Centro Oeste com 9% e 11% em cada grupo, e por fim a região Norte aparecendo somente no grupo de análise com 01 ocorrência, representando 0,6%.

Quadro 8 – Tipos de vínculo dos veículos de publicação e do primeiro autor de cada artigo, e quantidade de artigos relacionados a cada um

Tipo de Vínculo	Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
	Veículos	Autores	Veículos	Autores
Universidades	87	120	21	28
Centros Universitários e Faculdades	23	18	4	3
Associações	14	1	3	-
Governos	7	10	2	4
Empresas	3	2	-	-
Total	134	151 ¹⁴	30	35

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

4.2.2 Tema

Neste item verifica-se a área de conhecimento à qual se vincula o artigo considerando a vinculação do primeiro autor, a presença da palavra juventude dentre as palavras chave, o tema principal discutido e se o conceito de juventude é o tema principal ou um dos objetivos do artigo.

Considerando os parâmetros da pesquisa, a maioria dos artigos produzidos no período está vinculada à área da Educação, com um percentual em torno dos 23% e 24% no grupo de análise e conceito de juventude respectivamente. No grupo de análise, em segundo lugar aparece a Psicologia, inclusive a Psicologia Social, com aproximadamente 15% e em terceiro a Sociologia em torno de 13,5%. No grupo conceito de juventude, essas posições se invertem, tendo a Sociologia uma produção a mais. Há uma área denominada Ciências Sociais que

¹⁴ São ao todo 149 autores, mas, neste caso, dois autores publicaram mais de uma vez estando com vínculos distintos nestas ocasiões.

ocupa um lugar de destaque, o quarto lugar no segundo grupo, contudo, com esta nomenclatura ela não figura na lista da CAPES utilizada como parâmetro de classificação das áreas de conhecimento nesta dissertação. É sabido que esta área está associada à Sociologia, Antropologia ou Ciência Política, ou às três como formação mais genérica nos três campos. Houvesse uma definição neste sentido, certamente poderia haver modificações entre o segundo e o terceiro lugares. O quadro 09 a seguir evidencia estes dados.

Quadro 9 – Artigos científicos classificados em relação à área de conhecimento à qual se vincula o primeiro autor

Área do Conhecimento	Grupo de Análise		Grupo Conceito Juventude	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Educação	37	22,70%	9	24,32%
Psicologia	24	14,72%	6	16,22%
Sociologia	22	13,50%	7	18,92%
História	12	7,36%		13,51%
Ciências Sociais	10	6,13%	3	8,11%
Comunicação	10	6,13%	3	8,11%
Antropologia	9	5,52%	3	8,11%
Direito	6	3,68%	-	-
Filosofia	4	2,45%	1	2,70%
Ciência Política	3	1,84%	1	2,70%
Geografia	3	1,84%	2	5,41%
Letras	3	1,84%	-	-
Serviço social	3	1,84%	1	2,70%
Ciência da Informação	2	1,23%	-	-
Economia	2	1,23%	-	-
Linguística	2	1,23%	-	-
Música	2	1,23%	-	-
Teologia	2	1,23%	-	-
Áreas com uma ocorrência ¹⁵	7	4,29%	1	2,70%
Total – Absoluto / Relativo	163	100,00%	37	100%

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

As palavras chave foram outro item considerado dentro da categoria tema, para classificação dos artigos científicos. No grupo de análise, 09 artigos (~5,5%) não possuíam. Já no grupo conceito de juventude a ausência de palavras chave ocorre em 04 artigos (~11%). Pelo que foi observado, a ausência está relacionada às características do veículo de publicação que não as inseriam na apresentação final do artigo. Dos artigos que possuíam palavras chave, em torno de 75% e 87% para o grupo de análise e grupo conceito de juventude respectivamente, traziam a palavra juventude, sozinha ou como parte de uma expressão.

¹⁵ Administração Pública; Ciência da Religião; Demografia; Gestão social, Educação e Desenvolvimento Local; Política Social; Turismo; Urbanismo.

Em relação aos temas principais aos quais se dedicam os artigos, a discussão específica de juventude se apresenta, individualmente, como o tema mais recorrente. O número absoluto é igual nos dois grupos de artigos, que são 17 unidades, o que representa em torno de 10% e 46% respectivamente. Aparecem de forma significativa, nos dois grupos também, os temas ligados às discussões políticas, sejam no âmbito das políticas públicas ou da formação sociopolítica, e os vinculados à Psicologia Social, discutindo representações sociais, processos de socialização, subjetividades juvenis e atribuição de sentido. Este último corrobora com a importância demonstrada pela Psicologia nesta amostra de artigos científicos, considerando a vinculação do primeiro autor, conforme dado apresentado no quadro anterior.

A reflexão sobre o tema foi o aspecto chave na classificação e escolha dos artigos científicos que passarão pela análise de conteúdo. Ao verificar qual o tema principal estava sendo abordado no artigo, estabelecia a condição em que se dava a discussão do conceito de juventude: como razão de ser do artigo ou parte dos objetivos enunciados pelo autor. O quadro 10 abaixo apresenta os dados de vinculação dos artigos científicos em relação ao tema, e, conseqüentemente, em relação a ter juventude como tema central e à discussão desse conceito.

Quadro 10 – Artigos científicos classificados em relação ao tema principal de discussão

Tema	Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Juventude	17	10,43%	17	45,95%
Educação, formação, escola, escolarização	17	10,43%	2	5,41%
Cultura	14	8,59%	1	2,70%
Política pública	14	8,59%	3	8,11%
Subjetividades juvenis, modos de vida	14	8,59%	3	8,11%
Trabalho	12	7,36%	2	5,41%
Direitos sociais, da criança, adolescente e juventude	11	6,75%	-	-
Protagonismo juvenil, formação sociopolítica	11	6,75%	2	5,41%
Representações sociais	10	6,13%	2	5,41%
Grupos, relacionamentos e comportamento	8	4,91%	-	-
Processos de socialização	8	4,91%	1	2,70%
Violência	7	4,29%	1	2,70%
Comunicação	6	3,68%	2	5,41%
Organizações e grupos	5	3,07%	-	-
Outros	4	2,45%	1	2,70%
Atribuição de sentido	4	2,45%	-	-
Avaliação de políticas públicas, programas e projetos	1	0,61%	-	-
Total Absoluto / Relativo	163	100%	37	100%

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

4.2.3 Fundamentos

Os resumos dos artigos científicos foram analisados também quanto à definição explícita de teoria, ou indícios de um arcabouço de ideias que fundamentassem o olhar sobre a realidade analisada e as conclusões a respeito dela. Do conjunto total dos artigos pertencentes ao grupo de análise, aproximadamente 31% apresenta no resumo analisado, a definição de um quadro teórico como fundamento da discussão proposta. Ao restringir a análise aos artigos que discutem o conceito de juventude, esse percentual sobe muito pouco, permanecendo abaixo da metade, ficando em torno de 32%.

Esses percentuais dizem respeito ao total de artigos que apresentam em seus resumos, pelo menos uma menção geral sobre as questões teóricas *a priori*. Os que de fato nomeiam uma teoria estão em número menor, atingindo em torno de 18% e 27% respectivamente nos grupos de análise e conceito de juventude.

Como exemplo dos resumos de artigos classificados como aqueles que afirmam um arcabouço teórico, mas não o explicitam, é o caso de Lopes, C. (2007) ao afirmar que o trabalho “está alicerçado no conceito de sagrado, mais especificamente, na função do espaço sagrado na formação da identidade e seu papel na construção do ser” (p. 1). Por outro lado, há os que nomearam a opção teórica escolhida, como é o caso de Zucchetti e Bergamaschi (2007, p. 213), ao informarem que o “artigo pretende refletir sobre as construções sociais da infância e da juventude enquanto categorias históricas, sociais e culturais. Dessa forma, essas fases da vida não podem ser pensadas como universais, à medida que se apresentam, ao mesmo tempo, como plurais e diversas”.

Quanto à apresentação e discussão dos resultados, percebe-se a ocorrência de uma inversão entre essas duas categorias. A maioria dos resumos traz a discussão de resultados e de hipóteses levantadas inicialmente, apontando conclusões a partir do estudo feito, contra uma minoria que não apresenta especificamente os resultados do trabalho desenvolvido. O quadro 11 à frente apresenta esses dados.

Quadro 11 – Artigos científicos classificados em relação à apresentação e discussão dos resultados no resumo

	Apresentação de Resultados		Discussão	
	Grupo de Análise	Grupo Conceito Juventude	Grupo de Análise	Grupo Conceito Juventude
Não	60,7%	62,2%	36,8%	43,2%
Sim	39,3%	37,8%	63,2%	56,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

4.2.4 Método

Por fim, os resumos foram analisados em relação ao método, ampliado aqui para englobar o tipo de estudo realizado, o lócus onde a investigação foi empreendida, o público afetado ou diretamente envolvido, ainda, a presença de informações sobre os processos de coleta e análise dos dados, instrumentos utilizados e definição de amostra.

No quadro 12, a seguir, observa-se uma predominância dos estudos teóricos e de levantamento, que, juntos, chegam a aproximadamente 65% do total em ambos os grupos. A reflexão sobre juventude foi feita tanto a partir de uma realidade empírica específica, naqueles artigos que não priorizaram a discussão do conceito de juventude, como a partir de uma revisão pressupostos teóricos, especialmente dentre os que priorizaram a discussão do conceito de juventude.

Em relação à coleta de dados com pessoas, as pesquisas que não utilizam desse procedimento é maioria nos dois grupos. No grupo de análise, por exemplo, são quase 63% e no grupo conceito de juventude se aproxima dos 84%. Os percentuais seriam certamente um pouco diferentes, caso não ocorressem os casos de indefinição como o de Sofiati (2008), que resume o artigo que escreve da seguinte forma:

O objeto deste artigo é investigar o processo de formação da PJB¹⁶, isto é, seu método pedagógico e suas opções políticas. A análise se desenvolve a partir de uma contextualização histórica que busca identificar as mudanças ocorridas no método da PJB nas décadas de 1980 e 1990. Conclui-se que, durante os anos 1980, a PJB enfatizava a dimensão política em suas atividades de formação e participava dos diversos movimentos sociais que se organizavam em torno da proposta de

¹⁶ Pastoral da Juventude do Brasil.

redemocratização do Brasil. No entanto, nos anos 1990 ocorre uma reformulação do método, o qual passa a direcionar a formação para as dimensões pessoal e teológica, com uma prática voltada para o interior da Igreja Católica (SOFIATI, 2008, p. 73).

Ou seja, há pelo menos duas possibilidades metodológicas distintas presentes no texto. A investigação pode ter se dado através de uma revisão documental com ou sem consulta direta a pessoas membros, ativos ou não, da Pastoral da Juventude do Brasil. Essa pouca clareza na descrição do método ocorre em outros casos. Contudo, também há casos como os de Hara (2007, p. 267) cuja leitura do resumo de vinte e quatro palavras não deixa margem para qualquer dedução de possibilidades em relação ao método. Ao resumir o artigo que possui o título de “Mídia, singularidade e juventude”, escreve: “Este texto é uma tentativa de imaginar outras possibilidades de fazer rádio. Uma escuta cuidadosa para o que se apresenta como singular e indócil”.

Essas indefinições foram dissipadas, para o grupo conceito de juventude, durante a fase de análise de conteúdo, onde se procedeu a leitura completa dos artigos científicos que compõem este grupo.

Quadro 12 – Artigos classificados em relação ao tipo de estudo

Categorias	Grupo de Análise	Grupo Conceito de Juventude
Levantamento	34,4%	10,8%
Teórico	31,3%	54,1%
Análise documental	15,3%	10,8%
Dados secundários	9,2%	10,8%
Estudo de caso	4,9%	5,4%
Pesquisa bibliográfica	4,9%	8,1%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

Inserir a discussão proposta sobre juventude no âmbito da sociedade contemporânea, brasileira, regional ou global, foi o local de pesquisa mais recorrente entre os artigos pesquisados, atingindo 28,22% dos textos do grupo de análise e 45,95% do grupo conceito de juventude, em consonância com o peso que os estudos do tipo teórico tiveram em cada grupo. Esse percentual aumenta ao considerar os que dentro das categorias escola e ambiente virtual, literatura e mídias também afirmam que a discussão empreendida é sobre a educação contemporânea, no Brasil, ou sobre os efeitos ou relações de determinada mídia com a sociedade como um todo. Esses dados podem ser observados no quadro13 a seguir.

Quadro 13 – Artigos científicos classificados em relação ao local foco da pesquisa

Categorias	Quantidade	%	Quantidade	%
Sociedade Contemporânea, Contexto Nacional, América Latina, Global	46	28,22%	17	45,95%
Contexto urbano Metropolitano	33	20,25%	6	16,22%
Escola	23	14,11%	5	13,51%
Ambiente virtual, literatura e mídias	20	12,27%	2	5,41%
Projetos, Programas sociais e Instituições	16	9,82%	3	8,11%
Organizações e grupos	15	9,20%	1	2,70%
Local de trabalho, Empresas e Bancos	6	3,68%	3	8,11%
Contexto rural	4	2,45%	-	-
Total	163	100%	37	100%

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

Com relação ao público tratado prioritariamente no estudo, a análise dos resumos aponta na direção dos jovens e da juventude, com um percentual de aproximadamente 85% e 89%, respectivamente, em cada um dos grupos de artigos, conforme o quadro 14 abaixo. Considerando as demais definições mistas de público, o direcionamento ao público jovem alcança aproximadamente 90% em ambos os grupos. Apesar de parecer uma obviedade, mostra que o tema juventude está sendo estudado a partir do grupo social composto pelo que se denominam de jovens.

Quadro 14 – Artigos classificados em relação ao público abordado prioritariamente no estudo

Tipos de público	Grupo de Análise	Grupo Conceito de Juventude
Jovens / Juventude	84,7%	89,2%
Adultos	6,7%	5,4%
Jovens e adultos	4,9%	2,7%
Movimento social	0,6%	2,7%
Estudantes e Educadores	0,6%	-
Outro	2,5%	-
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

Os últimos itens analisados no quesito método foram os procedimentos de coleta, análise, definição de instrumentos e critérios de amostra. A preponderância em todos os itens é de que os resumos não explicitam de forma clara esses procedimentos básicos da pesquisa. A exceção é somente para os procedimentos gerais de coleta, que para o conjunto de artigos que compõem o grupo conceito de juventude, são maioria os que apresentam tais definições, como demonstra o quadro 15 na página seguinte.

Os elementos menos evidenciados nos resumos foram os instrumentos, ocorrendo em muitos casos, uma especificação somente parcial, considerando a multiplicidade de procedimentos descritos.

Faz-se necessário relatar que esses itens de procedimentos metodológicos não foram considerados exclusivamente para os resumos que apresentavam coleta de dados diretamente com pessoas. Todos os tipos de estudo foram submetidos a essa análise, considerando que a seu modo, todos devem definir o percurso trilhado para a definição, descrição e análise do objeto de estudo.

Quadro 15 – Artigos científicos classificados em relação aos procedimentos de coleta, amostra, análise e definição de instrumentos

Categorias	Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
	Sim	Não	Sim	Não
Define procedimentos de:				
Coleta	57,1%	42,9%	43,2%	56,8%
Amostra	18,4%	81,3%	16,2%	83,8%
Análise	14,7%	85,3%	5,4%	94,6%
Instrumentos	10,4%	89,6%	2,7%	97,3%

Fonte: Autor, 2012.

4.3 Dados a respeito das dissertações e teses do Grupo de Análise e do Grupo Conceito de Juventude

A apresentação que se segue refere-se aos resultados da análise de 303 dissertações e 68 teses que possuem a palavra “juventude” no título ou apresentam a expressão “conceito de juventude” no resumo, mesmo não tendo a palavra juventude no título.

Assim, como no caso dos artigos científicos, o material analisado foi separado em dois grupos. O grupo de análise, composto por todos os 371 documentos, e o conjunto de documentos que discute o conceito de juventude, grupo conceito de juventude, composto por 176 documentos.

4.3.1 Identificação geral e publicação

Da mesma forma como nos artigos científicos, neste item são analisados o volume da produção por autor das teses e dissertações, o volume de orientações por orientador e o ano de defesa das dissertações e teses.

Em relação volume, todos os autores são responsáveis por somente um documento. Não há casos em que o mesmo autor responda por uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado no conjunto de documentos analisados. A hipótese mais plausível é que o intervalo de 05 anos não foi suficiente para que as pessoas que terminaram o mestrado em 2007, que é o primeiro ano do intervalo considerado para a coleta de documentos, entrassem no doutorado e tivessem defendido tese já em 2011, último ano do intervalo temporal desta pesquisa.

Já com relação à orientação, ocorre uma situação um pouco diferente. São 309 orientadores para 371 orientados, no caso do grupo de análise. No grupo conceito de juventude a relação é de 155 orientadores para 176 orientados. No primeiro grupo quase 16% dos orientadores fazem mais de uma orientação e, no segundo grupo, isso ocorre com pouco mais de 12%. O quadro 16 abaixo evidencia esses dados.

Quadro 16 – Orientadores classificados em relação à quantidade de trabalhos orientados sobre juventude, no período de 2007 a 2011

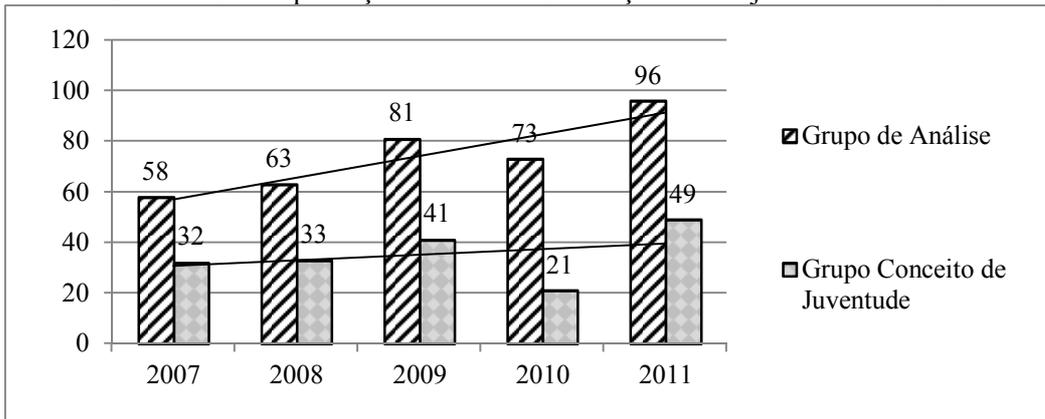
Orientadores	Grupo de Análise	Grupo Conceito de Juventude
Uma orientação	84,5%	87,7%
Duas orientações	12,0%	11,0%
Três orientações	2,9%	1,3%
Quatro orientações	0,3%	-
Cinco orientações	0,3%	-
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

A produção de dissertações e teses verificadas nos dois grupos ao longo do período analisado, no geral, apresenta uma inclinação ao crescimento, com uma leve queda em 2010 que não compromete a tendência, como está demonstrado no gráfico 2 abaixo. Analisando isoladamente, a discussão sobre juventude, tanto geral como do conceito, aparece mais crescente nas dissertações do que nas teses. Como essas teses são reflexos das produções dos mestrados anteriores a 2007, duas hipóteses podem ser consideradas: a primeira é que o tema juventude pode não ter sido muito profícuo nos mestrados do período. A segunda hipótese é que, tendo sido um tema consideravelmente trabalhado nos mestrados, houve uma baixa taxa de seguimento do tema para o doutorado. Pelo menos a primeira hipótese pode ser descartada na análise do comportamento quantitativo das teses pós 2011 que discutem sobre juventude.

Gráfico 2 – Volume da produção de teses e dissertações sobre juventude durante os anos 2007 a 2011



Fonte: Autor, 2012.

Em relação ao local de titulação, como apresentado no quadro 17 abaixo, 16 dentre 69 instituições do ensino superior concentraram, no período pesquisado, aproximadamente 65% do total da produção acadêmica sobre juventude, considerando as 371 produções do grupo de análise. No grupo conceito de juventude, esta mesma quantidade, em um total de 53, concentra 63% do total produzido.

Quadro 17 – Quantidade e dissertações e teses sobre juventude, por instituição de ensino superior

Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
Universidades	Frequência	Universidades	Frequência
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP	25	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP	15
Universidade de São Paulo – USP	19	Universidade de Brasília – UNB	9
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ	18	Universidade Federal da Bahia – UFBA	8
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	17	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	8
Universidade Federal do Ceará – UFC	15	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	8
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	15	FURG	7
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	13	Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ	7
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	13	Universidade de São Paulo – USP	7
Universidade Federal Fluminense – UFF	11	Universidade Federal do Ceará – UFC	6
Universidade Federal da Paraíba – UFPB	11	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	6
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	11	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN	6
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	11	Instituições de Ensino Superior com 05 trabalhos ou menos	89
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN	11		
Universidade de Brasília – UNB	11		
Instituições de Ensino Superior com 10 trabalhos ou menos	170		
Total	371	Total	176

Fonte: Autor, 2012.

Há uma predominância das universidades e outras instituições de ensino superior localizadas no Sudeste. Em torno de 50% da produção, em ambos os grupos, estão vinculados às instituições desta região brasileira. A região Nordeste aparece em segundo, tanto na produção geral como na que se refere ao conceito de juventude. Em terceiro, nos dois grupos estão na região Sul, seguida pelas regiões Centro Oeste e Norte.

4.3.2 Tema

Neste item, verifica-se a área de conhecimento à qual se vincula o trabalho, a presença da palavra juventude dentre as palavras chave, o tema principal discutido e se o conceito de juventude é o tema principal ou um dos objetivos discutidos.

Em ambos os grupos, a área de Educação é a que mais concentra o número de dissertações e teses. No grupo de análise isso ocorre com 32,9% dos trabalhos e com 35,8% no grupo conceito de juventude. A área de Sociologia ocupa o segundo lugar com 17,3% e 21,0% respectivamente. O vínculo às áreas da Psicologia e Serviço Social ocupa o terceiro lugar no primeiro grupo, com 8,6%, mas no grupo que discute o conceito de juventude, a Psicologia com 9,7% dos trabalhos vinculados ocupa isoladamente a terceira posição. O quadro 18 abaixo demonstra estes dados.

Quadro 18 – Teses e dissertações classificadas por área de conhecimento

Grupo de Análise			Grupo Conceito de Juventude		
Áreas do Conhecimento	Quantidade	%	Áreas do Conhecimento	Quantidade	%
Educação	122	32,9%	Educação	63	35,8%
Sociologia	64	17,3%	Sociologia	37	21,0%
Psicologia / Psicologia Social	32	8,6%	Psicologia Social	17	9,7%
Serviço Social	32	8,6%	Serviço Social	13	7,4%
Comunicação	22	5,9%	Comunicação	10	5,7%
Política (Ciência Política e Política Pública)	19	5,1%	Ciência Política	9	5,1%
História	18	4,9%			
Ciências da Religião e Teologia	12	3,2%	Teologia	5	2,8%
Administração	11	3,0%	Administração	4	2,3%
Outras áreas com 07 ocorrências ou menos	39	10,5%	Outras áreas com 3 ocorrências ou menos	18	10,2%
Total	371	100,0%	Total	176	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

Em relação ao uso de palavras chave, todos os trabalhos analisados possuem este componente de identificação, mesmo àqueles que não possuíam resumos e foram descartados inicialmente da análise. Em ambos os grupos, a maioria possui a palavra juventude, sozinha, ou como parte de uma expressão, dentre as palavras chave, como pode ser observado no quadro 19 abaixo.

Nesse mesmo quadro pode ser visto também que, apesar da vinculação com o tema juventude, expressa no título e pela presença da expressão conceito de juventude no resumo, a minoria, de fato, discute o conceito de juventude. Apesar de a juventude fazer parte em alguma medida do conteúdo de todos os 371 trabalhos analisados, pela leitura dos resumos e de alguns sumários percebe-se que, na maioria dos casos, ele está vinculado a outro tema.

Quadro 19 – Dissertações e teses em relação à discussão do conceito de juventude

Categorias	Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
	Sim	Não	Sim	Não
Juventude como palavra chave	234 (63%)	137 (37%)	136 (77%)	40 (23%)
Possuem como tema principal a discussão do conceito de juventude	11 (3%)	360 (97%)	11(6%)	165 (94%)
Possuem a discussão do conceito de juventude como um dos objetivos	176 (47%)	195 (53%)	-	-

Fonte: Autor, 2012.

Como se observa no quadro 20 na página seguinte, os três principais blocos temáticos dos trabalhos são: educação, formação, escola, escolarização; subjetividades juvenis e modos de vida; e política pública, no grupo de análise. Por sua vez, no grupo conceito de juventude os mesmos dois primeiros grupos temáticos, acrescido do grupo protagonismo juvenil, formação sociopolítica. Para aproximadamente 36% e 34% dos respectivos grupos, a discussão de juventude se vincula ou se subordina, principalmente, a estes temas.

Quadro 20 – Grandes temas aos quais as teses e dissertações se vinculam

Temas	Quantidade	%	Quantidade	%
Educação, formação, escola, escolarização	48	12,94%	22	12,50%
Subjetividades juvenis, modos de vida	40	10,78%	22	12,50%
Política Pública	37	9,97%	19	10,80%
Protagonismo juvenil, formação sociopolítica	34	9,16%	20	11,36%
Atribuição de sentidos	32	8,63%	15	8,52%
Organizações e grupos	23	6,20%	7	3,98%
Representações Sociais	22	5,93%	12	6,82%
Trabalho	22	5,93%	10	5,68%
Avaliação de políticas públicas, programas e projetos	21	5,66%	13	7,39%
Processos de socialização	21	5,66%	8	4,55%
Cultura	17	4,58%	5	2,84%
Grupos, relacionamentos e comportamento	15	4,04%	7	3,98%
Conceito de Juventude	11	3,23%	11	6,25%
Direitos sociais, da criança, adolescente e juventude	9	2,43%	1	0,57%
Violência	7	1,89%	1	0,57%
Outro	7	1,62%		
Comunicação	5	1,35%	3	1,70%
Total	371	100,00%	176	100%

Fonte: Autor, 2012.

4.3.3 Fundamentos

Os resumos das dissertações e teses também foram analisados em relação aos pressupostos teóricos implícitos ou explícitos, devendo haver, pelo menos, uma menção a eles, mesmo que não ocorresse a nomeação exata.

Dentre os que fazem uma menção que assegura já no resumo a existência de um corpo teórico fundamental, mas não o definem de forma específica, pode ser mencionado Pecora (2007, p. 4) quando esclarece que o estudo empreendido para analisar as “memórias e representações sociais sobre Cuiabá (...) e sobre a juventude” se fundamenta teoricamente “numa articulação entre proposições acerca da memória social, das representações sociais e do fenômeno das gerações”.

Já os que definem de forma mais clara o arcabouço teórico podem ser ilustrados por Branco (2008, p. 5) quando afirma que para estudar os “movimentos culturais de juventude em um período que se inicia na década de 60 até meados de 70 e (...) compreender como se deram as disposições participativas dos jovens” analisa algumas expressões artísticas do

período “identificadas como arte engajada de protesto, tomando por base o conceito de estrutura de sentimento de Raymond Williams”.

Esta menção simples ocorre em aproximadamente 37% no grupo de análise e em torno de 42% dentre os que discutem o conceito de juventude, como pode ser observado no quadro 21 a seguir.

Quadro 21 – Dissertações e teses classificadas em relação à definição de teoria

Definem Teoria	Grupo de Análise	Grupo Conceito de Juventude
Não	63%	58%
Sim	37%	42%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

A maioria das dissertações e teses coletadas na pesquisa apresenta e discute resultados nos resumos, ainda que parcialmente. Nos dois grupos de documentos o percentual dos que apresentam resultados está em 62% e 69% e dos que discutem os resultados é 70% e 73%. Há uma diferença entre os percentuais dos que apresentam resultados e os percentuais dos que discutem os resultados, denotando a prática separada desses dois itens interdependentes. O quadro 22 abaixo apresenta esses dados.

Quadro 22 – Dissertações e teses classificadas em relação à apresentação e discussão dos resultados

	Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
	Apresentam resultados	Apresentam discussão	Apresentam resultados	Apresentam discussão
Sim	62%	70%	69%	73%
Não	38%	30%	31%	27%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

4.3.4 Método

Por fim, os resumos das dissertações e teses também foram analisados em relação ao método, da mesma forma, ampliado para englobar o tipo de estudo realizado, o lócus onde a investigação foi empreendida, o público afetado ou diretamente envolvido.

A coleta empírica de dados diretamente com pessoas marca a maioria das dissertações e teses em ambos os grupos. Todos os estudos do tipo levantamento e alguns do tipo estudo

de caso possuem esta característica. Para alguns trabalhos, não foi possível definir o tipo de estudo empreendido pela leitura do resumo somente, tendo sido necessário complementar o banco de dados após a leitura flutuante de algumas partes do documento, especialmente o capítulo de método.

Quadro 23 – Dissertações e teses classificadas em relação ao tipo de estudo

	Grupo de Análise	Grupo Conceito de Juventude
Levantamento	64,8%	72,7%
Análise documental	18,6%	14,8%
Teórico	7,3%	6,3%
Estudo de caso	6,7%	4,5%
Dados secundários	1,3%	1,1%
Bibliográfico	1,3%	0,6%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

Quanto ao *lôcus* da pesquisa, cujos dados estão no quadro 24 a seguir, a maior parte dos estudos foi realizada em ambientes de contexto urbano não específico, principalmente os metropolitanos, escola e, organizações e grupos. Os grupos de documentos aparecem com percentuais próximos: aproximadamente 19%, 18% e 15% no grupo de análise e 17%, 23% e 15% no conceito de juventude. A escola, no segundo grupo, é o local preponderante de ocorrência das pesquisas. Esses três primeiros ambientes contemplam mais de 50% dos estudos empreendidos.

Quadro 24 – Dissertações e teses classificadas em relação ao *lôcus* da pesquisa

Local da Pesquisa	Grupo de Análise		Conceito de Juventude	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Contexto urbano não específico	70	18,9%	30	17,0%
Escola	68	18,3%	40	22,7%
Organizações e grupos	57	15,4%	26	14,8%
Ambiente virtual, literatura e mídias	46	12,4%	19	10,8%
Projetos e programas sociais	39	10,5%	23	13,1%
Contexto estadual ou nacional	23	6,2%	10	5,7%
Rural	19	5,1%	11	6,3%
Poder judiciário	12	3,2%	3	1,7%
Conselhos da juventude	10	2,7%	4	2,3%
Instituições públicas	10	2,7%	4	2,3%
Movimento social	9	2,4%	4	2,3%
Contexto Internacional	5	1,3%	1	0,6%
Empresa	3	0,8%	1	0,6%
Total	371	100,0%	176	100,0%

Fonte: Autor, 2012.

O público alvo principal dos estudos empreendidos foi o jovem, principalmente, no grupo conceito de juventude, no qual este percentual chega a quase 83%. A diferença para os

demais grupos alvo dos estudos é grande, especialmente, se considerar que os jovens estão presentes ainda nos grupos denominados jovens e adultos, crianças e jovens, e sociedade.

Na identificação outros, por exemplo, Dias (2007), que empreende um estudo teórico na área da literatura, abordando a interação autor/leitor e, mesmo definindo um *locus* específico, não define o público.

Quadro 25 – Dissertações e teses classificadas em relação ao público alvo do estudo

	Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
	Sim	Não	Sim	Não
Jovens	74,0%		83,5%	
Adultos	9,4%		6,3%	
Jovens e Adultos	10,2%		9,1%	
Crianças e Jovens	2,7%		1,1%	
Sociedade	0,5%		-	
Outros	3,2%		-	
Total	100,0%		100,0%	

Fonte: Autor, 2012.

Nota: 1) Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

Como descrito anteriormente, a maior parte dos trabalhos analisados apresenta estudos, cujos dados empíricos foram obtidos através de procedimentos diretos com pessoas. No caso das dissertações e teses que compõem o grupo conceito de juventude, esse percentual ultrapassa os 72%. Com relação à descrição dos procedimentos, chama à atenção, a quantidade de trabalhos, cujos resumos não permitem definir a respeito disso.

Em relação aos procedimentos de construção do conjunto de dados, definição de amostra, procedimentos de análise e estabelecimento de instrumentos, em ambos os grupos, a maioria dos resumos das dissertações e teses não apresenta tais esclarecimentos, salvo em relação aos procedimentos de coleta, para os quais mais de 83% dos resumos nos dois grupos apresentam comentários a esse respeito. Os demais itens aparecem com percentuais entre 26% e 31% em ambos os grupos.

Quadro 26 – Dissertações e teses classificadas em relação aos procedimentos de coleta, amostra, análise e definição de instrumentos

Categorias	Grupo de Análise		Grupo Conceito de Juventude	
	Sim	Não	Sim	Não
Define procedimentos de:				
Coleta	83,0%	17,0%	87,0%	13,0%
Amostra	26,0%	74,0%	26,0%	74,0%
Análise	29,0%	71,0%	29,0%	71,0%
Instrumentos	26,0%	74,0%	31,0%	69,0%

Fonte: Autor, 2012.

4.4 Apontamentos e sínteses

Após esta exposição que resume características da produção sobre juventude, consideradas significativas para esta dissertação, avalia-se importante retomar as questões que inquietaram esta pesquisa e orientaram a elaboração deste capítulo. A primeira é sobre a classificação por grande área do conhecimento. Em relação aos artigos científicos, teses e dissertações, nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a Educação se destaca em primeiro lugar, sendo responsável por quase um quarto das publicações analisadas, em especial dentre aquelas que discutem o conceito de juventude.

A Educação já estava indicada nos estudos coordenados pela professora Marília Pontes Sposito e publicados em 2002 e 2009, como a que mais produz sobre juventude, seguida pela Sociologia e Serviço Social em segundo e terceiro lugar respectivamente. Nosso estudo também evidencia a Educação e a Sociologia em primeiro e segundo lugar tanto na produção geral sobre juventude como na discussão desse conceito, porém, a terceira posição na discussão do conceito de juventude é ocupada pela Psicologia em termos de volume produzido no período de 2007 a 2011, à frente do Serviço Social e de outras produções importantes neste tema como a Antropologia e a Ciência Política.

Essa preponderância da Educação e Sociologia nas produções sobre a juventude e o avanço da Psicologia é também corroborado pela comparação com as pesquisas de Hayashi, M.; Hayashi, C. e Martniez (2008) e Weisheimer (2005). Este último, com a peculiaridade de tratar especificamente da juventude rural, apresenta a Sociologia como principal produtora a respeito deste tema e Educação figurando em segundo, não estando a Psicologia como uma das áreas às quais se vinculam as 50 obras que analisa.

Quanto ao volume de produção sobre juventude, todas as modalidades de documentos analisados apresentam uma tendência de crescimento. No que diz respeito ao conceito de juventude, o volume das dissertações, destaca-se em relação às teses e aos artigos. O ano de maior destaque é variado, dependendo do tipo de documento. Para os acadêmicos, 2011 é o ano que tem maior intensidade na produção. Quanto aos artigos científicos, 2008, 2009 e 2010 aparecem como similares, com destaque para 2010. Este é um ano em que se gerou maior discussão sobre o conceito de juventude neste tipo de produção.

Esta situação de crescimento quantitativo, somada ao fato de as mesmas áreas do conhecimento permanecerem, ao longo dos últimos treze anos, tomando como base Sposito (2002, 2009), refletindo e produzindo progressivamente sobre juventude, seu conceito e assuntos correlatos, aponta como resultado o fortalecimento desse tema dentro das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. É importante que o vigor apresentado se transforme em maior influência destes campos científicos dentro do sistema circulatório da produção científica de conceitos, resultando em maior incidência dos mesmos nas dimensões social e política.

Em termos de localização geográfica da produção sobre juventude, diante do critério adotado nesta dissertação de considerar, para os artigos científicos, o vínculo institucional do primeiro autor, e para as teses e dissertações, a localização da instituição de ensino superior, há uma predominância quantitativa da região Sudeste cuja diferença para a região que vem em segundo lugar, a Nordeste, é mais do que o dobro.

Esse dado pode ser colocado em observação, pois a configuração histórica do desenvolvimento socioeconômico nacional passou por um investimento, por parte do Estado brasileiro, que favoreceu a região Sudeste, inclusive no campo da educação, em detrimento de investimentos em outras regiões, especialmente a Nordeste (FURTADO, 1959). Essa conformação política influenciou diretamente o processo de histórico da produção científica, que pode ser reconfigurado evidentemente, mas que, no momento, parece refletir este processo. A tendência geral por região também é de crescimento, não obstante as regiões Sul e Centro Oeste apresentarem taxas negativas para as teses/dissertações e artigos respectivamente, e a região Norte uma taxa zero em relação aos artigos, como pode ser observado no quadro 27 mais adiante.

De certa forma há uma concentração geográfico-regional da produção analisada, pelo menos no que se refere às instituições que servem de ambiente fomentador. A diversidade aparece mais evidente em dois aspectos. O primeiro, na quantidade de autores, no caso dos artigos, e de orientadores, no caso das dissertações e teses. À razão média de 0,95 autor por artigo científico e 0,85 orientador por dissertação/tese, no período pesquisado (ver quadros 06 e 16 nas páginas 67 e 77), seguindo a mesma lógica da produção, ou seja, a quantidade de autores e orientadores que lidam com o tema juventude aumenta com o passar do tempo. Esse dado pode ser observado no quadro 27 na página seguinte.

O segundo aspecto em que pode ser percebida a diversidade na produção sobre o conceito de juventude, é na quantidade de áreas do conhecimento em que se discute o tema juventude. Das 26¹⁷ áreas totais das Ciências Humanas incluindo Linguística, Letras e Artes, e Ciências Sociais Aplicadas, conforme apresentado pela CAPES, o material coletado possui representantes de 23, excluindo-se Desenho Industrial e Museologia pelas Ciências Sociais Aplicadas e Arqueologia pelas Ciências Humanas.

Quadro 27 – Taxa de crescimento da produção geral sobre juventude, considerando os documentos do grupo de análise, calculada pela diferença entre a quantidade do último e do primeiro ano da análise – 2007 a 2011

	Teses e Dissertações		Artigos	
	(1) Diferença entre 2011 e 2007	%	(2) Diferença entre 2011 e 2007 ^b	%
Sudeste	22 unidades (48 – 26)	85%	7 unidades (23 – 16)	44%
Nordeste	10 unidades (22 – 12)	83%	1 unidades (5 – 4)	25%
Sul	6 unidades (19 – 13)	46%	-3 unidades (3 – 6)	-50%
Centro Oeste	-1 unidade (6 – 7)	-14%	1 unidade (6 – 5)	20%
Norte	-1 unidade (1 – 2)	-50%	0 unidade (1 – 1)	0%

Fonte: Autor, 2012.

(1) Para a região Norte, a comparação é entre 2011 e 2009, pois não há produção registrada para os anos 2007 e 2008 dentro dos parâmetros desta pesquisa. (2) Para a região Centro Oeste, a comparação é entre 2011 e 2008, e para a região Norte, entre 2011 e 2009, pois não há produção registrada para o ano 2007 na região Centro oeste, e os anos 2007 e 2008 na região Norte, dentro dos parâmetros desta pesquisa.

Outra questão norteadora deste capítulo foi pensar as tendências teórico-metodológicas dessa produção. Tomando em conta a discussão do conceito de juventude como ponto central desta dissertação, na maioria dos documentos analisados a ideia de juventude já foi considerada pelo autor como já definida, pelo menos no material analisado, o que levaria à necessidade de adotar um conceito, não cabendo mais discussão naquele momento. Dentre os diversos sentidos que isso possa ter, inclusive da incompletude do material em relação a cada autor de forma a não refletir todo o seu pensamento sobre o assunto, entendemos ser importante considerar esta questão como indício de certa estabilidade ou maturidade do conceito de juventude, seja dentro do âmbito da ciência, seja como aceitação do “caráter normativo das representações correntes sobre a idade e os jovens na sociedade” (SPOSITO, 2009, p. 18).

Quanto ao arcabouço teórico geral, a sociologia se destaca como a ciência que mais fundamenta a discussão do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, independente de qual área do conhecimento essa discussão é empreendida.

¹⁷ São 10 áreas de avaliação das Ciências Humanas, 12 das Sociais Aplicadas, 01 denominada multidisciplinar, somadas à Linguística, Letras e Artes contadas como 03 unidades, não considerando as subáreas de cada uma.

Analisando os quadros 28 e 29 abaixo percebe-se que, apesar de a Educação ser a área que mais produz discussão a respeito da juventude, corroborando com todos os autores já citados, a Sociologia é quem tem produzido historicamente o conceito. Das 20 áreas do conhecimento nas quais se distribui a produção analisada, a Sociologia aparece como referência em 18, contra 10 da Educação.

Além disso, vê a Psicologia pouco influente nesse aspecto das bases para a produção do conceito. Somente um grupo de autores (AGUIAR, BOCK e OZELLA) aparece entre os que são utilizados como referência em 10 ou mais trabalhos, mesmo assim esses 11 trabalhos em que são citados pertencem a duas áreas somente: Educação (5) e Psicologia (6). Somando a este grupo de autores os demais da Psicologia, a influência deste campo alcança 7 áreas do conhecimento.

Quadro 28 – Autores de referência sobre juventude, identificados de acordo formação principal, classificados de acordo à quantidade de áreas do conhecimento que influencia presentes no material analisado

Principal área do conhecimento do autor citado como referência na discussão de juventude	Quantidade de áreas do conhecimento em que os autores foram citados como referência
Sociologia	18
Antropologia	15
Educação	10
História	7
Psicologia	7
Psicanálise	7
Ciências Sociais	6
Comunicação	3
Economia	3
Letras	3
Política	3
Filosofia	2
Psiquiatria	2
Teologia	1

Fonte: Autor, 2012.

Quadro 29 – Autores de referência sobre juventude citados em 10 ou mais trabalhos, identificados pelo nome/sobrenome, classificados de acordo a quantidade de trabalhos e de áreas do conhecimento em que é citado¹⁸

Autores	Ano de publicação das obras citadas	Principal área de formação do autor	Total de trabalhos em que é citado	Total de áreas em que é citado em um máximo de 20
Helena Wendel Abramo	1989, 1994, 1997, 2000, 2005, 2008	Sociologia	76	13
Marília Sposito	1993, 1994, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2002, 2003, 2004, 2005, 2009	Educação	51	8
José Machado Pais	1990, 1993, 1996, 1997, 1998, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007	Sociologia	45	10
Luis Antônio Groppo	1992, 2000, 2001, 2002, 2004, 2005	Sociologia	40	12
Regina Novaes (Novaes e Vital – (2005) e Novaes e Vancuchi (2004))	1996, 1998, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2010	Antropologia	33	11
Angelina Peralva	1997, 2007	Sociologia	29	9
Juarez Dayrell	1996, 1999, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2008, 2010	Educação	29	5
Mario Margulis e Marcelo Urresti	1996, 1998, 2000, 2001	Sociologia	26	7
Pierre Bourdieu	1978, 1983, 2003	Sociologia	23	7
Alberto Melucci	1991, 1992, 1997, 1998, 2001, 2004	Sociologia	16	5
Mary Garcia Castro e Mirian Abramovay	2002, 2003, 2004, 2005, 2006	Sociologia	14	7
Levi e Schmitt	1996	Antropologia / História	13	5
Marialice Foracchi	1965, 1972, 1977	Sociologia	13	5
Ariès	1981, 1991, 1983	História	11	7
León Dávila	2005, 2006, 2007	Ciências Sociais	11	5
Paulo César Rodrigues Carrano	1990, 2000, 2002, 2003, 2006, 2008	Educação	11	4
Aguiar, Bock e Ozella	2001, 2003 (Ozella)	Psicologia	11	2
Rossana Reguilo	1988, 1998, 2000, 2003	Antropologia	10	6
Karl Mannheim	1964, 1967, 1968, 1982	Sociologia	10	5

Fonte: Autor, 2012.

Do ponto de vista metodológico, é mais frequente no material analisado a pesquisa direta, do tipo levantamento. O jovem aparece nesses trabalhos como aquele que fala de si mesmo, o grande público alvo dos estudos, especialmente vinculados à sua realidade no lugar em que mora, na escola, no grupo social que é membro ou no programa social do qual participa, ou ainda como alvo de uma ideologia de consumo. Nesse sentido, a juventude pobre ou que requer a atenção de uma determinada política pública prevalece neste universo.

¹⁸ Tanto no quadro 28 como no 29, a identificação do autor e a quantidade de citações referem-se ao vínculo com o tema conceito de juventude. Tanto estes como outros autores são citados também para a discussão de outros assuntos dentro dos temas tratados em cada trabalho analisado.

Assim, a reflexão sobre os conteúdos trazidos pelas obras analisadas a respeito do conceito de juventude é objeto de análise do capítulo seguinte.

5 JUVENTUDE COMO CONCEITO DINÂMICO

Este capítulo relata os achados gerais e descritivos das leituras flutuante e aprofundada do material acadêmico analisado, bem como apresenta a discussão a respeito desta produção do conceito de juventude¹⁹. Tem como eixo norteador a tentativa de responder as questões inicialmente feitas, registradas na introdução desta dissertação: como se dá o processo de produção do conceito de juventude no meio científico e acadêmico brasileiro? Quais são os conteúdos presente na literatura nacional nos últimos cinco anos que geram conhecimento sobre conceito de juventude? Quais conceitos são produzidos, considerando àqueles que servem como referência aos autores e que são por eles adotados? Que fatores evidenciam ou não a ampliação deste conceito?

A juventude é um conceito em andamento, em constante construção, posto que tanto os processos de reflexão como os empíricos se dão em um contexto, onde os discursos e conteúdos são produzidos implicados na teia de sentidos e significados que as pessoas tramam, entretecem em meio ao vivido, em um território sócio-histórico e cultural.

Os resultados da análise de conteúdo procedida corroboram com esta premissa, visto que apresentam o resultado de um exercício teórico e metodológico de distintos pesquisadores em função da melhor compreensão de um conceito. Vimos, como constante labor de aproximar de forma sucessiva, recorrente, em um processo duplamente interativo: com o conceito em si e os pressupostos teórico-metodológicos para abordá-lo, e com as demais pessoas que desenvolveram essa mesma ação, através de suas obras, à moda de uma crítica de leitor (VIGOTSKI, 1999b).

Estes resultados estão apresentados através de duas classificações. A primeira, denominada de questões teóricas, traz indicativos da ampliação do conceito de juventude, e os vínculos epistemológicos dos autores. O segundo bloco se ocupa das questões denominadas aqui de operacionais, por representarem as categorias mais pragmáticas às quais os autores vinculam o conceito de juventude.

¹⁹ Importante salientar que, apesar de terem sido selecionados 213 trabalhos para leitura, sendo 37 artigos, 35 teses de doutorado e 141 dissertações de mestrado, por razões já explicadas no capítulo 3 desta dissertação, foram lidos 189, sendo 37 artigos, 32 teses de doutorado e 120 dissertações de mestrado.

Especialmente a respeito deste segundo bloco de classificações, o das questões operacionais, duas considerações são importantes para o entendimento do processo de localização da produção acadêmica analisada em relação aos critérios adotados. A primeira é que algumas classificações assumidas são excludentes, ou seja, cada produção acadêmico-científica só pode estar localizada em um dos critérios gerais adotados. Outras não são excludentes, podendo uma mesma produção configurar em mais de um critério utilizado na categorização. A segunda consideração é que, para alguns critérios de análise, toda a amostra da produção acadêmica é categorizada, para outros, somente a parcela da produção acadêmica analisada que se posiciona claramente em relação ao critério em questão. A definição no que diz respeito a essas duas considerações está presente na parte introdutória de cada grupo de critérios de análise.

É importante salientar ainda que esta dissertação não atribui *a priori* nenhum caráter negativo ou positivo às classificações propostas. Todas buscam cumprir com a tarefa de proporcionar uma reflexão sobre a construção do conceito de juventude dentro de um espectro particular da produção acadêmica nacional, compreendido em um período histórico específico.

5.1 Questões teóricas

A vinculação teórica adotada nos trabalhos analisados foi identificada nos itens em que os autores apresentaram o conceito de juventude. Não se referem necessariamente, portanto, à perspectiva teórica da obra como um todo, ainda que possa haver alguma coincidência. Além da explicitação, pode ser identificada por dedução a partir dos enunciados produzidos, bem como dos autores utilizados para a discussão do conceito. Em linhas gerais, percebe-se uma ampliação do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas a partir da produção analisada, além de desempenhar preponderância a perspectiva sócio-histórica nesta mesma produção.

5.1.1 A ampliação do conceito de juventude

O conceito de juventude, em concomitância à crescente importância adquirida pelo fenômeno juventude no cenário político-operacional e acadêmico, vem se ampliando como um dos efeitos de ser uma construção social e histórica. Vigotski (2009) fala do processo criativo como uma herança histórica, invenções e criações que acontecem a partir da confluência de condições materiais e psicológicas necessárias. Como também observa Dib (2007),

os impactos das transformações vêm impondo novas formas de se conceber e instrumentalizar as noções sobre a juventude e, conseqüentemente, sobre os processos tradicionais de transição, ao mesmo tempo em que suscitam reflexões sobre as diferentes modalidades de se relacionar com o futuro que os jovens estão experimentando (DIB, 2007, p. 124).

Nessa perspectiva, a ampliação do conceito de juventude é tanto uma imposição das transformações sociais e culturais da contemporaneidade, como um resultado da concomitância de condições necessárias para isso. Como também observa Gorczewski (2007, p. 81), essa ampliação assume “um vasto leque conceitual e operacional” e se torna um campo de disputas, no entendimento de Geber (2010), para quem esta situação traz junto não o consenso, mas a tensão. Dentre outros, a postura em relação à ampliação do conceito de juventude é também compartilhada por autores como Ehlers (2007) e Simões (2007). A primeira afirma haver “uma diversidade de argumentações teóricas relacionadas à categoria juventude e seus significados” e, na verdade, “não há uma definição conceitual única, mas aproximações” (EHLERS, 2007, p. 26). Já Simões (2007, p. 13) entende que o conceito se amplia “na duração desta etapa do ciclo de vida, na abrangência do fenômeno para vários setores sociais, incluindo os jovens trabalhadores, nos elementos constitutivos da experiência juvenil e nos conteúdos da noção socialmente estabelecida”.

Estes apontamentos corroboram com a perspectiva de produção de conceitos adotada nesta dissertação, baseando em Souza Santos (1997, 2012), Vigotski (1999a), Sawaia (2001a), que valoriza a ideia de conceito-processo.

Dois fatores interligados desencadeiam processos que podem ser considerados como hipóteses explicativas deste fato: a proliferação de estudos sobre juventude e o fortalecimento das disputas políticas dentro dos campos acadêmicos e da gestão pública. Em relação à primeira, esta vem ocorrendo a partir de motivadores externos, advindos principalmente dos agentes governamentais, e internos, provenientes diretamente dos grupos juvenis.

Um motivador externo importante tem sido o estabelecimento de vários programas sociais vinculados às políticas públicas de/com/para a juventude. Com a instituição legal de populações prioritárias para as ações de Estado, nesse caso os adolescentes e os jovens conforme entendidos pelas respectivas políticas²⁰, aumenta o volume de estudos devido tanto à demanda do Estado e suas autarquias para fundamentar linhas de investimento e avaliar projetos executados, como da academia que volta o olhar para esse tema.

Podemos afirmar que dentre os 213 trabalhos selecionados para análise de conteúdo, 132 relacionam suas investigações às questões da política pública, sendo 98 de forma direta, tratando da avaliação de algum programa ou política social, ou sugerindo diretrizes e abordagens para a elaboração de políticas públicas específicas para os jovens; e 34 de forma indireta, tendo como ambiente de pesquisa, locais onde alguma política pública se materializa, como escolas, assentamentos de reforma agrária e movimentos sociais, abordando, a partir disso, aspectos das políticas sociais. Além de estarem presentes nas análises feitas para esta dissertação, estas questões são observadas, dentre outros, em Sposito (2009) e Weisheimer (2009).

Pode ser entendido como outro motivador externo o esforço de controlar ou governar as pessoas, traduzido naquilo que chamamos aqui de ‘fazedores de juventude’. Para muitos, este empenho em gerir as vidas juvenis está diretamente relacionado com o estabelecimento de políticas públicas. Diante de uma excessiva valorização, como classifica Silva, D. (2011), os grupos juvenis chamam a atenção de muitos outros grupos, dentre eles os governos políticos que se esforçam na normatização de procedimentos, linhas estratégicas de ação e de investimentos públicos de forma a direcionar atitudes no presente e em relação à perspectiva de futuro. Lima (2009) aborda esta mesma perspectiva afirmando que

tais mecanismos institucionais configuram uma verdadeira “tecnologia de juventude” (...) que tem objetivos bastante claros de guiar e conduzir, não apenas esta população, mas também os adultos para a vida sob a égide da normatividade da sociedade moderna, repleta de valores e proposições sobre saúde, raça, higienismo, correlatas aos ideários de progresso e desenvolvimento (LIMA, 2009, p. 22).

No mesmo caminho, Gulo (2011) lembra que, a partir dos apontamentos de Michel Foucault, uma explosão discursiva evidencia ser este um tema caro em relação ao investimento político e desenvolvimento de instrumentos de tecnologia de governo. O mesmo

²⁰ Para os compreendidos legalmente na categoria adolescente, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, lei 8069/90. Para os compreendidos legalmente como jovens, a lei 11.129/2005 que cria a Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude – SNJ.

papel de ‘fazedores de juventude’ jogam as instituições de educação, especialmente as que atuam no processo socializador que atinge as pessoas saindo da infância; as exigências em torno do mercado de trabalho; o discurso midiático²¹, mormente subjugado por interesses mercadológicos; a família e os grupos de pares. Assim, o controle pode ser identificado como um forte mote na relação do que pode ser considerado a identidade hegemônica desses grupos e o jovem.

Retomando a questão da política pública, a quantidade de câmaras e conselhos municipais de juventude prova a efervescência dentro deste âmbito. Podemos acrescentar a quantidade de políticas públicas de juventude identificadas no ‘Guia de políticas públicas de juventude’ publicado pela Secretaria Nacional de Juventude – SNJ em 2010²², bem como a possibilidade de serem estabelecidas mais políticas a partir justamente dos conselhos que se estabelecem localmente, também. Todas as políticas apresentadas pela SNJ estabelecem uma contrapartida do jovem para que participe, ainda que sejam questões inerentes à própria participação, como presença nas atividades oriundas de política, índices de avaliação, etc. Esta relação estabelecida entre os grupos juvenis em um mesmo atendimento de política pública e entre os jovens e o Estado, é dinâmica. Tanto podem servir como espaço de construção de uma participação política propositiva do jovem, como podem estabelecer novos – ou reforçar antigos – processos de dominação.

Já os motivadores internos, destacam-se dois. Em primeiro lugar, o crescimento dos grupos juvenis e suas manifestações dentro e fora da escola. Grupos juvenis de variados matizes ganham evidência especialmente nos ambientes urbanos, subvertendo os usos do corpo, utilizando, em alguns casos, a violência como marca identitária, e como um dos resultados da soma de todos estes posicionamentos, esses grupos juvenis colocam em evidência uma espécie de fragmentação social, lançando dúvidas sobre os agentes tradicionais de socialização, quais sejam: a escola, o estado e suas autarquias, o mundo do trabalho/emprego e a família (CECCHETTO, 2004; ANDRADE, 2007; DIÓGENES, 2008). Um segundo motivador, diretamente ligado ao item anterior, o crescimento do debate a respeito destes grupos juvenis, conforme escrevem Dayrell (2003) e Sposito (2002, 2009),

²¹ Para Pais (1990), junto com os *mass media*, a sociologia funciona como fazedora de juventude ao reforçar imagens do senso comum sobre os jovens.

²² Este documento traz expõe sobre 18 grupos de políticas, sendo que dois deles possuem desdobramentos, como se fossem subpolíticas.

reforçado pela crescente produção acadêmica registrada no banco de dados da CAPES entre os anos 2007 e 2011 (TRANCOSO e OLIVEIRA, A. A., 2011).

Outra hipótese é que essa ampliação conceitual também ocorre como forma de resistência e superação ao fato de que as concepções de juventude mais prevalentes atualmente se originaram, como observa Maia, A. (2007, p. 53), “da cultura e da sociedade ocidental capitalista, burguesa e liberal, do século XIX, marcada por caracteres definidores e legitimadores cientificistas”. Esta gênese traz como uma de suas consequências à cristalização das divisões etárias, que tem seu início com o nascimento e fortalecimento da era industrial, quando o Estado assume múltiplas funções de proteção ao indivíduo. Esse era o contexto histórico e social. Essa separação pelos grupos etários cria a figura dos seres adultos e dos seres em formação: os jovens.

O estabelecimento da juventude como uma etapa específica do ciclo de vida, então, consolida-se na modernidade, como também observa Pires (2008). Alguns fatores como alongamento da vida escolar, retardo da entrada no mundo do trabalho e o desenvolvimento de uma cultura juvenil especialmente ligada ao consumo contribuíram para que isso ocorresse. Ainda segundo a autora, “observa-se, no entanto, que esses fatores variam de acordo com o contexto histórico e social.” (PIRES, 2008, p. 24).

Podemos considerar ainda que, o enfraquecimento das instituições tradicionais de socialização – escola, família, trabalho –; o fortalecimento de posições contra-hegemônicas a respeito do comportamento das pessoas, como por exemplo, os estudos de Margareth Mead sobre os moradores de ilhas da Papua-Nova Guiné; as críticas às promessas não cumpridas pela modernidade iluminista, referentes especialmente à evolução e supremacia das ciências na direção da construção de um mundo e de um homem melhor, robustecem os argumentos a favor de uma compreensão mais histórica, social e cultural dos processos de subjetivação e produção de significados e sentidos. Temos então o fortalecimento da compreensão, pelo menos no âmbito das ciências humanas e sociais aplicadas, da supremacia cultural sobre a biologia.

Portanto, a preponderância cultural sobre os fatores biológicos (VIGOTSKI, 1999a; PINO, 2005), carrega a dificuldade em definir a categoria juventude (STAMATO, 2008; RODRIGUES, H., 2009), justamente pelo fato de envolver, além das questões biológicas afeitas aos ciclos da vida, as questões sociais, históricas e culturais. Esse modelo plurilocal

representa ordens e lógicas distintas, que se complexifica ao se considerar que, a estabilidade atribuída às divisões etárias vigentes, apoiadas tanto pelo senso comum como por correntes científicas, não reflete o que de fato ocorre nesse campo, nos grupos sociais categorizados.

Rodrigues, H. (2009, p. 41) alerta que, além da idade colocar a juventude e as demais fases do ciclo de vida em um quadro provisório, “essa complexidade que dá contornos difusos ao termo juventude está diretamente relacionada ao pressuposto de que a idade é também um fenômeno social, e não apenas biológico”, concordando com Bourdieu²³ (1983). E ainda, que a construção histórica e cultural, “a teia de sentidos e significados que envolvem o conceito de juventude certamente dificulta o estabelecimento de categorias capazes de abarcar todas as formas por meio das quais a sociedade percebe esse grupo geracional” (RODRIGUES, H., p. 94). Isso, por si só, justificaria o investimento na ampliação deste conceito.

Além dessas duas hipóteses, fortalece a percepção de que há um movimento em direção à ampliação do conceito de juventude, o fato de que, com base nesta análise de conteúdo, poder ser feitas considerações a respeito de alguns direcionamentos conceituais evidenciados nos estudos de juventude anteriores a 2007 e mesmo nas conclusões de parte da produção analisada, escrita ou publicada nos anos de 2007 a 2011. São destacados a seguir dois destes direcionamentos conceituais, cujas tendências presentes no material analisado como um todo permitem agregar elementos de reconsideração.

O primeiro direcionamento diz respeito da concepção da vida como uma sucessão de fases que se encadeiam de forma linear, tendo cada uma seu *telos*. Tavares (2009, p. 48), por exemplo, observava que muitos dos estudos atuais sobre juventude, no Brasil, “ainda trabalhavam com abordagens lineares que se restringem a uma descrição superficial dos estilos de vida jovem”. Há um avanço em relação a isso, considerando que, apesar das observações a respeito de aspectos que tendem a homogeneizar a condição juvenil, no aspecto da situação, de como se vive a experiência juvenil, e também da força que as marcas biológicas ainda ocupam em parte das definições, praticamente 100% dos trabalhos analisados apresentam a opinião de que o conceito de juventude ultrapassa as questões biológicas, que não há linearidade na relação que possa guardar com os momentos do ciclo de

²³ A visão geral de Pierre Bourdieu neste texto é que o estabelecimento de limites iniciais e finais entre grupos de idade é sempre arbitrário, a partir, quase sempre, de quem detém o poder. A entrada, ou saída, da juventude – do estado de, da idade de – aparece no decorrer da história como disputa política, manipulada a partir dos interesses de quem detinha o poder e se beneficiaria ou se prejudicaria com uma ou outra definição: os pais em relação à repartição da herança, os políticos em relação à sucessão das pessoas nos cargos, por exemplo.

vida que possam ser localizados antes ou depois dela, e que os modos como se vive, representa e projeta a juventude estão diretamente ligados ao contexto histórico, social e cultural dos grupos sociais, às disputas de poder que ocorrem em todos os níveis e instâncias do ambiente vivido. Ressalta-se que, como exposto nas questões operacionais logo mais à frente, há intensidades distintas destas questões dentro dos conceitos apresentados pelos autores.

Groppo (2000, p. 59), em seus estudos, também observara a ocorrência do “fenômeno de ‘naturalização’ e objetivação das faixas de idade pelas técnicas sociais e pelas ciências médicas, que enfatizou principalmente a infância e a juventude”. Do ponto de vista da ‘naturalização’, essa compreensão não encontra força explícita na produção científica analisada para esta dissertação. Apesar de ficar evidente nesta produção a importância dada pela demarcação etária como parte integrante do conceito, sendo a juventude, dentre outras coisas, uma experiência etária específica; estão presentes em toda ela a ideia e a afirmação de que a idade é uma variável insuficiente para se basear a definição de juventude.

Além disso, foi recorrente a observação de que a juventude é devir, ainda que, para a tentativa de controlar comportamentos juvenis, se valha do paradoxo da previsibilidade do devir, ou do falso devir, assumido como um conjunto de ‘opções elegíveis’, que já foram pré-estabelecidas anteriormente em um cardápio oferecido à juventude pelos componentes da antiga geração.

O segundo direcionamento, a partir da análise de Pais (1990, 2003) a respeito dos estudos sobre a juventude, apontava para a concentração dos autores em dois grandes eixos de teorização: os que refletiam sobre juventude a partir dos aspectos geracionais e os que utilizavam a perspectiva classista. A perspectiva geracional incide tanto sobre a condição como sobre a situação de juventude, ou seja, pode-se definir juventude como o conjunto de pessoas pertencentes a uma mesma geração, bem como o pertencer a esta ou aquela geração influenciará diretamente nas maneiras como cada pessoa ou grupo viverá sua juventude. Por outro lado, a perspectiva classista incide somente sobre os modos de viver a juventude e/ou sobre a situação de juventude.

Pode-se considerar que a conexão das questões ligadas à classe social, geração à qual pertencem os jovens, e ao desenvolvimento biológico tem tomado espaço na discussão nacional a respeito de juventude. Há um volume expressivo na produção analisada que aborda

essa confluência de fatores como importantes para sua compreensão. Em torno de 52% da produção tem no conceito de geração, especialmente como aborda Mannheim (1961) e Weller (2010), um analisador importante do conceito de juventude. Em relação à influência das diferenças de classe social na experiência de juventude, aproximadamente 66% dos autores tomam isso em conta de forma explícita.

Em uma outra proposição sobre geração e classe, Cardoso e Sampaio (1995) observaram também duas tendências nos estudos sobre juventude que analisaram. Aqueles que generalizavam as análises, à moda dos estudos geracionais, e aqueles que a particularizavam, à moda dos estudos classistas. Aplicando outra categorização binária, Gil (2009) fala de conceptualizações gerais e operativas na produção de pesquisadores que analisou²⁴, sendo juventude numa conceptualização geral uma categoria não homogênea, tendo a noção de jovem (sujeitos concretos) diferente da noção de juventude. Já a conceptualização operativa, diz respeito à condição e situação juvenil; ao jovem abordado como sujeito consumidor; à juventude como um conceito a consumir; a um período de moratória. Consideram-se ainda elementos da esfera pública; dos processos como a desinstitucionalização dos ciclos da vida, e do tempo.

Apesar da imensa maioria dos autores abordarem a juventude sob estas duas perspectivas – geracional e classista – identificadas através de distintos sobrenomes, devemos considerar ainda a existência do uso de uma terceira que é a abordagem das culturas juvenis. Considera-se também o não uso como fundamento dos estudos de juventude, desse recurso teórico da análise classista ou geracional.

Todas essas categorias de análise aparecem nos estudos apreciados em maior ou menor grau, com a característica de ocorrerem mais mescladas, e menos como abordagem unificadora do conceito de juventude. Esse se configura, em si, o aspecto ligado à ampliação do conceito de juventude, principalmente considerando que o tema geração não esteve preso à visão positivista e romântica, como critica Mannheim (1961), mas como um determinado grupo social, num momento histórico, numa relação tempo e espaço, criando sentido para o mundo e as coisas do seu tempo.

²⁴ Alberto Melucci (O jogo do eu: a mudança de si mesmo na sociedade globalizada, 1992), José Machado pais (Culturas juvenis, 1993), Angelina Peralva (O jovem como modelo cultural, 1997) e Marília Sposito (Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil, 1997).

Além disso, coopera com esta abertura, a diferenciação clara entre juventude e jovens. Aquela se refere aos modos específicos de determinada sociedade representar esta condição componente do ciclo de vida. Estes como os sujeitos concretos, atravessados por todos os condicionamentos e realidades históricas e sociais (VILLAR, 2007; COSTA, O., 2009). Juventude é, ao mesmo tempo, uma condição pela qual se passa e na qual se está ainda que temporariamente, uma situação concreta de vivência das experiências decorrentes e uma representação social, fato que influencia diretamente nos dois aspectos anteriores, podendo determinar o valor de se estar nesta condição, e determinadas experiências a serem vivenciadas.

5.1.2 Vinculações sócio-histórica, histórico-cultural e biológicas

A maioria dos autores afirma considerar em sua análise e conceituação a juventude como uma condição que se define historicamente, cuja demarcação como categoria e representação social caminha com a materialidade histórica. Houve uma predominância nesse tipo de vinculação geral.

Stamato (2008), por exemplo, chama a atenção para o papel da perspectiva teórica sócio-histórica, de acordo o proposto por L. S. Vigotski, como fundamental para ajudar a romper com as definições reducionistas sobre juventude – ou qualquer outro conceito – considerando que tal perspectiva ajuda a retirar o caráter natural por vezes atribuído aos momentos da vida. Para a autora,

é fundamental romper com o naturalismo e recolocar a determinação cultural como raiz dos significados simbólicos, promessas, ameaças, potencialidades e fragilidades, que subjazem à definição desta etapa de vida, e que a tornam objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e cheia de expectativas, por parte da sociedade (STAMATO, 2008, p. 99).

Na relação entre os interesses, as necessidades e os impulsos, o primeiro conjunto de fatores subjuga os outros dois. Não é que os anula, mas orienta, impulsiona em direção aos processos de significação. A partir do momento em que a barreira biológica do

desenvolvimento é rompida (PINO, 1993)²⁵, a cultura assume o comando das complexas relações, procedimentos que originarão o ser humano, no sentido sócio-histórico. Não é uma relação simples, sincrônica.

Se considerarmos que a cultura humana em geral já está engendrada no patrimônio genético recebido na interação cromossômica dos progenitores e que a criança é um humano completo – biologia e cultura – em potência, podemos compreender que é na relação mediada pelo Outro que ocorre o nascimento cultural e se concretiza o processo de formação do humano anteriormente existente somente – o que não é pouca coisa – em marcas²⁶. Didaticamente falando, o comando biológico das funções vai dando lugar paulatinamente ao comando da cultura, sem a extinção das funções anteriores.

Essa situação, conforme definida por Pino (1993), refere-se a uma espécie de marco inaugural, considerando que as transformações biológicas são uma constante na vida humana. A lógica da fisiologia do desenvolvimento e do crescimento humano é regida por um movimento variável em intensidade, com alta concentração nas duas primeiras décadas de vida, onde se localiza o vértice desse processo. Desta forma, os comportamentos difundidos como típicos da juventude e adolescência, identificados em distintos campos científicos como crise, e naturalizados a partir do comando biológico e hormonal são, em última análise, fruto desse domínio da cultura sobre as esferas das necessidades e dos impulsos, manifestados a partir do momento do desenvolvimento fisiológico conhecido como puberdade de forma nunca antes vista e sentida pelo indivíduo.

Da mesma forma, Alves, M. (2009, p. 46) preocupa-se com uma demarcação histórica e cultural do devir humano como forma de buscar “fugir de uma noção completamente aberta de juventude como ‘estado de espírito’”. Para esta autora, o marco etário é importante neste sentido. Em outra frente, Araújo (2007) compreende a juventude como condicionada por fatores estruturais e conjunturais, não existindo como fenômeno universal supra-histórico, mas como fruto da interação das pessoas concretas com o meio social em que vivem.

²⁵ A ideia do duplo nascimento é o fundamento do pensamento deste autor que advoga um “*momento zero cultural*, interstício lógico entre esses dois nascimentos” (PINO, 1993, p.168, grifos do autor). Ver também Vigotski (2006).

²⁶ Como também informa Pino (1993), pesquisas sobre o genoma humano e o córtex cerebral revelam que a principal diferença entre os humanos e animais como o chimpanzé e o rato, em relação a esses dois campos, não é na quantidade de genes, mas a complexidade da organização encefálica representada pela “proliferação sináptica” (PINO, 1993, p.155). Isso fortalece a tese da proeminência do cultural sobre o biológico nos seres humanos. Sobre isso também consultar Vigotski (2009).

Ataíde (2008, p. 54) rejeita explicitamente a visão que naturaliza a adolescência²⁷ como um momento uniforme e universal, mormente negativo, em favor de uma concepção também influenciada pelo pensamento de L. S. Vigotski: uma construção social, afirmando que “esta visão sócio-histórica evidencia que a inserção sócio-cultural é fundamental para se compreender melhor o ser humano”. Para esta autora, esta inserção e construção social se dão de forma tensa, pois “entre ser criança e adolescente, e daí tornar-se adulto, há crises e conflitos, há confrontos com o mundo ao redor, com as regras sociais e as figuras de autoridade”, onde a experiência individual é determinante pelo fato de se encontrar em uma “tão complexa fase do sujeito em formação e desenvolvimento” (ATAÍDE, 2008, p. 58).

Outra vinculação teórica do conceito de juventude presente no material analisado, ainda que em menor escala que as vinculações histórico-materialistas, é a sócio-cultural. Nesta perspectiva a juventude aparece vinculada a uma lógica de experimentação com forte investimento no presente. A realidade juvenil é duplamente marcada. É espaço onde o social e o biográfico, entre encontros e desencontros, dividem a primazia, a depender do tipo de inserção nos contextos estruturais, históricos e culturais específicos e da própria biografia.

O histórico é parte integrante desta realidade, tido especialmente como demarcador do momento cultural que predomina sobre os processos de subjetivação. Contudo, na concepção sócio-cultural não importam muito as permanências, pois, como afirma Rossi (2007, p. 126-127), por exemplo, já nos dias atuais, na pós-modernidade como denomina, “ocorre o desmoronamento das barreiras tradicionais, tanto sociológicas como biológicas” e com isso “morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades” (CANEVACCI, 2005 apud ROSSI, 2007, p. 126) e são inventados “novos modos de ser jovem, diferentes daqueles definidos na Modernidade. E o conceito de juventude se torna um conceito líquido”.

Furiati (2010, p. 23) afirma que a realidade juvenil “é determinada por processos de transição desiguais, que dependem de contextos estruturais, históricos e culturais específicos nos quais os jovens estão inseridos; mas (...) a transição é também um processo biográfico, marcado por momentos personalizados”. Ainda para esta autora

a identidade juvenil não é construída pela passagem por etapas ou eventos, mas pelos meios sociais nos quais os jovens se desenvolvem e pela qualidade das trocas

²⁷ Expressão utilizada pela autora.

que esses meios proporcionam. Existem, portanto, várias juventudes decorrentes de diversos modos de ser jovem (Ibid, p. 21).

Como conclusão da sua tese, recomenda que as políticas públicas adote um discurso que compreenda a juventude como condição transitória e veja os jovens a partir de uma identidade sócio-cultural e pluralizada.

Ainda que em menor escala que as duas anteriores, está presente nesta produção analisada perspectivas teóricas que se fundamentam numa visão mais reducionista e naturalizante da juventude, cujo ritmo, natureza e rumo das mudanças pelas quais passa é regido do desenvolvimento biológico, aliado a um *ethos* presente na condição juvenil, baseado no que o jovem é visto como diretamente vinculado à mudança, alternativa, um mundo melhor. Estas percepções se vinculam, nas obras lidas, a autores como Carlos Antônio Giovinazzo Jr., utilizando sua tese de doutoramento que versa sobre a relação entre escola e estudante, Erick H. Erikson, e suas obras 'Identidade, Juventude e Crise' de 1976 e 'Infância e Sociedade', de 1987, e ainda Karl Mannheim a respeito da ideia de juventude como latência de transformação. Ainda que haja o reconhecimento das determinações sociais e culturais, para este conjunto de autores, as mudanças biológicas tem um papel preponderante que afeta de forma decisiva os processos de subjetivação. Estes posicionamentos poderão ser identificados na exposição feita a seguir a respeito das questões operacionais.

5.2 As questões operacionais

Apresenta-se, a seguir em três blocos, a descrição de questões operacionais identificadas na produção analisada, que ajudam a entender de forma mais pragmática a posição dos autores acerca da conceituação de juventude. O primeiro bloco estabelece pontos implícitos e explícitos sobre a relação entre os termos e os conceitos de juventude/jovem e adolescência/adolescente. O segundo sistematiza como aparece caracterizada a condição juvenil: juventude como grupo que possui ou não posturas intrínsecas; a juventude definida no seu todo a partir da compreensão a respeito de uma de suas partes; e juventude como um grupo que pode ser caracterizado a partir de qualidades que se manifestam quase universalmente, dando certa homogeneidade ao fenômeno. O terceiro bloco apresenta como

os autores relacionam entre si as categorias juventude e tempo. São identificados três modos principais: relação entre juventude e faixa etária nas definições conceituais, delimitação da amostra na pesquisa e de população alvo para determinada política pública; juventude como período de moratórias; e juventude como um momento ou um espaço de/para devir ou vir a ser.

5.2.1 Juventude e adolescência: apontamentos implícitos e explícitos sobre esta relação

Todos os 189 autores analisados foram categorizados em relação ao uso dos termos juventude e adolescência, e podem ser considerados a partir de três classificações gerais e autoexcludentes: aqueles que afirmam terem refletido a respeito de ambos os conceitos e, a partir disso fizeram uma opção de como considerá-los; aqueles que não apresentam reflexão sobre a relação entre esses conceitos e utilizam no texto produzido, algumas vezes, a expressão juventude e, outras vezes, a expressão adolescente, deixando ou não transparecer o posicionamento escolhido a respeito desta relação. Estes últimos adotam um posicionamento tácito frente ao significado desses conceitos, assumindo, de certa forma, que esta não é uma discussão pertinente ou necessária; e aqueles que não fazem uso das expressões adolescente/adolescência, mas apenas jovem/juventude.

Essas observações corroboram as análises de Abramo e León (2005) a esse respeito, quando pontuam que esses termos seguem sendo usados, às vezes concomitantemente, como se fossem sinônimos, outras vezes, como conceitos diferentes e, ainda, como retratos da disputa entre os que defendem cada um deles, como explicitam Canetti e Maheirie (2010).

5.2.1.1 Produções acadêmicas que mencionam reflexão sobre os conceitos de juventude e adolescência

O quadro 30 abaixo apresenta os autores que mencionam uma reflexão sobre a relação entre os conceitos de juventude e adolescência.

Quadro 30 – Grupo de produções acadêmicas que mencionam uma reflexão sobre a relação entre juventude e adolescência, separadas por tipo de documento e por ano de publicação

Ano	Tese	Dissertação	Artigo
2007	Andrade, C; Dal Molin, Goellner; Gorczewski; Nogueira.	Furlani; Pereira, L.; Silva, C. R.; Stort; Zottola.	Zucchetti e Bergamaschi.
2008	Stamato; Batista.	Lemos, M.; Oliveira, M. A.; Rodrigues, J.	
2009	Costa, O.; Cruz, Gil; Kafrouni; Mendes, S.; Santana; Rodrigues, H.	Almeida, R. S.; Caliari; Martins, T.; Moura, A.; Pereira, K.; Santos, L.; Santos, V.; Silva, L. E.; Silva, R. H.; Silveira, S.	
2010	Bandeira; Furiati.	Borges; Rabelo; Sá; Taquetti; Vale.	Canetti e Maheirie; Leite, M.; Pereira, A.
2011	Braghini; Carlos; Mesquita.	Albuquerque; Alves, N.; Carcovich; Castagna; Costa, F.; Gulo; Leite, G.; Oliveira, L.; Rodrigues, L.; Seibert; Silva, D.; Silva, G.; Silva, R. M.	

Fonte: Autor, 2012.

Batista (2008) e Santos, L. (2009), por exemplo, afirmam que a adolescência é uma fase no desenvolvimento da vida do indivíduo que ocorre dentro da juventude, ao mesmo tempo em que utilizam os termos adolescentes e jovens como sinônimos. No caso de Batista (2008), na sua tese, os termos são usados tanto ao referir-se aos sujeitos da pesquisa que conduziu, como para identificar as pessoas das “novas gerações” (GIOVINAZZO, Jr., 2003 apud BATISTA, 2008, p. 58). A diferença feita pelas autoras, concordando com Carlos Antônio Giovinazzo, refere-se ao lugar onde ocorrem as mudanças, onde esse jogo de tornar-se um adulto é jogado: o jovem é o indivíduo vivendo o processo de socialização, momento em que a família, a escola e outras instituições possuem um papel fundamental, e o adolescente é este mesmo indivíduo tentando afirmar uma identidade que contrapõe à infância e à maturidade²⁸.

Algo semelhante ocorre em Martins, T. (2009, p. 13), ao afirmar que o “termo adolescência é utilizado para se reportar a uma faixa etária específica, demarcada pelas mudanças físicas, psíquicas e biológicas da cronologia humana” e o termo juventude caracteriza “uma categoria socialmente construída, incluindo jovens e adolescentes”. Em sua dissertação utiliza os termos adolescente/jovem, adolescência/juventude como sinônimos²⁹, apesar de a autora explicitar que os mesmos são utilizados como distintos. Já Pereira, A. (2010, p. 38) também usa os termos como sinônimos, mas é mais explícito quanto a esta

²⁸ “Entende-se a Adolescência como um processo biológico de maturação e, como é dito por Corti e Souza (2004), um “processo mais individual e subjetivo ligado a transformações físicas e psíquicas dos indivíduos”. Já a Juventude trata-se de um processo social decorrente dessas transformações biológicas” (SANTOS, L., 2009, p. 21).

²⁹ “A visão da juventude em sua *transitoriedade* pode interferir nas relações estabelecidas entre adolescentes e adultos” (MARTINS, T., 2009, p. 19).

opção operacional: “Não faço aqui a distinção entre as categorias de juventude e adolescência por entender que, em muitos discursos, esta última tem sido cada vez mais englobada pela primeira, apontando para uma concepção menos restrita”. Semelhantemente, Almeida, R. S. (2009) e Oliveira, L., (2011), concebem juventude como momento do desenvolvimento do ser do qual participam adolescentes e jovens, não apresentando com muita clareza a distinção entre ambos.

Silveira, S. (2009) e Costa, F. (2011), apesar de, nas respectivas dissertações, utilizarem as expressões de forma sinônima em alguns momentos, trabalham também com a ideia de fases subsequentes tendo cada uma seu objetivo. A juventude é onde ocorre a preparação, garantindo o “pleno desenvolvimento do indivíduo na vida adulta” (SILVEIRA, S., 2009, p. 21). Nesta mesma linha seguem Silva, C. R. (2007) e Caliarri (2009), que tratam os conceitos de forma igual em termos de importância, considerando que não são sinônimos, mas os identificam em grupos distintos e representam uma sequência nos ciclos de vida. Quando começa a juventude, a maturidade biológica já ocorreu. Assim também são os apontamentos de Goellner (2007), Pereira, L. (2007), Zottola (2007), Rodrigues, L. (2011) e Silva, D. (2011): a adolescência é intermediária entre a infância e a juventude, que possui um final imbricado com o período juvenil propriamente dito.

Bandeira (2010, p. 3) apresenta como não sinônimos, mas, utiliza a categoria juventude, englobando também os adolescentes, pois considera a juventude dentro da faixa etária que vai dos 12 aos 30 anos “incluindo na temática social da juventude os adolescentes, que em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 9.096 de 13 de julho de 1990) são os indivíduos entre 12 e 18 anos”. Albuquerque (2011) vê a adolescência como o momento inicial da juventude³⁰.

De forma semelhante ao grupo anterior de autores, Andrade, C. (2007) considera que “as noções de juventude e adolescência ainda estão bastante imbricadas”, utilizando indistintamente as expressões adolescentes e jovens para se referir ao grupo de pessoas que entrevistou. Neste caso, vincula também juventude aos processos de socialização, atribuindo um sentido dinâmico e coletivo, e adolescência às mudanças psico-biológicas, no plano

³⁰ “A adolescência representa não a crise, mas o início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais; um momento no qual se vive de modo mais intenso um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 42).

individual. A adolescência, então, é um conjunto de processos psico-biológicos que ocorre em um período inicial da juventude. Nessa perspectiva das noções superpostas, pelo menos em um período dos dois momentos, podem ser listados também, Furlani (2007), Gorczewski (2007), Nogueira (2007), Stamato (2008)³¹, Kafrouni (2009), Mendes, S. (2009), Moura, A. (2009), Pereira, K. (2009), Santos, V. (2009), Silva, L. E. (2009), Silva, R. H. (2009), Furiati (2010), Leite, M. (2010), Taquetti (2010), Vale (2010), Braghini (2011), Carcovich (2011), Carlos (2011) e Gulo (2011).

Stort (2007), Zucchetti e Bergamaschi (2007), Rodrigues, J. (2008), Cruz (2009), Leite, G. (2011), Seibert (2011), Silva, G. (2011) e Silva, R. M. (2011) diferentemente, consideram que a juventude, tanto na perspectiva etária como nas demais questões caracterizadoras, vai além da adolescência. Utilizam a expressão - jovens adolescentes - para designarem a fase inaugural da juventude, que, para Cruz (2009), se encontra na faixa de 15 a 18 anos. O mesmo ocorre com Santos (2007), Gil (2009) e Rodrigues, H. (2009). A mesma importância à questão etária como elemento delimitador é dada por Dal Molin (2007, p. 53), pois “os ciclos de idade são importantes, principalmente, na análise do jovem como categoria sociológica e também na execução de medidas legais”. Rabelo (2010) e Castagna (2011) se encontram nesta posição, ou seja, diferenciando os conceitos e as fases do ciclo de vida, não utilizando nas dissertações escrita sob a perspectiva da Psicologia e do Direito respectivamente, as expressões adolescentes e jovens como sinônimos.

Já Lemos, M. (2008) propõe uma separação entre os conceitos de adolescência, etapa do desenvolvimento humano, de conotação mais psicológica, onde ocorrem mudanças biopsicossociais, bem como formação de identidade; puberdade, que ocorre dentro da adolescência representando as mudanças que identificam a maturidade sexual; e juventude, definida de forma confusa como sendo a “forma imatura de um ser vivo (...) período antes da maturidade sexual. Para o ser humano (...) refere ao período entre a infância e a maturidade (...) podendo haver variações no período de idade que ocorre de acordo com a cultura” (p. 36). Ou seja, ao mesmo tempo em que quer especificar, mistura os conceitos de adolescência e juventude, e em ambos, permanece a sustentação do elemento biológico. No decorrer do texto da dissertação que escreve, os termos jovens e adolescentes seguem utilizados como sinônimos. O mesmo ocorre com Oliveira, M. A. (2008) e Mesquita (2011).

³¹ “Frente à variedade, incompletude e até superposição das definições, optamos pela expressão juventude para abranger tanto a adolescência como a juventude, deixando de lado a puberdade, por seu caráter naturalizante e restritivo às mudanças corporais” (STAMATO, 2008, p. 11).

Sá (2010) expõe um posicionamento distinto dos demais autores. Utiliza-se dos conceitos da biologia e das neurociências para explicar o conceito de adolescente. Ao mesmo tempo em que dá ênfase para a construção social e histórica desta categoria social, afirma a existência de uma ‘adolescência científica’: amadurecimento cerebral, córtex frontal adormecido, serotonina diminuída o que aumenta a propensão à ação impulsiva, busca de emoções fortes, que pode ser através da experiência com drogas e a violência, como resultado da dopamina no cérebro. Para ele, o adolescente tem maturidade cerebral mais perto da criança, posto que a área do cérebro que comanda a formação de julgamentos continua adormecida. No mais, encaixa-se no grupo em que a adolescência precede a juventude, mas as mudanças ligadas à maturidade biológica e psico-estruturais avançam juventude à dentro.

Alves, N. (2011, p. 58) apesar de apresentar uma reflexão sobre os termos e o que ambos representam, não faz uma opção. Destaca que há uma tendência nas discussões atuais sobre juventude, entender a adolescência e a juventude como “dois momentos do período amplamente denominado juventude”.

Canetti e Maheirie (2010) declaram uma opção política em relação à opção de utilizarem o termo jovem para se referirem aos sujeitos tratados no artigo ‘Juventudes e violências: implicações éticas e políticas’, mesmo estes possuindo idade entre 12 e 18 anos e, tendo uma nomenclatura oficial de ‘adolescente’ estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

5.2.1.2 Produções acadêmicas que não mencionam reflexão sobre os conceitos de juventude e adolescência

Os autores designados no quadro a seguir são listados no segundo grupo de classificação, ou seja, não discutem explicitamente a relação entre os conceitos adolescência/adolescente e juventude/jovem, e utilizam no texto produzido algumas vezes a expressão juventude e, outras vezes, a expressão adolescente, deixando ou não transparecer o posicionamento escolhido a respeito desta relação.

Quadro 31 – Grupo de produções acadêmicas que não mencionam uma reflexão sobre a relação entre juventude e adolescência, separadas por tipo de documento e por ano de publicação

Ano	Tese	Dissertação	Artigo
2007	Dib; Meneses; Villar	Araújo; Basílio; Brito; Callegaro; Dantas; Ehlers; Feitosa; Maia, A.; Marques; Mattana; Nanaka; Ribeiro, J.; Rossi; Santos, N.; Silva, C. B.; Silva, R. O.; Simões; Souza, C.	Carrano; Perini e Victer
2008	Andrade, S.; Ataíde; Cordeiro; Matos, R.	Almeida, G.; Bertollo; Fernandes, C.; Frezza; Hirao; Jesus, A.; Jesus, T.; Martins, M.; Menezes; Nascimento; Oliveira, R.; Pedrosa, J.; Perondi; Pires; Santos, A.; Santos, P.; Silva, A.; Souza, F.	Borelli e Rocha; Dantas Junior; Gonzales e Guareschi; Machado, V.; Souza, R. e Arcaro; Gomes, Carnielli, Capanema e Câmara.
2009	Alves, M.; Bezerra; Tavares; Martins, S.; Sofiati	Barbosa; Borghi; Ferreira; Gonçalves; Lemos, J.; Lima, F.; Mira; Nicolau; Novelli; Oliveira, A. B.; Oliveira, W.; Pedrosa, M.; Prata; Seren; Silva, N.; Silveira, O.	Cassab; Castro, E.; Castro, L. e Mattos; Coelho e Aquino; Pereira, C., Rocha e Pereira, M.; Viana (2009a e 2009b)
2010	Almeida, R. C.	Assunção; Carvalho; Geber; Gomes, A.; Guimarães; Melo; Oliveira, C.; Takahashi	Cassab; Debert; Pereira, C.; Spaziro e Resende
2011		Amaral; Assis; Jesus, V.; Lattari; Lima, E.; Lima, L.; Machado, A.; Mendes, V.; Mendes, G.; Pereira, R.; Ribeiro, R.; Salgado; Silva, J.; Silva, J. P.; Silva, L. H.; Silva, R. T.; Silva Junior; Souza, M.; Tosi; Wink	Barbalho; Peregrino; Vergara e Justo

Fonte: Autor, 2012.

Feitosa (2007), Meneses (2007), Nanaka (2007), Ribeiro, J. (2007), Santos, N. (2007), Andrade, S. (2008), Ataíde (2008), Bertollo (2008), Gomes et al (2008), Jesus, A. (2008), Machado, V. (2008), Matos, R. (2008), Borghi (2009), Coelho e Aquino (2009), Ferreira (2009), Nicolau (2009), Novelli (2009), Seren (2009), Assis (2011), Mendes, V. (2011), Salgado (2011), Silva, R. T. (2011), Silva Junior (2011) usam as palavras juventude e adolescência como sinônimas ou, a segunda sendo como uma explicação da primeira, ou ainda, um fenômeno de formação da identidade e integração psicossocial que ocorre no seu transcurso, mas não apresentam peculiaridades de uma em relação à outra. No entanto, podemos observar que em Feitosa (2007) ocorre o não uso do termo adolescente para se referir aos entrevistados, pois para ela, é um termo mais próximo da Psicologia e ligado às transformações biológicas, hormonais e comportamentais, e o estudo que empreende se vincula ao conceito sociológico.

Matos, R. (2008) faz um resgate histórico do que chama “os nomes da juventude”, mas não aprofunda a análise dos termos, permitindo inferir que considera tanto as possibilidades de separação etária, como o fato de uma condição adolescente experimentada nos tempos de juventude. Para Machado, V. (2008), Castro, L. (2009), Mattos (2009) e Debert (2010), a adolescência é um fenômeno que ocorre nos tempos de juventude. Mattos (2009, p. 795) chama-o de “passagem adolescente, ou seja, (...) processo de ressignificação

dos vínculos primários (...) posicionando o jovem frente às múltiplas demandas de pertença no mundo de hoje”. Portanto, há uma imbricação dos fenômenos, não vistos como fases.

Dentro deste grupo, Spaziari e Resende (2010) possuem características diferenciadoras. Uma delas é o não uso do termo ‘adolescente’ no conteúdo do artigo e o pouco uso do termo ‘adolescência’, que aparece duas vezes. Outra característica é que, apesar de não discutir a relação entre ambos, estabelece de forma definitiva que adolescência era a forma de, na modernidade, se denominar o período entre a infância e a vida adulta.

Araújo (2007), Brito (2007), Dantas (2007), Dib (2007), Maia, A. (2007), Marques (2007), Perini e Victor (2007), Silva, C. B. (2007), Silva, R. O. (2007), Simões (2007), Souza, C. (2007), Almeida, G. (2008), Borelli e Rocha (2008), Cordeiro (2008), Dantas Junior (2008), Frezza (2008), Gonzales e Guareschi (2008), Jesus, T. (2008), Martins, M. (2008), Nascimento (2008), Pedrosa (2008), Santos, A. (2008), Santos, P. (2008), Silva, A. (2008); Barbosa (2009), Bezerra (2009), Cassab (2009), Castro, E. (2009), Gonçalves (2009), Silveira, O. (2009), Prata (2009), Sofiati (2009), Viana (2009a, 2009b), Cassab (2010), Geber (2010), Gomes, A. (2010), Oliveira, C. (2010), Takahashi (2010), Jesus, V. (2011), Lattari (2011), Lima, E. (2011), Lima, L. (2011), Machado, A. (2011), Mendes, G. (2011), Pereira, R. (2011), Ribeiro, R. (2011), Silva, J. P. (2011) mencionam as expressões juventude/adolescência e/ou jovem/adolescente, mas a abordagem não permite definir a relação que estabelece entre ambos os conceitos.

Cordeiro (2008, p. 78) ao mencionar, por exemplo, que “Abramo (1997) percebe a existência de dois grandes blocos voltados para enfrentar as dificuldades de “integração social” do adolescente e do jovem em desvantagem econômica”, pode parecer que há uma distinção clara entre os dois. No entanto, ao discutir os posicionamentos de Talcott Parsons sobre o que chama de sociologia das idades, qual seja, “o adolescente adere aos modelos de conduta da cultura jovem que repousam sobre normas ligadas, por sua vez, à graduação de idade e aos papéis sexuais” (Ibid, 78), permite entender que juventude e adolescência em algum momento se encontram, se confundem no ciclo de vida da pessoa.

O mesmo ocorre com Maia, A. (2007), Perini e Victor (2007) e Jesus, V. (2011) que dão a entender uma imbricação entre adolescência e juventude e até mesmo uma concomitância no período inicial da juventude, e Brito (2007) e Bezerra (2009) que no decorrer do texto trazem as expressões jovem e adolescente como distintas, mas em um dado

momento fazem afirmações que confundem ou que denotam uso sinônimo dos termos. Brito (2007, p. 18) escreve que uma ONG que visitou “tem como público prioritário, adolescentes de 12 a 21 anos” e “para participar do projeto o jovem deve estar estudando e estar na faixa etária de 12 a 21 anos” (Ibid, p. 91); e Bezerra (2009, p. 295) afirma ter entrevistado “os jovens da faixa etária de 12 a 15 anos”.

Lattari (2011) deixa claro em sua dissertação que, apesar do uso sem distinções dos termos em alguns estudos, preferirá utilizar somente juventude/jovens. Contudo, além de não apresentar claramente quais poderiam ser as diferenças representadas pelos termos, não comenta a respeito do fato de as pessoas que entrevista se autodenominarem adolescentes, apesar de serem referenciadas como jovens pelo autor.

Já em Basílio (2007), Callegaro (2007), Ehlers (2007), Mattana (2007), Villar (2007)³², Fernandes, C. (2008), Hirao (2008), Menezes (2008), Perondi (2008), Pires (2008), Alves, M. (2009), Lemos, J. (2009), Lima, F. (2009), Martins, S. (2009), Mira (2009), Oliveira, A. B. (2009), Pedrosa, M. (2009), Assunção (2010), Carvalho (2010), Guimarães (2010), Melo (2010), Silva, L. H. (2011), Souza, M. (2011), Tosi (2011) e Vergara e Justo (2011), apesar da não discussão, denotam e às vezes explicitam, uma diferenciação entre a adolescência e a juventude ou “jovens propriamente ditos” (MATTANA, 2007, p. 31). Aquela vem antes desta, e ambas compõem a juventude em um sentido mais amplo. Há limites etários aproximados para deixar de ser adolescente: em torno dos 15, 17 anos, ou dos 19, 20, como é o caso de Alves, M. (2009). Com o prolongamento da adolescência na contemporaneidade, esta achata a infância, diminuindo-a em termos etários, e invade um pouco dos anos da juventude. Mesmo com o posicionamento explícito de que são momentos diferentes, é comum expressarem com frases como ‘jovens ainda adolescentes’, denotando tanto uma imbricação entre esses momentos, como a ideia de ser a adolescência algo ligado ao desenvolvimento biológico e psíquico que ocorre boa parte dentro dos anos de juventude. Ocorre em autores como Oliveira, A. B. (2009) e Vergara e Justo (2011), o uso dos termos como sinônimos em algumas partes da dissertação e do artigo respectivamente.

³² Um dos critérios utilizados por Villar (2007, p. 18) para escolher os projetos para empreender a investigação é o atendimento “a jovens que se encontram na faixa etária entre 14 a 24 anos”, ou seja, utiliza a expressão “jovem” para discriminar o que para ele mesmo seria um adolescente, que vai até os 15 anos de idade. Pelo uso em diversos lugares de sua tese das expressões bem delimitadas jovens e adolescentes, inclusive definindo idades, entendemos que neste caso houve um descuido ortográfico.

Araújo (2007), Carrano (2007), Dib (2007), Rossi (2007), Souza, F. (2008), Souza, R. e Arcaro (2008), Tavares (2009), Oliveira, W. (2009), Pereira, C. et al (2009), Silva, N. (2009), Almeida, R. C. (2010), Pereira, C. (2010), Amaral (2011), Barbalho (2011), Peregrino (2011), Silva, J. (2011) e Wink (2011) também se encontram neste grupo, com a peculiaridade de que não estabelecerem nos respectivos trabalhos alguma divisão etária. Excetuando Almeida, R. C. (2010) e Dib (2007), esses autores também vinculam a adolescência às mudanças biológicas e juventude às questões de socialização.

Estas últimas observações remetem ao fato de que boa parte dos autores assume, propositadamente ou não, uma posição dúbia de localizar os conceitos adolescência e juventude em lugares distintos – na biologia, psicologia e saúde o primeiro, e na sociologia o segundo –, apresentando nitidamente uma concepção diferente para um e outro conceito. Ao mesmo tempo em que utilizam indiscriminadamente os termos adolescente/adolescência e jovem/juventude, referindo-se ao mesmo grupo de pessoas ou ao mesmo conjunto de fatores comportamentais e conceituais referentes a este grupo, sem apresentarem razões para essa alternância.

5.2.1.3 Produções acadêmicas que não mencionam as expressões adolescência / adolescente

Aqueles autores que não mencionam, na respectiva produção acadêmica, as expressões adolescente/adolescência ao discutir sobre juventude estão destacados no quadro 32 abaixo.

Quadro 32 – Grupo de produções acadêmicas que não utilizam os termos adolescência/adolescente na produção acadêmica analisada, separadas por tipo de documento e por ano de publicação

Ano	Tese	Dissertação	Artigo
2007		Williams	Barbiani; Coura; Filgueiras; Ladeira; Matos, K.
2008		Fernandes, S.; Silva, T.	Cardozo
2009			Meireles Neto
2010			Enne; Maia, R.; Ribeiro, W.
2011		Silva, J. A.	Moura, B.

Fonte: Autor, 2012.

No caso de Barbiani (2007), a palavra adolescente aparece em uma obra na bibliografia. No caso da dissertação de Fernandes, S. (2008), além de aparecer no título de três obras nas referências bibliográficas, surge outra vez quando a autora rememora a sua

própria experiência de vida ao tornar-se professora. Em Silva, T. (2008), o termo adolescência aparece no título de uma das obras citadas nas referências e, a palavra adolescente, uma única vez como identificador de um tipo de comportamento assumido por uma parcela da juventude na década de 50, propalado pela indústria cinematográfica através do filme ‘Juventude Transviada’³³. Na dissertação de Silva, J. A. (2011) aparece em três citações de outros autores. Nos demais casos, os termos não aparecem de forma alguma.

Além dessas posturas esquematizadas acima, foi comum entre os autores a separação dos sujeitos jovens e adolescentes e dos processos adolescência e juventude, como realmente sendo pessoas e momentos diferentes. Percebe-se a influência da divisão legal reforçada pela lei 8.069 / 2010 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, bem como das políticas públicas, e da divisão psico-biológica sistematizada por Erick H. Erikson. Foi comum também a abordagem dos autores vincular adolescência à cultura, uma “sub-cultura adolescente” (CARRANO, 2007, p. 3) que insere os sujeitos, adolescentes e jovens, em um mesmo ambiente de influência e expressão cultural.

5.2.2 Características da Condição Juvenil

Identificou-se que a maioria dos autores analisados (~ 85%) utiliza o termo juventudes, no plural, como forma de determinar a heterogeneidade da situação de juventude vivenciada pelos sujeitos. Outros não utilizam a expressão, mas adotam a ideia de diversidade na forma dos jovens estarem no mundo, rejeitando explicitamente a concepção de uma única juventude, seja pela forma de vivenciar o momento do ciclo de vida, seja pelas atribuições sociais e culturais que têm que lidar. Contudo, é importante considerar como Pires (2008, p. 26), reconhecendo o uso do termo no plural como identificador da “consideração dos múltiplos aspectos que marcam a diversidade entre os jovens”, mas evitando, com isso, “camuflá-la como categoria social”.

Esse movimento entre a consideração de juventude como categoria social e a diversidade da manifestação concreta dessa categoria na vida dos jovens, foi discutida na

³³ *Rebel without a cause.*

produção acadêmica analisada através dos conceitos de condição e situação juvenil a partir, principalmente, de Sposito e Carrano (2003), Abramo (2005) e Dayrell (2002, 2003, 2007). A condição juvenil expressa o significado histórico, geracional, atribuído por uma sociedade específica à juventude. A situação ou situações juvenis é o modo como esta condição é vivida pelos jovens concretos a partir dos recortes de gênero, classe, etnia, etc.³⁴. De acordo Pires (2008, p. 26) “a utilização da condição juvenil como categoria de análise possibilita contemplar as múltiplas dimensões da constituição do ser jovem, em seus aspectos simbólicos, materiais, históricos e políticos”.

O conceito de condição juvenil, portanto, conterà sempre um caráter mais homogeneizador no sentido de estabelecer um conceito geral, nos moldes do que preconiza Vigotski (1986), sobre juventude. Por outro lado, o conceito de situação juvenil se refere à diversidade manifesta na pessoa e seus processos de significação, bem como nos grupos juvenis.

Neste item onde se discute como as características da condição juvenil são analisadas na produção acadêmica consultada, são estabelecidas três classificações gerais não autoexcludentes, que localizam somente as produções, que, de alguma forma, comungam do critério estabelecido. A primeira classificação apresenta as produções que abordam a juventude como um grupo que possui posturas intrínsecas à condição juvenil; a segunda, aquelas que a apresentam como uma categoria social onde o todo pode ser subsumido a partir de características de um dos grupos que o compõe, e a terceira, as produções que trazem a juventude como possuidora de características supraculturais que se convertem em elementos universalizantes da condição juvenil.

5.2.2.1 Juventude como grupo que possui posturas intrínsecas

A juventude também tem sido abordada como sendo um grupo de pessoas que, por estarem nesta fase ou condição, possuem posturas esperadas, que lhes são próprias, intrínsecas

³⁴ Para Sposito e Carrano (2003) o estabelecimento desses conceitos ajuda a dirimir a tensão entre os vieses simbólico e pragmático das análises de juventude.

à condição de juventude. Uma pré-disposição para reproduzir comportamentos social e historicamente autorizados. A juventude, portanto, detém certas categorias e atributos que lhe são essenciais, pertencem à condição juvenil. Como maior ou menor intensidade, os autores presentes no quadro 33 abaixo, apresentam argumentos nesta direção.

Quadro 33 – Grupo de produções acadêmicas que apresentam a juventude como um grupo que possui posturas intrínsecas, separadas por tipo de documento e por ano de publicação

Ano	Tese	Dissertação	Artigo
2007	Andrade, C.; Meneses	Araújo; Mattana; Nanaka; Zottola.	Matos, K.
2008	Ataíde; Batista	Almeida, G.; Fernandes, S.; Lemos, M.; Oliveira, M. A.; Silva, A.	Borelli e Rocha
2009	Alves, M.; Martins, S.; Sofiati	Gonçalves; Martins, T.; Oliveira, A. B.; Oliveira, W.; Silva, R. H.	
2010		Gomes, A.; Guimarães; Melo	
2011	Carlos, Mesquita	Lima, L.; Ribeiro, R.; Silva, L. H.	Vergara e Justo.

Fonte: Autor, 2012.

Para Araújo (2007), Mattana (2007), Meneses (2007), Batista (2008), Fernandes, S. (2008), Silva, A. (2008), Alves, M. (2009), Oliveira, A. B. (2009), Oliveira, W. (2009), Sofiati (2009)³⁵ e Guimarães (2010), o processo de resistência do jovem frente aos processos de integração social, desde uma perspectiva de padronização de suas experiências sociais, é movido pela postura questionadora frente ao mundo, de rebeldia, pois “espera-se dos/as jovem que mudem ou manifestem seu descontentamento com o sistema” (ALVES, M., 2009, p. 49); que tenham “capacidade de vivenciar e dar origem ao novo” (ARAÚJO, 2007, p. 27); que expressem seu potencial transformador e questionador da sociedade (MATOS, K., 2007; OLIVEIRA, A. B., 2009; OLIVEIRA, W., 2009), em uma luta ousada pela mudança e “construção de um mundo melhor no futuro, do que o mundo que vivenciam” (SILVA, A., 2008, p. 30).

Nesse mesmo caminho, Vergara e Justo (2011, p. 93) apresentam uma imagem de juventude mais ou menos unificada. Definem a configuração juvenil do século XX: uma juventude protagonista, transformadora, que “com gestos e imagens desafiadoras e irreverentes, afrontaram a sociedade seus valores idéias e tabus, a moral e os costumes”, mas, tendo suas bandeiras absorvidas pela sociedade industrial e capitalista sinaliza ausência de projeto de vida e está “em ruptura com o modelo de idealização narcísica projetado pelas gerações anteriores” (Ibid, p. 95).

³⁵ Compreende que há características de comportamento ou estado de espírito inerente aos jovens, presente na ideia de religiosidade funcional, da busca pela autonomia, afeição ao risco, apta a simpatizar com movimentos de mudança.

Essas posturas são próprias da juventude que “constitui-se, em si mesma, um elemento (potencial) de protesto, de recusa aos padrões socialmente estabelecidos” (BATISTA, 2008, p. 62), que se torna inócua na medida em que é espontânea e não orientada a um fim, e por isso, como escreve Mattana (2007, p. 24), precisa ser seduzida através “de programas e projetos que busquem a qualificação e o empoderamento dos indivíduos”. Fernandes, S. (2008) refere-se a um momento de crise de identificação com o Estado, com tendência a rebelar-se, e por isso, um momento propício para a conscientização.

Esse comportamento ‘próprio’ é posto por Batista (2008), por exemplo, como algo que precisa ser estabelecido em um nível psíquico que é necessário à época vivida, no caso, pelo jovem. Ou seja, há um limite cultural e histórico que enquadra as pessoas, dentre elas os jovens, em um conjunto finito de possibilidades em relação à postura.

Neste mesmo grupo encontram-se Borelli e Rocha (2008)³⁶, Gonçalves (2009), Gomes, A. (2010) e Melo (2010)³⁷ ao afirmarem os intrínsecos gostos pela aventura, pelo desejo de aproveitar a vida, por estarem em uma idade de maior inquietação, demandante de experiências novas e diferentes, pela maior curiosidade em relação ao novo; Oliveira, M. A. (2008) ao listar o que considera as características próprias dos jovens ou da juventude: esperança; espírito de aventura; inconformismo; aspiração à liberdade; capacidade criadora; exigência de autenticidade; dinamismo; e Silva, L. H. (2011, p. 34) que vê a inserção em grupos de pares como algo “próprio da juventude, na tentativa de encarar o mundo de forma mais ampla”. Carlos (2011), baseado em Marialice Mencarini Foracchi, considera, dentre os elementos presentes no conceito de juventude, o caráter de mudança social que este grupo traz consigo, mais explícito em algumas gerações do que em outras, como foi o caso da geração de 1960. Mesquita (2011, p. 74) fala da importância que tem a juventude para o futuro da sociedade, pois, além de serem os adultos do futuro, são aqueles que questionam “categorias, visões de mundo e estruturas que foram desenvolvidos pelos adultos”.

³⁶ Além disso, as autoras citam como características próprias os conflitos intergeracionais, a linguagem própria na comunicação, aderência ao movimento e ao jogo, forte ligação com o presente, certa dificuldade em equacionar o passado e alguma relutância em projetar o futuro, pouca consideração da experiência, busca da autorrealização, exaltação da vida privada, do consumo e dos ideais de beleza, amor e felicidade.

³⁷ A autora faz a seguinte referência com a qual não demonstra desacordo: “Abramovay e Esteves (2009) acrescentam ainda que apesar das diferenças entre as juventudes serem marcantes, existem algumas características comuns a todos os agrupamentos juvenis, dentre elas destacam: a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo, etc.” (MELO, 2010, p. 50).

Andrade, C. (2007, p. 160) caminha pela mesma trilha ao considerar a existência de um *ethos* adolescente e que há algumas atitudes, como “glorificação do risco”, próprias “aos valores adolescentes”. Nanaka (2007), Lemos, M. (2008), Martins, T. (2009), Lima, L. (2011), Ribeiro, R. (2011), apesar de não utilizarem a palavra, definem juventude também como portadora de um *ethos* que se exprime através de predisposições positivas e negativas³⁸, de “um modo próprio de vestir” (LIMA, L., 2011, p.23), um traço inerente de pureza, um potencial revitalizador da sociedade, de uma característica natural em relação à mudança e de

uma enorme predisposição ao que gosta de fazer, tende a ser solidária, demonstra uma alegria contagiante, sempre *de bem com a vida*, eufórica, com afirmações e posturas radicais, contrastando com instantes de depressão, insegurança e fragilidade, com dificuldade em fazer escolhas, em se organizar, em programar o seu dia-a-dia (...) e, caminha corajosamente na busca de alternativas /saídas para a sua vida, sem medo de experimentar, de se apaixonar, de errar, de acertar, de tentar, de ousar (LEMOS, M., 2008, p. 36, grifos do autor).

Ataíde (2008, p. 44) ao mesmo tempo em que afirma os aspectos sociais, culturais e históricos da conceitualização do conceito de juventude, demonstra entendê-lo como indicador de uma “fase intermediária entre a infância e a vida adulta (...) período etário”, sendo que “a inconsequência e a impulsividade próprias dessa fase não lhes permitem refletir” (p. 71)³⁹. Martins, S. (2009, p. 246) alerta que algumas pessoas e instituições desconsideram a juventude como um jeito “particular de estar no mundo e experimentá-lo; os indivíduos, além de viverem as contradições de seu tempo, também vivenciam contradições próprias da idade e que dizem respeito à afirmação da identidade individual e social”.

Esta forma especial de estar no mundo se traduz, para Zottola (2007), no que chama de atitudes vicárias, como orientadoras do comportamento dos jovens em cada uma das quatro fases pelas quais passa a adolescência e juventude: o entrosamento com o grupo; o conflito real com a família junto com a busca de maior intimidade nas relações que estabelece; a resposta sobre o sentido da vida orienta e, por fim, a concretização do projeto de vida serve de bússola.

³⁸ “para interagirmos com os adolescentes e jovens precisamos criar ações que considerem sua pré-disposição à liberdade, seu romantismo em reconhecer as belezas da vida e sua “rebeldia” diante de situações de injustiça, bem como as pré-disposições contrárias a estas” (MARTINS, T., 2009, p. 26). A autora baseia-se em Erik H. Erikson para desenvolver a ideia de predisposições.

³⁹ “a inconsequência e a impulsividade próprias dessa fase não lhes permitem refletir sobre as dimensões e os desdobramentos que a prática do ato infracional pode significar em suas vidas, apenas para satisfazer momentaneamente certos prazeres, ou para se afirmarem perante o grupo a que pertencem” (ATAÍDE, 2008, p. 71).

Já Almeida, G. (2008) afirma que não somente a juventude, mas todas as fases da vida possuem suas características próprias relacionadas às questões biológicas, sociais, históricas e culturais. Contudo, como aborda Silva, R. H. (2009, p. 13), “de forma arquetípica, o grupo de adultos atribui à juventude a função de preservar e renovar a sociedade seguindo o sistema presente de valores, instituições e ideais coerentes como o *status quo* estabelecido”, o que dá à juventude um papel ideal, ligado à sua condição. Cumpri-lo dependerá de uma série de fatores, inclusive o quão eficiente é o modelo de socialização empreendido, mas é como se fosse uma missão inscrita na sua condição juvenil.

Autores como Stamato (2008), Rodrigues, H. (2009), Enne (2010) e Lima, E. (2011) abordam a questão das posturas próprias dos sujeitos jovens de uma forma distinta, ao diferenciarem aquilo que é parte da condição, daquilo que é produto da complexa relação de forças, influências presentes com contexto social onde os jovens se inserem e as experiências que vivenciam ao longo do trajeto neste contexto.

Para Stamato (2008, p. 118) é fundamental compreender que o “processo de se constituir e se situar como jovem no mundo contemporâneo” está diretamente relacionado à “subjetividade como uma produção histórica e socialmente situada”, tanto no âmbito individual como no social. Essa compreensão ajuda a entender os significados atribuídos à juventude e as atitudes assumidas pelos jovens frente a esses significados, que devem “ser entendidas como resultado da intensa contradição entre as necessidades dos jovens, suas condições pessoais e possibilidades sociais de satisfação, presente na sociedade capitalista” (Ibid, p. 112).

Rodrigues, H. (2009) também chama à atenção para a compreensão sócio-cultural do que está sendo chamado aqui de posturas intrínsecas. Para a autora, assim como no caso dos jovens, há diferentes modos de ser criança e de ser velho, ou seja, a diversidade no que diz respeito à situação, à forma de se estar no mundo, não é uma marca exclusiva da juventude. Contudo, para esta autora, o caráter singular desse grupo em relação a essa heterogeneidade está no fato de ser

uma fase de construção da identidade, de constituição do sujeito, de lapidação do cidadão. Uma etapa, em suma, na qual os efeitos do isolamento, da exclusão ou da desfiliação, por exemplo, certamente se refletirão na construção e na definição do papel social a ser desempenhado por cada um (Ibid, p. 70).

Nesse sentido, em cada ambiente cultural produzirá o “seu jovem” na combinação não unidirecional desses diversos fatores. Vigor mental e físico concede ao jovem um olhar próprio do qual faz parte o rompimento “seja por processos coletivos de renovação, por influências de um líder ou por paixões arrebatadoras” (Ibid, p. 75).

Lima, E. (2011) afirma que cada período produz um discurso hegemônico sobre a juventude. Nos anos 80, por exemplo, o discurso posto foi o de individualismo, passividade e apatia política. Nos 90, os grupos juvenis, remontando à ideia de desviante presente nos 50, nos anos 2000 a ocupação das cidades pelos grupos juvenis.

Na perspectiva de Enne (2010, p. 25), os jovens são herdeiros da dinâmica que vê a “construção de estilos de vida como forma de marcação identitária”, o que permite maior flexibilidade e autonomia na “composição dos papéis sociais desempenhados no cotidiano”. Os jovens talvez sejam os que mais exploram “capacidade dos bens produzirem sentido” (Ibid, p. 26), mas isso não é característico somente deles. O consumo é uma construção histórica e cultural, e é a marca desse tempo, não de um grupo.

5.2.2.2 Juventude como categoria social classificada a partir de características de um dos grupos que a compõe

Outra forma de categorizar ou representar a juventude e os jovens presentes em parte da produção acadêmica analisada foi a que refere à compreensão do todo pela parte. A categoria juventude ou o conjunto de pessoas que a compõem, foi apresentada por uma parcela dos autores a partir de características, posturas e comportamentos de parte desse grupo, percorrendo um caminho dedutivo, que nesse caso, significa ir do simples ao complexo, procedimento que pode induzir a erros de avaliação dos objetos estudados, como bem observa Vigotski (1996).

Neste grupo das produções acadêmicas, a definição manifesta de juventude ficou vinculada, por exemplo, a um período de tempo, a uma região. Assim tem-se a juventude dos anos 60, a juventude ocidental, a juventude do capitalismo, e tantas outras juventudes quantas forem às situações, tempos e momentos utilizados para classificar a história. Em certa medida,

elementos da situação juvenil de um determinado grupo foram transpostos como referencial explicativo e identificador da condição juvenil.

Os autores que expressaram esta ideia estão descritos no quadro 34 abaixo.

Quadro 34 – Grupo de produções acadêmicas onde a categoria juventude é representada a partir de características ou comportamentos de um grupo específico de jovens, separadas por tipo de documento e por ano de publicação

Ano	Tese	Dissertação	Artigo
2007	Andrade, C.	Dantas; Silva, C. B.; Zottola.	
2008		Lemos, M.; Menezes; Nascimento; Oliveira, M. A.; Silva, A.	Machado, V.
2009	Sofiati	Almeida, R. S.; Lima, F.; Silveira, S.	Pereira, C. et al.
2010		Sá	
2011	Carlos	Carcovich; Machado, A.; Ribeiro, R.; Silva, R. T.	Moura, B.; Vergara e Justo

Fonte: Autor, 2012.

Andrade, C. (2007), Menezes (2008), Silva, A. (2008)⁴⁰ e Sá (2010) se referem aos grupos de jovens que se organizaram para enfrentar o regime político brasileiro em abril de 68 como “a geração dessa década” (ANDRADE, C., 2007, p. 13) que vivia “ideais coletivos (...) foi substituída por outra com maior preocupação com as necessidades pessoais” (Sá, 2010, p. 36), ou geração shopping, como se refere Silveira, S. (2009). Nascimento (2008) aborda a geração dos anos 80 como aquela que queria debater questões concretas em contraste com a geração anterior sonhadora, utópica, por buscar mudar as estruturas da sociedade. Zottola (2007) defende que a juventude dos anos 60, 70 até 80 como aquela preocupada com um projeto coletivo de construção social, em contraste com a juventude do fim da década de 80 em diante. Esta, por sua vez, estaria mais voltada para si, para a sua subjetividade.

Lemos, M. (2008, p. 45) utiliza a expressão ‘geração analógica’ para se “referir a juventude que viveu o período anterior ao advento e proliferação do uso do computador e internet.”, qualificando assim todo um universo juvenil a partir de uma característica marcante, ou que foi feita marcante, de uma pequena parte deste todo. Oliveira, M. A. (2008) fala das características desta geração de jovens, dentre elas, uma geração de pouca leitura. Ainda para Andrade, C. (2007, p. 15) há uma experiência geracional que “imprime uma tonalidade própria” ao campo juventude, no sentido bourdieusiano. Algo semelhante é

⁴⁰ “A rebeldia dos anos 60, que buscava uma paz entre os povos, o famoso maio de 1968, que marcou a história de luta de uma época, a dita juventude paz e amor, cede lugar a juventude anos 2000, que busca sobreviver ao caos urbanos e a crescente desigualdade e violência instalada na sociedade” (SILVA, A., 2008, p. 29).

descrito por Almeida, R. S. (2009), que busca demarcações geracionais que ajudem a compreender os jovens e a juventude em seu contexto sócio-histórico.

Sofiati (2009), ao discutir juventude em relação à história da organização juvenil, da religião, educação, trabalho e política, passa uma ideia de generalização do conceito ao expressar que a juventude brasileira pensa, é ou era dessa e dessa forma. O autor ainda atribui um caráter generalizante aos resultados apresentados em pesquisa sobre juventude conduzida pela Fundação Perseu Abramo⁴¹. Sem demonstrar as especificidades estatísticas desta pesquisa afirma, por exemplo, ser significativo o dado de 85% dos entrevistados declararem “não participar de grupo de jovens de qualquer espécie”, concluindo que “a grande maioria dos jovens no Brasil se encontra desorganizada” (SOFIATI, 2009, p. 17).

Silva, C. B. (2007), pela leitura que faz de autores como João Batista Libâneo, estabelece caracterizações genéricas para se referir aos jovens da modernidade – que liam o diário de Che Guevara – e os da contemporaneidade – que leem Paulo Coelho. Desta forma, há um jovem contemporâneo que se molda em termos gerais, a um formato comandado por pressupostos característicos, como denomina o autor.

Lima, F. (2009), nesta mesma direção, fala de uma geração jovem, que nasceu e cresceu na era da internet. Ao apresentar a visão da empresa MTV a respeito de como configura sua programação televisiva não para uma geração em particular, mas para “cada nova geração que se configura como *jovem*” (Ibid, p. 90, grifo da autora), a autora não apresenta considerações sobre uma possível diversidade dentro disto que está sendo chamado de geração jovem, desconsiderando o fato de, apesar de todos terem nascido na era da internet, nem todos mantêm o mesmo grau de dependência ou mesmo nível de uso da rede. Ribeiro, R. (2011) da mesma forma, estabelece uma juventude do século XXI a partir da representação de jovens moradores de grandes cidades em termos populacionais. Já Dantas (2011), nomeia de gerações globais, a saber, a “x”, a “y” e a “z”, considerando, segundo a autora, o grau do desenvolvimento cibernético do período histórico e geracional em que nasceram.

⁴¹ Pesquisa “desenvolvida por uma parceria entre o Instituto Cidadania, o Sebrae e o Instituto de Hospitalidade. As informações empíricas foram coletadas entre novembro e dezembro de 2003, por meio de questionários aplicados entre 3.501 jovens de 15 a 24 anos de idade, em seus domicílios, distribuídos por 198 municípios de 25 estados brasileiros” (SILVA, C. A., 2005, p. 396).

Pereira, C. et al (2009), apesar de buscarem uma definição de jovem sem vinculações etárias, analisam a representação de jovem na publicidade e no cinema a partir da ideia de geração. Eles buscam não atribuir um juízo de valor moral na comparação de gerações, mas elas constituem a juventude, com grupos que caracterizam cada geração como os yuppies, hippies e outros. E “se, antes, a juventude era contracultura, hoje é cultura, se era revolução, é evolução e, se era transgressão, hoje, é regra” (Ibid, p. 11).

Carcovich (2011), Carlos (2011), Moura, B. (2011), Silva, R. T. (2011) e Vergara e Justo (2011) seguem comparando juventudes do passado e do presente, totalizadas em gerações. Apresentam uma juventude cujos jovens de determinada geração “com gestos e imagens desafiadoras e irreverentes, afrontaram a sociedade seus valores idéias e tabus, a moral e os costumes” (VERGARA; JUSTO, 2011, p. 93), e, à medida que surgem bandeiras juvenis, elas são absorvidas pela indústria capitalista. Essa ideia também sinaliza uma visão mais essencialista da juventude: que existe como grupo social específico, com posicionamentos que lhe são próprios. Também Machado, A. (2011, p. 36) apresenta uma ideia de geração que transparece uma imagem homogeneizada da juventude de determinada época, sendo que há “dilemas comuns à atual geração juvenil, a saber: 1) medo de sobrar (...); 2) medo de morrer (...); 3) sensação de estar desconectado”.

Machado, V. (2008) está neste grupo, mas possui uma distinção importante a ser destacada: ao mesmo tempo em que este autor fala de uma homogenia na população jovem no Brasil, “resultando numa *identidade jovem*, que perpassa toda a sociedade brasileira” (Ibid, p. 131) e de uma cultura juvenil exógena fruto da cultura de massas, apresenta a juventude como desenvolvedora de um produto cultural próprio. Ou seja, não há para este autor, como ocorre no pensamento expresso dos demais citados, uma geração jovem específica, mas um processo aglutinador global do qual os jovens se convertem em categoria social privilegiada de análise.

5.2.2.3 Juventude e alguns elementos universalizantes da condição juvenil

Uma terceira abordagem a respeito das características da condição juvenil que pôde ser identificada na análise é a ideia da existência de elementos social e culturalmente produzidos, e mesmo biológicos, que universalizam a condição juvenil. E, ainda que não seja

possível falar de unidade social a partir de características biológicas, estas também cooperam na perspectiva de parte desses autores, para conferir uma mínima unicidade a esta categoria social.

Na leitura analítica do tempo presente no qual a juventude e o jovem se inserem, especialmente, considerando a ideia de geração, grupo de idade e cultura, os autores estudados percebem alguns fios condutores que, por razões diversas, dão uma determinada forma à juventude. Para esses autores, os diversos fatores históricos, sociais e culturais relacionados de forma complexa, em maior ou menor intensidade, formam uma espécie de espaço delimitado, por onde os jovens transitam, conferindo certa unidade à categoria. Nesse sentido, consideram as características gerais como eixo norteador da condição de juventude, bem como o fato de que há constrangimentos materiais, objetivos, que delineiam os contornos desta e das demais categorias sociais.

O quadro 35 abaixo apresenta os autores que explicitaram a existência de aspectos universalizantes na definição da condição de juventude.

Quadro 35 – Grupo de produções acadêmicas que apresentam a condição juvenil a partir de características homogeneizantes, separadas por tipo de documento e por ano de publicação

Ano	Tese	Dissertação	Artigo
2007	Andrade, C.; Dal Molin; Dib; Gorczewski, Meneses; Villar	Araújo; Brito; Basílio; Dantas; Ehlers; Feitosa; Maia, A.; Marques; Mattana; Nanaka; Pereira, L.; Rossi; Santos, N.; Silva, C. B.; Silva, C. R.; Simões; Souza, C.; Stort; Williams; Zottola.	Barbiani; Coura; Filgueiras; Ladeira; Matos, K.; Perini e Victor; Zucchetti e Bergamaschi
2008	Andrade, S.; Ataíde; Batista; Cordeiro; Matos, R.	Fernandes, C.; Fernandes, S.; Frezza; Hirao; Jesus, A.; Jesus, T.; Lemos, M.; Martins, M.; Menezes; Nascimento; Oliveira, M. A.; Oliveira, R.; Perondi; Rodrigues, J.; Santos, A.; Santos, P.; Silva, A.	Borelli e Rocha; Cardozo; Gomes et al.; Machado, V.
2009	Alves, M.; Bezerra; Cruz; Gil; Kafrouni; Martins, S.; Mendes, S.; Rodrigues, H.; Sofiati.	Almeida, R. S.; Barbosa; Borghi; Caliar; Ferreira; Gonçalves; Martins, T.; Mira; Moura, A.; Nicolau; Novelli; Oliveira, A. B.; Oliveira, W.; Pedrosa, M.; Pereira, K.; Santos, L.; Seren; Silva, L. E.; Silva, R. H.; Silveira, S.	Castro e Mattos; Coelho e Aquino; Viana (2009a, 2009b).
2010	Almeida, R. C.; Bandeira; Furiati	Assunção; Borges; Carvalho; Geber; Gomes, A.; Guimarães; Melo; Oliveira, C.; Sá; Takahashi; Taqueti; Vale.	Enne; Leite, M.; Spaziolo e Resende.
2011	Braghini; Carlos; Mesquita	Albuquerque; Amaral; Carcovich; Castagna; Costa, F.; Gulo; Jesus, V.; Leite, G.; Lima, L.; Machado, A.; Mendes, G.; Mendes, V.; Ribeiro, R.; Rodrigues, L.; Silva, D.; Silva, G.; Silva, J.; Silva, J. A.; Silva, J. P.; Silva, L. H.; Silva, R. M.; Silva, R. T.; Tosi; Wink	Mora, B.; Peregrino; Vergara e Justo.

Fonte: Autor, 2012.

Uma especificidade da compreensão por parte de Basílio (2007), Pereira, L. (2007), Zottola (2007), Fernandes, S. (2008), Perondi (2008), Silva, A. (2008), Coelho e Aquino (2009), Pereira, K. (2009), Silveira, S. (2009), Almeida, R. C. (2010), Gomes, A. (2010), Takahashi (2010), Braghini (2011), Costa, F. (2011), Gulo (2011), Peregrino (2011), Silva, G. (2011), Silva, J. A. (2011) e Silva, J. P. (2011) a respeito de certa homogeneidade na condição juvenil é que esta representa uma época de transição. Uma condição especial de transitoriedade que marca esta etapa de vida, não obstante à diversidade própria de uma categoria construída histórica e socialmente. Os autores adotam claramente a ideia de juventude como transição para a vida adulta. Não linear, reversível, não restrita à ocorrência de todos os eventos que denunciam a saída da juventude, mas uma transição. Isso pode conferir à juventude, tanto um sentido de passagem preparatório e à fase adulta um estágio almejado, como o entendimento de uma transição, em meio a tantas outras que compõem o ciclo da vida, não implicando, no entanto, em nulidade. Coelho e Aquino (2009) acham importante considerar que

esse aspecto da transição traz para a compreensão de juventude a idéia de processo, transformação, temporalidade e historicidade (Camarano, Mello e Pasinato, 2004). E, portanto, a partir daí, é possível reconhecer e reforçar a compreensão de que os jovens se constroem em processos de transição e em trajetórias diferenciadas em suas realidades sócio-históricas concretas (COELHO; AQUINO, 2009, p. 277).

Além desta unicidade estabelecida pelo aspecto da transição, Almeida, R. C. (2010) vê a juventude como

momento singular na elaboração e revelação do Eu (...) latente nessa fase do curso da vida e vem associado a um momento em que outras esferas da vida, para além da família e da escola, como as esferas do trabalho e da participação política e pública começam a ter uma importância relativa crescente (ALMEIDA, R. C., 2010, p. 26).

Para Basílio (2007), além disso, a ideia de geração confere uma unicidade aos grupos juvenis, tanto os atuais, como os de outras épocas. Machado, A. (2011) também expressa essa ideia de geração que dá unicidade à condição juvenil. Outro autor, Batista (2008, p. 65), corroborando com esta perspectiva, afirma haver uma “geração contemporânea de adolescentes” que se constitui a partir de uma lógica, a do descartável, esse marcador global da identidade juvenil “permeia não apenas a relação dos sujeitos com aquilo que eles consomem, mas também a relação entre os sujeitos”.

Para Villar (2007) e Mendes, V. (2011), a perspectiva geracional é fundamental na definição do conceito de juventude e foi, especialmente, importante para elas definirem o

grupo de pessoas a entrevistar, pois vive uma situação de similaridade geracional. Isso implica em condições parecidas de contexto, que as pessoas processam de forma particular. Há uma situação que tende ao homogêneo, mas isso não reflete necessariamente em posturas homogêneas por parte das pessoas. No caso de Matos, K. (2007), essa tendência se reflete no potencial transformador de uma geração. Também para Dantas (2007), Almeida, R. S. (2009), Barbosa (2009), Nicolau (2009), Silva, J. (2011), Silva R. T. (2011) e Vergara e Justo (2011) há ‘certas características’ e condições sociais e de geração que homogeneizam.

O entendimento de outro conjunto de autores é que o contexto exerce uma pressão coercitiva sobre o jeito de ser jovem (JESUS, T., 2008; MENEZES, 2008; ASSUNÇÃO, 2010). Estes entendem, numa opinião mais radical a respeito de uma visão passiva, os jovens têm sido vítimas “das determinações sociais ocasionadas pelo sistema capitalista, marcado pelo caráter neoliberal”. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 15), ou ainda

na sociedade em que vivemos não existe esta autonomia, esta liberdade de escolher e de ter nas mãos o curso da própria vida, sabemos que somos “levados” pelo sistema capitalismo neoliberal que é excludente, no qual a juventude, especialmente a juventude das camadas populares, é a mais afetada (JESUS, T., 2008, p. 34).

Além disso, a busca pela máxima padronização de gostos, onde a indústria cultural tem um papel fundamental na construção das culturas juvenis (ROSSI, 2007; MARTINS, 2009; NOVELLI, 2009; MENDES, G., 2011), especialmente, com vistas à formação, ampliação e manutenção de um mercado consumidor, tem se tornado uma das mais importantes marcas do período contemporâneo, dominado por uma parte do subsistema econômico, que é o Mercado⁴². Essa massificação da sociedade, especialmente da juventude, é também alvo das reflexões de Viana (2009a, 2009b), Carcovich (2011) e Wink (2011). Viana (2009b) entende que, apesar da sua não passividade, a juventude, no que diz respeito à sua identidade, cultura, e à sua relação com a tradição e a memória, é cooptada “pelos meios oligopolistas de comunicação” e inserida em uma sociedade em constante mutação e inovação “dentro dos quadros restritos do capitalismo” (VIANA, 2009b, p. 18)⁴³.

⁴² Nanaka (2007) apresenta os adolescentes em sua pesquisa como um grupo susceptível à cultura de massa, considerando que os processos de socialização mais tradicionais que envolvem a família especialmente, são substituídos principalmente pela indústria cultural, veiculada através da música, cinema, literatura e televisão.

⁴³ Carcovich (2011) também concebe a categoria juventude como uma construção social e histórica do capitalismo, sendo esse um dos pontos que a une e, ao mesmo tempo a diferencia de outras categorias, como infância e adolescência. Para Wink (2011) o trabalho capitalista homogeneiza as pessoas.

Cordeiro (2008, p. 42), apesar de afirmar que “jovem não se resume a uma juventude modelo”, reconhece que algumas práticas contemporâneas, como o prolongamento da escolarização, tem contribuído para o estabelecimento de certo modelo de juventude. Adicionam-se a isso os vínculos a grupos mais restritos como ONG e outros organismos estabelecidos por políticas públicas (PEDROSA, M., 2009), igrejas (ALVES, M., 2009) com importante papel na transmissão geracional e, de acordo Kafrouni (2009), as políticas públicas e a mídia que reproduzem e ajudam a construir modelos de juventude, às vezes antagônicos. Apesar de, em linhas gerais, se considerar a existência de juventudes, esse processo de hegemonização privilegia modos juvenis vinculados às classes economicamente ricas (GIL, 2009)⁴⁴.

Para outro grupo de autores, como Coura (2007), Ehlers (2007), Gorczewski (2007), Santos, N. (2007), Stort (2007), Cardozo (2008), Fernandes, C. (2008)⁴⁵, Gomes et al (2008), Nascimento (2008), Oliveira, R. (2008), Rodrigues, J. (2008), Ferreira (2009), Mira (2009), Silva, L. E. (2009), Bandeira (2010), Geber (2010), Sá (2010), Taqueti (2010)⁴⁶, Albuquerque (2011), Amaral (2011), Mesquita (2011), Silva, D. (2011)⁴⁷, Silva, R. M. (2011)⁴⁸ e Tosi (2011), o fio homogeneizador do que vem a ser juventude passa pelo “caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, na qual completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas” (OLIVEIRA, R., 2008, p. 20) e pelas “características que são padronizadas, independente de tempo e lugar” (BANDEIRA, 2010, p. 142). Em outras palavras, enquanto que a representação que se faz da juventude e dos jovens é bastante variada, dependendo diretamente do tempo histórico de cada grupo social ou instituição, as transformações biológicas dão unicidade ao fenômeno⁴⁹. No caso de Silva, C.

⁴⁴ “ao considerar que a juventude constitui uma condição social e, (...) um tipo de representação é preciso reconhecer que, quase sempre, os modelos positivos se espelham em jovens que não são das classes populares e reforçam estereótipos e antagonismos nas relações entre as classes sociais” (GIL, 2009, p. 88).

⁴⁵ A autora também atribui tem a transição como uma marca importante da condição juvenil.

⁴⁶ Apresenta uma diversidade de perspectivas que se complementam. Prevalece para o autor a importância de não estabelecer definições universais, contudo reconhece que há elementos universais na caracterização da juventude, e das demais fases. Não explicita quais são. Dá a entender que são as mudanças físicas e a localização intermediária.

⁴⁷ Silva, D., (2011) discute a especificidade da a partir das mudanças físicas e as ligadas à construção da identidade.

⁴⁸ Para esta autora são mudanças biológicas, psicológicas e especificidades que representam uma marca geracional.

⁴⁹ “Não se pode negar que na construção do conceito de juventude existe um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. Entretanto, é muito variada a forma como cada sociedade, em seu tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com esse momento e representá-lo” (AMARAL, 2011, p. 20).

B. (2007) e Fernandes, C. (2008) essas mudanças biológicas definem como maior precisão o início da juventude, momento considerado pelos autores como adolescência.

Para Marques (2007) e também Jesus, V. (2011), essa unicidade é proporcionada por, além da idade, que representa os aspectos biológicos, ainda que seus limites estejam condicionados ao contexto histórico e cultural, outras duas características que é a percepção subjetiva de tempo, uma temporalidade específica que leva a crer na grande quantidade de tempo que se tem pela frente, e a moratória social, são mais fixas na tarefa de caracterizar a juventude, ainda que atravessadas por condições objetivas de gênero, etnia e classe.

Filgueiras (2007) não menciona mudanças biológicas ligadas ao desenvolvimento físico nas pessoas integrantes do que considera a faixa etária juvenil, mas assume que o grupo de idade, variando de 15 a 24 ou 15 a 29 anos, representa a condição juvenil. Barbiani (2007), Ladeira (2007), Silva, C. R. (2007), Mendes, S. (2009), Guimarães (2010), Leite, M. (2010), Melo (2010), Moura, B. (2011) e Ribeiro, R. (2011) também assumem a juventude como um grupo etário. Desta mesma forma se posicionam Caliarí (2009) e Leite, G. (2011), porém, não estabelecendo as idades para todo o período da juventude. Assim, podem ser vinculados a este grupo para quem as mudanças biológicas próprias de um período etário, capitaneiam os elementos que caracterizam fortemente a juventude.

Sob outro ponto de vista, para Lima, L. (2011) essa condição mais homogênea se apresenta a partir de um comportamento, como o vestir 'sempre' diferente dos demais grupos e a possibilidade de mudança social, pois, apesar de todos os estágios da vida ser permeados de mudanças singulares, "especialmente no que diz respeito aos jovens existe um lugar especial bem delimitado, um lugar de expectativas e de crença na possibilidade de construção de um mundo melhor" (LIMA, L., 2011, p. 28). O comportamento e as reações quase universais às demandas da sociedade também é o fio homogeneizador compreendido por Borelli e Rocha (2008) e, em certa medida, por Oliveira, W. (2009).

Também Dib (2007) apresenta uma perspectiva onde o caráter mais hegemônico da juventude se apresenta no que denomina 'jovens contemporâneos', dando a ideia de uma geração global, como em Feixa e Leccardi (2010, p. 187), que, frente às características de incerteza, fragmentação e indeterminação do momento atual, os jovens contemporâneos estabelecem "estratégias para driblar ou lidar com as dificuldades que circundam a inserção profissional e a construção de um projeto futuro".

Outros autores vêm esta unidade da condição juvenil a partir de aspectos mais referentes a questões de fundo, apriorísticas, características de um momento específico da existência humana. Simões (2007) entende que o fato de vivenciar a moratória social confere peculiaridade à condição de juventude, fase de demarcação de um território e uma identidade própria, singular. Para Santos, A. (2008), representa um momento de vulnerabilidade no processo de construção da identidade, potencializada por uma condição econômica desfavorável (SILVA, A., 2008). Para Williams (2007, p. 30), independentemente dos pertencimentos geracionais ou de classe, “é a necessidade de afirmação, de reconhecimento, independência e autonomia para a construção de suas identidades” que caracteriza a condição juvenil, o que para Castro e Mattos (2009, p. 796) se traduz no conceito de ‘Operação Adolescente’, demarcando o início de um “processo gradual da ancoragem de si num raio mais amplo e diverso de práticas sociais e discursos. Evidencia-se tanto uma busca de novas identificações como a ressignificação das experiências anteriores que cada jovem carrega consigo”.

Mesmo reconhecendo a presença e a luta por hegemonia desses fatores a respeito do estabelecimento de um conceito único, ou o mais unificado possível, de juventude, percebeu-se também uma preocupação dos autores em destacar, na mesma medida, as múltiplas possibilidades de se viver a juventude, que na verdade seriam juventudes. Levando em conta a discussão sobre condição e situação juvenil, no material analisado, percebe-se uma tendência das ideias homogeneizantes a respeito da juventude, aparecerem mais localizadas junto ao conceito de condição juvenil, ao passo que as heterogeneizantes, mais vinculada à discussão sobre situação juvenil. Tem direta relação com isso, como observa Silva, J. A. (2011), o direcionamento da pesquisa que, para ser possível, um objeto o mais delimitado possível.

Essa ideia de homogêneo, portanto, convive na produção acadêmica analisada com a “possibilidade de múltiplas vivências juvenis no mundo contemporâneo e sua correlação com experiências localizadas em sistemas de valores específicos” como ainda anuncia Andrade, C. (2007, p. 15), para quem uma coisa – o conceito homogeneizador a partir da ideia de geração – não significa necessariamente abrir mão da outra – a diversidade interna manifesta na juventude especialmente dos grandes centros urbanos. Martins, S. (2009, p. 23) nesta mesma direção, afirma conceber a “juventude como uma categoria histórico-social que, embora apresente semelhanças entre si, é perpassada pelas desigualdades que afetam a sociedade contemporânea”. Para Brito (2007, p. 67), esses elementos ou questões comuns da juventude

são a faixa etária, ainda que imprecisa; construção social específica “emprego e renda, lazer, renda, educação, violência, sexualidade, expectativa para o futuro (entre outros)”. Vale (2010) também vê na idade o parâmetro que torna possível a pesquisa com a categoria juventude, já que a complexidade é a sua característica mais proeminente.

A partir ainda do estabelecimento desses elementos universalizantes da condição juvenil pelos autores citados acima, e sistematizados nos parágrafos anteriores, puderam ser identificadas pelo menos duas especificidades em relação à sua vinculação teórica, resultando em considerar os sujeitos jovens e demais membros da sociedade, mais ou menos autônomos, diante da possibilidade de construir uma biografia marcada pela autenticidade.

Dentre os que manifestaram entender os jovens com maior possibilidade de movimento e transgressão dos limites sociais, históricos e culturalmente estabelecidos podem ser considerados os exemplos de Dal Molin (2007), Cordeiro (2008) e Furiati (2010), fundamentando-se na ideia de ‘devir’ a partir de Gilles Deleuze e Félix Guatarri; Assis (2011) na ideia de ‘devir’ como parte da condição humana, e ainda Rodrigues, H. (2009) a partir do processo de construção de memória e identidade operada pelo sujeito, em um movimento de apropriação e reinterpretção daquilo que é essencialmente coletivo.

Nesse grupo também se encontra Souza, C. (2007) baseado no dialogismo de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau; em Nicolau (2009) que se fundamenta em Karl Mannheim para desenvolver a ideia do duplo movimento do indivíduo que reelabora a interpretação dos conteúdos culturais sedimentados e, concomitantemente, busca formas de adequação.

Latarri (2011) tende a ver a socialização como uma maneira dos sujeitos lidarem com as normas prescritas, podendo reproduzi-las, adaptá-las ou criar novas, quotidianamente. Ou seja, construirão “suas experiências por meio de ações conscientes e dotadas de significados e escolhas. Não há uma aprendizagem de papéis sociais fornecidos pelo sistema social. Há um trabalho criativo que envolve os sujeitos em suas construções.” (LATARRI, 2011, p. 52). Nesse sentido, para esta autora, o jovem e as demais categorias sociais vivenciam e ajudam a construir o atual contexto “que pode se decompor e se recompor, no qual as escolhas podem ser facilmente mutáveis” (p. 54) e, ao participar dessa sociedade em constante transformação, adquire características múltiplas para interagir em diversas frentes.

Nesta mesma direção, qual seja de a pessoa processar e ressignificar o que recebe de influência, Lima, F. (2009, p. 68), discutindo mediação empresarial em um sujeito a partir das ideias de Michel Maffesoli, entende não haver um caráter hegemônico da TV sobre o indivíduo ou que este sofra algum processo nesse sentido. O sujeito tem a capacidade de processar e resignificar “de acordo seus próprios interesses”. Neste mesmo caminho, Wink (2011) aposta na relação entre a capacidade dos espaços culturais e a potencialização da criatividade intrínseca do ser humano. Mesmo considerando o trabalho sob a égide capitalista homogeneizador das pessoas, especialmente os jovens, pois, independente de qualquer outra identidade, são trabalhadores da classe operária, os espaços culturais são alternativas à exploração do trabalho sob esta lógica. No lugar de haver cooptação da cultura pelo capital, esses espaços podem se tornar potencializadores para a reinvenção de novas possibilidades, de criatividade que intervenham na ordem econômica.

Por outro lado, ocorreu um grupo de autores para quem o sujeito é construído, no sentido de ser mais passivo, frente ao espectro para a ação pessoal e coletiva, estabelecido social, cultural e historicamente. Aqui podem ser considerados os exemplos de Nanaka (2007), Andrade, S. (2008), Frezza (2008), Hirao (2008), Borghi (2009) que se fundamentam em Michel Foucault para afirmarem que o jovem está constantemente sendo produzido e (re)inventado, atravessados pelos discursos da escola, da pedagogia, da saúde, da psicologia, da indústria cultural, especialistas que o constroem, numa constante disputa de poder. Já Bezerra (2009, p. 33), baseado em Cornelius Castoriadis, compreende o jovem “enquanto ‘fragmento ambulante’ da sociedade, ou seja, ao transmitir o que é e pensa simplesmente veicula, sem se dar conta, as significações imaginárias sociais”. Ainda, Carcovich (2011) vê no processo de socialização, a força exercida pelas ações de integração social, por parte dos adultos e das instituições por eles conduzidas, no sentido de encaminhar os jovens para uma direção mais ou menos pré-estabelecida.

Spaziro e Resende (2010) traz a reflexão sobre o fato de o jovem estar escravo da própria liberdade de construir seu próprio futuro. Aquilo que se figura nos discursos como conquista de um processo de luta e resistência das gerações anteriores, se converte em algo, já que a transmissão intergeracional perde seu valor de orientação para o jovem, colocando-o em uma situação de orfandade, tutor de si mesmo, forçado a escolher e a decidir, a modernizar-se indefinidamente (MOURA, B. 2011).

Sobre isso, Carrano (2007) alerta que o fato de os jovens possuírem, como qualquer outro grupo social, biografias originais, não retira a necessidade de estarem inseridos em processos de socialização que possibilite se tornarem sujeitos, o que implica a capacidade de articular um projeto de vida. A transmissão geracional torna-se peça chave nesta dinâmica, já que “... Os grupos juvenis, por si só, são espaços insuficientes para a vivência da vida pública” (CARRANO, 2007, p. 8).

5.2.3 Juventude, tempo e devir

A juventude também foi analisada e conceituada na produção acadêmica estudada a partir da sua relação com a ideia de tempo e devir, seja diretamente vinculado a uma idade cronológica, ou a partir de um momento específico da vida, não rigorosamente mensurado, mas historicamente localizado dentro do ciclo de vida da pessoa, obedecendo a algumas prerrogativas culturais, ou ainda, em relação ao tempo que ainda não existe, o futuro, fruto das possibilidades que se apresentam delineadas ou não nas ações do presente.

Alguns autores propõem uma reflexão sobre como a ideia de tempo se relaciona com a forma de experienciar a vida. Tomam três palavras transliteradas do idioma grego - *Chronos*, *Aión* e *Kairós* – que possuem significado no português vinculado à palavra tempo (ARYAN, 2009). A primeira, *Chronos*, faz menção ao tempo cronológico, medido pelo relógio, o compromisso, a hora marcada. Por conseguinte, estabelece um padrão de desempenho medido pelos atrasos e pela quantidade de horas gastas em determinada atividade: relação custo x benefício. Uma das representações do deus *Chronos* na mitologia grega antiga, era alguém que devora o seu próprio filho “que somos todos nosotros (...) um dios que necessita engullir y matar a todo lo outro para que su poder permanezca” (ARYAN, 2009, p. 197). Aqui se insere as idades que se acumulam e conduzem as pessoas para o fim. O término do tempo que para de ser contado quando se morre.

Em outra dimensão, a relação com o trabalho definida a partir das relações capitalistas, da fábrica, como afirma Aryan (2009, p. 196) “parece confirmar que el único tempo humano es el de un proceso estructurado conforme as antes y al después, vacío, rectilíneo e irreversible”.

Aión é o tempo da eternidade como tal, sem começo nem fim, sem materialidade. Um tempo que não possui forma e não pode ser nominado. Representa uma completa desterritorialização, tornando-se praticamente inoperável como medida de tempo. Duas são as figuras, segundo Aryan (2009, p. 197) que podem representar este tempo: a de um velho e a de uma criança. A primeira figura é o senhor do tempo, de tudo que não morre, não se move, da perfeição, representado “como uma serpiente que se muerde la cola y que nos indica el eterno retorno”. A segunda, significando o eterno retorno, pois “aunque haya muerte en *Kronos* y cada invierno todo muera, cada primavera todo renace, siempre hay repetición, y diferencia”.

A terceira palavra que denota tempo no idioma grego, *Kairós*, “refere-se a um tempo próprio para a ação. É um tempo ou movimento além da razão” (MARTINS, J., 1992, p. 10), um tempo que não pode ser medido, da oportunidade. Algo que se relaciona com a eternidade, sem a prisão da contingência externa, porém, localizando o ser no espaço da vida, como espaço eterno. É o *aión* que se materializa. Martins, J. (1992) analisa o passar pelos ciclos de vida, do nascer à morte do corpo, a partir desta noção de tempo. Para este autor, de uma forma ou de outra, o ser humano sempre permanece relacionado com a temporalidade. A pessoa não pode ser vista separadamente, nos termos de passado, presente e futuro. Mesmo sendo estas categorias explicativas, fundamentais para a estrutura do pensamento humano, são recortes da totalidade espaço-temporal do ser. A totalidade do ser é fundamental para uma melhor compreensão da pessoa humana. Nessa perspectiva,

a reflexão filosófica sobre o envelhecimento leva-nos a um sério questionamento. O ser não envelhece, mas vive uma relação com a eternidade. A pessoa humana, em sua temporalidade, experimenta seu corpo-essência, seu futuro, essência do presente. A história de cada um é a história de convivência, história de um tempo (MARTINS, J., 1992, p.10).

Assim, “o tempo necessita uma síntese que precisa estar sendo sempre refeita” (MARTINS, J., 1992, p. 11), estando diretamente relacionada com a atitude que se tem para com os espaços temporais. Passado, presente e futuro não se definem ou se impõem. O ser histórico e social é o sujeito e não o tempo. É nesta relação tríade, de *chronos*, *aión* e *kairós*, que a pessoa humana define sua presença no mundo.

A partir desta perspectiva em relação ao tempo e ao devir, três classificações não autoexcluedentes foram estabelecidas para a localização da produção acadêmica quanto à reflexão sobre juventude, tempo e devir. A primeira classificação diz respeito à maneira como

a faixa etária é abordada na conceituação de juventude. Neste item toda a amostra é posicionada em relação ao quesito idade. A segunda classificação estabelecida trata somente dos trabalhos que citam e relacionam o conceito de juventude com o conceito de moratória. A terceira e última, como a segunda, trata somente dos trabalhos que citam e relacionam o conceito de juventude com o conceito de devir.

5.2.3.1 Juventude e faixa etária nas definições conceituais, de amostra na pesquisa e de população na política pública

Dentre a produção acadêmica analisada, o vínculo entre juventude e faixa etária ocorre de três formas principais: como parte do processo de conceituação do que é juventude, onde os autores afirmam que a localização dentro de uma faixa etária identifica o ser jovem, mesmo que não sejam claros os limites inferior e superior de idade, nem na academia, nem nos definidores de políticas públicas; como forma de definir o grupo de pessoas a ser entrevistado, ou seja, apesar de o autor não afirmar o uso da idade para definir o que é ser jovem, indiretamente admite um vínculo intrínseco entre a idade das pessoas e o seu vínculo à juventude; como valor, onde a idade não importa já que ser jovem é o mesmo que sentir-se jovem, na medida em que a pessoa pratica e, especialmente, consome na forma de bens materiais e simbólicos, aquilo que cabe a um/uma jovem, considerando um determinado padrão cultural.

Um grupo de autores apresentaram características distintas das categorizações acima. Por isso, estabeleceu-se um quarto e último grupo composto por aqueles autores que optaram por não mencionar a discussão etária. Estes também não optam pela vertente da juvenilização. O quadro 36 a seguir traz os autores que abordam, com menor ou maior ênfase, a idade como parte integrante da conceituação que fazem de juventude.

Quadro 36 – Grupo de produções acadêmicas que apresentam a idade como parte integrante do conceito de juventude

Ano	Tese	Dissertação	Artigo
2007	Andrade, C.; Dal Molin; Goellner; Meneses; Villar	Araújo; Basílio; Brito; Callegaro; Ehlers; Maia, A.; Marques; Mattana; Nanaka; Silva, C. R.; Souza, C.; Stort; Zottola.	Barbiani; Coura; Filgueiras; Ladeira; Perini e Victer; Zucchetti e Bergamaschi
2008	Andrade, S.; Ataíde; Stamato	Almeida, G.; Hirao; Jesus, T.; Lemos, M.; Martins, M.; Nascimento; Oliveira, M. A.; Oliveira, R.; Pires; Rodrigues, J.	Cardozo; Gomes et al; Gonzales e Guareschi; Machado, V.
2009	Alves, M.; Costa, O.; Gil; Martins, S.; Mendes, S.; Rodrigues, H.; Sofiati	Borghi; Caliari; Gonçalves; Lima, F.; Martins, T.; Mira; Moura, A.; Oliveira, A. B.; Pedrosa, M.; Santos, V.; Silva, R. H.; Silveira, S.	Cassab; Castro, L. e Mattos; Coelho e Aquino; Meireles Neto; Viana (2009a, 2009b)
2010	Almeida, R. C.; Bandeira; Furiati	Assunção; Geber; Guimarães; Melo; Sá; Taquetti	Debert; Enne; Leite, M.; Spaziro e Resende
2011	Carlos; Mesquita	Albuquerque; Castagna; Costa, F.; Jesus, V.; Leite, G.; Lima, L.; Machado, A.; Mendes, V.; Ribeiro, R.; Salgado; Seibert; Silva, D.; Silva, G.; Silva, J.; Silva, R. M.; Souza, M.; Tosi; Wink	Moura, B.; Vergara e Justo

Fonte: Autor, 2012.

Andrade, C. (2007), Araújo (2007), Barbiani (2007), Brito (2007), Callegaro (2007), Coura (2007), Ehlers (2007), Filgueiras (2007), Ladeira (2007), Marques (2007), Perini e Victer (2007)⁵⁰, Silva, C. R. (2007), Villar (2007), Stort (2007), Zottola (2007), Zucchetti e Bergamaschi (2007), Cardozo (2008), Gomes et al (2008), Hirao (2008), Machado, V. (2008), Martins, M. (2008), Nascimento (2008), Oliveira, M. A. (2008), Oliveira, R. (2008), Rodrigues, J. (2008), Borghi (2009), Caliari (2009), Cassab (2009), Castro, L. e Mattos (2009), Coelho e Aquino (2009), Costa, O. (2009), Gonçalves (2009), Lima, F. (2009), Martins, T. (2009), Mendes, S. (2009), Mira (2009), Moura, A. (2009), Oliveira, A. B. (2009), Rodrigues, H. (2009), Santos, V. (2009), Silveira, S. (2009), Sofiati (2009), Viana (2009a), Almeida, R. C. (2010), Bandeira (2010), Debert (2010), Enne (2010), Furiati (2010), Geber (2010), Guimarães (2010), Leite, M. (2010), Melo (2010), Sá (2010), Spaziro e Resende (2010), Taquetti (2010), Albuquerque (2011), Castagna (2011), Costa, F. (2011), Jesus, V. (2011), Leite, G. (2011), Lima, L. (2011), Moura, B. (2011), Ribeiro, R. (2011), Salgado (2011), Silva, D. (2011), Silva, G. (2011), Silva, R. M. (2011), Souza, M. (2011), Tosi (2011), Vergara e Justo (2011) e Wink (2011) abordam a juventude como uma experiência etária específica, no sentido de que há uma idade ou uma temporalidade juvenil e “ser jovem é uma condição particular, mas não homogênea (...) existem várias juventudes vivendo esta experiência etária que se relaciona com diferentes formas de sociabilidade”, (ANDRADE, C., 2007, p. 9), e ainda “a categoria juventude não pode ser pensada a partir de critérios rígidos

⁵⁰ Como Coura (2007), Filgueiras (2007) e Ladeira (2007), adota conceito etário definido pela legislação do Conselho Nacional de Juventude – CNJ, da Organização das Nações Unidas – ONU.

(...) a idade juvenil tem uma significação em si mesma, à medida que é um momento de inserção social”, (VILLAR, 2007 p. 16), o que circunscreve a condição e a experiência de ser jovem⁵¹ a um limite, uma correspondência etária social e historicamente localizada.

Rodrigues, J. (2008, p. 59) apresenta certa dubiedade quando afirma a juventude como “uma categoria social parametrizada por uma faixa etária” e como um momento que encontra entre a aquisição biológica da capacidade de reproduzir a espécie, e a capacidade social de reproduzir a sociedade, fatos que definitivamente não se normalizam em um ciclo etariamente definido. Para Ehlers (2007, p. 27) as “transformações físicas que ocorrem num determinado período de suas vidas, à medida que se aproximam da puberdade” vincula a idade ao que chama de características universais da juventude. Sem prejuízo de outros elementos definidores, “a juventude é um grupo etário”. (VIANA, 2009a, p. 145).

Para Almeida, R. C. (2010) a juventude deve ser compreendida como uma fase da vida circunscrita em um momento etário específico, ainda que possua limites variáveis. Esta visão implica em transitoriedade e, no entendimento de um modo próprio de estar no mundo relacionado, não com a idade em si mesma, mas com as questões históricas e culturais de uma sociedade relativas a esta idade. Cassab (2009) estabelece os limites desta circunscrição de 15 a 24 anos, se estendendo aos 30 anos para os jovens rurais. Na mesma direção, Borghi (2009, p. 50) afirma que a faixa etária é um indicador importante do período de transição da juventude para a fase adulta, ainda que, por si só, não seja “suficiente para expressar os modos de existências juvenis”.

Em Mattana (2007), Gil (2009) e Martins, S. (2009) este posicionamento é posto de forma explícita com relação, por exemplo, a idade que separa o adolescente do jovem, e o jovem do idoso (CALIARI, 2009). Gil (2009, p. 18), a respeito das organizações públicas ou não que lidam com jovens, afirma que “o público jovem acaba vivenciando as mesmas abordagens e formas de trabalho desenvolvidas com crianças e adolescentes, como se a aplicação da faixa etária não significasse mudanças nas problemáticas, nas possibilidades e nos desejos vividos pelo público atendido”. Contudo, as razões desta separação ficam apenas subentendidas, não havendo discussão acerca delas.

⁵¹ “ser jovem hoje resulta, simultaneamente, do cruzamento de uma certa homogeneidade de condições culturais e históricas que organizam o processo de subjectivação dos indivíduos de uma determinada faixa etária e da heterogeneidade dos contextos particulares que pluralizam os modos como tal processo ocorre” (CASTRO, L.; MATTOS, 2009, p. 796).

Isto não significa, para estes autores, que a vivência da condição juvenil seja uma experiência linear⁵², ou que a questão biológica é preponderante na definição de juventude, mas participa “de modo crucial” (ANDRADE, C., 2007, p. 26) neste esforço. Para estabelecer o que seja próprio de cada fase etária, é necessário considerar as questões sociais e não somente biológicas.

Andrade, S. (2008), Meireles Neto (2009) concordam que a idade é um definidor inicial de juventude extremamente deficiente. Contudo, “não há como se esquivar da cultura em que vivemos, uma cultura que estabelece etapas etárias como marcadores socialmente aceitos” (ANDRADE, S., 2008, p. 83) e que delimitam a vida das pessoas. Não é que haja uma idade juvenil *a priori*, mas há uma coerção cultural inexorável para o ciclo de vida seja estruturado desta forma. Machado, A. (2011), Mendes, V. (2011) caminham nesta mesma direção. Viana (2009b), em acordo com este princípio, atribui tanto o aparecimento dos grupos etários como da própria juventude ao desenvolvimento do capitalismo. Afirma o autor:

Na sociedade capitalista, não apenas o conceito de juventude aparece, mas o próprio grupo social que denominamos juventude surge nesta sociedade. Aliás, é exatamente devido ao surgimento deste grupo social que possibilita o surgimento do conceito de juventude, um grupo etário (VIANA, 2009b, p. 14).

Gonzales e Guareschi (2008), Leite, M. (2010) e Seibert (2011), na perspectiva histórica, cultural e discursiva que empreendem, a noção de idade pode ser considerada um marco que posiciona as pessoas no mundo, “um marcador identitário que se inscreve como símbolo cultural que diferencia, agrupa, classifica e ordena as pessoas conforme marcas inscritas na cultura” (GONZALES; GUARESCHI, 2008, p. 470). Nesta mesma perspectiva, encontra-se Debert (2010), ao apresentar em seu artigo que a concepção etária está, para o bem ou para o mal, sempre a serviço da cultura.

Spaziro e Resende (2010) demonstram entendimento de uma idade juvenil, um espaço de tempo entre a infância e a juventude, anteriormente denominado de adolescência. Ao mesmo tempo, apresentam um diagnóstico da sociedade atual onde a juventude, além de representar este momento ou etapa da vida, passa também a ser considerada como um estilo de vida. Nesse sentido, não há definições etárias, mas somente o sentir-se jovem através da adoção de comportamentos e de uma cultura propalada como sendo juvenil. No entanto, as

⁵² A vivência da condição juvenil não é uma experiência linear, antes, “configura-se por múltiplos e reversíveis elementos combinatórios de idade, independência econômica e familiar, escolaridade, inserção no mundo do trabalho” (VILLAR, 2007, p. 17).

peças concretas se localizam em uma condição intermediária, entre um estado e outro. Nesta posição, em relação ao lugar concreto das definições etárias, encontra-se também Enne (2010) para quem a valoração da juventude em determinada sociedade determina a sua localização concreta traduzida, neste caso, pela faixa de idade.

De forma geral, esses autores analisados entendem, como Maia, A. (2007), Almeida, G. (2008), que as idades são fatores carregados de significações culturais, ou seja, as idades são significadas social e culturalmente. As necessidades criadas pelas sociedades modernas, especialmente a crescente burocratização dos Estados ocorrida nos últimos 100 anos (MOURA, B., 2011), colocaram as divisões etárias em um patamar de destaque, de forma que o cotidiano das pessoas permanece marcado pela métrica das idades, corroborando com a perspectiva evolutiva que caracteriza a ciência moderna, no sentido de que se define como sempre avançando para um lugar melhor. São leis, parâmetros, e vinculações fixas entre idade e situação que fortalecem a naturalização das idades e suas faixas etárias. Maia, A. (2007) escreve que a idade

acabou por tornar-se uma coordenação de dados numéricos que recebeu sua significação plena ao ser utilizada como uma designação simbólica abreviada de diferenças biológicas, psicológicas e sociais conhecidas, assim como de mudanças que afetam os indivíduos (p. 53).

Ou seja, o que está estabelecido é uma relação inversa de comando: a idade biológica traduzida na exatidão numérica se sobrepõe à cultura. Nesse sentido, os trabalhos analisados buscam, pelo menos nas ciências sociais e humanas, ressignificar esta relação entre biologia e cultura no que se refere às idades, cumprindo o papel destacado por Abramo (2005, p. 37) de “alertar para os deslizamentos, os encobertamentos, as disparidades e mistificações que o conceito encerra”.

Para autores como Souza (2007, p. 22), por exemplo, em um horizonte complexo como o que encerra o conceito de juventude, a categoria etária torna-se “um ponto de referência para localizar o debate sobre os jovens”. A autora afirma isso, considerando ponderações a respeito da provisoriamente das localizações etárias que são atravessadas pelas pessoas. Contudo, “qualquer investigação em torno da juventude exigiria como pressuposto a eleição de uma definição, ainda que provisória” (Ibid, p. 22). A referência etária, nesse sentido, configura-se importante para não tornar juventude um conceito etéreo, indo além do processo de juvenalização (GOELLNER, 2007).

Já os autores dispostos no quadro 37 abaixo podem ser incluídos no segundo grupo, qual seja: a faixa etária não foi abordada como parte do conceito, mas sim como definidor importante da amostra.

Quadro 37 – Grupo de produções acadêmicas que apresentam a idade como fator importante para a definição da amostra para pesquisa, separadas por tipo de documento e por ano de publicação

	Tese	Dissertação	Artigo
2007	Dib, Gorczewski, Nogueira	Dantas; Feitosa; Furlani; Pereira, L.; Ribeiro, J.; Santos, N.; Silva, C. B.; Silva, R. O.; Simões; Williams.	Carrano
2008	Cordeiro; Matos, R.	Bertollo; Fernandes, C.; Fernandes, S.; Frezza; Jesus, A.; Menezes; Pedrosa; Perondi; Santos, P.; Silva, A.; Souza, F.	
2009	Bezerra; Tavares; Cruz; Kafrouni, Santana	Almeida, R. S.; Barbosa; Ferreira; Lemos, J.; Nicolau; Oliveira, W.; Pereira, K.; Santos, L.; Seren; Silva, L. E.; Silva, N.; Silveira, O.	Castro, E.; Pereira, C. et al.
2010		Borges; Carvalho; Gomes, A.; Oliveira, C.; Rabelo; Takahashi; Vale.	Pereira, A.
2011		Alves, N.; Assis; Carcovich; Gulo; Lattari; Mendes, G.; Oliveira, L.; Pereira, R.; Rodrigues, L.; Silva, J. A.; Silva, J. P.; Silva Junior; Silva, L. H; Silva, R. T.	Peregrino

Fonte: Autor, 2012.

Cordeiro (2008, p. 42), por exemplo, considerou a autodelimitação, ou seja, a própria pessoa declarava ser jovem ou não, e está prática a levou a “trabalhar com uma faixa alargada de juventude do ponto de vista etário, indo até os 29 anos a idade de alguns dos contatos produzidos no bairro popular”. Carvalho (2010, p. 72) se vê obrigada definir limites de idade, pois, “a delimitação da faixa etária faz-se necessária para identificação da população pesquisada”. Carrano (2007) considera a definição etária como uma representação dominante do que é ser jovem nos dias atuais, mas assim como Castro, E. (2009, p. 18), não considera este aspecto no conceito de juventude preconizado, mesmo reconhecendo que há uma demanda objetiva para o uso desta variável, que vincula o jovem a um “período de transição entre a adolescência e o mundo adulto”.

Kafrouni (2009, p. 43) se vale também de uma delimitação etária para definir a sua amostra, mas, além disso, observa o fortalecimento do fenômeno denominado juvenilização, onde a juventude passa a ser “juventude-signo, independente da idade (...) o juvenil se pode adquirir, por meio da reciclagem do corpo e da imitação cultural, está a serviço do mercado”. Com isso, segundo a autora, surgem os jovens não juvenis e a confusão entre a condição de juventude e a juventude como signo.

Assis (2011, p. 90) apresenta, aparentemente, uma resistência a aceitar a categoria idade como uma das definidoras de juventude, apesar de reconhecer que organismos governamentais e multilaterais estabelecem limites etários e entender que existem

“características biológicas e subjetivas semelhantes entre os sujeitos”. Considera esta necessidade de classificação como tentativa de homogeneização o que “vai na contramão dessa possibilidade de compreensão da multiplicidade de experiências dos jovens e das singularidades que os conotam”. É um campo de disputas. De modo similar, Gorczewski (2007) apresenta as definições etárias utilizadas por distintos organismos do sistema das nações unidas, e utiliza as mesmas como forma de caracterizar e localizar historicamente o grupo de pessoas participantes de sua pesquisa. Contudo entende como reducionista o modo de definir juventude a partir das idades.

Frezza (2008), Jesus, A. (2008), Menezes (2008), Pereira, A. (2010) e Peregrino (2011) não abordam a respeito de faixa etária em suas dissertações e artigos, nem mesmo para a escolha do público. Contudo, ao escolherem como objetos de estudo projetos que trabalham com jovens, o tema da educação do corpo na juventude, propagandas direcionadas a este público, e ainda jovens pichadores da periferia ou simplesmente grupos de jovens da periferia, indiretamente, assumem a faixa etária utilizada pelas instituições e grupos envolvidos, e o senso comum, na definição de sua amostra. Rodrigues, L. (2011, p. 63) também utiliza a categorização etária feita pela instituição onde desenvolve a pesquisa, apesar de apresentar em sua dissertação o argumento de que a “juventude deve ser percebida como um assumir-se culturalmente a característica juvenil independente da faixa etária”.

Da mesma forma pode ser compreendida a posição dos autores Barbosa (2009), Tavares (2009), Oliveira, C. 2010, Oliveira, L. (2011), Silva, J. A. (2011), Silva, J. P. (2011), Silva Junior (2011). Estes não discutem a faixa etária como parte da definição de juventude, mas ao definirem o público da pesquisa aceitam a delimitação estabelecida pelas instituições, programas e grupos que os jovens se inserem.

Os autores apresentados no quadro 38 na página seguinte podem ser inseridos dentro do terceiro grupo, que toma essencialmente a juventude como valor ou análise do processo de juvenilização da sociedade.

Quadro 38 – Grupo de produções acadêmicas que utilizam o conceito de juventude como um valor, separadas por tipo de documento e por ano de publicação

	Tese	Dissertação	Artigo
2007		Rossi	
2008		Silva, T.	
2009		Novelli; Prata	
2010			Maia, R.; Pereira, C.
2011			

Fonte: Autor, 2012

De uma forma geral, entendem que

no contexto pós-moderno, ocorre o desmoronamento dessas barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Como sustenta Canevacci (2005, p. 07): “Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades”. Inventam-se novos modos de ser jovem, diferentes daqueles definidos na Modernidade. E o conceito de juventude se torna um conceito líquido (ROSSI, 2007, p. 126).

Por isso

Definir juventudes, o que é ser ou não ser jovem, talvez não seja uma tarefa tão importante quanto a de pensar sobre como se constrói aquilo que entendemos como juventudes e como a circulação, em nossas culturas, dos significados atribuídos a juventudes produz/afeta o nosso presente (ROSSI, 2007, p. 132).

Prata (2009) não utiliza os termos juvenilização e pós-modernidade na sua dissertação. Contudo, ao utilizar os conceitos de ‘estilo de vida’ e ‘juventude dilatada’ respectivamente de Antony Giddens e Massimo Canevacci, somado ao fato de não se valer da faixa etária, nem mesmo para escolher o público jovem a ser entrevistado, pode ser situado neste grupo. O mesmo ocorre com Maia, R. (2010) e Pereira, C. (2010) que também não utilizam os termos já citados. Maia, R. (2010) se fundamenta na teoria das representações sociais, utilizando Emile Durkheim e Moscovici, não se autorreferenciando pós-moderno ou similar. Ainda Pereira, C. (2010) utiliza em seu estudo o conceito de juventude como fenômeno social, reflexo e produto de um imaginário coletivo e de um conjunto de valores, e que

conquistou, ao longo dos tempos, um *status* de produtora de gostos e costumes, o que lhe confere um poder hegemônico antes inimaginável. Ser jovem já não é privilégio de uma faixa etária socialmente construída, mas um projeto de vida que se estende para além dos vinte e poucos anos (PEREIRA, C., 2010, p. 46, grifo da autora).

Para Carrano (2007) e Pires (2008), uma das características desta abordagem é a vinculação a uma dimensão simbólica. Esta, por sua vez, pode desconsiderar a condição sócio-histórica. Para eles, a construção de identidades se dá em um ambiente menos determinado, mas é questionável a tese do nomadismo que coloca a identidade como um

campo de livre escolha, pois, afirmam “quando as oportunidades objetivas de inserção e integração social são extremamente desiguais compromete-se o campo simbólico de autonomia de determinados sujeitos desigual e inferiormente posicionados na sociedade” (CARRANO, 2007, p. 7). As muitas opções que se apresentam nos espaços lisos, utilizando uma categoria de Pais (2006), são previamente construídas “resultado de complexo jogo de interações entre nossas escolhas individuais, as relações intersubjetivas e as coerções que nos impõem as estruturas sociais” (CARRANO, 2007, p. 7). Como afirma Margulis (1996),

La juventud, como toda categoría socialmente constituida, que alude a fenómenos existentes, posee una dimensión simbólica, pero también tiene que ser analizada desde otras dimensiones: se debe atender a los aspectos fácticos, materiales, históricos y políticos en los que toda producción social se desenvuelve” (MARGULIS, 1996, p. 15).

Um conjunto de autores, que compõem o quarto grupo, é impreciso em relação à discussão sobre a faixa etária. Souza, R. e Arcaro (2008), por exemplo, não definem faixa etária e nada referem no artigo analisado, apenas apresentam a faixa etária utilizada pelo Banco Mundial para definirem juventude. Algo semelhante ocorre nos artigos escritos por Matos, K. (2007), Santos, A. (2008) e Barbalho (2011) que não mencionam a expressão faixa etária, idade ou similares. Esse último assume que a infância e adolescência estão próximas da juventude, esta faixa de idade fica subtendida, ainda que não definida.

Já Cassab (2010) menciona a palavra idade, mas não é preciso na referência a um grupo de idade específico para a juventude. Borelli e Rocha (2008), Dantas Junior (2008) e Canetti e Maheirie (2010) também mencionam os termos, mas não estabelecem faixas etárias ou grupos de idade, apesar de nos artigos analisados localizarem os jovens entre a infância e o adulto.

Amaral (2011) discute a questão do uso da categoria idade como definidora do conceito de juventude. Apresenta a definição da ONU, mas reforça seu posicionamento de não utilizar o quesito idade nem mesmo para a escolha do grupo de informantes entrevistados, e sim a observação da trajetória e experiência de cada um. Vê como resultado do processo histórico, social e cultural da formação desse conceito, os limites etários estabelecidos pela entidade que serviu de base para sua investigação. Com esta mesma postura apresentaram-se Braghini (2011) e Lima, E. (2011).

Ribeiro, W. (2010) não menciona faixa etária específica no artigo que escreve, mas vincula o jovem ao período de socialização do qual a escola é agente, não único, mas

importante. Isso indiretamente define o jovem como a pessoa dentro desta faixa de idade dos anos escolares tidos como normais a partir da legislação específica.

5.2.3.2 Juventude como período de moratórias

Dentro desta relação juventude, tempo e devir, vimos autores que abordam a juventude como um momento de moratória. A consideração deste momento, em qualquer uma de suas três definições mais correntes explicitadas abaixo, não chegou a ser uma unanimidade entre eles, nem mesmo atingiu a maioria. O conceito de moratória⁵³ é trazido para a discussão sobre o conceito de juventude em pelo menos três sentidos: a moratória social, a biológica ou vital e a psicossocial.

A moratória social é concebida como o prolongamento do período de não entrada no mundo adulto, ou de entrada paulatina (ANDRADE, S., 2008) e variados processos de inserção (MATTANA, 2007) neste universo. Diz respeito ao adiamento das responsabilidades em relação ao sustento próprio, constituição de família, saída da casa dos pais. Uma nova forma de ser jovem, ou de não ser adulto ainda, inaugurada e fortalecida no início do século XX, especialmente, nas classes media e alta (ANDRADE, C., 2007). Para Carrano (2007) esse modelo de jovem liberado do trabalho, vivendo para o estudo e a fruição do prazer e do lazer torna-se o modelo, um tipo ideal de jovem presente e influente na produção de subjetividades contemporâneas, mas inatingível para a maioria dos jovens que são pobres. Ou seja, nem todos vivem a juventude como uma transição para a vida adulta.

Além desta visão mais clássica, a moratória social também é caracterizada no material analisado “menos como um sentido de “suspensão” e “espera” para poder realizar melhor as coisas no futuro, quando forem adultos, e mais no sentido de uma responsabilidade de vivência e experimentações diferenciadas no presente” (ANDRADE, C., 2007, p. 119).

⁵³ O termo moratória dentro dos estudos do desenvolvimento humano é originalmente cunhado por Erick H. Erikson (LEITE, M., 2010), entendido como adiamento tanto de direitos como de deveres das pessoas que deixam de ser crianças, mas ainda não são adultos: inserção no trabalho, reprodução e participação política. Um tempo a ser dedicado à formação para assumir estas responsabilidades de forma social e culturalmente apropriada. Abramo (2005) acrescenta, além do retardo, é também moratória a entrada seletiva nos processos sociais, cultural e política que marcam a vida adulta, com possibilidade de saída a qualquer momento.

A moratória vital, como definida por Margulis e Urresti (2008, p. 25), é um conceito complementar ao de moratória social na compreensão do que é juventude. Complementar, não secundário ou coadjuvante. Traduz uma condição *a priori* do ser jovem. Como afirmam os autores a respeito das moratórias social e vital, “no se puede obviar ninguna de las dos rupturas objetivantes – la cronológica y la sócio-cultural – si se quieren evitar los peligros de etnocentrismo de clase y del fetichismo de fecha de nacimiento”. Diz respeito do capital temporal possuído pelo ser jovem. Em tese, a pessoa jovem possui um tempo de vida, consideravelmente mais extenso do que os adultos, ou como definem esses autores, “las generaciones que preceden em el tiempo, que están antes para cumplir com esa deuda biológica” (p. 20). Constitui-se em uma experiência subjetiva em relação ao acúmulo de tempo como devir, por viver. Na relação com o tempo, esta moratória se vincula mais ao tempo cronológico, nesse caso, ao por viver em relação ao já vivido – perdido – pelas gerações mais velhas.

De acordo ainda esses autores, nenhuma condição objetiva, como aumento de riscos sociais ligados à violência, guerras, ou outros fenômenos que tenham os jovens como principais possíveis atingidos, é capaz de alterar o que chamam de “facticidad de la experiencia subjetiva de capital temporal” (MARGULIS; URRESTI, 1998, p.10)⁵⁴.

Já a moratória psicossocial é considerada a partir da concepção original de Erick Homburguer Erikson, tratando-se de “um tempo para integração dos elementos de identidade no comportamento adolescente” (MENESES, 2007, p. 18).

Os autores que consideram moratória na conceituação de juventude estão descritos no quadro 39 na página seguinte.

⁵⁴ “La facticidad es el abanico abierto de las posibilidades de realización personal y de performances vitales” (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 10).

Quadro 39 – Classificação da produção acadêmica que utiliza o conceito de moratória em relação ao significado utilizado

Tipo de Moratória	Tese	Dissertação	Artigo
Social	Andrade, C., (2007); Andrade, S., (2008); Cordeiro (2008); Alves, M., (2009); Martins, S., (2009)	Marques (2007); Mattana (2007); Pereira, L., (2007); Silva, R. O., (2007); Simões (2007); Jesus, T., (2008) ⁵⁵ ; Seren (2009); Geber (2010); Gomes, A., (2010); Guimarães (2010); Oliveira, C., (2010); Lima, L., (2011); Pereira, R., (2011), Silva, R. M., (2011).	Enne (2010)
Social e Vital	Nogueira (2007), Gil (2009)	Araújo (2007); Callegaro (2007); Ehlers (2007); Hirao (2008); Silva, A., (2008); Caliari (2009); Santos, L., (2009); Taquetti (2010); Jesus, V., (2011); Leite, G., (2011); Machado, A., (2011)	Peregrino (2011)
Psicossocial	Meneses (2007); Batista (2008)		
Todas		Almeida, R. S., (2009)	

Fonte: Autor, 2012.

Parece ser consenso para os autores que utilizam o conceito de moratória social, que esta é privilégio dos jovens de classe média e alta. Contudo, para Simões (2007, p. 11), é uma “peculiaridade da condição da juventude”, pois viver “uma espécie de ‘moratória social’ – permite que o sujeito possa vivenciar experiências diferenciadas e produzir novas alternativas de vida social”. Por outro lado, os jovens pobres, quando vivem esta moratória, o fazem sob muito esforço, condizendo com o que Abramo (2005) escreve sobre a inversão para alguns jovens, nos dias atuais, do sentido da entrada no mercado de trabalho: permanecer jovem e gozar a moratória. Do mesmo modo, Pereira, L. (2007), considera que alguns aspectos da moratória social são incentivados pelos pais e grupos sociais, mais que autorizados e concedidos.

A moratória vital de forma isolada não é mencionada por nenhuma das teses, dissertações e artigos analisados. O que ocorreu por parte de um grupo de autores, foi a vinculação do conceito de juventude às moratórias: social e vital. Para esta discussão, bem como para a discussão apenas da moratória social, de uma forma geral, os autores baseiam-se nos estudos de pesquisadores como Mario Margulis e Marcelo Urresti, Regina Novaes e Cristina Vital, Helena Wendel Abramo. Especificamente Gil (2009) lembra que a combinação dessas duas moratórias faz considerar a juventude, para além de uma suspensão de responsabilidades socialmente determinadas, de uma palavra ou de uma apresentação estética, dando origem ao processo de juvenalização tão enaltecido na contemporaneidade e

⁵⁵ Faz também uma crítica: “É difícil viver a juventude com plenitude, tendo todos seus direitos efetivamente garantidos, quando se precisa trabalhar para sobreviver, assumir responsabilidades de um adulto, ser responsável pela renda familiar, é necessário passar direto da infância para a vida adulta” (JESUS, T., 2008, p. 32).

temporalmente localizada. Já Araújo (2007, p. 24) não usa a expressão moratória vital, mas se vale do conceito, compreendendo “que o jovem é aquele que, cronologicamente, está mais longe da morte e tem mais predisposição à vida”.

Calegari (2007) aborda a importância de considerar as diferenças de situação juvenil, especialmente as ligadas à classe social, na análise das moratórias. São conceitos importantes para conceituar juventude, mas são vivenciadas de forma diferente por jovens de contextos distintos. A experiência faz com que

aquele sentimento de imortalidade, próprio de uma idade em que se percebe em boas condições físicas, relativo à “moratória vital”, é alterada pela vivência de situações em que a proximidade com a morte por fatores externos não é tão distante, acontece no bairro, e a maioria das vezes com jovens como eles (CALEGARI, 2007, p. 52).

A concepção de moratória psicossocial é a menos mencionada, e se apresenta como uma mescla do conceito de moratória social com a ideia da formação da identidade. Do conjunto de autores analisados, Meneses (2007) e Batista (2008) fazem uso desse conceito como parte da definição de juventude. Baseando-se em Erik H. Erikson e Carlos Antônio Giovinazzo Jr., afirmam que esta moratória é “um tempo de crise, necessário para que ele adquira confiança em si” (MENESES, 2007, p. 18) e que “funciona como um tempo de acolhimento das dificuldades do adolescente (...) como uma espécie de período de tolerância para seu ajustamento aos novos papéis sociais” (BATISTA, 2008, p. 60). Explicam que é o momento em que o rompimento com os padrões vigentes de comportamento, por exemplo, é aceito dentro dos limites de tolerância explícita ou implicitamente estabelecidos, na verdade impostos, pelo *status quo*. Uma fase “em que a formação do indivíduo ainda não se deu por completo” (Ibid, 2008, p. 79).

Almeida, R. S. (2009) propõe uma releitura do conceito de moratória psicossocial, conforme apresenta Erik H. Erikson, somando aos de moratória social e vital, o que concordam Margulis e Urresti (2008). Para este autor há elementos das três perspectivas na juventude, aproveitando especificamente a ideia de espera, preparação e tolerância que perpassa o conceito de moratória, especialmente em Erik H. Erikson, ressaltando que, mesmo em menor escala, os jovens também determinam como este momento pode ocorrer.

Outros autores mencionam os conceitos de moratória social e vital especialmente, mas como forma de expor, desde sua perspectiva, a conceituação vigente de juventude, à qual criticam. De acordo Oliveira, L. (2011), por exemplo, sob esta concepção de moratórias, os

jovens são colocados mais como expectadores do que protagonistas e parceiros na construção e produção da sua existência no mundo. Além disso, a aceitação naturalizada do estado de moratória simplifica a realidade em que vivem os jovens, prejudicando as reflexões sobre essa mesma realidade, preconizando e acentuando a sua desvinculação da sociedade, do jogo social ao qual se refere Pierre Bourdieu.

Outros exemplos são encontrados em Stamato (2008), Kafrouni (2009), Furiati (2010) e Silva, D. (2011), por trazerem elementos novos para a crítica a estes conceitos de moratória como parte da definição de juventude. Stamato (2008) fala de uma moratória imposta pelo mundo adulto, Kafrouni (2009) adota uma postura crítica por entender que está limitada aos jovens das classes privilegiadas economicamente e para Furiati (2010) a ideia de moratória está diretamente vinculada à visão adultocêntrica da juventude: tudo é colocado em estado de suspensão, enquanto o futuro adulto é preparado.

5.2.3.3 Juventude como um momento ou um espaço de/para devir ou vir a ser

Ainda dentro da relação juventude, tempo e devir, surgiu na discussão das teses, dissertações e artigos analisados, a vinculação do conceito de juventude à ideia de devir, ou mesmo crítica a ela. Devir representa o movimento pelo qual as coisas se transformam, carregando também o sentido de dar-se, suceder, acontecer ou acabar por vir. Ao vincular-se essa definição ao conceito de juventude identificaram-se nos documentos analisados, pelo menos três perspectivas de entender este movimento de transformação das coisas.

A primeira foi a ideia de devir como algo a se realizar, nesse sentido localizar-se na juventude é ainda não ser, é estar em um período de luto pela morte da infância e de espera pelo ser adulto que ainda não se fez completamente. Uma transição no sentido estrito, significando de fato transitar, ir de um lugar para outro, ou seja, o foco não se encontra no lugar atual, nem se encontra a pessoa que transita, mas no ponto anterior e no ponto seguinte que será seu porto seguro. Comparando com a reflexão sobre o tempo feita anteriormente, esta primeira perspectiva de devir se vincula mais ao tempo cronológico.

Os trabalhos de Maia, A. (2007), Meneses (2007), utilizam as expressões *de vir / vir a ser* e as vinculam mais a este conceito. No caso de Meneses (2007) essa postura está, pela via teórica, em consonância com os vínculos, estabelecida pela autora, às ideias de moratória psicossocial e posturas intrínsecas à condição de juventude.

Basílio (2007); Silva, C. B. (2007); Zottola (2007); Gomes et al (2008); Machado, V. (2008), Nascimento (2008); Oliveira, M. A. (2008); Silva, A. (2008); Alves, M. (2009); Borghi (2009), Martins, T. (2009); Oliveira, A. B. (2009), Oliveira, W. (2009); Silva, L. E. (2009); Silva, R. H. (2009); Silveira, S. (2009); Almeida, R. C. (2010); Gomes, A. (2010); Melo (2010), Oliveira, C. (2010); Carcovich (2011); Castagna (2011); Costa, F. (2011); Machado, A. (2011); Mesquita (2011); Peregrino (2011) não usam as expressões *de vir* ou *vir a ser*, mas consideram a ideia de transição⁵⁶ como válida para entender a juventude, pois, mesmo sendo todas as fases da vida um momento de transição, a transição na juventude, “enquanto uma das facetas do ser jovem mostra-se válida, uma vez que tal condição representaria ‘grosso modo’ no curso da vida a fase que mais evidenciaria tal perspectiva” (ALVES, M., 2009, p. 47), sendo a juventude, segundo Costa, F. (2011, p. 22-23) “um período de inconclusão da formação do ser” que pode durar tempos diferenciados repletos de “conflitos bio-psicológicos e transitoriedades”, na “espera da plena idade adulta” (GOMES et al, 2008, p. 35).

No caso de Martins, T. (2009) é a ideia de desenvolvimento humano baseada em Erick H. Erikson que a vincula a este grupo de autores, para quem o *de vir* tem um sentido de incompletude atual a caminho de uma maturidade. Nesse caso, representada pela vida adulta.

Mesquita (2011, p. 74) ao posicionar os jovens como os adultos de amanhã e atribuir a este período o “preparo para a vida adulta, sobretudo o acúmulo de conhecimentos por meio da escolarização, bem como (...) o preparo para a inserção no mundo do trabalho”, dá ao caráter transitório da juventude um sentido mais específico do que as demais transições que possam ocorrer na vida de uma pessoa. Ao mesmo tempo em que classifica a vida adulta como o objetivo da passagem pela juventude; e Silva, L. E. (2009, p. 27) entende que na juventude a “transitoriedade é muito específica, uma vez que ela pode definir os principais

⁵⁶ Uma identidade social transitória, ou uma condição que tem um significado de preparação para a fase adulta que seria o objetivo final. Nesse sentido, a integração à sociedade adulta é um fator não só importante, como esperado.

caminhos de qualquer pessoa, que poderão ser mudados sem, no entanto, manter a radicalidade que tiveram na fase da juventude".

Há uma especificidade em Maia, A. (2007)⁵⁷, por chamar à atenção a relação dos jovens com o tempo e os desafios contemporâneos para que a transição jovem-adulto ocorra. Segundo a autora a apreensão de um *continuum* temporal torna-se difícil e fragmenta-se a forma de apreender o tempo. O presente, nesse aspecto, ganha uma importância maior na contemporaneidade e os jovens são um grupo fortemente atingidos por esta perspectiva de valorização do presente, visto para além de “uma ligação entre o passado e o futuro, mas sim como uma dimensão de preparação para o último” (MAIA, A., 2007, p. 58). Esta preparação, neste caso, transcorre em um ambiente de imprevisibilidade exacerbada⁵⁸, com jovens forjando trajetórias nômades, presos ao presente, ficando “desgastada a ideia de trajetória de vida como uma seleção construída subjetivamente entre múltiplos futuros possíveis dotados de uma clara medida temporal” (Ibid, p. 59).

Também Machado, V. (2008) com a perspectiva física da vida que apresenta em seu artigo, afirma que a complexidade da sociedade moderna dificulta o processo de transição jovem-adulto. Zottola (2007) também apresenta em uma perspectiva física, o processo de transição juventude para a vida adulta, separando em quatro etapas principais, sendo que a primeira, o adolescente-jovem, possui a identidade ainda como parte do grupo; na segunda, ainda está vinculado ao grupo, mas buscando autonomia, quando a relação com a família torna-se mais conflitiva; na terceira, busca o sentido da vida, começa a sair de si e voltar-se para os outros, e por fim, na quarta etapa, busca corrigir equívocos das outras fases em função do projeto de vida, da transição para a fase adulta.

A segunda perspectiva de devir observada é a de tê-lo como um conjunto infinito de possibilidades de construção do presente ou do futuro recente, do próximo minuto, um conjunto de mudanças no jeito de ser, em oposição direta à imutabilidade do ser ou um ponto

⁵⁷ Essa observação a respeito do tempo presente é feita por Souza, C. (2007, p. 21), mas esta autora não trabalha com a categoria devir na sua conceituação de juventude. Segundo a autora “ser jovem na contemporaneidade está ligada à experiência temporal. Os jovens exigem da sociedade o valor do presente como única condição de mudanças; reivindicam o direito à provisoriedade dos interesses, das agregações, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade. Assim, o tempo passa a ser uma das categorias básicas na construção da experiência juvenil”.

⁵⁸ Situação agravada pelo processo juvenilização da sociedade hodierna, onde “os adultos, por sua vez, empenham-se em viver a juventude, não só através de investimentos no corpo e na vestimenta, mas também, através dos comportamentos, lugares que freqüentam e na relação com os filhos, tratadas a partir da dimensão da amizade. Para Kehl (2004), em nossa sociedade poucos querem ocupar o lugar de adulto” (MAIA, A., 2007, p.61).

de referência que permanece, não obstante os movimentos de mudança. Comparando com a reflexão sobre o tempo feita anteriormente, esta perspectiva de devir se vincula ao tempo como *aión*, um tempo sem referência material.

Os trabalhos de Dal Molin (2007), Gorczewski (2007), Rossi (2007), Cordeiro (2008), Silva, T. (2008) e Furiati (2010) vinculam-se a este conceito de devir. As suas considerações apontam para um jovem que ocupa uma posição de passagem, uma estação jovem, podendo ir para ou vir de várias direções. Nesse grupo também se encontra Amaral (2011) ao abordar a transição juventude – fase adulta como um percurso biográfico e a partir das culturas juvenis como entende Machado Pais.

A terceira e última perspectiva que surgiu da leitura da produção acadêmica analisada foi a de devir como uma condição do ser, um ser que será algo que não é, mas confirma e se relaciona diretamente com o que é no tempo presente, no agora. Um movimento de transformação que é também dialético. Comparando com a reflexão sobre o tempo feita anteriormente, esta perspectiva de devir se vincula ao tempo como *kairós*.

Os trabalhos de Dib (2007); Furlani (2007); Villar (2007); Fernandes, C. (2008); Souza, F. (2008); Stamato (2008); Bezerra (2009); Pereira, K. (2009); Bandeira (2010); Assis (2011); Barbalho (2011); Silva, G. (2011); Silva, J. (2011) e Wink (2011) vinculam-se a esse último conceito de devir apresentado. Stamato (2008) observa que

a concepção sócio histórica de juventude fortalece a contribuição da Psicologia para a constituição de uma nova configuração social e subjetiva sobre a juventude, em que o jovem seja considerado pelo que ele é e não pelo que deixou de ser (o luto do corpo infantil) ou pelo que ele poderá ser (Ibid, p. 137).

Villar (2007) coloca a juventude em uma posição ambivalente, no que diz respeito ao devir: ao mesmo tempo em que a juventude não pode ser reduzida a uma passagem, uma estação de trânsito entre a infância e a fase adulta, deve ser afirmada como transição. Assim, a partir desta noção “é possível observar como os processos de inserção social e econômica dos jovens transformam-se no tempo (...) esse uso permite incorporar ao discurso sobre este momento do ciclo vital, os conceitos de processo, transformação e historicidade” (VILLAR, 2007, p. 16).

Essa ideia de transição não como a passagem para o estágio esperado, mas como processo do devir da existência humana, e que no jovem adquire uma especificidade pelas

questões históricas e culturais, também está presente em Pereira, L. (2007), Fernandes, C. (2008), e Pereira, K. (2009, p. 38) ao observar que “a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma”, no sentido de que o sujeito é ativo, age sobre o mundo. Para Barbalho (2011, p. 91), “um devir é a possibilidade (ou não) de um processo se singularizar diante das estratificações dominantes de uma sociedade; é a capacidade de subjetivação de uma minoria que escapa à individualização em série do capital”.

Quadro 40 – Resumo do grupo de produções acadêmicas que utilizam a categoria *devir* na conceituação de juventude

Sentidos de Devir	Tese	Dissertação	Artigo
Devir vinculado ao tempo <i>Cronos</i> e à ideia de transição	Meneses (2007); Alves, M. (2009); Almeida, R. C. (2010); Mesquita (2011)	Basílio (2007); Maia, A. (2007); Silva, C. B. (2007); Zottola (2007); Nascimento (2008); Oliveira, M. A. (2008); Silva, A. (2008); Borghi (2009), Martins, T. (2009); Oliveira, A. B. (2009), Oliveira, W. (2009); Silva, L. E. (2009); Silva, R. H. (2009); Silveira, S. (2009); Gomes, A. (2010); Melo (2010), Oliveira, C. (2010); Carcovich (2011); Castagna (2011); Costa, F. (2011); Machado, A. (2011).	Gomes et al (2008); Machado, V. (2008); Peregrino (2011)
Devir vinculado ao tempo <i>aión</i> e à ideia de possibilidades infinitas	Dal Molin (2007); Gorczewski (2007); Cordeiro (2008); Furiati (2010)	Rossi (2007); Silva, T. (2008); Amaral (2011)	
Devir vinculado ao tempo <i>kairós</i> e visto com a condição do ser	Dib (2007), Villar (2007); Stamato (2008), Bezerra (2009); Bandeira (2010)	Furlani (2007); Pereira, L. (2007); Fernandes, C. (2008); Fernandes, S. (2008); Souza, F. (2008); Pereira, K. (2009); Assis (2011); Silva, G. (2011); Silva, J. (2011); Wink (2011)	Barbalho (2011)

Fonte: Autor, 2012.

5.3 Apontamentos e sínteses

A análise de conteúdo, da parte das obras selecionadas, que tratava do conceito de juventude, permitiu identificar que este conceito vem sendo discutido predominantemente a partir da análise de fatos concretos, tendo como base uma produção anterior já estabelecida, especialmente de cunho sociológico e educacional. Sposito (2009) observa, como já mencionado, o percurso paralelo da produção acadêmica em geral, onde se incluem os trabalhos sobre juventude, justamente pelo pouco investimento em estudos tipo estado da arte,

o que contribui para os trabalhos não dialogarem entre si. Esta dissertação busca, nesse sentido, contribuir para o diálogo entre os modos de conceituar juventude.

A partir então desse processo, os conceitos de juventude, produzidos ao longo dos anos 2007 a 2011, revelam conteúdos que denotam um corte epistemológico que anuncia uma superação da ideia de preponderância biológica sobre a forma de ser e de se viver a juventude, visto que a naturalização em fases sequenciais é pouco considerada. Juventude se apresenta como um conceito estruturado em uma perspectiva sócio-histórica e cultural.

As características operacionais aparecem nos conceitos de juventude apresentados pelos autores estudados com um peso definidor, em direção a uma categoria e grupo social historicamente localizados, onde o corpo, a forma de estar no mundo e a relação com o tempo delineiam concretamente os sujeitos jovens. Não obstante a presença de um viés de se entender a juventude como valor, a partir do qual condições objetivas como as faixas etárias, o trabalho, o corpo natural, a demografia, são desconsideradas em favor da multiplicação de identidades móveis e nômades, é essa localização histórica que prevalece no material analisado, a respeito do conceito de juventude.

Algumas permanências podem ser observadas no conteúdo analisado. A perspectiva da juventude como transição é uma ideia importante. Perondi (2008, p. 26) em relação a isso, fala de concepções ultrapassadas, colocando a ideia de transição para uma fase de normalidade, a adulta, como ultrapassada, mas a amostra de artigos científicos, teses e dissertações analisada nesta dissertação apresenta uma realidade diferente. Está presente na produção analisada tanto a perspectiva mais conservadora de transição, retirando da juventude um sentido específico, como uma mais aberta que vê a transição como parte da existência humana, como pontos culminantes culturalmente localizados.

A faixa etária é outro aspecto que permanece fortemente ligado ao entendimento do conceito de juventude. Almeida, R. S. (2009, p. 50) escreve que há pouco uso da referência etária nas definições de juventude nos estudos mais recentes, que o faz supor que esta tem se tornado uma questão menos relevante no escopo dos critérios ou aspectos de definição de juventude. Ainda que o referido autor não defina o conceito de recente, na amostra analisada para esta dissertação, esta afirmação não se confirma. Além da grande quantidade que estabelece a idade como um elemento constituidor do conceito que advoga, ela, a idade, é fundamental para a definição da amostra, visto que poucas pessoas apresentaram alternativas

para não utilizá-la, e especialmente da política pública de Estado e da política de atendimento de organismos não governamentais.

A relação entre adolescência e juventude, também, esteve fortemente presente na discussão tanto de uma maneira tácita, em sua maioria, como direta. Aproximadamente 69% não traz uma discussão aberta sobre esta relação. Contudo, isso não significa que entendem ser a mesma coisa. O posicionamento da maioria é que devem ser entendidas separadamente tanto em termos de processos, sendo um dando conta das mudanças biológicas e outro das sócio-culturais, como sob os aspectos legais, considerando as políticas públicas capitaneadas de um lado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e a Secretaria Nacional de Juventude – SNJ. Esse modo de abordar a questão evidencia, em parte dos autores, a dicotomia entre biológico e cultural. Entretanto, para a maioria, esta relação e separações etárias são entendidas como parte da própria realidade social e cultural e assim devem ser tratadas.

Três questões demonstram os desafios epistemológicos deste conceito: As posturas intrínsecas atribuídas à juventude, incluindo aí o considerar a juventude como uma transição e a vida adulta como alvo a ser buscado; o ato de subsumir a categoria juventude nas atitudes ou características de um grupo; e o fato de atribuir características impostas nas sociedades e grupo as características hegemônicas da contemporaneidade capitalista.

O ato de esperar de alguém determinada postura é aceitável dentre de determinados parâmetros. Por exemplo, Vigotski (2006, 2009), refletindo sobre paidologia, o problema da periodização das idades no desenvolvimento infantil e a imaginação e criação na infância, aborda como as estruturas da personalidade vão se formando na criança, como a imaginação da criança é menos vinculada à racionalidade que vai sendo adquirida ao longo do amadurecimento etário e, a partir disso, pode se determinar sinais esperados na pessoa em desenvolvimento inicial. Sinais que indicarão que o processo está dentro do genericamente esperado.

Contudo, este autor afirma que “cada edad posee su propia estructura específica, única y irrepetible” (VIGOTSKI, 2006, p. 262) e que é a situação social do desenvolvimento que “determina plenamente y por entero las formas y la trayectoria que permiten al niño adquirir nuevas propiedades de la personalidad, ya que la realidad social es la verdadera fuente del desarrollo, la posibilidad de que lo social se transforme en individual” (Ibid, p. 264). Ou seja,

as novas formações estruturais da personalidade consciente da criança “no son una premisa, si no el resultado o el producto del desarrollo de la edad” (264). A idade não determina os momentos de mudança na estrutura de personalidade da pessoa, mas esta é localizada etariamente.

Esta postura ajuda a evitar que se restrinja o conceito de juventude colocando-o como um momento condicionado pela idade. Mudanças como uma divisão maior, mas bem definida entre o ‘eu’ e o mundo (VIGOTSKI, 2006, p. 258) fazem parte deste arcabouço de posturas, que vão sendo atribuídas tacitamente à juventude, como se brotassem mais da idade do que da situação social do desenvolvimento, como denomina o autor. Numa perspectiva sócio-histórica, as questões estão abertas para um processo de significação que pode redundar em rupturas, permanências, sempre numa relação dialética estabelecida.

Não há um desenvolvimento esperado que vá percorrer um caminho natural e espontâneo, com posturas mais ou menos previsíveis, em fases que se sucedem na direção da maturação de potências internas, previamente dadas (PASQUALINI, 2009; VIGOTSKI, 2009). Portanto, buscando os nexos dinâmico-causais, como sugere Pasqualini (2009), o que se oculta por traz dos sintomas e os condiciona são processos internos culturais, que se estruturam sobre o que foi estabelecido anteriormente.

De acordo com Vigotski (1999a, 2006, 2009), o processo de desenvolvimento biológico humano permite que haja coincidência entre determinadas faixas de idade e o desenvolvimento de capacidades nas relações sociais estabelecidas. Por exemplo, ampliando o que já foi dito, a relação entre razão e imaginação vai se diferenciando com o passar dos anos, até que se aproximam, coincidindo essa aproximação historicamente com uma determinada idade. Em condições fisiológicas apropriadas para o desenvolvimento do corpo, mas sob a tutela da mediação cultural, a criança aprende e se desenvolve. Isso não significa o estabelecimento de fases, de uma relação *sine qua non* entre tempos e movimentos, mas a compreensão de que essas duas dimensões caminham juntas, são distintas, se alimentam de coisas diferentes, mas corresponsáveis pelo produto final.

Em seus estudos, como já observado, Margareth Mead questionou a ideia de uma adolescência padronizada com suas crises preditas, cujas soluções também poderiam ser, na mesma medida, prescritas. Nesta mesma direção, Sorj (2000) vai trabalhar a ideia da construção social das noções de confiança e risco. Aquilo que

seria componente fundamental das sociedades modernas, é sempre impregnada de outros valores culturais e extremamente relativa, já que a incerteza é constitutiva das relações humanas em geral e, em particular, da sociedade capitalista contemporânea fundada num alto grau de individualização (Ibid, p. 128)

Ou seja, não é que não se pode proceder a um diagnóstico dos grupos juvenis, da juventude, das sociedades contemporâneas, ou da sociedade global em um espectro mais amplo, como preconiza From (1983), mas não se pode esquecer que tal empreendimento é falível, tanto pelas deficiências teórico-metodológicas que podem ser observadas, como pelo fato intrínseco da condição social e histórica de tal diagnóstico.

Em meio a esses desafios, levando em conta as considerações feitas no início deste capítulo, juventude é um conceito que se amplia. São mais estudos empreendidos, disputas teóricas na tentativa de afirmações epistemológicas, mas especialmente por se ampliar a demanda pragmática de localização da população juvenil que ocupam e produzem, elas mesmas, espaços na sociedade contemporânea. Há desafios, portanto, para o avanço dos estudos sobre juventude. É o que será tratado no capítulo seguinte.

6 JUVENTUDE: DESAFIOS PARA A REFLEXÃO DO CONCEITO

Este capítulo apresenta reflexões que buscam relacionar os aspectos abordados a respeito da produção sócio-histórica de conceitos, com elementos trazidos pelos autores da produção acadêmica analisada. Algumas questões nortearam sua confecção, bem como podem ser aprofundadas em futuros trabalhos: Quais são as raízes epistemológicas desses conceitos? Quais sugestões podem ser dadas em relação à produção de conceitos e ao estudo sobre juventude? Quais questões se apresentam com desafios para a produção de um conceito de juventude?

A análise da produção selecionada demonstrou amplamente a juventude como um conceito polissêmico, transitando entre os campos da Biologia, da Psicologia e da Sociologia. Este trânsito ocorre, por meio de aproximações conceituais, em um processo criativo a serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas ou questões teóricas, metodológicas e operacionais a respeito da juventude.

Não é intenção, com isso, associar a palavra problema à juventude, nem afirmar que a produção científica nas ciências humanas e sociais tem as respostas para todas as questões complexas sobre esse fenômeno. Por outro lado, importante considerar que se caminha, e deve caminhar, nesta direção, sob a pena de se tornar uma produção inócua e desprovida de significância.

Conceito enquanto uma produção social apresenta o inacabado como característica presente nos fenômenos humanos e sociais. O ser humano se constitui na medida em que caminha em sua trajetória existencial, refletindo em si mesmo a ideia de conceito-processo, com permanências e rupturas. Nestas reside a sua parte fluida. Apresenta também o campo, ou os campos, de disputa de uma produção conceitual para que se alcance uma maior prevalência na nomeação de coisas, fatos, ações e fenômenos sociais.

A tentativa de responder as questões postuladas e de avançar em relação aos desafios epistemológicos mencionados no capítulo anterior passa pela reflexão sobre:

- a) a polissemia das distintas ciências, que cumpre uma função dual: garantir os diferentes cenários a respeito do fenômeno, como um caleidoscópio, um olhar

multifocal, ao tempo em que evidencia disputa em torno de uma posição de primazia que redunde tanto na produção de subjetividades como em maior arrecadação de recursos financeiros para pesquisas;

b) a realidade sócio-histórica-cultural da constituição e da experiência humana, cuja negação ou mesmo a exacerbação dos processos culturais joga a juventude quase em um limbo;

c) o processo identitário ganha elementos de autonomia no momento juvenil, com um salto qualitativo no desenvolvimento humano, onde o aparelho fisiológico ‘adquire poder’ nunca antes tido, como o de reproduzir, por exemplo, e o cérebro amplia exponencialmente sua capacidade sináptica. Ainda, perceber que a presença no mundo do ser jovem é cercada cada vez mais de exigências por uma opinião própria, não mais tutelada.

d) a sobreposição geracional que se estabelece, por um lado, na autonomia que chega, é conquistada, mas é interdependente, e do outro os apelos exógenos a favor de uma atitude independente, excludente que encapsula o jovem em sua própria geração, camuflando a necessidade psicológica, em uma perspectiva sócio-histórica e dialética, da transmissão geracional a favor do fortalecimento da acumulação de experiência;

e) por fim, o risco de atribuir um lugar privilegiado à condição de juventude, em detrimento de outros grupos sociais, contribuindo indiretamente para as naturalizações dos processos sociais. Os aspectos singulares não podem ser confundidos com características ordinárias, genéricas, triviais, mas também não podem ser transformados em algo incomparável, sem referente em outros grupos sociais.

A seguir, apresentamos as considerações realizadas a partir destes pontos acima, bem como os desafios ainda presentes na produção do conceito de juventude.

6.1 Juventude como objeto de estudo de distintas ciências

A complexidade da vida humana expressa em suas manifestações objetivas e simbólicas pode ser tida como axioma primordial nos estudos do ser humano. É quase lugar comum a afirmação, na produção acadêmico-científica analisada, da impossibilidade de uma única ciência, ou mesmo, um único arcabouço teórico dar conta de apresentar e conceituar de forma completa e definitiva a labiríntica e heterogênea forma do ser, da juventude especificamente. Para além de esforços cooperativos e interdisciplinares, seguindo o entendimento desta dissertação sobre a produção de conceitos, qualificar juventude torna-se objeto de disputa. Como os métodos, ferramentas e arenas desta disputa são quase tão heterogêneas quanto seu objeto, o alcance, nível de inserção e influência na prática cotidiana das pessoas de cada requerente é distinto e, em alguns casos, essa diferença se apresenta de forma exponencial. Como lembra Hobsbawm (1995), citando frase de Pierre Bourdieu, com cinco minutos na TV, cinquenta pessoas inteligentes podem dar a um acontecimento o efeito político que conseguiria meio milhão de manifestantes.

Groppo (2000 apud LEMOS, M., 2008)⁵⁹ chama a atenção para os termos ainda utilizados para definir esta fase do ciclo de vida. A expressão puberdade, próprio das ciências médicas, ou da saúde, refere-se às mudanças corporais, tendo a maturidade do aparelho reprodutor como um dos pontos chave para determinar seu início e fim. Já o termo adolescência é mais afeto à Pedagogia, Psicanálise e Psicologia, e é conceitualmente relacionado com as mudanças no comportamento, na personalidade e na mente. O termo juventude mais utilizado pelas Ciências Sociais, especialmente a Sociologia, se vincula ao processo de socialização e suas decorrências.

Mais do que formas de expressão, essas palavras denotam o lugar de onde se fala e, principalmente, a mensagem que se quer imprimir no ambiente da disputa. Autores como Jesus, A. (2008, p. 36), apontam uma defasagem nos “instrumentos teórico-metodológicos” especialmente da Sociologia, Antropologia e Psicologia para melhor estudarem a juventude e as coisas que se referem a ela. Segundo este autor, as representações elaboradas em momentos históricos anteriores, dadas as mudanças ocorridas na sociedade, tornaram obsoletas, daí a necessidade dessa renovação teórico-metodológica que propõe, “com vistas a compreender o comportamento, a rede de relações sociais e as novas instabilidades que configuram este seguimento social”.

⁵⁹ Com quem corrobora dentre outros, Ehlers (2007) e Stamato (2008).

Tanto as percepções de Groppo (2000 apud LEMOS, M. 2008) e Jesus, A. (2008) parecem apontar para uma dificuldade de se romper, nas ciências sociais e humanas, barreiras relacionadas à integração de perspectivas, bem como para uma compartimentalização do objeto de estudo. Atribui-se assim, a cada ciência o domínio de um campo ou pedaço desse objeto.

Uma das razões que fazem autores concluírem por uma preponderância nas ciências humanas e sociais de perspectivas unívocas e lineares na definição do conceito de juventude, é aceitar, aparentemente de forma tácita, que a Psicologia, como ciência, possui uma única visão a respeito dos processos sociais, e esta é a perspectiva do desenvolvimento em fases etárias, estabelecidas de forma quase matemática. Esse receio, ou esta visão restrita da Psicologia, pôde ser verificada, por exemplo, em Jesus, A. (2008), que se fundamenta em Luís Antônio Groppo. A mesma opinião ocorre em Viana (2009a, p. 147), quando afirma “entre as diversas definições de juventude, há poucas que destacam o seu caráter social. O que predomina na esfera das representações cotidianas, dos meios de comunicação e das ciências naturais é a concepção biologicista ou psicologista”, termos utilizados de forma pejorativa. Em função disso, alguns podem concluir que adolescência, estudada na Psicologia, está vinculada a fase de desenvolvimento psicobiológico, e necessariamente denota aspectos patológicos, de desvios, inaptações, etc.

Como afirmam Aguiar; Bock; Ozella (2001) tem prevalecido na ciência psicológica a análise e a compreensão naturalizante e não histórica da adolescência, o que revela determinados pressupostos teóricos e visão de homem. Segundo esses autores, quando a adolescência começa a ser vista como objeto de estudo no início do século XX, com os estudos de Stanley Hall na Psicologia, há uma influência da perspectiva psicanalítica vigente na época. Esta influência resulta, por exemplo, no entendimento da adolescência como momento da vida onde a emergência da sexualidade provoca tormentos e perturbações, marcando uma concepção naturalista e universal do adolescente produzida e reproduzida pela cultura ocidental, tendo nos meios de comunicação de massa e na indústria cultural, aliados poderosos. Com a reafirmação dessas verdades por ciências como a Psicologia, a assimilação pelas pessoas em geral tornou-se mais eficaz.

No entanto, considerando a forma como esses autores abordam esta questão neste e, em outras produções, como Aguiar; Ozella (2008), partindo da Psicologia, na academia brasileira, já está estabelecida uma perspectiva diferente desta de cunho naturalista

sedimentada desde o início do século passado. E mesmo no início do século XX se estabelece, por exemplo, a Psicologia Sócio-histórica com Lev Semionovich Vigotski, também denominada na Psicologia de corrente Histórico-Cultural, Social-Crítica e ainda Psicologia Marxista, que contribui para a inauguração de forma irrevogável, pelo menos na Psicologia, do uso do método materialista e dialético, da consideração dos fatores sociais, históricos e culturais na análise dos fenômenos psicológicos. Dentre outras coisas, implica, como já abordado no capítulo três, na concepção de um homem não atomizado em oposição à sociedade, mas que se constrói nas relações sociais, delas recebendo influências, nelas se modificando e modificando-as, à medida que empreende uma ação criadora em função das demandas estabelecidas nestas mesmas relações.

Em outra linha, Almeida, R. S. (2009), recorrendo a Alba Zaluar e Helena W. Abramo, observa como os estudos da escola de Chicago que acabam por vincular violência e juventude em uma relação causal, dando a este grupo um caráter mais intrinsecamente patológico do que sócio-cultural, ainda influenciam de forma significativa as políticas públicas formuladas atualmente, como se pouco ou nada houvesse sido produzido posteriormente. Os estudos de juventude sob a perspectiva de uma categoria histórica, social e culturalmente definida, se mostrou ampla maioria na amostra analisada. Mas as políticas públicas ainda se fundamentam em visões mais restritas da juventude, especialmente como problema social. Carcovich (2011, p. 32) afirma que “é comum, nos debates que abordam a relação jovens/cidadania, o enfoque dos problemas. A maioria das questões levantadas é relacionada à provação, a desvios, à prostituição, a drogas, à gravidez precoce, à violência, etc.”.

Também Mendes, S. (2009) afirma que a concepção da juventude como um problema tem impulsionado a criação de políticas públicas. Estas buscam estabelecer mecanismos para evitar as situações de risco, nas quais os jovens possam se envolver e, assim de fato transubstanciam o perigo.

Diante disso, é interessante pensar sobre um ponto: mesmo sendo maior a quantidade de autores na produção científico-acadêmica, a respeito do conceito de juventude, que advoga uma perspectiva sócio-histórica-cultural para a compreensão dos fenômenos psicossociais, os efeitos pragmáticos sobre as políticas públicas ainda não são sentidos. O que talvez precise ocorrer, e isso só o tempo dirá, é a mudança do tipo de conhecimento que fundamenta o senso

comum, as ideologias que sustentam as políticas públicas e as demais ações do Estado, as instituições como a escola e outras instituições socializadoras.

Considera-se, ainda que signifique a repetição de um lugar comum, importante chamar a atenção para o movimento circular que pode se estabelecer entre os conceitos e a prática. Os modos de concepção da realidade determinam a ação sobre ela, e esta ação, por sua vez, estabelece ou alimenta estes mesmos modos de concepção e suas variações.

Não que seja necessário ocorrer a aniquilação de pressupostos biológicos, mesmo dentro das ciências humanas e sociais, que analisam a juventude, os jovens e os demais grupos humanos em uma perspectiva linear e fásica, com diferenças marcadas a partir de uma ideia de desenvolvimento não cíclico: início, transição, ápice, transição, declínio. Mas fazer com que o próprio referencial teórico utilizado por estes autores, por denotar o surgimento, a permanência e fortalecimento de perspectivas teóricas e metodológicas que consideram os processos humanos, principalmente os biológicos, a partir das prerrogativas sociais, históricos e culturais, influencie de fato as opções políticas e operacionais.

Mannheim (2012, p. 204) escreve que o fato de várias disciplinas abordarem um mesmo conceito pode conferir à produção deste maior riqueza. O isolamento pode causar atraso no processo de desenvolvimento dos conceitos. Nesse sentido faz parte do processo de produção de conceitos entender o que já foi produzido até então, numa espécie de genealogia. Isso será importante não somente para ter em mãos aquilo que seria o ponto final de determinada discussão, que se converte em ponto de partida de nova pesquisa, considerando que se pretende um avanço em relação ao conceito, mas também para verificar em seu processo de produção pontos e caminhos que, se postos ou considerados de forma distinta, podem mudar o atual ponto de chegada.

Não é que falem ou estejam obsoletos os instrumentos teórico-metodológicos das Ciências Sociais e Humanas para melhor estudarem a juventude e as coisas que se referem a ela, como aponta Jesus, A. (2008). Pode-se questionar, no entanto, que talvez esses instrumentos, mais apropriados do ponto de vista da perspectiva histórica e social, não estejam difundidos de forma suficiente ou, se estão difundidos, não estão sendo considerados da forma como deveriam.

6.2 Juventude e a realidade sócio-histórica-cultural da constituição e experiência humana

O pressuposto básico a ser adotado para os estudos sobre juventude, ou qualquer outro grupo social, é a pluralidade tanto *a priori* como manifesta do fenômeno. Por pluralidade *a priori* entende-se que a condição juvenil é plural. Isso significa dizer que juventude é uma condição culturalmente localizada e não um atributo humano inato. Ou seja, dentro do quadro em que se manifesta o desenvolvimento da pessoa, identificado pelas idades, a forma de medir o tempo, a denominação de cada idade ou grupo de idades, as atribuições sociais historicamente localizadas, as rupturas ocorridas nesse processo, são fruto da cultura.

Como advoga Pino (2005), fundamentado no pensamento de Lev S. Vigotski, o desenvolvimento psicológico se dá de fora para dentro, a partir do desenvolvimento cultural. O humano não se conjuga com o verbo ter, mas com o verbo ser. Nesse sentido, seria tornar-se, considerando o desenvolvimento da criança como processo de ser humano, a conquista de uma possibilidade marcada nos planos filo e ontogenético. Entretanto, o desenvolvimento cultural estará comprometido, se esta criança não tiver também acesso aos bens materiais produzidos pelos homens e que são portadores dessas significações. A criança possui o equipamento genético e neurológico da espécie com as marcas culturais da espécie, mas é a integração às práticas sociais que permite que isso se converta em humano. O recém-nascido é, ao mesmo tempo, herdeiro e candidato à condição humana. A mediação, ou o papel do Outro nesse processo é duplo, pois tanto fornece a herança genética, como inicializa e conduz a criança no processo de humanização.

Nesse sentido, Weisheimer (2009, p.78) observa que Bronislaw Malinowski, Margaret Mead e Ruth Benedict também demonstraram em suas etnografias que “as variações sociológicas e culturais produzem significados distintos aos processos transitórios que distinguem a infância da vida adulta”, ocorrendo casos de povos que não possuem classificações etárias ou mesmo significação específica para possíveis fases entre a infância e o ser adulto.

Essa perspectiva retira da juventude, ou de qualquer outro grupo social, a característica de que, como tal, é portadora de uma mensagem especial para a sociedade. Ela a possui, na mesma medida que os demais grupos também a possuem. A juventude pode ser vista como um barômetro, e não como ‘o’ barômetro de novas tendências na sociedade. O método de investigação, questão tão cara a Vigotski (1999a) na busca de respostas para as questões que o intrigava como cientista, evidencia uma preocupação por este olhar plural, no sentido de que o todo complexo não pode ser estudado a partir da sua divisão em elementos componentes, mas em unidades de análise. Na analogia proposta por este autor, é como se alguém tentasse estudar as propriedades da água no combate ao fogo e descobrisse, pelo estudo dos seus componentes, que tanto o hidrogênio como o oxigênio são alimentadores do fogo. Ao estudar a molécula H₂O, certamente as conclusões iriam à outra direção.

A pluralidade manifesta diz respeito à situação juvenil diretamente influenciada pelas distintas realidades históricas, sociais e culturais experimentadas pelas pessoas. É desde aqui que se cunha a expressão juventudes para se referir a este grupo social, representando melhor o fenômeno de grandes proporções em que se converteu.

Pais (2003, 2006) nesta direção, propõe reconhecer não somente as distintas formas de ser, estar e apresentar-se jovem no mundo, como a fluidez que esta condição cultural adquire na contemporaneidade. A realidade de transformação social por meio da preservação de uma tradição e reformas gradativas, como observa Mannheim (1961) no caso da Inglaterra até meados do século passado, não é suportada mais sem que se pague um alto preço de crises políticas, conflitos e confrontos bélicos. O que se observa, por exemplo, nos conflitos no norte/nordeste da África e Oriente Médio desde 2010, chamado por alguns de ‘Primavera Árabe’, não é somente a questão já tida como *sine qua non* de serem tantas juventudes quantos sejam os contextos, mas a de que as juventudes que se apresentam hoje, tanto podem sofrer alterações de conteúdo e forma sem aviso prévio, como a elas podem ser agregadas novas juventudes.

Considerando, então, esta pluralidade ambivalente, não se pode conceber uma homogeneidade completa e *a priori* na condição, ou na situação juvenil. Stamato (2008) chama a atenção para o papel da perspectiva sócio-histórica, baseada em L. S. Vigotski, como fundamental para ajudar a romper com as definições reducionistas sobre juventude – ou qualquer outro conceito –, considerando que retira o caráter natural, por vezes atribuído às fases. Para a autora,

é fundamental romper com o naturalismo e recolocar a determinação cultural como raiz dos significados simbólicos, promessas, ameaças, potencialidades e fragilidades, que subjazem à definição desta etapa de vida, e que a tornam objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e cheia de expectativas, por parte da sociedade (STAMATO, 2008, p. 99).

Desse modo, os interesses subjagam as necessidades e os impulsos, orientando-os sem anulá-los em direção aos processos de significação. A partir do momento em que a barreira biológica do desenvolvimento é rompida, a cultura assume o comando das complexas relações, procedimentos que constituirão o ser humano, no sentido sócio-histórico. Não é uma relação simples, sincrônica, fásica e linear. Sobre isso, Pino (1993, p.168, grifos do autor) apresenta a tese de que todas as pessoas passam por um duplo nascimento, advogando o que chama de “*momento zero cultural*, interstício lógico entre esses dois nascimentos”.

Reafirmando o dito anteriormente, com base em Vigotski (1999, 2006) e Pino (1993, 2005): apesar de a criança trazer toda a bagagem biológica e psíquica que a habilita ao mundo humano, ela se torna humana ao nascer para o mundo da cultura; a criança é um humano completo – biologia e cultura – em potência, mas, é na relação mediada pelo Outro, que ocorre o nascimento cultural e se concretiza o processo de formação do humano; pesquisas sobre o genoma humano e o córtex cerebral revelam que a complexidade da organização encefálica representada pela proliferação sináptica é a principal diferença entre o homem e os animais mais próximos geneticamente, isso confere plasticidade ao órgão cerebral e fortalece a tese da proeminência do cultural sobre o biológico nos seres humanos; o comando biológico das funções humanas, sob o qual todo o ser humano se desenvolve, vai dando lugar, paulatina e definitivamente mente, ao comando da cultura, sem a extinção das funções anteriores.

Na perspectiva sócio-cultural, a juventude aparece vinculada a experiência no presente. Podemos considerar, no entanto, que a realidade juvenil é ambivalente e duplamente marcada pelo tempo e pelo espaço. Por um ‘tempo’ que é construído dialeticamente, tempo síntese que permanece até a próxima mudança ou salto qualitativo próprios das relações dialéticas. Não é um presente que tem por trás um passado renegado, inválido ou inexorável quanto à sua influência no presente e, nem à sua frente, um futuro-devir, despregado, autônomo e independente completamente dos significados presentes na história da pessoa, a partir da confluência dos planos genéticos⁶⁰.

60 Vigotski (1999a) propõe quatro planos genéticos, que funcionam como ‘entradas’ de desenvolvimento, numa perspectiva interacionista, que em conjunto caracterizam o funcionamento psicológico do ser humano: filogênese

Por um ‘espaço’ onde o cultural e o biográfico, entre encontros e desencontros, dividem a primazia, a depender do tipo de inserção nos contextos estruturais, históricos e culturais específicos e da própria biografia. É espaço criativo, onde novos sentidos podem ser atribuídos a significados culturalmente estabelecidos, é reino da história microgenética. Furiati (2010, p. 23) comenta que, por um lado, a realidade juvenil “é determinada por processos de transição desiguais, que dependem de contextos estruturais, históricos e culturais específicos nos quais os jovens estão inseridos”, mas por outro, “é também um processo biográfico, marcado por momentos personalizados”. A autora destaca ainda, que “a identidade juvenil não é construída pela passagem por etapas ou eventos, mas pelos meios sociais nos quais os jovens se desenvolvem e pela qualidade das trocas que esses proporcionam”. Nesse sentido, “existem, portanto, várias juventudes decorrentes de diversos modos de ser jovem” (Ibid, p. 21).

Essa demarcação histórica e cultural pretende esquivar-se da noção unicamente aberta de juventude como ‘estado de espírito’. Reafirma-se assim, a concepção dialética e materialista desta história e desta relação cultural.

6.3 Juventude como processo identitário

A identidade pode ser entendida em seus aspectos de estabilidade de ser, de modo que, independente das representações e atuações possíveis de serem exercidas por uma pessoa, é na identidade que a pessoa é encontrada de fato por si mesma e pelos outros. É quase uma entidade à parte que hora aparece, hora é subjugada por algo que não é a realidade da pessoa.

Como aborda Sawaia (1995, p. 20, grifo da autora), identidade pode ser entendida não como “uma substância que se mantém, ao longo de sua existência, imutável e idêntica a si mesma, mas um devir, um processo de confronto entre igualdade e alteridade ou, como define Souza Santos (1994), ‘identificações em curso’”. O devir é introduzido na questão identitária,

(história da espécie humana), ontogênese (história do ser, membro individual da espécie), sociogênese (história do meio cultural, as formas de significação, onde a pessoa se insere) e microgênese (história dos aspectos mais microscópicos do desenvolvimento, no sentido de que cada fenômeno psicológico tem sua história, entre não saber algo e saber algo um tempo e uma história se passam. Esta é a parte onde se constrói a singularidade da pessoa, que desmonta a ideia dos determinismos biológicos e culturais).

inicialmente conceituada como aquilo que é igual em todos, passando depois a ser considerada sob um prisma tridimensional: o que era, é e poderá ser. Dimensões potencialmente intercambiáveis que se relacionam em um movimento dialético.

Ao longo dos textos analisados, autores como Lemos, M. (2008), Martins, T. (2009) entendem a juventude como um momento de definição e/ou afirmação de identidade. Segundo Sawaia (1995, p. 21), sem o movimento de posição e reposição, numa constante dialética, a identidade torna-se “objeto, uma etiqueta usada para controlar, reprimir, discriminar, transmutando-se em estratégia de exclusão e dominação”. É preciso entendê-la como movimento constante de síntese.

A autora comenta ainda a respeito do saudosismo de alguns em relação à cidade que se foi, da identidade do bairro, do seu espaço mais restrito, que se modificou, na verdade, se diluiu, se perdeu. Ainda que sejam legítimos os sentidos atribuídos a um espaço que desapareceu, o que ocorre, de acordo Sawaia (1995, p. 23), “é uma mudança nas redes de sociabilidade e solidariedade”, uma reposição identitária. Talvez seja factível pensar na ideia de um referencial identitário, como forma de se escapar das teias de uma fluidez interminável na construção da identidade das pessoas e dos grupos sociais. “É necessário apresentar-se e ser representado como igual a si mesmo (...) para garantir relações, intrapessoal, interpessoal, intergrupar e internacional” (Ibid, p. 125).

Os processos psicológicos, como apresenta Vigotski (2009), adquirem um valor qualitativo nesta mudança social, e culturalmente caracterizada, como a que ocorre da infância para a juventude no desenvolvimento humano. Isso significa um referencial identitário? Ou o correto é pensar nesse processo de salto qualitativo fortalecido na juventude, como uma tomada de autoconsciência não experimentada em nenhum momento anterior? Isso, considerando que a identidade é metamorfose paradoxal, ou seja, “ao mesmo tempo que se transforma, afirma um ‘modo de ser’” (SAWAIA, 2001b, p. 121, grifo da autora). Elementos como crença, etnia e classe podem se converter em norteadores de identidade como maior ou menor grau de aprisionamento, de padronização desta. No caso da juventude, o presente não pode ser encarado como aparência de um futuro onde habita a redenção: o adulto. A perspectiva do adulto como destino faz do passado um relato, e do presente um estágio com um *telos* que, ao atingi-lo, se converterá também em relato.

Souza Santos (1997) menciona uma metáfora da viagem, propondo uma discussão sobre o processo identitário. Na viagem há uma parte que não viaja, o *oikos*, a casa, o lugar de onde se parte e para onde se torna. Mesmo que o endereço mude em espaços de tempo indeterminados, haverá um lugar. Esta tendência à estabilidade, ainda que efêmera, dependendo da noção de tempo que se adote, pode ser pensada como uma característica da homeostase própria dos sistemas abertos e complexos como são os seres humanos. Há uma extrema estabilidade, e a organização interna, em termos de estrutura e funcionamento, é em função do equilíbrio. Contudo, os resultados das mudanças qualitativas são imprevisíveis.

Utilizando as figuras de outra metáfora, também proposta por Souza Santos (1997), a das raízes e das opções, pode-se inferir que, para Vigotski (1999a), o biológico e o cultural funcionam como raízes partilhadas nas identificações em curso do ser humano. Raízes integradas entre si, sendo que o biológico, parte comumente tida como a mais dura, no sentido de menos mutável desta equação, é portadora de surpreendente plasticidade.

Colocar, portanto, sobre uma determinada fase da vida o peso do estabelecimento da identidade, ou de elementos dela que seguirão com o indivíduo para o resto da vida, é uma forma de disciplinar os sujeitos. Reforça-se assim, a tese de que “identidade é uma categoria política disciplinadora das relações entre pessoas, grupo, ou sociedade, usada para transformar o outro em estranho, igual, inimigo ou exótico” (SAWAIA, 2001b, p. 123).

Algumas questões podem ser sugeridas para se refletir a respeito do processo identitário na juventude. A primeira é que o processo identitário passa por resultados produzidos a partir de uma experiência histórica, que podem confluir para uma ‘quase’ homogeneização do fenômeno juventude. Falar de juventudes, no plural, é posto como uma das alternativas de simbolizar graficamente uma opção conceitual, de explicitar a adesão à ideia da pluralidade e diversidade da juventude. Junto com esta expressão seguem especialmente outras como grupos juvenis e culturas juvenis. Uma questão pouco discutida é se esta pluralidade está vinculada mais diretamente à condição juvenil, ou às formas de se viver concretamente esta fase do ciclo de vida. A maioria, se não todos os autores estudados, em menor ou maior grau, entende que há fatores delineadores de uma condição de juventude. Esta diversidade de vivências se circunscreve em uma realidade social e culturalmente estabelecida.

Essa é uma discussão já feita por Borghi (2009), baseado em Machado Pais, quando conceitua unidade e diversidade em relação à juventude. A primeira está em relação à fase da vida, enquanto que a segunda está em relação aos interesses, características e representações e atribuições sociais que diferenciam os jovens.

Não obstante a juventude ser definida, em parte, por esta sua diversidade e heterogeneidade de pertencimentos; visto que a homogeneidade não é uma condição *a priori* da juventude, ou de qualquer outro grupo etário ou social; mesmo, considerando a situação juvenil como uma manifestação desta diversidade, a homogeneidade pode ser considerada um fator *a posteriori*, a partir do pertencimento a um determinado grupo. Ou seja, a partir do momento em que alguém se considera pertencente a um grupo, – que nas configurações contemporâneas da sociedade pode ser composto por pessoas que se conhece e convive, bem como por pessoas que não se conhece, nem convive e com as quais nunca se terá esta experiência – pode-se pensar em uma homogeneidade da situação juvenil, em menor ou maior grau, mas sempre situada social, histórica e culturalmente.

A esse respeito Cordeiro (2008) compartilha da ideia que a juventude é capturada pela subjetividade produzida pela indústria cultural, ao consumir os seus produtos. Dentre as mediações que afetam hoje, diretamente, a experiência de viver a juventude, as produzidas por esta indústria possuem um grande poder. A considerar, como Hobsbawm (1995), que a revolução cultural, no final do século XX, representou a vitória, o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, o esforço da indústria cultural de padronização dos gostos, como abordam Martins, S. (2009) e Novelli (2009), torna-se paradoxal, devido ao objetivo de cooptar a pessoa para esta concepção de sociedade. Devemos considerá-la, composta por um amontoado de indivíduos. Por outro lado, concomitantemente, busca convencê-la de que é a sua individualidade que trará a exclusividade em possuir, ou consumir algo, que outras tantas milhões de pessoas também o fazem.

Ainda nesta linha, Cruz (2009, p. 73) afirma que “marcos geracionais” produzem nos jovens características comuns. Estes estão presentes em problemas de violência física e simbólica. Assim, fazem contato mais cedo que gerações passadas com o perigo da morte, o desemprego e a insegurança em planejar o futuro.

Considerando o peso que ainda exercem os agentes socializadores tradicionais, com destaque para a escola e a legislação, especialmente neste momento histórico pós-edição de

pelo menos três estatutos emblemáticos (por ordem de edição: da criança e do adolescente, do idoso e da juventude) que conferem um sentido fásico à vida, e de altas taxas de escolarização e permanência na escola⁶¹, vislumbra-se uma forte ferramenta legal que incide sobre aspectos de uma homogeneização da infância e juventude, reforçando, dentre outras coisas, a faixa etária como conceito norteador do processo de desenvolvimento da pessoa.

Este movimento é uma experiência de hetero/autoidentificação histórica e cultural, onde se insere distintos e, às vezes, antagônicos referenciais identitários por onde transitam as pessoas, ou que são traspassadas por eles, inclusive os jovens. Autores como Rossi (2007), Borghi (2009) e Novelli (2009) atribuem a atual diversidade da situação juvenil ao que chamam de condição pós-moderna. Em linhas gerais, entendem que “não existe um único e fixo modo de ser jovem na condição pós-moderna” (Rossi, 2007, p. 130), o que significa atribuir a atual diversidade social e cultural, vivenciada por jovens e outros grupos sociais, como uma exclusividade do que entendem por pós-modernidade. Nesta mesma linha, Oliveira, M. (2008), observa que “a cultura contemporânea exerce forte influência sobre a juventude”.

A pergunta então que se faz é: houve alguma época em que a cultura não exerceu forte influência sobre as pessoas no seu meio, quaisquer que fossem essas pessoas em termos etários e sociais? É importante não confundir modo de influir e direção da influência, bem como influência hegemônica com a influência em si. A história da filosofia fornece um exemplo clássico a respeito do veredito condenatório de Sócrates: por corromper a mente dos mais jovens. Ou seja, é antiga a percepção de que a cultura, ou uma cultura qualquer, traz influência sobre os grupos sociais.

Uma das características da contemporaneidade é o múltiplo atravessamento vivenciado pelas pessoas. Em meio a isso, algo ou um conjunto de ‘algos’ as influenciam mais do que outro. Isso não significa estarem todas as pessoas e grupos sob a mesma influência, ou ainda, tomar os princípios e valores repassados pela fonte influenciadora da mesma forma, por estar sob a mesma influência.

⁶¹ De acordo dados do IBGE, crescem anualmente as taxas de matrículas, anos de estudo e de alfabetização, incluindo o meio adulto. Em 1979, por exemplo, aproximadamente 70% da população escolarizável de 7 a 14 anos estava na escola. Em 2000 essa taxa subiu para quase 96%. (Dados coletados em 06/08/2012 no endereço eletrônico: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/educacao/escolarizacao.shtml)

Em outra abordagem, Jurandir Freire Costa traz para o debate do processo identitário, a concepção de um direcionamento de efeitos globais, na formação das identidades, a partir de mudanças culturais profundas. Para ele, o sujeito é “uma realidade psíquica histórico-cultural, e não “algo” invariável no tempo e no espaço”, mesmo que as mudanças na subjetividade desses sujeitos requeiram “transformações culturais em longuíssimo prazo” e “a reestruturação das sensibilidades e julgamentos no campo dos afetos” seja “complexa, pois é nela que se ancora a estabilidade das identidades pessoais” (COSTA, J., 2001, p. 1-2). Assim, ocorre troca de instâncias normativas que dão sentido à vida. As tradicionais – religião, família, política, etc. – vão sendo substituídas “por uma outra não menos tradicional, a ciência, ou melhor, a mitologia científica”, responsável por eleger a busca incessante da qualidade de vida, do *fitness*, como objetivo de vida.

A nova ‘renaturalização’ das condutas humanas, todavia, não tenta como dissemos, descartar os antigos valores. Tenta, ao contrário, retraduzi-los e inscrevê-los no triunfalismo ideológico do cientificismo atual. O cuidado de si, anteriormente voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, migrou para a atenção para com a longevidade, a perfeição da saúde físico-mental, a juventude, em suma, para com a “fitness”. Inventou-se um novo modelo de identidade, a bio-identidade, e uma nova forma de preocupação consigo, a bio-ascese, nos quais a fitness é a suprema virtude. Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física começa a funcionar como a regra científica que legitima ou desqualifica outras preferências e aspirações à felicidade. (COSTA, J., 2001, p. 3). É nesse ambiente que as pessoas, inclusive o jovem, transitam. Quase um campo de batalha onde o domínio sobre o processo identitário é objeto de disputa, consciente ou não.

A segunda questão sugerida para se refletir a respeito do processo identitário na juventude é que esse processo também se dá, no caso da juventude, em meio às experiências de transições nos percursos de entrada e saída desta condição. As diferenças sociais, englobando nesse termo as questões de classe social, de localização da moradia, acesso aos bens e serviços públicos e bens de consumo, somadas às diferenças estabelecidas a partir de escolhas que vão sendo feitas, tanto cotidianamente, como aquelas escolhas de maior impacto sobre a vida das pessoas, vão ampliando o descompasso entre os determinantes biológicos, como a idade, e o ciclo de vida, como comenta Peralva (1997). Cordeiro (2008), ao tratar da

desregulação do tempo social⁶², aponta também nesta direção, do descolamento entre os processos biológicos e culturais.

Não se pode deixar de lado a realidade física do desenvolvimento das pessoas, aliado ao desenvolvimento cultural. Na pessoa considerada hoje como jovem, esse processo ocorre de forma qualitativamente diferente do que vinha ocorrendo anteriormente. O olhar próprio do jovem, utilizando palavras de Rodrigues, H. (2009) pode ser entendido a partir desta perspectiva, ou seja, como o ineditismo desse tipo de possibilidade no sujeito, na pessoa humana. Com o avanço do aparelho biológico (PINO, 2005; VIGOTSKI, 1999a) influenciado e comandado pelos processos culturais, o jovem inaugura a plena capacidade de significação que, potencialmente, faz parte da pessoa, desde o seu nascimento. Essa potência se transforma em realidade plena na juventude.

Sob esse prisma, pode ser analisada a ruptura com o *status quo* atribuída ao jovem, por vezes, como característica intrínseca. Pode ser vista, na verdade, como fruto do processo socializador moderno já analisado, dentre outros, por autores como Bauman (1999) Souza Santos (1997, 2012) e Sawaia (2001b), aliado a esse desenvolvimento biológico e cultural que ocorre com a pessoa. Para Oliveira, C. (2010), por exemplo, o caráter transformador da juventude reside na possibilidade de ruptura com o *status quo*, possibilitada, em maior escala e intensidade, pela característica da sociedade moderna: não há um único papel pré-definido para as pessoas, não importando seus vínculos materiais. Estes irão impor limites e caminhos pré-definidos, obviamente.

Esse processo transicional na contemporaneidade não é mais linear nem irreversível. Talvez nunca tenha sido e, por conta de alguns fatores que vão, tornando mais complexo o processo e, exigindo maior capacidade da pessoa em atribuir sentido, esta característica de urdidura torna-se mais evidente. São caracterizados pela possibilidade de entrada no mundo adulto de maneira intermitente, bem como pela aquisição da possibilidade, mas não efetivo exercício. A entrada no mundo do trabalho, experiência de relacionamento mais estável com outra pessoa, concluir período escolar (ensino médio e/ou terceiro grau), sair da casa dos pais, são marcos que ainda identificam a passagem para o mundo adulto.

⁶² Bourdieu (1983) aborda a idade biológica e idade social ao tratar da existência das duas juventudes. Essas duas idades podem não coincidir. A pessoa pode estar em uma idade em que a sociedade o classifica como jovem, e assumir papéis ou responsabilidades que esta mesma sociedade atribui a adultos.

Contudo, tomando como exemplo apenas um aspecto desse processo de transição, como forma de refletir sobre esta maior complexidade, a entrada no mundo do trabalho tem adquirido um papel ambivalente. Ao mesmo tempo em que significa a independência característica do mundo adulto, pode também propiciar a possibilidade financeira de viver a juventude, de permanecer por mais tempo nela. Coelho e Aquino (2009) observam que:

Abramo tece uma interpretação relevante para a compreensão do processo de inserção laboral, afirmando que, “[...] hoje, é mais a falta de inserção pelo trabalho do que o fato de estar trabalhando o que mina a sensação de viver a juventude” (2005:56). Como se percebe, as transformações no mundo do trabalho estão afetando diretamente as formas de inserção laboral dos jovens, que passam a ser cada vez mais parecidas com a própria configuração do mercado: flexível e precária (Ibid, p. 283).

Não somente a inserção laboral é afetada, mas a própria condição e situação juvenil. Enne (2010, p. 21) afirma que “os bens sempre foram simbólicos”, mas nesse momento a mercadoria assume “cada vez mais sua face sgnica”. A marca vira conceito e o trabalho se interpõe na relação jovem x consumo como uma das portas de acesso.

A constituição da cultura jovem ‘coincide’ com o surgimento da sociedade de consumo. Há um conjunto de fatores que contribuem para que a cultura jovem se torne ícone da modernidade, ou da pós-modernidade como prefere Enne (2010). A autora vai à mesma direção dos que consideram a delimitação etária para definição de grupo, sendo que os valores do tempo colam nesse grupo, que se torna o espírito do tempo, tradução de tudo que se valoriza hoje. “Os processos não se dão nem por coincidência, nem em separado. São parte de uma mesma configuração histórica” (Ibid, p. 26). O tempo que se forma e o grupo que se constitui – ou é constituído – em seu representante, fiel depositário.

O grupo de jovens que vive concretamente processos próprios de afirmação, também o faz com problemas próprios. Um desses problemas estaria vinculado a esta questão: ser fiel depositária dos valores do tempo que se chama hoje não por vontade própria ou por característica inerente, própria, mas por contingências histórico-sociais. Na vivência deste papel na sociedade atual, as amplas possibilidades de representação, de escolha se apresentam como liberdade, mas se convertem em prisão, já que colocam os jovens suscetíveis à frustração. A cultura do consumo “impõe limites, gera estigmas, provoca frustração” (Ibid, p. 30). A autonomia mais se transfigura em abandono (KEHL, 2012). Essa proeminência pode estar relacionada com a evidente submissão da cultura do tempo atual ao capital, ao fetiche da mercadoria.

Retomando a questão da transição em si, Pais (2003) faz uma pergunta interessante:

se o conceito de trajetória se enclausura em visões e lógicas temporais marcadas por linearidades (antes, agora e depois), como podemos dar conta de vidas juvenis que são impressas em estruturas sociais cada vez mais labirínticas? Apesar de mais difíceis de apreender, os desalinhamentos da vida são sociologicamente tão importantes quanto seus alinhamentos, e as rupturas tão relevantes quanto as conexões (PAIS, 2003, p. 120).

Em certo sentido, sempre haverá antes, agora e depois. O labirinto ou a espiral, que é outra imagem proposta por Edgar Morin para identificar a complexidade, não possui efeito destruidor do tempo, mas reorganizador, ou seja, influenciar de forma múltipla a priorização de algo que será posto em evidência através de uma existência, em um grupo social. A quantidade de portas de entrada, para possíveis conexões, entre o mundo e a pessoa, para saídas alternativas, fugas, se amplia na mesma proporção em que são produzidos e estabelecidos espaços formais e informais, para o exercício ativo, da presença no mundo.

Não é que não exista marcos ou que as transições na vida, incluindo aí o que se pode denominar de transição jovem-adulto, se acabam como defende Rossi (2007), mas elas mudam, são reposicionadas, e em alguns espaços, com mais frequência. No processo perde e ganha força elementos distintos na sua configuração, a clara coerção social presente em diversos grupos sociais nos anos 60, execrada por parte da crítica atual, dá lugar à escolha individual. Por outro lado, a ideia de transição linear é substituída pela realidade material da possibilidade de múltiplas, simultâneas e reversíveis transições.

Dib (2007) cita pesquisas empíricas realizadas em diferentes países e culturas sobre o tema do trajeto escola – mercado de trabalho que demonstram similaridades no que diz respeito do modo como se organizam as trajetórias juvenis. As pesquisas são, dentre outros, de Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes em Lisboa, Portugal, Manuela Du Bois-Reymond, em cidades holandesas e outras cidades europeias, Carmen Leccardi, em cidades italianas. Segundo a autora,

os quadros analíticos fornecidos nesses estudos, em sua maioria, são estruturados por combinações multidimensionais que possibilitam o entendimento dos percursos juvenis sob a conjunção de várias influências, tais como das redes sociais (família, amigos, comunidade), educação, classes sociais, gênero, mercado de trabalho, políticas públicas, mídia e espaço geográfico, entre outras (Ibid, p. 123).

Isso vai gerando o que Dib (2007) chama de inserção sem transição, aludindo à mudança dos tempos de hoje em relação às décadas de 50, 60 quando a ideia de transição era

acompanhada por eventos específicos e bem delimitados. Além desses efeitos mais gerais na concepção de transição, há também um fato já observado nestas pesquisas já mencionadas e em outras citadas pelo mesmo autor⁶³, que é a ocorrência dessa nova concepção de transição, como algo mais restrito às classes médias⁶⁴, sendo o modelo mais tradicional ainda expressivamente presente nas classes de baixa renda, que por questões objetivas não suportam transições mais prolongadas. Ou seja, a produção material da vida vai, contribuindo fortemente na escolha destas opções transicionais.

Numa trajetória labiríntica, com a permissão do trocadilho a partir dessas palavras de Machado Pais, as possibilidades de ir e vir ao mesmo ponto ficam mais evidentes, mais prováveis⁶⁵. A grande questão é o que fica, é o sobre o que se constrói, se zigue-zagueia, se espiraliza nas surpreendentes e intermináveis vias por onde subjetivamos. Nesse aspecto, o processo dialético fornece um esquema potente para esta compreensão. É um novo que não renega o passado, nem se intimida com o complexo processo que resulta na sua produção. Como afirma Dib (2007, p. 143) “As trajetórias dos jovens não paralisam diante da falta de consenso sobre esse assunto, assim como de qualquer outro”.

6.4 Juventude, experiência e geração

A abordagem da juventude a partir da ideia de geração se mostrou importante no material analisado. Pode ser vista como uma das formas de dar um ponto de unicidade à propalada heterogeneidade da categoria juventude. Para este grupo de autores é um contraste perceptível, o estar entre as distintas gerações, especialmente por envolver as diferenças

⁶³ “De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003 (WAISELFISZ, 2004), para a maioria dos jovens de baixa renda a ausência de atividades com um caráter contínuo limitam as expectativas futuras. A desvinculação dos antigos papéis se dá sem que ocorra a incorporação de novos papéis e referências no tocante à vida produtiva e a suas conexões. Os percursos são marcados pela carência de recursos, muitas vezes reflexo da insuficiência e descaso que caracteriza boa parte do sistema educacional público; a impossibilidade de investimentos suplementares e paralelos para o incremento de habilidades profissionais especialmente aos que permitem acompanhar as exigências impostas pelas mudanças tecnológicas; contam com a família como aspecto fundamental das suas redes sociais, que por sua vez também carece de recursos” (DIB, 2007, p. 142).

⁶⁴ Mesmo a transição mais prolongada nas classes médias ocorre sob a pressão de que este é um tempo para se definir o que quer ser. A pressão vem de fora, por parte dos pais, etc., e de dentro, por parte dos próprios jovens, considerando a possibilidade de a escolha de hoje não refletir o se escolheria em outro momento futuro.

⁶⁵ Esta situação é potencializada na contemporaneidade, como observa Herschmann (2000) citado por Gorczewski (2007), pela emergência do que chama de culturas minoritárias e a crescente presença de pluralidades como novos atores sociais que trazem novas formas de expressão e mobilização coletiva.

etárias, de gostos, de mensagem elaborada pelos agentes de mercado que permeiam as distintas instâncias da vida, indo do consumo cultural ao mínimo necessário para a sobrevivência.

Nessa medida, Feixa e Leccardi (2010) afirmam que a noção de geração, ou o conceito de geração, é algo importante para a reflexão sociológica de juventude e apontam três momentos históricos de desenvolvimento deste conceito: a noção de revezamento geracional a partir da sucessão e coexistência de gerações; o problema e conflito geracional evidenciado especialmente ao redor dos anos 60, o que inclusive se torna uma das marcas reducionistas que caracterizam este período; e na contemporaneidade, especialmente pós anos 90, a sociedade de/em rede, valorizando a sobreposição geracional, fato, aliás, destacado por Karl Mannheim.

Experiência e geração caminham juntas, mas nem sempre conspiram, respiram o mesmo ar. A experiência geral de uma geração, considerando, desde a perspectiva de uma geração global, como propõe Feixa e Leccardi (2010), às concepções mais estritas das gerações nas relações familiares ou em outros grupos menores, pode permanecer distante da experiência que vai sendo produzida, engendrada por outra geração, não conseguindo compor com ela uma síntese.

Para Vigotski (2009), a experiência de uma pessoa se dá pela acumulação das atividades humanas. Nesse sentido, não podemos definir uma fase da vida, qualquer que seja, como um momento ímpar de se adquirir experiência, pois esta é permanente. Considerando a radicalidade do posicionamento deste autor, no sentido de que toda ação humana, indistintamente, foi antes produto da imaginação, de uma ação psicológica complexa que se relaciona com outras da mesma condição, que tem como resultado a produção da experiência.

Imaginação não pode ser entendida aqui como qualquer coisa relacionada a um plano ideal, imaginário, desconectado da realidade ou mesmo teleológico, da produção do cotidiano. Como materialista histórico, Vigotski (2009, p. 11) concebe a imaginação como trabalho, atividade criadora do homem que gera algo novo, ação sobre uma dada realidade e que resulta em algo concreto. A imaginação “transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele [o sujeito] pode imaginar o que não viu – o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal” (p. 25), fator que coopera ativamente no devir identitário dos sujeitos.

A combinação das experiências adquiridas, produzidas, traz a ideia de experiência acumulada. Essa combinação é forjada e vivida nos espaços intrassujeito. O eu, como resultado das complexas relações mediadas por outros ‘eus’, por signos, significações e sentidos, é autor e usufruidor do montante de experiência acumulada, que armazena dentro de si, nos moldes da lei geral da Psicologia de L. S. Vigotski, a partir daquilo que experiencia. Essa combinação é também presente nas relações intersujeitos. Algo da ordem de uma experiência humana acumulada, que se apresenta em distintas potências, intensidades e formas: nas relações diádicas, familiares e grupais, comunitárias, intercomunitárias, regionais e globais; como algo definitivo, mas também extemporâneo; que produz um resultado vital, necessário e às vezes imperceptível, trivial, escondido no cotidiano, como na ação mecânica de respirar, que é vital, mas encontra-se tão integrada à existência do corpo que é tacitamente concebida. Ou seja, a experiência acumulada pressupõe integração, articulação, interação de experiências, do sujeito com ele mesmo e dele com os demais sujeitos, coisas e situações da vida.

As experiências alheias, ainda que fantasiosas como as expressas em uma obra de arte literária ou de outra espécie, têm a capacidade e a condição de afetar um sujeito concreto em sua experiência concreta (VIGOTSKI, 1999b, 2009), pois “as emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou palco de teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente” (GOMES, A. H; 2011, p. 29).

Vigotski (1999b), com sua crítica de leitor, explora bastante esta relação livre e criadora da pessoa com a obra de arte. Assim, ao ser concluída e apresentada, não só deixa de pertencer ao seu criador, mas também, sua interpretação não tem a obrigação de guardar qualquer relação com aquilo que poderia ser atribuída como a verdade da obra, a partir de uma descrição do autor a respeito. Os textos provocam nos leitores os significados das experiências por eles vivenciadas, visto que a palavra que, como afirma Vigotski (1999a), tem poder de transformar.

Como pensar a relação intergeracional nesta perspectiva de experiência acumulada? Há uma experiência individual, a coletiva e social, a histórica que se acumula. Aquilo que Vigotski (2009, p. 39) chama de círculo completo da atividade criativa da imaginação para

conceituar todo o processo criativo em seus quatro processos⁶⁶ – (a) dissociação das percepções externas e internas que compõem a base da experiência pessoal, (b) modificação dos elementos dissociados, com exacerbação ou atenuação de alguns deles, (c) união dos elementos dissociados e modificados e por último, (d) a objetivação de todo processo que resulta na construção de um quadro complexo – é uma chave para compreender a potência das relações entre as pessoas de distintas idades, experiências, vivências, etc., especialmente, compreendendo como Costa, J. (2001, p. 1), que algumas mudanças na subjetividade necessitam de transformações culturais de longo prazo, pois “não substituímos repertórios emocionais como substituímos camisas”.

Para este autor, o novo tutor-mor do sentimento de identidade, a mitologia científica, tem provocado a difusão de uma teia cultural, que literalmente aprisiona o sujeito em um grilhão. Este, cuja matéria, o forja, compõe-se do sentimento de onipotência, por “acreditar que pode fabricar o eu moral e psicológico, a partir da pura matéria corporal,” e de impotência “ao ser forçado a crer que o sentido do sofrimento humano está inscrito nos genes ou nos circuitos neuro-hormonais” (COSTA, J., 2001, p. 4) e, dentre outras coisas, vem contribuindo para que

o interesse por si, monopolizado pelos cuidados com o corpo [desgaste], de forma progressiva, a importância emocional do outro humano próximo ou distante. Mas como continuamos a precisar do outro para legitimar nossos ideais de eu, criamos um impasse: menosprezamos o outro próximo, em seu papel de avalista do que somos, e idealizamos o outro anônimo, cuja preocupação emocional conosco é igual a zero (Ibid, p. 4).

Nesse sentido, confirmando a análise e a crítica de Walter Benjamin e Maria Rita Kehl sobre o nosso tempo, como bem observa Gomes, A. H. (2011, P. 66), é pertinente a observação de que “a cada geração parece que as narrativas ficam mais escassas (...) os mais velhos se sentem desautorizados em relação aos jovens”.

A partir de Vigotski (1999a), podemos pensar na importância da fala, da palavra na consumação do acervo de experiência acumulada, considerando que é através dela, como mediadora por excelência entre o eu e o outro, que passo a ter consciência da experiência alheia. Ainda, como um verdadeiro *a priori*, é através dela, também, que se coroa a ação, se instrumentaliza a resistência, especialmente, daqueles que são socialmente relegados à

⁶⁶ Esses processos não são postos como lineares nem evolutivos sequenciais, onde a ocorrência do seguinte depende da realização do anterior. As coisas podem ocorrer em uma concomitância incrível, além do que a objetivação pode ocorrer imediatamente à experiência pessoal.

inexistência pelo *status quo*. A palavra é signo por excelência (PINO, 2005) “e microcosmo da consciência humana” (VIGOTSKI, 1999a, p. 190).

O fechamento de grupos, em sua própria experiência selecionada de algum período de sua vida, pode ser visto como parte das causas do que se conhece, comumente, por conflito de gerações. Os gostos, e, principalmente, as palavras não se encontram, não combinam e por isso, não se somam na construção do acervo de experiência acumulada. Antes, se anulam e apresentam o estranho resultado de um duplo, porém contrários, 100%: cada um na sua completa razão.

A forma de lidar com o tempo influencia o empobrecimento da experiência. Há muita velocidade e apelo ao acúmulo e/ou consumo de informações. Há pouca experiência na produção de coisas, especialmente a partir da invenção da linha de produção. Essa efemeridade também atingiu as relações. Há pouco tempo para elas, ou estão inscritas nas linhas de tempo dos indivíduos, e não o oposto, ou seja, esquece-se da premissa de que os indivíduos se humanizam, cada vez mais, na medida em que, se relacionam com o outro, os outros, à medida que constroem experiências.

Nesse sentido, precisamos de mais *Kairós* e menos *Chronos*, mais tempo que se vive do que tempo de se usa, que se consome e é consumido por ele. Acumular experiência através do espaço interssujeito vai depender disso, da exposição na arena da convivência geracional, de mais oralidade, especialmente, considerando a palavra como fator importante de/para a memória. Palavras como parte responsável pela produção da realidade, como o “final do desenvolvimento, o coroamento da ação” (VIGOTSKI, 1999a, p. 190). Vai depender também, portanto, de mais contato, mais redes que, mesmo virtuais, se concretizam na construção coletiva da experiência.

Dib (2007) apresenta uma preocupação pertinente, em relação ao volume de experiência acumulada nos jovens, e as exigências de definição de futuro, que recaem sobre eles. Escreve que:

para Camarano et al (2004), a exigência de uma definição quanto ao futuro nem sempre corresponde a um desenvolvimento psicossocial, ao acesso e tratamento das informações e a um volume suficiente de experiências que viabilizem o fazer escolhas com repercussões ao longo da vida. As autoras observam que esses fatores influenciam a prontidão do indivíduo para fazer escolhas e podem também variar de acordo com os estratos sociais de pertencimento (Ibid, p. 159).

Considerando, que se inaugura na juventude, a plena capacidade de significação, a reflexão sobre a própria experiência, e a interação entre as distintas experiências das pessoas, torna-se uma importante ferramenta ao jovem, podendo produzir um efeito potente no processo educacional e libertador, nos moldes de Freire (2009). Assim, afasta-se de um esquema forjado para produzir controle social escondido sob a égide de um processo de socialização. A transmissão geracional precisa ser fortalecida nesses aspectos. “Para Paulo Freire, é no pronunciar o mundo que ele se volta problematizado aos sujeitos, exigindo um novo pronunciar. O homem ganha significado pronunciando o mundo no diálogo e transformando-o. É um ato de criação e recriação” (FERNANDES; JOCA, 2011, p. 83). Ainda que a experiência seja atravessada pelas questões de classe e outras determinantes, o processo de produção de sentido, pode se constituir em um recurso para lidar com as questões, já determinadas na experiência de vida de cada um. É importante “reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável” (FREIRE, 2009, p. 19, grifos do autor).

6.5 Juventude como retrovisor da sociedade

Baseada em Carrano (1990), Almeida, G. (2008, p. 17) afirma que a juventude não deve ser compreendida “apenas pelo critério da faixa de idade, mas, sobretudo como um elemento de mudança, não apenas de personalidade, mas também da própria sociedade, pois é através dela que se renova a sua tradição”. Nesta mesma direção, Seibert (2011, p. 22), por ver as mudanças culturais dos tempos atuais refletidas e com maior visibilidade na juventude do que em outros grupos, entende-a como possuidora de destaque, na medida em que passa a ser, “uma espécie de lente de aumento da sociedade, uma síntese da sociedade”. Esta é a ideia de juventude como retrovisor (SILVA, R. O., 2007; SIMÕES, 2007; CARLOS, 2011), que desvenda ou reflete em si os caminhos da sociedade.

Outros autores entendem que estudar a juventude auxilia na compreensão dos valores contemporâneos. Wink (2011), por exemplo, afirma que o jovem, como todo ser social, está diretamente ligado às mudanças conjunturais e estruturais, contudo, refletem de forma mais aguçada os momentos históricos de sua época. Já para Carlos (2011), o adulto vive um mundo que se decompõe e o jovem, um mundo completamente novo, processando as categorias de

inteligibilidade já existentes e ajudando a construir novas. Abramo (2005, apud CARCOVICH, 2011, p. 33) refere o papel de retrato projetivo da sociedade, por se apresentar como uma imagem condensada, micro realidade das tendências sociais.

Esta é uma observação a ser reconsiderada pelo menos em duas direções. Uma é a respeito da posição do jovem na estrutura social. A outra é no tocante ao mesmo valor relativo que possuem as demais categorias sociais na análise das tendências sociais.

Não há como negar que o jovem adquiriu um lugar novo e de destaque na estrutura social. Em um dado momento, das complexas relações entre a cultura e o desenvolvimento biológico, a pessoa passa a possuir as capacidades, ainda que de forma inicial, de análise do mundo, de maneira mais totalizadora e de comunicar esta análise aos seus pares e aos demais membros da sociedade. Comunica pela mediação da palavra, por si só, ou com ajuda de outras mediações por ele escolhidas. Relevante considerar que, nos dias atuais, esta capacidade de comunicação é potencializada pelos meios tecnológicos que se desenvolvem velozmente.

Contudo, os membros de outros grupos sociais também possuem estas capacidades. Outros grupos componentes do ciclo de vida humano – crianças, adultos, e velhos – também podem ser, e o são, considerados em si mesmos como elementos de monitoramento da sociedade.

Jesus, A. (2008, p. 42) corrobora esta perspectiva de revisão, ao afirmar que não só a análise dos aspectos relacionados à juventude, mas a todas as demais categorias sociais, serve de suporte para que se averigüe “as transformações sociais de uma determinada sociedade”. Da mesma forma, o caminho metodológico escolhido por Oliveira, A. A. (2009, p. 58) para discutir a experiência da infância em comunidades litorâneas é o de “optar pelas crianças como portadoras da crítica social”, como ícones do sofrimento provocado pela invasão do turismo, escassez de alimento e outras mazelas advindas desta invasão.

Por sua vez, Pires (2008) compreende que a juventude seja uma fase de instabilidade e crise, transitória, até que se atinja a estabilidade da vida adulta. Contudo, como se explica o fato de que no mundo moderno as próprias condições da vida adulta se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade? Transição pode ser compreendida como uma marca da própria existência humana. Ao localizarmos na história, vamos percebê-la mais ou

menos veloz, afetando mais uns grupos sociais que outros, de forma mais ou menos previsível, mais ou menos consciente para as pessoas que viveram cada tempo.

Contudo, o fato de colocar a juventude em um patamar de igualdade com os demais grupos sociais cultural e historicamente definidos, no que diz respeito às sinalizações da situação da sociedade, não retira dela as especificidades nesta empreitada. A partir de juventude podem ser construídos indicadores mais específicos, sensíveis para as questões culturalmente atribuídas, assinalando tendências, auxiliando na apreensão da realidade em suas dimensões mais complexas, indiretamente através de suas manifestações nesse grupo social. Dentro desta perspectiva, o estudo das culturas juvenis como *locus* de pesquisa se converte em um potente espaço para a medição desses indicadores. Pais (2003, 2006) conclui a respeito da alternativa epistemológica e metodológica para os estudos de juventude apontando para esta necessidade de se considerar as culturas juvenis, não como processos de socialização direta por uma cultura dominante, mas como performances quotidianas, ou seja, a produção de cultura no dia a dia, como indivíduo e como grupo.

Mesmo não tendo Vigotski deixado um conceito sistematizado de cultura, de acordo Pino (2005, p. 88) é possível estabelecer “uma aproximação relativamente segura do que ele estava entendendo quando falava de cultura”. Essencialmente falava de cultura como sendo “o mesmo produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem”. Nesse sentido, a cultura não pode ser vinculada a uma realidade natural ou espiritual, como um ser imanente, autônomo e que vem de dentro do homem para fora. Ela é fruto do processo histórico e material, da ação humana. Vincula-se diretamente aos planos genéticos como abordados por Vigotski e já expostos anteriormente⁶⁷. E esse vínculo significa dizer que não é recebida como um pacote transferido de uma mente a outra, nos processos socializadores, justamente pela ação no plano microgenético. A criança passa pelo processo de interiorização da cultura e a partir do seu nascimento cultural (PINO, 2005), inicia a significação, tarefa que jamais abandonará enquanto existir. Ou seja, isso também ocorre durante os anos significados culturalmente como juventude.

⁶⁷ Em especial aqui os planos definidos como sociogenético e microgenético. O primeiro se refere à história cultural de determinado grupo social, as formas de funcionamento cultural que interferem e às vezes definem o funcionamento psicológico do ser humano. O segundo, à liberdade biográfica da pessoa, onde ocorrem os processos de significação.

Kafrouni (2009, p. 43) ao discorrer sobre a dimensão subjetiva da vivência de jovens em um programa social aborda as culturas juvenis a partir da ideia de juvenilização, no sentido que o *status* juvenil pode ser adquirido “por meio da reciclagem do corpo e da imitação cultural”. A cultura juvenil, como modelo, é oferecida a todos, inclusive os que ocupam, como sujeitos concretos, este lugar histórico-cultural. Nesse processo de produção e reprodução social, para a autora, as políticas públicas jogam um importante papel, em especial, na atual estruturação do Estado brasileiro.

A importância desses estudos está em considerar a cultura juvenil produzida e/ou à qual se vincula o jovem concreto, como metodologicamente importante para compreender melhor a juventude como categoria social e o próprio jovem, e assim tê-la de fato, como um dos barômetros da sociedade.

6.6 Apontamentos e sínteses

Além das considerações apresentadas acima, as reflexões sobre comportamento também têm se mostrado fundamentais para os estudos de juventude. Por este caminho, Castro; Abramovay e Silva (2004) e Goldenberg (2006), buscam entender juventude a partir da forma como este grupo vivencia a sexualidade. Também os importantes mecanismos incidem diretamente sobre a produção de conceitos tácitos de juventude, ou seja, um grupo de conceitos que não possui pensador que reclame sua autoria, ou se possui, tal conceito forjado acaba sendo subsumido pela capilaridade com a qual a sua apresentação se estabelece no senso comum, influenciando consideravelmente as expectativas e imagens a respeito da juventude e dos jovens.

Sobre este último ponto, independentemente de se concordar ou não com a teoria da conspiração, que, pode ser compreendida como um modo quase mítico de explicar os acontecimentos históricos em função da existência de um grupo de pessoas que detém um considerável controle sobre as decisões que são tomadas globalmente por agentes de governos, mercado, etc., autores apontam para dois grandes fazedores de juventudes: as políticas públicas de um lado e o mercado de outro.

Furiati (2010), por exemplo, considera que a juventude se constrói não pela passagem por etapas e eventos, mas pelas vivências nos meios sociais com especial atenção para as relações ali estabelecidas. Ao analisar as políticas públicas de juventude no Brasil de 1930 a 2009, com especial atenção nos últimos 15 anos desse período, conclui que estas políticas se fundamentam mais fortemente nas imagens de uma juventude adultocêntrica, estigmatizada e/ou transgressora.

Ao serem concebidas a partir desse prisma, as políticas passam a produzir ações concretas que reproduzem no meio social, entre jovens, nas instituições socializadoras como a escola e na sociedade em geral, a mesma ideia na qual foram estabelecidas, o que desencadeia um processo de criação de juventudes. Sobre isso, Frezza (2008) escreve que

os programas sofrem efeitos das concepções de juventude elaboradas pela sociedade, da mesma forma que esses mesmos programas provocam efeitos nas imagens que a sociedade constrói desses jovens (...) as ações de políticas públicas de juventude podem tanto contribuir para criar novos sentidos e práticas para e pelos jovens, como podem, simplesmente, reforçar as concepções e modos de viver dominantes reservados à juventude dita em maior vulnerabilidade social (p. 38)

Rodrigues, H. (2009) afirma que as maneiras de ser jovem não dependerão somente do lugar, da época e da situação em que se é jovem, dependerá também – e fortemente – daqueles que detêm o poder naquela mesma época. O mercado e o Estado ocupam um papel importante. Uma questão é o quanto convergem ou divergem os interesses de ambos com os dos grupos juvenis; o quanto os critérios que fundamentam as políticas são amplamente debatidos, postos publicamente, comunicados; o quanto as relações de força de uma determinada sociedade se abrem democraticamente em ambiente político de construção, mais do que de jogo. Em relação ao mercado, isso é mais difícil.

Esses marcadores identitários não devem ser analisados como autoexcludentes, mas como linhas transversais pelas quais, às vezes todas ao mesmo tempo, caminham os jovens. É possível sim, e necessário, que se pense a respeito de hegemonia de um marcador, ou grupo de marcadores, em relação a outro.

Vivendo uma realidade entre a resistência e a existência, as culturas juvenis aparecem e são cultivadas nesse bojo, na mistura com os fazedores de juventudes ou sendo um deles.

Considerando as culturas juvenis como performativas (PAIS, 2006), pode-se pensar em um deslocamento destas em relação ao que prescreve a sociedade⁶⁸.

⁶⁸ Sociedade entendida mais do que um grupo de pessoas em si mesmas, mas um conjunto de significados perpetuados é claro, na prática cotidiana das pessoas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista metodológico, corrobora-se com o crescimento da produção sobre juventude (WEISHEIMER, 2005; HAYASHI, HAYASHI, MARTINEZ, 2008; SPOSITO, 2002, 2009). Destaca-se a pequena produção de estudos do tipo metassíntese, bibliométrico e estado da arte: o aumento do volume da produção acadêmica nacional sobre juventude demanda estudos que façam um balanço desta produção. Esse crescimento, como vimos, traz variedade de abordagens teórico-metodológicas presentes e de representatividade regional. A região Sudeste apresenta 50% enquanto que a Norte ainda não possui uma representatividade numericamente relevante (QUINTEIRO, 2002, p. 140).

O aporte metodológico utilizado permite delimitar e analisar o material que serviu de fonte de informação. Foram identificados documentos na produção acadêmica e científica nacional dos anos de 2007 a 2011 que, além de discutir sobre juventude, sua presença no mundo, suas questões contemporâneas diante das políticas públicas, dos demais grupos sociais, dos fenômenos sociais como a violência, os modos de subjetivação da juventude, refletiam sobre o conceito de juventude, substrato que interessa ao problema levantado neste estudo.

Os limites deste tipo de estudo apontam para duas questões: a primeira, no que se refere à inserção dos autores em determinados grupos classificatórios. Estas classificações possuem a característica de serem arbitrárias, partindo do entendimento do leitor, que, por sua vez se relaciona diretamente com suas opções epistemológicas. Esta é a observação que Vigotski (1999b) faz em relação à crítica de obras de arte, como qualquer fenômeno: pode ser estudada sobre distintos aspectos e permite uma multiplicidade de enfoques, não sendo, necessariamente, uma crítica relacionada ao autor. Tomando esta referência, o que se faz nesta dissertação não é uma classificação dos autores especificamente, colocando-os em um campo teórico limitado, mas sim de uma produção acadêmica e científica historicamente localizada e, ainda que guarde, evidentemente, uma relação direta com o seu produtor, não o representa essencialmente. A obra se desvincula do seu autor quando trazida a público e ganha contornos e vinculações próprias.

A segunda, diz respeito aos limites impostos pelos critérios utilizados para a definição da amostra de documentos a serem analisados. No caso dos títulos, como é resultado de uma definição bastante particular, a solução metodológica encontrada foi, a obrigatoriedade da palavra juventude, identificando assim, a importância do tema para a obra em questão. No caso dos resumos, as dificuldades foram mais sentidas, pois, se apresentam de distintas formas, tamanhos e propósitos. Tomando como parâmetro geral para a elaboração de resumos a NBR6028 da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, há casos em que a quantidade mínima de palavras, por exemplo, não é obedecida e, nem os elementos necessários de conteúdo estão presentes. No caso dos artigos, alguns utilizaram o que a norma chama de resumo indicativo, trazendo apenas os pontos principais do documento, não dispensando a consulta ao original. Essas dificuldades e limitações foram minimizadas e superadas a partir da estratégia de consulta ao documento original através de uma leitura flutuante, no caso dos artigos científicos, e de leitura do sumário, no caso das dissertações e teses.

A análise permite assim, afirmar que os estudos delimitaram as áreas de Educação, Ciências Sociais – Sociologia, Política e Antropologia – e Serviço Social, no campo das ciências humanas e sociais aplicadas. A Educação segue apresentando-se como a área de conhecimento que mais se destaca, em termos de volume de produção sobre juventude e o conceito de juventude (SPOSITO, 2009). A Psicologia, apesar de não ter sido destacada nos estudos bibliométricos sobre juventude, analisados nesta dissertação, ocupa um lugar importante em termos de volume de produção, já anteriormente observado por Sposito (2009). Essa posição adquire maior significância quando se considera a produção do conceito de juventude nas dissertações e teses pesquisadas. Enquanto que as demais áreas, incluindo a Educação, apresentaram uma relação de 2 para 1 (para cada dois trabalhos produzidos abordando o tema juventude, um se propunha discutir o conceito de juventude) na Psicologia praticamente a cada quatro trabalhos produzidos, três discutiam o conceito de juventude.

Desse modo, parece ser a Psicologia, uma área do conhecimento que deve preocupar-se com a produção de conceitos e por ser também área de aplicação– haja vista a necessidade de laudos psicológicos para que processos legais, ligados ao modo de existir das pessoas, sigam os trâmites previstos na legislação brasileira e de outros países – e isso coloca diante da Psicologia Sócio-Histórica o desafio de se fazer mais presente na análise crítica, interna a

própria área, em estudos deste tipo, quanto em sua dimensão prática, junto as Políticas Públicas voltadas à população juvenil, por exemplo.

O aporte teórico, fundamentado especialmente na perspectiva sócio-histórica de Vigotski, permite afirmar que a produção do conceito de juventude no material analisado, possui relação direta com a materialidade social e simbólica. Ou seja, não são e não podem ser considerados supra-históricos, uma base estável em cima da qual a realidade é estabelecida, e a partir da qual esta mesma realidade pode ser apreendida. São construídos e significados a partir da materialidade social, econômica, cultural e histórica, com repercussões determinantes nas subjetividades.

Esta concepção desmonta a ideia de hierarquia entre áreas de conhecimento ou de níveis de importância em relação aos conceitos e seus conteúdos, como algo natural, intrínseco àquilo a que o conceito se relaciona. Esta perspectiva esteve fortemente representada no material analisado, considerando que, com maior ou menor ênfase, os autores lançaram mão de pelo menos aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos e políticos para buscar uma compreensão do conceito de juventude. A ressalva que vem sendo feita nesta dissertação é que, no caso das referências às abordagens psicológicas, apareceram consideravelmente vinculadas à perspectiva de um desenvolvimento humano dividido em fases mais ou menos lineares e universalizadas.

Deste ponto de vista, o teórico, entende-se que o material analisado se divide em dois grandes grupos: aqueles que enfatizaram mais o biológico, a natureza humana, para a compreensão de juventude, defendendo a idade, as mudanças hormonais, a energia em excesso como marcas que permanecem e universalizam o conceito, visto que todos passam por estas mudanças que resulta em características semelhantes (MENESES, 2007; BATISTA, 2008). Na outra ponta, àqueles que demarcam a ênfase na raiz epistemológica da cultura, associando o conceito à experiência dos jovens, a elementos da cultura que caracterizam a juventude (PRATA, 2009; BARBALHO, 2011).

A nosso ver, o psicológico, portanto, pode contribuir e problematizar essa falsa dicotomia, pois, desde uma perspectiva sócio-histórica, localiza as mudanças biológicas dentro de um escopo cultural, trabalhando com a significação da cultura a partir dos planos sócio e microgenético. Contudo, como vimos, ainda não consegue influenciar de forma

significativa na produção do conceito de juventude, pois, mesmo quando o discute, os elementos culturais e biológicos aparecem separados e conflitantes.

Converte-se em um desafio colocar no mesmo patamar de capacidade influenciadora outras perspectivas da Psicologia, especialmente a sócio-histórica. Nesse sentido, as proposições de Vigotski e seus interlocutores podem contribuir muito para a instituição ou fortalecimento de um corpo teórico capaz de apoiar a reflexão sobre o conceito de juventude que consiga, sem prejuízo da preponderância cultural sobre o desenvolvimento humano, integrar as contribuições da Biologia, Sociologia e Psicologia. Este é realmente um grande desafio, visto que elementos são levantados, mas não há uma síntese que supere a influência biologicista dentro da Psicologia.

Por último, considera-se que, do ponto de vista do conceito, refletindo as questões teóricas, tem na produção analisada uma abordagem consideravelmente mesclada sobre juventude. Há a presença de alguns estudos com abordagens mais homogêneas de juventude, considerado como um grupo social com posturas intrínsecas, comandadas de forma mais determinantes pelas variáveis biológicas; há a consideração numericamente significativa da idade como um fator determinante da condição juvenil; e os que apresentam a juventude como conceito-processo, algo em movimento constante, independente do peso que as determinações históricas adquiriam no construto epistemológico. Se fôssemos construir um conceito de juventude, utilizando as ênfases que os autores registraram na produção analisada, teríamos algo mais ou menos assim:

a) Juventude é um conceito em movimento e que se amplia, mas que necessita ser definido de forma rigorosa para possibilitar, dentre outras coisas, a pesquisa acadêmica e a aplicabilidade de políticas públicas específicas. É uma construção sociocultural, que adquire papéis culturalmente definidos e é alvo de expectativas distintas, de acordo com o contexto cultural em que se desenvolve. Porém, as demarcações biológicas e psíquicas decorrentes estabelecem um padrão de desenvolvimento físico e emocional que dão homogeneidade ao fenômeno. A família, a escola e as políticas públicas, apesar da perda de força ou mudança de *status* das duas primeiras na relação com a juventude, ainda funcionam como importantes instâncias socializadoras deste grupo social. Não obstante, ocorre um fenômeno de ‘socialização’ endógena, ou seja, o jovem se socializa no seu próprio grupo juvenil, o que acirra as diferenças geracionais, retirando o lugar do adulto nesse processo.

b) A juventude é algo distinto da adolescência, sendo o momento em que a pessoa inaugura seu envolvimento nas questões sociais e políticas da sua comunidade e/ou da sociedade como um todo, já se encaminhando para a fase adulta, ao contrário da adolescência onde a pessoa está mais imersa em si mesma, nas transformações que as mudanças biológicas vêm causando no corpo e no campo psicológico. Por outro lado, adolescência e juventude se imbricam pelo menos entre a parte final da primeira e a parte inicial da segunda, haja vista a própria delimitação etária que as respectivas legislações fazem: o ECA estabelece que a pessoa adolescente possui de 12 anos completos a 17 anos incompletos e política nacional de juventude estabelece que a pessoa jovem possui de 15 anos 25 ou 29 anos. Isso gera um momento de instabilidade na pessoa, pois não é mais criança, está saindo da adolescência, mas ainda não é jovem propriamente dito. Ainda sobre adolescência e juventude, podem ser consideradas a mesma coisa, sem distinções claras, sendo possível utilizar as duas para se referir às mesmas pessoas, e, em alguns casos, pode-se omitir uma ou outra expressão pela opção em demarcar um campo político.

c) Juventude é um período de transição entre a infância e a fase adulta, período no qual terá fim o ‘quase sofrimento’ das inconclusões próprias do período. Ao mesmo tempo, é um momento importante em si mesmo, com características próprias que devem ser tomadas em consideração, tanto pelos agentes socializadores, como pela sociedade como um todo. É um dever que tem no adulto o seu porto seguro, seu destino; mas também um dever descolado de qualquer vínculo com o passado ou o futuro; e ainda um dever como é dever a própria existência humana.

d) É um jeito de estar no mundo, não importando as delimitações etárias, físicas, biológicas. Não se está jovem, mas se é, ou se pode ser eternamente, a partir do momento em que os valores atribuídos ao que é ser jovem são consumidos e vivenciados por qualquer um. Está ao alcance de todos. Ao mesmo tempo, é também estar coberto por uma moratória vital, um bônus biológico que tem tempo de acabar e não voltar mais.

e) As posturas intrínsecas do ser jovem, advindas da sua condição juvenil, o identificam tanto globalmente, posto que há um *ethos* jovem, como em uma sociedade específica, posto que as questões culturais, sociais e econômicas é que vão dar os contornos da situação juvenil em uma determinada sociedade. Por um lado, espera-se

dos jovens a construção de um mundo melhor, que manifestem o descontentamento com o sistema com a finalidade de modifica-lo. Que afrontem o *status quo*, e com sua irreverência típica questione a sociedade e seus tabus, sua moral e costumes. Por outro lado, não se espera alguma coisa do jovem, ou de qualquer outro grupo social, simplesmente pela sua condição, mas busca-se considerar a complexa relação de forças, influências presentes no contexto social onde os jovens se inserem e as experiências que vivenciam ao longo do trajeto neste contexto. Para isso é importante ter uma compreensão sócio-cultural, pois cada ambiente cultural produzirá seu jovem, e, como produto do seu tempo, os jovens talvez sejam os que mais exploram capacidade dos bens produzirem sentido, além disso, deve-se estar atento aos discursos hegemônicos sobre a juventude que se produz para cada período histórico.

A partir deste exercício de compor o conceito de juventude como um mosaico e da discussão empreendida no decorrer desta dissertação, tomando a produção acadêmico-científica como o objeto de estudo, pode-se pensar em elementos de ruptura e permanência no conceito de juventude. Consideramos como rupturas o progressivo fortalecimento da ideia de juventude como conceito em movimento de ampliação, que se estabelece como processo de construção social, histórica e cultural acompanhada de demarcações rigorosas relativas aos usos pragmáticos para definição de um grupo de pesquisa ou de uma população alvo para políticas públicas; a concepção de juvenilização da sociedade, de uma juventude sem fronteiras de nenhuma espécie, transformada em um estado do ser e, por último, a desvinculação dos estudos sobre juventude do caminho dicotômico das análises geracionais ou classistas, com a introdução de outros elementos de análise, que irrompe em um mais amplo espectro de procedimentos de análise do fenômeno.

Por outro lado, consideramos permanências as demarcações biológicas como estabelecedoras de fronteiras entre as categorias sociais e definidoras dos modos de se estar no mundo; o estabelecimento de características psicológicas próprias para as idades, possibilitando a definição de expectativas mais ou menos padronizadas para o jovem, capazes de definir um *ethos* de grupo; o reconhecimento de diferenças geracionais evidenciadas pelo fortalecimento da prática de isolamento dos grupos juvenis, produzindo um espaço restrito de interação, mais circunscrito aos próprios jovens; as categorias teóricas da moratória e transição que seguem importantes para a definição de juventude. Por último, a perspectiva pragmática das políticas públicas que permanecem não refletindo as rupturas ocorridas no

conceito de juventude em relação à sua vinculação sócio-histórica e ao conceito de identidade processo, permanecendo mais vinculadas às ideias de juventude como crise, por isso alvo de cerceamentos preventivos, e como transição, um tempo passageiro propício para escolhas importantes e definitivas em função da fase adulta, tida como de culminância.

Além dessa abordagem consideravelmente mesclada sobre juventude, a abordagem conceitual no material analisado demonstra a convivência de correntes teóricas distintas, às vezes complementares, outras vezes antagônicas. Por isso o exercício de metassínteses proposto não pode se limitar a resumir o conteúdo, alocando suas partes em um mesmo recipiente. Por outro lado, não é conveniente fazer um mosaico, uma colagem buscando dar unicidade a algo que nas questões *a priori*, não se coadunam. Isso representaria, em certa medida, uma imaturidade teórica.

No grupo dos documentos que compuseram a grupo de análise⁶⁹, dos 534 selecionados, 213, aproximadamente 40%, se propunham a discutir o conceito de juventude. Apresentar e discutir o conceito são fundamentais para se evitar sua redução. Não obstante o aumento da produção sobre o conceito de juventude, destacado nesta dissertação, a opção tácita por esta ou aquela definição de juventude, como ocorre com uma parcela considerável dos autores, pode, paradoxalmente, se opor ao fortalecimento da produção desse conceito e contribuir de forma indireta para a instituição de uma determinada forma de ser jovem (CANETTI; MAHEIRIE, 2010).

Permeando as definições propostas pelos autores, a expressão ‘juventude categoria histórica, social e cultural’ em suas múltiplas versões e formas de apresentação, foi a mais utilizada quando se queria resumir este conceito. Dantas (2007, p. 29), por exemplo, afirma que as juventudes “são construções sociais, são ‘classes de idade’” que “apesar de possuírem uma base material biológica, têm diversas representações históricas”.

Por fim, todo esse crescimento quantitativo na produção acadêmica sobre juventude, aliada a variedade de formas de abordagem e à perspectiva aberta de buscar definir o objeto, reforça a ideia de ampliação do conceito. Esse fator incrementa o desafio dos novos estudos sobre juventude e sobre a sociedade contemporânea a partir do fenômeno denominado

⁶⁹ O Grupo de Análise apresenta os dados dos 534 documentos (163 artigos e 371 teses e dissertações) que passaram pela análise preliminar, ou seja, leitura do resumo, sumário e leitura flutuante do conteúdo no caso dos artigos científicos.

juvenilização por autores como Margulis e Urresti (1996), Dal Molin (2007), Maia, A. (2007), Kafrouni (2009), dentre outros, que também pode ser considerado como uma das causas dessa ampliação do conceito de juventude.

Nesse sentido, falar de juvenilização torna-se mais apropriado como fator exógeno à juventude do que o contrário. Parece que não deveria fazer parte dos estudos específicos de juventude, mas da sociedade contemporânea. Considerando o processo de construção histórica e social, a juventude não ‘possui’ características, mas as desenvolve a partir dos distintos contextos, das distintas forças e influências que atravessam as pessoas, e dos processos de significação que cada um realiza.

Falar de juvenilização implica em atribuir uma unicidade de características tanto à condição como à situação juvenil, especialmente a partir da escolha de alguns atributos biológicos do corpo jovem, como por exemplo, a aptidão para qualquer aventura mediante o vigor físico, a iniciação do uso da sexualidade como um dos mediadores dos relacionamentos com o outro. Essa ideia de juventude-signo nos leva à pergunta: os jovens ‘juvenilizam’ a sociedade, ou esta sociedade impõe sobre certa categoria social a exacerbação de um determinado modo de vida, pautado na vontade de que o tempo pare e a existência seja ‘congelada’ nos anos de maior vigor físico?

Sawaia (2001a) fala da instrumentalização do corpo e dos afetos. As pessoas transferem para a posse de determinado conjunto de bens e *status* o ser jovem. Torna-se mais uma realização individual para o mundo, como uma apresentação teatral espetacular, do que algo fruto da alteridade, da relação com o outro, que produz mais compaixão que piedade, mais felicidade que prazer e alegria, como expõe a autora. Nesse sentido, é mais prisão que libertação, as pessoas se aprisionam em si mesmas.

Nesse sentido, estas considerações se encaminham para a necessidade de continuidade deste tipo de estudo, aprofundando o estudo do conceito, sua aplicabilidade e vinculação as Políticas públicas para os jovens brasileiros. Estas são inquietações que deverão ser estudadas em projeto futuro.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 25-36, dez. 1997. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a04.pdf>>. Acesso em 14 mai. 2011.
- _____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19-39.
- AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVEZ, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p.163-178.
- ALMEIDA, G. K. F. **A descoberta da juventude pela CUT**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2008.
- ALMEIDA, R. S. **Juventude e participação: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.
- ALPIZAR, L.; BERNAL, M. La construcción social de las juventudes. **Ultima Década**, Viña del Mar, n. 19, p. 105-123, nov. 2003.
- ANDRADE, C. C. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2007.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARYAN, D.T. Los pliegues del tempo: Kronos, Aion. **Psicoanálisis**, Torres/Argentina. v. 31, n. 1, p. 181-201, 2009. Disponível em: <http://www.apdeba.org/images/stories/Publicaciones/Revista_Psicoanálisis/PDFs/2009/1/torres%20de%20aryan.pdf>. Acesso em: 01 out. 2012.
- BARBALHO, A. Juventude, cidadania e comunicação. **Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 13, n. 2, p. 86-93, mai./ago. 2011. Disponível em: <http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/ojs/index.php/fronteiras/article/view/534> Acesso em: 01 fev. 2012.

- BARBOSA, E. F. V. **Políticas públicas para o ensino médio e juventude brasileira**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa/PT: Edições 70, 2002.
- BATISTA, M. I. F. C. S. **A formação do indivíduo no capitalismo tardio**: um estudo sobre a juventude contemporânea. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BORGES, R. C. P. **Jovem-Aprendiz**: os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2010.
- BORGHI, I. S. M. **Juventude na educação de jovens e adultos**: novos sujeitos num velho cenário. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2009.
- BOURDIEU, P. A “juventude” é só uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa/PT: Fim de Século, 1983. p. 151-162.
- BRANCO, J. S. **Movimentos culturais de juventude em Goiânia nas décadas de 60 e 70**: a utopia revolucionária no "coração do Brasil". 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2008.
- BRASIL. Lei No. 11.129, de 30 de junho de 2005. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 jul. 2005. Seção 1, p. 1-2.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Juventude. **Guia de políticas públicas de juventude**. Brasília: SNJ, 2010.
- BUFREM, L. S.; SILVA, H. S. N.; FABIAN, C. L. S. R. M.; SORRIBAS, T. V. Produção científica em Ciência da Informação: análise temática em artigos de revistas brasileiras. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 38-49, abr. 2007.
- CANETTI, A. L.; MAHEIRIE, K. Juventudes e violências: implicações éticas e políticas. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 573-590, Set./Dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/400>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CARCOVICH, O. P. **A pobreza sob a ótica de jovens moradores de comunidades da zona sul carioca**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2011.

CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. (Org.). **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP, 1995.

CARLOS, P. P. **“Sou para casar” ou “pego, mas não me apego”?: Práticas afetivas e representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade**. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2011.

CASTRO, L. R. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 4, dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. A iniciação sexual dos jovens. In: _____. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CECCHETTO, F. R. Corpo, masculinidade e violência. In: CECCHETTO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 73-89.

COELHO, R. N.; AQUINO, C. A. B. Inserção Laboral, Juventude e Precarização. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 275-289, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/viewarticle.php?id=193>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CORDEIRO, D. M. A. **Juventude nas sombras: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2008.

COSTA, F. M. A. **Escola pública e ensino médio: formação da juventude na perspectiva dos documentos oficiais nacionais de educação básica (1996 – 2009)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2011.

COSTA, J. F. **A subjetividade exterior**. P. 1-6. 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/80933394/Jurandir-Freire-Costa-A-Subjetividade-Exterior>>. Acesso em: 11 out. 2011.

CRUZ, M. A. G. **Juventudes e meio ambiente: práticas e processos educativos de jovens do entrono da lagoa do Opaia**. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2009.

DAL MOLIN, F. **Redes sociais e micropolíticas da juventude**. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

DANTAS, M. C. C. **‘Vale à pena ver de novo’**: juventude, escola e televisão. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2007.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2012.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2012.

_____. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2012.

DIB, S. K. **Juventude e projeto profissional**: a construção subjetiva do trabalho. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2007.

DIÓGENES, G. Grupos identitários e fragmentação social: a violência como marca. In: _____. **Cartografias da cultura e da violência**: guangues, galeras e o movimento Hip Hop. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008. p. 161-180.

DURHAM, E. R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. **Arte em Revista**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 13-14, mar. 1980.

EHLERS, C. J. A. **A constituição da juventude no contexto da família**: questões relacionais. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2007.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.

ENNE, A. L. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 13-35, 2010, nov. 2010.

ERIKSON, E. H. Contribuição sobre questões contemporâneas: juventude. In: _____. **Identidade, juventude e crise**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 mai. 2011.

FERNANDES, A. M. D.; JOCA, E. C. O 18 de maio como espaço de investigação e formação. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. spe, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000400020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2012.

FERREIRA, A. A. L. O campo psicológico e os seus múltiplos sistemas circulatórios. In: FERREIRA, A. A. L.; FREIRE, L. L.; MORAES, M.; ARENDT, R. J. J. (Org.). **Teoria Ator-Rede e Psicologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2010. p. 32-45.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. (Leitura).

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 16, p. 21-39, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 set. 2012.

FREITAS, M. V. (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FREZZA, M. **Juventude em discurso nas políticas públicas**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

FREZZA, M.; MARASCHIN, C.; SANTOS, N. S. Juventude como problema de políticas públicas. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 313-323, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2012.

FROMM, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Tradução L. A. Bahia e Giasone Rebuá. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FURIATI, N. M. A. **Juventude e Estado no Brasil: a lógica constitutiva do Conselho Nacional da Juventude do governo Lula**. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2010.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959.

GEBER, S. P. **Jovens educadores no contexto de uma ação pública voltada para a juventude na periferia de Belo Horizonte**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010.

GOLDENBERG, M. O discurso sobre sexo: diferenças de gênero na juventude carioca. In: Maria Isabel Mendes de Almeida & Fernanda Eugênio. (Org.). **Culturas juvenis: novos mapas de afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 25-41.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 27. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 79-108.

GORCZEWSKI, D. **Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na restinga, em Porto Alegre**. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre/RS, 2007.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HADDAD, S. (Org.). **O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil: a produção discente da pós-graduação em educação no período 1986 – 1998**. São Paulo: Ação Educativa, 2000.

HARA, T. Mídia, singularidade e juventude. **Verve**, São Paulo, n. 12, p. 254-267, dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5460/3907>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

HAYASHI, M. C.; HAYASHI, C. R.; MARTINEZ, C. M. Estudos sobre jovens e juventude: diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 27, p. 131-154, 2008.

HOBBSBAWM, E. Revolução cultural. In: _____. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. **Estatísticas do século XX**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/educacao/escolarizacao.shtm>. Acesso em: 30 set. 2012.

JESUS, A. R. **A imagem da recreação da juventude: televisão e propaganda.** 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2008.

KAFROUNI, R. **A dimensão subjetiva da vivência de jovens em um programa social – contribuições à análise das políticas públicas para a juventude.** 2009. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

KHEL, M. R. **A Juventude como sintoma da cultura.** Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=75>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

KONDER, L. **O que é Dialética.** Rio de Janeiro: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

KOTLIARENCO, M. A.; CACERES, I.; FONTECILLA, M. **Estado del Arte en Resiliencia.** Santiago, Chile: Centro de Estudios y Atención del Niño y la Mujer (CEANIM), 1996. (Documento de Trabajo, n. 11).

LARANJEIRA, C. A. A análise psicossocial do jovem delinquente: uma revisão da literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 221-227, ago. 2007

LEMOS, M. H. O. **“Vc qr te emigo?”: Relatos cotidianos sobre valores e outras linguagens da ciberjuventude eternamente “plugada” e conectada ao universo virtual.** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

LEON, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais.** São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 9-18.

LOPES, C. C. O espaço sagrado na literatura para a juventude: um olhar comparatista. **Travessias**, n. 1, p. 1-14, 2007. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fe-revista.unioeste.br%2Findex.php%2Ftravessias%2Farticle%2Fdownload%2F2750%2F2148&ei=ex-sUPrDBoPS9ASBsoCwDg&usg=AFQjCNGlqoAHhFBGEd4PbpVCSPkAtAxHDA&sig2=CeBD0Sebhd5ASIpMNia5gA>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

MAIA, A. A. R. M. **Ninguém pode ficar parado: juventude, trabalho e projetos de vida.** 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2007.

MAIA, R. G. Juventude como valor: referencial e método para uma definição a partir do cotidiano. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, 46-60, dez. 2010.

Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Juventudecomovalor.pdf>.
Acesso em: 01 fev. 2012.

MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna. In: _____. **Diagnóstico do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

_____. **El problema de las generaciones**. Disponível em:
<<http://pt.scribd.com/doc/22919473/Mannheim-Karl-El-problema-de-las-generaciones-1928>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (Org.). **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. 3. ed. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.

_____. La construcción social de la condición de juventud. In: Departamento de Investigación Universidad Central (Org.). **Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Bogotá: Siglo del Hombre, 1998. P. 3-21.

MARTINS, J. Não Somos Cronos, Somos Kairós. **Tempo e Presença**. v. 14, n. 264, p. 10-12, ago. 1992.

MARTINS, S. A. **A formação política da juventude do movimento Sem Terra no estado do Paraná**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2009.

MARTINS, T. C. S. **Juventude, educação escolar e sentido de vida: um estudo a partir dos projetos educacionais no ensino médio**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo/SP, 2009.

MATHEUS, M. C. C. Metassíntese qualitativa: desenvolvimento e contribuições para a prática baseada em evidências. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 22, n. spe1, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002009000800019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 set. 2011.

MATTOS, R. C. O. A juventude operária católica em Valença: uma utopia construída. **Revista de história regional**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 283-297, inverno, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2279/1766>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

MENDES, S. M. **Juventude e mídia tribunal: produção de sentido no programa Correio Verdade**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2009.

MENESES, B. M. **Juventude, trabalho e formação**: um estudo com jovens das camadas populares. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2007.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NOVELLI, D. **Juventudes e imagens na revista Vogue Brasil (2000 – 2001)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2009.

OLIVEIRA, A. A. S.; RODRIGUES, M. N. M.; LEVI, L. R. M. Jovens relembrando contos e lendas à beira-mar: memória psicossocial e intergeracionalidade. In: GUIMARÃES, T. C. G.; SOUZA, S. M. G. (Orgs.). **Jovens, espaços de sociabilidade e processos de formação**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia : Editora PUC-Goiás: Câne Editorial. 2010. p. 37-52.

OLIVEIRA, A. A. S.; SAWAIA, B. B. A infância experienciada em comunidades litorâneas. In: LEITÃO, H. A. L.; OLIVEIRA, A. A. S. (Org.). **Infância e juventude na contemporaneidade**: ouvindo os protagonistas. Maceió: EDUFAL, 2009. p. 51-80.

OLIVEIRA, C. M. N. **MST**: a juventude como caminho. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2010.

OLIVEIRA, M. A. **Juventude e religião**: influência da dimensão comunitária no curso de Administração de Empresas em Unaí – MG. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Católica de Goiás, Goiânia/GO, 2008.

OLIVEIRA, M. B.; ROSA, E. M. Juventude, violência e alteridade. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 113-121, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.sbponline.org.br/revista2/vol18n1/PDF/v18n1a10.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2012.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-166, 1990.

_____. Correntes teóricas da sociologia da juventude. In: PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. **Culturas jovens: novos mapas de afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

PASQUALINI, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia e estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2011.

PECORA, A. R. **Memórias e representações sociais de Cuiabá e da sua juventude por três gerações na segunda metade do século XX**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2007.

PINO, A. Processos de Significação e Constituição do Sujeito. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, mar. 1993.

_____. **As marcas do Humano: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

PIRES, S. J. **Juventude(s), escola pública e programas sociais de transferência de renda**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2008.

PRATA, P. H. P. **Comunicação e cidade: juventude e pirataria como exercício de cidade cultural**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2009.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. especial, p. 137-162, dez. 2002.

RODRIGUES, H. B. S. **Políticas públicas para a juventude e gestão local no Brasil: agenda, desenho e implementação**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2009.

ROSSI, R. C. **Patrolando juventudes: o consumo na pauta do caderno Patrola**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.

SAWAIA, B. B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 20-24, jun. 1995.

_____. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001a.

_____. Identidade – Uma ideologia separatista? In: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001b.

SEIBERT, L. **Juventude e cinema**: as práticas de si na transformação do sujeito ético. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas/RS, 2011.

SILVA, R. O. **Violência e juventude**: um estudo de representações sociais em Uberlândia-MG. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2007.

SIMÕES, C. A. **Juventude e educação técnica**: a experiência na formação de jovens trabalhadores do Colégio Estadual prof. Horacio Macedo/CEFET-RJ. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro/RJ, 2007.

SOFIATI, F. M. Jovens em movimento: o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil. **Horizontes**, Itatiba, v. 26, n. 2, p. 73-82, 2008. Disponível em: <[http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/07.Jovens%20em%20movimento_o%20processo\[12996\].pdf](http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/07.Jovens%20em%20movimento_o%20processo[12996].pdf)>. Acesso em: 01 fev. 2012.

SORJ, B. **A nova sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000

SOUZA SANTOS, B. A queda do *Angelus Novus*: para além da equação moderna entre raízes e opções. **Novos estudos – CEBRAP**, São Paulo, n. 47, p. 103-124, mar. 1997.

_____. **Para uma sociologia das ausências e um sociologia das emergências**. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2012.

SOUZA, M. T. S.; CERVENY, C. M. O. Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. **Revista Interamericana de Psicologia**, Brasil, v. 40, n. 1, p. 119-126, 2006.

SPAZIRO, A. M.; RESENDE, C. M. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida?. **Psicologia e sociedade**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 43-49, abr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 mai. 2011.

SPOSITO, M. P. (Org.). **Juventude e escolarização (1980/1998)**. Brasília: INEP/MEC, 2002. (Estado do Conhecimento, n. 7).

_____. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009. 2 v.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R.. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 16-39, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2012.

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil**: uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

TRANCOSO, A. E. R.; OLIVEIRA, A. A. S. Que juventude é essa? Metassíntese das produções científicas brasileiras. In: Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, **Psicologia social e seus movimentos**: Textos completos do Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO – Anais eletrônicos. Recife, Pernambuco, Brasil, 2011. Disponível em: <http://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1029>. Acesso em: 02 jun. 2012.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de saúde pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, Jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000300025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 jan. 2011.

VIANA, N. Juventude e identidade. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1 e 2, p. 145-154, fev. 2009a. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/1022/720>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins e Fontes, 1996.

_____. **Pensamento e Linguagem**. 2. ed. Tradução Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **A tragédia de Hamlet, o Príncipe da Dinamarca**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins e Fontes, 1999b.

_____. Desarrollo de los intereses en la edad de transición. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tradução de Lydia Kuper. Madrid: A. Machado Libros, 2006a.

_____. El problema de la edad. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tradução de Lydia Kuper. Madrid: A. Machado Libros, 2006b.

_____. **Imaginação e criação na infância**. Tradução Zoia Prestes. Comentários Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009. (Ensaio Comentado).

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **El instrumento y el signo en el desarrollo del niño**. Ed. RIO, P. R.; ÁLVAREZ, A. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, 2007.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: Ministério de Desenvolvimento Agrário-MDA, 2005.

_____. **A situação juvenil na agricultura familiar**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2009.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e estado**, Brasília, v. 25, n. 2, ago. 2010. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mai. 2011.

WINK, I. **Cidade educadora e juventude: as políticas públicas e a participação dos jovens na cidade de Gravataí – RS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

ZANELLA, A. V.; REIS, A. C.; TITON, A. P.; URNAU, L. C.; DASSOLER, T. R. Questões de método em textos de Vigotski: contribuições à pesquisa em psicologia. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 25-33, 2007.

ZANELLA, A. V.; TITON, A. P. Análise da produção científica sobre criatividade em programas brasileiros de pós-graduação em psicologia (1994 - 2001). **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, ago. 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 set. 2011.

ZUCCHETTI, D. T.; BERGAMASCHI, M. A. Construções sociais da infância e da juventude. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 28, p. 213-234, jun. 2007. Disponível em:
<<http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n28/artigo09.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

APENDICE B: Planilha de classificação das teses e dissertações na etapa exploratória

Autor	Título	Ano	Link	Grau	Universidade	Juventude dentre as palavras chave	Área	Orientador	Região	Resumo
Aderaldo Pereira Dos Santos	O movimento negro e a juventude em conflito com a lei	2007	http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20073131004016006P5	Mestrado	UERJ	1	Educação	Luiz Cavalieri Bazilio	SE	O que está escrito aqui nesta dissertação é resultado de um grande diálogo. São reflexões e análises sobre idéias e informações adquiridas de várias formas. Notícias de jornal, revistas, relatórios, textos literários, fotografias, depoimentos orais, textos acadêmicos, filmes, foram fontes investigadas para produzir o referido trabalho. Dividi a dissertação em quatro partes. Na primeira parte, discuto os fundamentos pessoais, políticos, teóricos e metodológicos que nortearam a pesquisa. A segunda, reservo para dar voz aos egressos da FUNABEM. Outras vozes vão estar presentes na terceira parte. A quarta é quando finalizo com gostinho de recomeço. As quatro partes envolvem dez pontos, ou seja, dez aspectos analisados. Tenho plena consciência, de que o texto que ora apresento, é apenas à etapa inicial de análise, a respeito de uma questão que precisa ter um estudo mais aprofundado. O problema da pesquisa consiste em refletir sobre o que pensa uma parcela de militantes do Movimento Negro do Rio de Janeiro, sobre a questão da juventude em conflito com a lei. Através de entrevistas com alguns destacados militantes deste movimento, busquei conhecer suas idéias, experiências e propostas relacionadas à problemática investigada. Três grupos de militantes foram entrevistados. O primeiro grupo foi formado por egressos da FUNABEM. O segundo, por militantes que se destacaram na reflexão sobre a temática da juventude e da questão racial. O terceiro ficou reservado a representantes de três importantes entidades negras do Rio de Janeiro. Para desenvolver minha pesquisa me apoiem em autores que tive acesso no decorrer de minha vida acadêmica e de minha trajetória no Movimento Negro. Busquei debater, fundamentalmente, sobre as possíveis relações entre o problema da juventude em conflito com a lei e o fenômeno do racismo em nossa sociedade, com ênfase na visão crítica a respeito do papel que o Movimento Negro deve ter neste debate.
Ana Augusta Ravasco Moreira Maia	Ninguém pode ficar parado: juventude, trabalho e projetos de vida	2007	http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20072731004016013P1	Mestrado	UERJ	1	Psicologia Social	Deise Mancebo	SE	Este trabalho tem como objetivo estudar e discutir as maneiras pelas quais os jovens na atualidade vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho. Com a finalidade de atingir o objetivo proposto além do levantamento de referencial teórico-bibliográfico foi realizada pesquisa de campo. O referencial teórico-bibliográfico foi desenvolvido em torno das três principais categorias que envolvem o tema e dos desdobramentos delas provenientes: cenário atual, trabalho e juventude. Nessa abordagem, tanto sujeito quanto subjetividade são compreendidos como produções culturais e sociais, modos de ser e de estar no mundo que emergem dentro de contextos históricos específicos. O trabalho é entendido como uma instância privilegiada de inserção social e, portanto, como categoria que contribui de modo central para as produções de subjetividade, possuindo fundamental papel para que os jovens possam construir projetos de vida que possibilitem o desenvolvimento de trajetórias e narrativas consistentes. Pelo caráter múltiplo e heterogêneo da juventude, foi realizado um recorte desse universo para a realização do trabalho de campo, participando deste jovens entre 21 e 26 anos pertencentes à classes médias e média alta, moradores do Rio de Janeiro que exercem função de estagiários em uma empresa nacional privada localizada no mesmo Estado. Foi utilizada metodologia qualitativa para a realização da pesquisa baseada em entrevistas individuais como instrumento de coleta de dados. A análise dos resultados seguiu pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso. Os principais resultados mostraram que os projetos de vida dos jovens carregam em si muitas características inerentes ao contexto contemporâneo e às maneiras como o trabalho se configura: as idéias de flexibilidade, mudança, aceleração, movimento constante, abertura ao novo, entre outras. São projetos de vida múltiplos caracterizados pela mutabilidade, nos quais uma das poucas certezas que os guia é a de que ninguém pode ficar parado. As trajetórias são marcadas pelo movimento e pela lógica do "cada um por si" havendo um enorme comprometimento consigo mesmo. Os projetos possuem caráter individual, não sendo a eles integrados interesses coletivos. De um modo geral, pode-se observar que os projetos se mostram como tentativas de adaptação ao complexo cenário atual que parece facilitar a emergência de modos de ser e estar cada vez mais individualizados.

APENDICE C: Quadro de análise das dissertações e teses que não apresentaram resumo no banco de dados da CAPES

Autor/a	Título	Ano	Endereço eletrônico	Grau	IES	Área	Orientador	Comentário
Elizabeth Ferreira De Souza	Cultura e Juventude: Análise das Práticas Esportivas e de Lazer de Adolescentes da Cidade de Curitiba	2007	http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2007840001016047P0	Mestrado	UFPR	Educação Física	Fernando Renato Cavichioli	Não há resumo no documento original http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/13159/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Biblioteca_do_DEF.pdf?sequence=1
Leila De Andrade Oliveira	Os discursos sobre a infância e juventude na prática jurídica	2007	http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2007424001015043P9	Doutorado	UFPB	Psicologia Social	Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain	Não acessível pela busca Google nem pelo site dominiopublico.gov.br
Moema Gomes De Faria.	Representações sociais da violência na juventude goianiense	2007	http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20071052001016020P8	Mestrado	UFG	Sociologia	Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza	Resumo recuperado através do acesso direto á dissertação pelo site dominiopublico.gov.br : http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=115742
Adriana Pedreira Botelho.	Mal-Estar na cidade maravilhosa: Juventude desafiada, rua e saúde mental.	2008	http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200821331001017056P3	Mestrado	UFRJ	Psiquiatria e saúde mental	Ligia Maria Costa Leite	Não acessível pela busca Google nem pelo site dominiopublico.gov.br
Josean Da Silva.	Educação, Juventude e Juventude e inserção social no município de Bayeux, PB	2008	http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20081324001015019P0	Mestrado	UFPB	Serviço Social	Maria de Fatima Melo do Nascimento	Não acessível pela busca Google nem pelo site dominiopublico.gov.br
Liana Abrão Romera.	Juventude, lazer e uso abusivo de álcool.	2008	http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20083156333003017046P6	Doutorado	UNICAMP	Educação Física	Heloisa Helena Baldy dos Reis	Resumo recuperado através do acesso direto á dissertação pelo site da biblioteca digital da UNICAMP: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000445959
Suzete de Paiva Lima	Racismo e Violência, prática de extermínio contra a juventude negra	2010	0	Mestrado	UERJ	Políticas públicas e formação humana.	Esther Maria de Magalhaes Arantes	Não acessível pela busca Google nem pelo site dominiopublico.gov.br

APENDICE D: Exemplo de como os resumos dos artigos, dissertações e teses foram marcados em seus pontos chave, a partir das leituras feitas.

ARTIGOS

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E JUVENTUDE: DO MAL-ESTAR À RESPONSABILIZAÇÃO FRENTE AO DESTINO COMUM

Lúcia Rabello de Castro

RESUMO

O artigo analisa a relação entre juventude e política no contemporâneo, tendo como foco de discussão o processo de subjetivação política, que implica a construção do pertencimento à coletividade e a responsabilização pela vida em comum. As possibilidades de ação engajada e seu sentido político são discutidos frente às aparentes inércia e apatia dos jovens de hoje em relação à política. Um estudo empírico qualitativo com cerca de 25 jovens é apresentado, baseado em entrevistas realizadas tanto com jovens militantes de organizações estudantis e partidos políticos como com aqueles que se engajam no trabalho social voluntário. Na análise, evidenciam-se convergências e divergências entre os dois grupos nos sentidos e objetivos da ação engajada e das formas convencionais de militância. Discutem-se as relações entre as trajetórias desses jovens e o abraçamento de determinadas “causas” que os mobilizam para a ação e a participação na sociedade. Os dois grupos relatam impasses e dificuldades inerentes às escolhas de seus modos de agir e participar: seja por força de buscarem uma eficácia da ação e evitar seus percalços ao submetê-la ao enquadramento da política institucionalizada; seja por força das concessões que se vêem fazendo aos princípios e ideais partidários, distanciando a ação de seu fundamento. Tais dificuldades remetem à distinção entre a política e o político, tendo em vista que a forma institucionalizada de fazer política hoje parece não dar mais conta das demandas da vida em comum; por outro lado, as novas formas de participação política podem insular-se nas ações pontuais. Conclui-se que, para os jovens entrevistados, as formas de participação e de engajamento social emveredam por caminhos diversos, sejam os da política institucional, sejam os da ação militante no trabalho social voluntário; embora o sentido político das ações nem sempre seja explicitamente admitido, as formas convencionais da ação política permanecem em tensão com outras escolhas de engajamento e de participação na sociedade.

APENDICE E: Exemplo de procedimento de garimpagem e refinamento da amostra realizada em artigos científicos

Texto 1:

Juventude Pobre, Violência e Cidadania

Roseli Esquerdo Lopes *et al.*

Resumo: Este trabalho problematiza, a partir de uma perspectiva sócio-histórica, formas de enfrentamento à violência a que estão submetidos adolescentes e jovens de grupos populares urbanos no Brasil. Considera-se a violência como um fenômeno complexo de grande relevância para diversas instâncias sociais. A vulnerabilidade daqueles adolescentes e jovens, expressa por inúmeros índices relacionados à violência, tem alcançado patamares alarmantes no nosso país, num contexto de políticas públicas que são, em grande parte, insuficientes, fragmentadas e/ou inadequadas. Assim, apresenta-se o relato e a análise de uma intervenção social calcada na educação e na defesa dos direitos decorrentes da cidadania, para adolescentes e jovens vulneráveis socialmente, tomando-se como referência uma região composta por bairros pobres e carentes de infra-estrutura social numa cidade média do interior do estado de São Paulo. Trabalhou-se em diferentes projetos com ações pautadas na abordagem interdisciplinar, por meio de três eixos bases: Violência Escolar; Violência Urbana; e Violação de Direitos e Comunidade. Os resultados alcançados refletem elaborações coletivas acerca das ações destinadas aos jovens de grupos populares urbanos e suas alternativas, buscando produzir estratégias de enfrentamento dessas questões em espaços públicos, desde a instituição escolar historicamente constituída para essa população, assim como as instituições mais recentes que respondem à lógica contraditória e complexa da assistência ao direito. Cria-se, portanto, subsídios para políticas públicas cujo impacto se dê na direção de promover a diminuição da desigualdade, da discriminação e da violência a que está sujeita a maioria dos adolescentes e jovens no Brasil.

Palavras-chave: Juventude pobre urbana; Violência; Cidadania.

Acesso: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300008&lng=pt&nrm=iso

Classificação:

Título	Veículo publicação	Tipo	Vinculação	Ano Publicação	Área do conhecimento	Possui Palavras Chave	Juventude como palavra chave	O tema é juventude?	Se não, qual o tema?	Discutir conceito de juventude faz parte dos objetivos	Define Teoria	Qual	Tipo de estudo	Locus	Público	Coleta dados com pessoas?	Coleta	Análise	Instrumentos	Amostra	Procedimento de análise	Resultados	Discussão
Juventude pobre, violência e cidadania	Saúde e Sociedade	Revista	USP	2008	Saúde	Sim	Sim	Não	Violência	Não	Sim	Sócio-histórica	Levantamento	Projetos sociais	Jovens	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não define	Sim	Sim

Texto 2:

Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance"

Paulo Carrano

Resumo: O artigo chama a atenção para a expressiva presença dos jovens na EJA e discute o desafio que os educadores enfrentam para a compreensão dos sentidos culturais da presença destes sujeitos na escola. E indaga sobre como podemos trabalhar para construir espaços escolares culturalmente significativos para jovens e adultos. Aponta para o estabelecimento de uma relação compreensiva como "porta de acesso" aos jovens, principalmente através da recuperação de trajetórias de vida. Parte do pressuposto de que muitos dos problemas que "explodem" na sala de aula têm origem em incompreensões sobre os espaços não escolares. Analisa a necessidade de compreender os processos mais amplos de socialização do jovem. Problematisa as representações da juventude na sociedade, refletindo sobre as muitas maneiras de ser jovem na atualidade. Apresenta as questões de identidade pessoal e coletiva como processos de interação e conflito. Faz uma crítica aos currículos rígidos e uniformizados das escolas, pontuando que estas ainda não reconhecem as culturas juvenis como possibilidade de inclusão e transformação.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos; Juventude; Ambiente Escolar; Socialização.

Acesso: <http://forumeja.org.br/go/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Jovens%20e%20Adultos%20e%20Juventude%20-%20Carrano.pdf>

Classificação:

Título	Veículo publicação	Tipo	Vinculação	Ano Publicação	Área do conhecimento	Possui Palavras Chave	Juventude como palavra chave	O tema é juventude?	Se não, qual o tema?	Discutir conceito de juventude faz parte dos objetivos	Define Teoria	Qual	Tipo de estudo	Locus	Público	Coleta dados com pessoas?	Coleta	Análise	Instrumentos	Amostra	Procedimento de análise	Resultados	Discussão
Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance"	REVEJA	Revista	Ministério Educação	2007	Educação	Sim	Sim	Não	Educação	Sim	Não		Teórico	EJA	Jovens	Não	Não	Não	Não	Não	Não define	Sim	Sim

APENDICE F: Exemplo de procedimento de garimpagem e refinamento da amostra realizada em dissertações e teses

Dissertação de Mestrado: Ninguém pode ficar parado: juventude, trabalho e projetos de vida

Ana Augusta Ravasco Moreira Maia

Este trabalho tem como objetivo estudar e discutir as maneiras pelas quais os jovens na atualidade vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho. Com a finalidade de atingir o objetivo proposto além do levantamento de referencial teórico-bibliográfico foi realizada pesquisa de campo. O referencial teórico-bibliográfico foi desenvolvido em torno das três principais categorias que envolvem o tema e dos desdobramentos delas provenientes: cenário atual, trabalho e juventude. Nessa abordagem, tanto sujeito quanto subjetividade são compreendidos como produções culturais e sociais, modos de ser e de estar no mundo que emergem dentro de contextos históricos específicos. O trabalho é entendido como uma instância privilegiada de inserção social e, portanto, como categoria que contribui de modo central para as produções de subjetividade, possuindo fundamental papel para que os jovens possam construir projetos de vida que possibilitem o desenvolvimento de trajetórias e narrativas consistentes. Pelo caráter múltiplo e heterogêneo da juventude, foi realizado um recorte desse universo para a realização do trabalho de campo, participando deste jovens entre 21 e 26 anos pertencentes à classes médias e media alta, moradores do Rio de Janeiro que exercem função de estagiários em uma empresa nacional privada localizada no mesmo Estado. Foi utilizada metodologia qualitativa para a realização da pesquisa baseada em entrevistas individuais como instrumento de coleta de dados. A análise dos resultados seguiu pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso. Os principais resultados mostraram que os projetos de vida dos jovens carregam em si muitas características inerentes ao contexto contemporâneo e às maneiras como o trabalho se configura: as idéias de flexibilidade, mudança, aceleração, movimento constante, abertura ao novo, entre outras. São projetos de vida múltiplos caracterizados pela mutabilidade, nos quais uma das poucas certezas que os guia é a de que ninguém pode ficar parado. As trajetórias são marcadas pelo movimento e pela lógica do “cada um por si” havendo um enorme comprometimento consigo mesmo. Os projetos possuem caráter individual, não sendo a eles integrados interesses coletivos. De um modo geral, pode-se observar que os projetos se mostram como tentativas de adaptação ao complexo cenário atual que parece facilitar a emergência de modos de ser e estar cada vez mais individualizados.

Palavras Chaves: Juventude, Trabalho, Projeto de vida.

Acesso: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20072731004016013P1>

Classificação:

Possui Palavras Chave	Juventude como palavra chave	Define Tema	O tema é juventude?	Se não, qual o tema?	Define Objetivo	Discutir juventude faz parte dos objetivos	Define Teoria	Qual	Coleta dados Empíricos?	Descreve o método				Resultados	Discussão
										Análise do discurso	Coleta	Análise	Instrumentos		
1	1	1	1		1	1	1	Análise do discurso	1	1	1	0	1	1	1

APENDICE G: Ficha de análise de conteúdo

Ano	Área	IES	Título	Autor	Orientador	Local da Discussão	Perspectiva teórica	Apresentação do conceito
2011	Teologia Mestrado	EST	A adolescência e o des-prazer do saber escolar	Silva, Dejanira Lieta Corrêa e	Márcia Paixão	Capítulo 1: Adolescência e juventude : desenvolvimento da identidade pessoal – algumas considerações 1.1.3: Juventude(s) – possíveis definições e caracterizações 1.1.4: Adolescência e juventude – configuração sócio-cultural	Identidade: Stuart Hall (2006) Juventude: Groppo, Daunis (2000)	-A identidade deve ser vista como processo em andamento. (p. 27) -“Ocorre na medida em que algumas atitudes são internalizadas ou não” (p. 27). Construída através da história pessoal e social de cada um. -“É uma categoria social recentemente construída” e reflete o momento da sociedade. -Existem várias juventudes -“a idade jovem-adulta deve ser compreendida como um marco de possibilidades tanto de vivências e experiências, não somente às tarefas pertinentes à idade, mas da própria personalidade.” (p. 29) -Há críticas à ideia de juventude como transição: indeterminação e subordinação ao adulto. Não é somente uma transição para o futuro, mas uma “realidade presente, como necessidades humanas básicas e específicas.” (p. 30) -Toda a vivência da juventude deve ser caracterizada pela experimentação -É uma configuração sócio-cultural. Uma representação. Análise: -Na discussão sobre idades, cita Daunis (2000) e suas definições de adolescência que vai de 12 a 18 e juventude a partir de então, com as classificações tradicionais de jovem-adolescente, jovem-jovem e jovem-adulto. Não apresenta um pensamento seu a esse respeito. -Cita o mesmo autor para listar os ritos de passagem para a vida adulta: “independência econômica através da escolha livre ou suportável das tarefas do dia a dia (...) moradia própria (...) matrimônio” (p. 29) querer e poder assumir responsabilidades de estabelecer e manter família. -Tende a ver mais como produto da cultura, daí a importância para a autora das instituições socializadoras como a escola que “propicia a este jovem a oportunidade de experimentar novos saberes e novas sensações através das relações que nela se estabelecem” (p. 34) e de possibilitar “a esse jovem expressar suas experiências e vivências.” (p. 34)

APÊNDICE H – Relação, por tipo de documento e ano de defesa ou publicação, das teses, dissertações e artigos científicos analisados para esta dissertação

H.1 Teses Analisadas – Total: 32

Teses defendidas em 2007:

ANDRADE, C. C. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2007.

DAL MOLIN, F. **Redes sociais e micropolíticas da juventude**. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

DIB, S. K. **Juventude e projeto profissional: a construção subjetiva do trabalho**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2007.

GOELLNER, R. **A publicidade na ‘terra do nunca’**: as relações entre consumo, juventude e escolha do curso de Publicidade e Propaganda. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.

GORCZEWSKI, D. **Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais**: in(ter)venções audiovisuais na restinga, em Porto Alegre. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre/RS, 2007.

MENESES, B. M. **Juventude, trabalho e formação**: um estudo com jovens das camadas populares. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2007.

NOGUEIRA, R. M. S. P. A. **Violência nas escolas e juventude**: um estudo sobre *bullying* escolar. 2007. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2007.

VILLAR, M. H. V. **Experiências juvenis e ações públicas dirigidas à juventude**: artes e trabalho na transmissão geracional. 2007. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2007

Teses defendidas em 2008:

ANDRADE, S. S. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

ATAIDE, M. A. **Das múltiplas perdas sociais e familiares ao acometimento do ato infracional**: a privação da liberdade e o árduo cotidiano na Fundação Casa. 2008. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

BATISTA, M. I. F. C. S. **A formação do indivíduo no capitalismo tardio**: um estudo sobre a juventude contemporânea. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

CORDEIRO, D. M. A. **Juventude nas sombras**: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2008.

MATOS, R. L. **Juventude, arte e poesia**: a constituição histórica do CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2008.

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil**: uma práxis sócio-histórica de resignificação da juventude. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

Teses defendidas em 2009:

ALVES, M. F. P. **Um/uma jovem separado/a no ‘mundo’**: igreja, juventude e sexualidade na perspectiva dos jovens da Assembleia de Deus em Recife – PE. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2009.

BEZERRA, M. A. **Tecendo fios da rede**: juventude e produção de si em projetos sociais. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2009.

COSTA, O. F. **Políticas públicas e juventude: uma construção possível?** 2009. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2009.

CRUZ, M. A. G. **Juventudes e meio ambiente:** práticas e processos educativos de jovens do entrono da lagoa do Opaia. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2009.

GIL, C. Z. V. **Jovens e participação:** a experiência da ONG Trilha Cidadã. 2009. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2009.

KAFROUNI, R. **A dimensão subjetiva da vivência de jovens em um programa social** – contribuições à análise das políticas públicas para a juventude. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

MARTINS, S. A. **A formação política da juventude do movimento Sem Terra no estado do Paraná.** 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2009.

MENDES, S. M. **Juventude e mídia tribunal:** produção de sentido no programa Correio Verdade. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2009.

RODRIGUES, H. B. S. **Políticas públicas para a juventude e gestão local no Brasil: agenda, desenho e implementação.** 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2009.

SANTANA, M. S. **Projetos para as novas gerações:** juventudes e relações de força na política brasileira (1926-1945). 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

SOFIATI, F. M. **Religião e juventude:** os jovens carismáticos. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

TAVARES, L. B. **Na quebrada, a parceria é mais forte – juventude hip-hop:** relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2009.

Teses defendidas em 2010:

ALMEIDA, R. C. **O valor do trabalho para a juventude contemporânea na elaboração de projetos de vida.** 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010.

BANDEIRA, J. T. S. **Juventude, culturas e cidadanias:** diálogos em perspectivas numa ONG na periferia da cidade de Fortaleza. 2010. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2010.

FURIATI, N. M. A. **Juventude e Estado no Brasil:** a lógica constitutiva do Conselho Nacional da Juventude do governo Lula. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2010.

Teses defendidas em 2011:

BRAGHINI, S. L. **Juventude, pós-modernidade e declínio da autoridade paterna:** visões do cinema contemporâneo. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2011.

CARLOS, P. P. **“Sou para casar” ou “pego, mas não me apego”?:** Práticas afetivas e representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade. 2011. Tese (Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2011.

MESQUITA, M. R. **A inserção dos jovens no mercado de trabalho e o acesso aos direitos trabalhistas no Brasil dos anos 2000.** 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2011.

H.2 Dissertações analisadas – Total: 120

Dissertações defendidas em 2007:

- ARAÚJO, A. L. **Juventude e Participação Política: o jovem eleitor de Londrina.** 2007. Dissertação (Mestrado em). Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2007.
- BASÍLIO, M. D. **Juventude rural e projetos de vida: a experiência do consórcio social da juventude rural de São João do Sabugi.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2007.
- BRITO, S. S. **Cidadania, participação e juventude: uma análise dos projetos de formação cidadã de ONGs da Bahia.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2007.
- CALLEGARO, C. A. **Juventude(s) e escola: suas culturas em diálogo.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2007.
- DANTAS, M. C. C. **‘Vale à pena ver de novo’: juventude, escola e televisão.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2007.
- EHLERS, C. J. A. **A constituição da juventude no contexto da família: questões relacionais.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2007.
- FEITOSA, S. A. **Televisão e juventude Sem Terra: mediações e modos de subjetivação.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.
- FURLANI, D. D. **Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos.** 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2007.
- MAIA, A. A. R. M. **Ninguém pode ficar parado: juventude, trabalho e projetos de vida.** 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2007.
- MARQUES, C. B. **Pedagogia do Kzuka: Um estudo sobre a produção de identidades jovens na mídia.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas/RS, 2007.
- MATTANA, S. M. **Juventude, migração e educação em Mato Grosso: 1977 – 2007.** Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2007.
- NANAKA, H. M. **O jovem brasileiro de classe média e a série Malhação: juventude, cultura e modernidade.** 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2007.
- PEREIRA, L. **Juventude, participação e direitos: Um olhar para as percepções de jovens do Rio de Janeiro sobre sua participação no PROJOVEM (Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação Qualificação e Ação Comunitária).** 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2007.
- RIBEIRO, J. N. **Juventude brasileira e política: uma análise da revista MTV.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2007.
- SIMÕES, C. A. **Juventude e educação técnica: a experiência na formação de jovens trabalhadores do Colégio Estadual prof. Horacio Macedo/CEFET-RJ.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro/RJ, 2007.
- SOUZA, C. C. **Juventude e escola: a interseção entre Malhação e cotidiano dos jovens.** 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2007.
- ROSSI, R. C. **Patrolando juventudes: o consumo na pauta do caderno Patrola.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.
- SANTOS, N. F. **Assentamento rural: juventude e trabalho.** 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2007.
- SILVA, C. B. **Olhares juvenis: estudo sobre sociabilidade e participação social dos jovens da Pastoral Católica de Parobé.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2007.
- SILVA, C. R. **Políticas públicas, educação, juventude e violência da escola: quais as dinâmicas entre os diversos atores envolvidos.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2007.
- WILLIAMS, P. C. **Juventude e participação social: os jovens pobres no contexto social, comunitário e político do Rio de Janeiro.** 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2007.

ZOTTOLA, A. A. **Pastoral da Juventude, alguns princípios e propostas atuais para o seguimento de Jesus:** uma reflexão a partir do encontro de Jesus com o cego Bartimeu. 2007. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Conceição, São Paulo/SP, 2007.

SILVA, R. O. **Violência e juventude:** um estudo de representações sociais em Uberlândia-MG. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2007.

STORT, D. R. **Terceiro setor, educação e juventude:** um estudo sobre as práticas da instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA) de Mogi Mirim-SP. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2007.

Dissertações defendidas em 2008:

ALMEIDA, G. K. F. **A descoberta da juventude pela CUT.** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

BERTOLLO, M. M. C. **Juventude e participação política:** motivações, trajetórias e representações. 2008. Dissertação (Mestrado em psicologia). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2008.

FERNANDES, C. M. **Juventude em transição para o mundo do trabalho.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2008.

FERNANDES, S. **Formação humana para o exercício da cidadania:** os saberes da experiência de jovens membros do Conselho Municipal da Juventude se São Carlos. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2008.

FREZZA, M. **Juventude em discurso nas políticas públicas.** 2008. Dissertação (Mestrado Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

HIRAO, S. E. **Ser jovem na Cidade Tiradentes:** um estudo exploratório. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

JESUS, A. R. **A imagem da recreação da juventude:** televisão e propaganda. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2008.

JESUS, T. M. **Juventude sem direitos:** Olhares e escutas sobre os jovens em um Projeto de Intervenção Sócio-educativa. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana/SP, 2008.

MARTINS, M. **Juventude e reforma agrária:** o caso do Assentamento Rural Paz na Terra/RJ. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

MENEZES, N. M. S. **Body modification:** uma reflexão sobre a educação do corpo da juventude contemporânea. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba/SP, 2008.

LEMOS, M. H. O. **“Vc qr tc cmigo?”:** Relatos cotidianos sobre valores e outras linguagens da ciberjuventude eternamente “plugada” e conectada ao universo virtual. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

NASCIMENTO, R. S. **Cultura lúdica da juventude brasileira:** rebeldia e consumo nas páginas da Veja e da Folha de São Paulo nas décadas de 1970 e 1980. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

OLIVEIRA, M. A. **Juventude e religião:** influência da dimensão comunitária no curso de Administração de Empresas em Unai – MG. 2008. Dissertação (Mestrado em teologia). Universidade Católica de Goiás, Goiânia/GO, 2008.

OLIVEIRA, R. B. A. **Percepções sobre juventude entre membros do ministério público de Curitiba – PR.** 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2008.

PEDROSA, J. M. **Violência, mídia e juventude:** análise sobre o discurso adotado pelo jornalismo impresso sobre a realidade violenta de jovens da periferia da cidade de Natal. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2008.

PERONDI, M. **Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil:** aprendizados na experiência. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

PIRES, S. J. **Juventude(s), escola pública e programas sociais de transferência de renda**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2008.

RODRIGUES, J. A. M. **Análise de redes e políticas de juventude**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2008.

SANTOS, A. L. **Religião e política: Socialização e cultura política entre a juventude da Igreja Pentecostal Assembleia de Deus em Porto Alegre-RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

SANTOS, P. E. P. **Discursos sobre juventude e/na escola que circulam em contextos produtores de políticas de currículo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

SILVA, A. V. **Juventude e vulnerabilidade social: no contexto intra-urbano de Natal, RN**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2008.

SILVA, T. C. **Juventude trans-viada: identidades marcadas invadem a rua**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

SOUZA, F. C. A. N. **Políticas culturais e juventude: tensões e mediações construindo o jornalismo estudantil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, 2008.

Dissertações defendidas em 2009:

ALMEIDA, R. S. **Juventude e participação: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

BARBOSA, E. F. V. **Políticas públicas para o ensino médio e juventude brasileira**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2009.

BORGHI, I. S. M. **Juventude na educação de jovens e adultos: novos sujeitos num velho cenário**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2009.

CALIARI, H. F. **Um ensaio sobre participação política da juventude brasileira**. 2009. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2009.

FERREIRA, L. S. S. **Cibercultura, imaginário e juventude: a influência da internet no imaginário de jovens brasileiros**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

GONÇALVES, M. C. **Juventudes do campo e práticas educativas: o caso do assentamento Marrecas em São João do Piauí**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina/PI, 2009.

LIMA, F. P. **Mediatização Empresarial: estratégias de legitimação e interlocução a partir de um canal televisivo de marca**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2009.

LEMOS, J. F. **A geração digital na mídia: juventude, tecnologia e subjetividade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2009.

MARTINS, T. C. S. **Juventude, educação escolar e sentido de vida: um estudo a partir dos projetos educacionais no ensino médio**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo/SP, 2009.

MIRA, C. S. **Políticas Públicas para a juventude em Joinville (SC): identificação e análise**. 2009. Dissertação (Mestrado em Gestão de Políticas Públicas). Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí/SC, 2009.

MOURA, A. S. **Música e construção de identidade na juventude: o jovem, suas músicas e relações sociais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2009.

NICOLAU, J. **Entre os discursos, as representações e as práticas: crianças e jovens empregadas domésticas na cidade de Marília**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília/SP, 2009.

NOVELLI, D. **Juventudes e imagens na revista Vogue Brasil (2000 – 2001)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2009.

OLIVEIRA, A. B. **Protagonismo juvenil**: o programa Aprendiz COMGÁS no município de Campinas. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SP, 2009.

OLIVEIRA, W. C. **Juventude, religião e poder**: um estudo dos conflitos geracionais na igreja pentecostal Deus é Amor na periferia de Goiânia. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo/SP, 2009.

PEDROSA, M. E. C. **Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso**: uma experiência diferenciada. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

PEREIRA, K. A. F. **Protagonismo juvenil e educação da juventude no ensino médio brasileiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Marília/SP, 2009.

PRATA, P. H. P. **Comunicação e cidade**: juventude e pirataria como exercício de cidade cultural. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2009.

SANTOS, L. M. **A quem é possível a juventude? Meninas e meninos entre o ser jovem e o ser aluna/aluno**. 2009. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2009.

SANTOS, V. G. **Juventude e gênero na renovação carismática católica em Goiânia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

SEREN, L. G. **Gosto, música e juventude**: uma pesquisa exploratória com grupos de alunos da Rede Pública e Privada de Ensino em Araraquara. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara, Araraquara/SP, 2009.

SILVA, L. E. A. G. **Trabalho e juventude**: o projeto Primeiro Passo-CE sob a ótica dos egressos. 2009. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, 2009.

SILVA, N. N. **Juventude, EJA e Relações Raciais**: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2009.

SILVA, R. H. **Juventude urbana e políticas públicas**: um estudo de caso em Campinas. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2009.

SILVEIRA, O. M. C. **Unicórnio e o Rinoceronte**: uma análise do ProJovem a partir da percepção de seus beneficiários. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2009.

SILVEIRA, S. A. D. **Vulnerabilidade social dos jovens do município de Boa Vista – RR**: índice de desenvolvimento juvenil (IDJ) como parâmetro de análise. 2009. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2009.

Dissertações defendidas em 2010:

ASSUNÇÃO, G. R. **A (des)proteção social da juventude**: uma análise à luz da avaliação do PROJOVEM urbano segundo seus/as usuários/as no município de João Pessoa/PB. 2010. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2010.

BORGES, R. C. P. **Jovem-Aprendiz**: os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2010.

CARVALHO, R. V. **A juventude na educação de jovens e adultos**: estudo das práticas pedagógicas no ensino fundamental, fase II, e ensino médio. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba/PR, 2010.

GEBER, S. P. **Jovens educadores no contexto de uma ação pública voltada para a juventude na periferia de Belo Horizonte**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010.

GOMES, A. A. **Política social pública e juventude**: análise dos processos de continuidade e descontinuidade. 2010. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2010.

GUIMARÃES, M. I. P. **Programas de juventude, educação e trabalho em países membros do mercado comum do sul (MERCOSUL): diálogo com pensadores críticos.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2010.

MELO, P. S. F. **Política pública para juventude: a implementação do PROJOVEM urbano em Iranduba/AM.** 2010. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus/AM, 2010.

OLIVEIRA, C. M. N. **MST: a juventude como caminho.** 2010. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2010.

RABELO, J. O. C. **C.Juventudes e políticas em debate: representando a violência.** 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2010.

SÁ, N. M. O. **Desafios e propostas para a evangelização da juventude na cidade de São Paulo.** 2010. Dissertação (Mestrado em teologia Pastoral). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2010.

TAKAHASHI, C. N. **Economia solidária e juventude rural: possibilidades para o desenvolvimento local da microrregião Entre Rios – PR.** 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2010.

TAQUETTI, C. L. **A gestão das políticas de juventude: o caso de Vitória 2005-2010.** 2010. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2010.

VALE, F. F. **Juventude, mídias sonoras e cotidiano escolar: um estudo em escolas de periferia.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Rio Claro/SP, 2010.

Dissertações defendidas em 2011:

ALBUQUERQUE, A. A. **Juventude, educação e participação política: estudo de caso sobre a participação de estudantes do ensino médio do CAIC Raimundo Gomes de Carvalho no Orçamento Participativo de Fortaleza.** 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, 2011.

ALVES, N. G. **Minha vida é uma tela aberta: diários de jovens no YouTube.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niteroi/RJ, 2011.

AMARAL, M. F. **Culturas juvenis e experiência social: modos de ser jovem na periferia.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

ASSIS, N. **Jovens, arte e cidade: (im)possibilidades de relações estéticas em programas de contraturno escolar.** 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2011.

CARCOVICH, O. P. **A pobreza sob a ótica de jovens moradores de comunidades da zona sul carioca.** 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2011.

CASTAGNA, M. P. **Direito à profissionalização do jovem brasileiro: uma análise à luz do princípio da dignidade da pessoa humana.** Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2011.

COSTA, F. M. A. **Escola pública e ensino médio: formação da juventude na perspectiva dos documentos oficiais nacionais da educação básica (1996-2009).** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2011.

GULO, F. H. **Educação sexual na escola e juventude: um estudo das pesquisas acadêmicas no Brasil (2000-2004).** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Presidente Prudente/SP, 2011.

JESUS, V. Q. B. **Participações, juventude e políticas públicas: o processo da conferência de juventude da Bahia – 2008.** 2011. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2011.

LATTARI, M. C. G. **Experiências sociais no espaço escolar: os usos da escola por jovens das camadas populares no ensino médio.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei/MG, 2011.

- LEITE, G. A. **Juventude e socialização: os modos de ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte – MG.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2011.
- MENDES, V. P. S. **Os projetos de vida da juventude do perímetro Curu-Paraipaba: entre o sonho e a realidade.** 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, 2011.
- LIMA, E. M. **A Percepção de juventude a partir do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas – SPE em Maracanaú: que saberes e práticas são problematizadas e quais as implicações nas políticas públicas de educação em saúde.** 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, 2011.
- LIMA, L. **Juventudes, políticas públicas e avaliação de projetos sociais: uma análise sobre o projeto de formação de agentes de desenvolvimento comunitário do programa Jovens Baianos, 2006/2007.** 2011. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2011.
- MACHADO, A. S. **Juventude, reconhecimento e justiça social nas agendas de políticas públicas do Brasil.** 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.
- NEIVA, A. **Jovens, arte e cidade: (im)possibilidades de relações estéticas em Programas de Contraturno Escolar.** 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2011.
- OLIVEIRA, L. R. **Os significados do trabalho para a juventude – um estudo sócio-histórico com adolescentes ricos.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2011.
- PEREIRA, R. P. **Ensino médio e preparação da juventude para o mercado de trabalho: uma reflexão sobre o Programa Jovem Cidadão.** 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo/SP, 2011.
- RIBEIRO, R. O. **Formação cidadã, juventude e trabalho: a geografia na educação de jovens e adultos (EJA).** 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2011.
- RODRIGUES, L. V. **Juventude espírita Irmão Bosco e a produção de saberes na experiência da evangelização infato-juvenil no Grande Bom Jardim.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2011.
- SALGADO, J. **De Confissões pessoais ao compartilhamento Geral: mudanças nas representações midiáticas da juventude.** 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2011.
- SILVA JUNIOR, P. R. **Juventude pobre e trabalho: as experiências dos jovens que participam de programas de aprendizagem profissional na Região Metropolitana de Belo Horizonte.** 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2011.
- SEIBERT, L. **Juventude e cinema: as práticas de si na transformação do sujeito ético.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas/RS, 2011.
- SILVA, D. L. C. **A adolescência e o des-prazer o saber escolar.** 2011. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/RS, 2012.
- SILVA, G. P. **O projeto Agente Jovem diante de alguns desafios da(s) juventude(s) em situação de risco e vulnerabilidade social.** 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, 2011.
- SILVA, J. A. A. **Jovens assentados, jovens estudantes, jovens professores: juventude em assentamentos rurais do RN.** 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2011.
- SILVA, J. P. **Políticas públicas de juventude e educação: as ações “emergenciais” na ótica de alunos do PROJÓVEM urbano.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2011.
- SILVA, L. H. R. **Os sentidos de apropriação da cidade por jovens grafiteiros/as.** 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2011.

TOSI, R. I. **Imagem e ação da juventude nas reportagens da revista Veja**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2011.

WINK, I. **Cidade educadora e juventude: as políticas públicas e a participação dos jovens na cidade de Gravataí – RS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

SILVA, J. (2011). **Construção da identidade dos jovens aprendizes: uma nova condição operária?** 2011. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

SILVA, R. M. S. **A política nacional de juventude e o desafio de promover a participação: um estudo sobre o Programa Jovem Aprendiz do SENAC Pelotas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade Católica de Pelotas, Pelotas/RS, 2011.

SOUZA, M. A. **A propósito do protagonismo juvenil: quais discursos e significados?** 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2011.

SILVA, R. T. **Influências neoliberais na mudança das expectativas da juventude brasileira**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

H.3 Artigos Analisados – Total: 37

Artigos publicados em 2007:

BARBIANI, R. Mapeando o discurso teórico latino-americano sobre juventude(s): a unidade na diversidade. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 138-153, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/1051>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CARRANO, P. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender ossentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". **Reveja – Revista de Educacao de Jovens e Adultos**, Belo Horizonte, v. 1, n. 0, p. 55-67, ago. 2007. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/go/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Jovens%20e%20Adultos%20e%20Juventude%20-%20Carrano.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

COURA, C. P. “Novos” sujeitos de direito: reflexões sobre juventude e políticas públicas. **Pensar BH/Política Social Prefeitura de Belo Horizonte/Câmara Intersetorial de Políticas Sociais**, Belo Horizonte, v. 19, p. 24-25, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.estadomasderechos.org/upload/files/revista-b-h.pdf#page=24>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

FILGUEIRAS, C. A. C. O tema juventude na agenda dos governos da América Latina. **Pensar BH/Política Social Prefeitura de Belo Horizonte/Câmara Intersetorial de Políticas Sociais**, Belo Horizonte, v. 19, p. 18-20, out./dez. 2007. Disponível em: <http://www.estadomasderechos.org/upload/files/revista-b-h.pdf#page=18>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

LADEIRA, L. C. A experiência de democracia participativa na conferência municipal da juventude de Belo Horizonte. **Pensar BH/Política Social Prefeitura de Belo Horizonte/Câmara Intersetorial de Políticas Sociais**, Belo Horizonte, v. 19, p. 26-30, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.estadomasderechos.org/upload/files/revista-b-h.pdf#page=26>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

MATOS, K. S. L. Juventudes e cultura de paz: diálogos de esperança. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, v. 12, n. 16, p. 65-70, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/Revista/N%2016/art_5.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2012.

PERINI, D.; VICTER, P. Juventude: agentes de transformação. **Pensar BH/Política Social Prefeitura de Belo Horizonte/Câmara Intersetorial de Políticas Sociais**, Belo Horizonte, v. 19, p. 21-23, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.estadomasderechos.org/upload/files/revista-b-h.pdf#page=21>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

ZUCCHETTI, D. T.; BERGAMASCHI, M. A. Construções sociais da infância e da juventude. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 28, p. 213-234, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n28/artigo09.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

Artigos publicados em 2008:

BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. M. Juventudes, mídiatizações e nomadismos: a cidade como arena. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 27-40, jul. 2008. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewArticle/133>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CARDOZO, C. E. M. Juventude, religião e neoliberalismo. **Horizonte Teológico**, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 1-11, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.casadajuventude.org.br/media/artigo_juventude_cadu.doc>. Acesso em: 01 fev. 2012.

DANTAS JUNIOR, H. S. A juventude entre a história e a memória: a “rebeldia” como tradição inventada e espetacular. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 1, n. 2, p. 63-82, abr./out. 2008. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/35526_4483.PDF>. Acesso em: 01 fev. 2012.

GOMES, C.; CARNIELLI, B.; CAPANEMA, C.; CÂMARA, J. O enigma das juventudes. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 34, n.3, set/dez. 2008. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/343/artigo-3.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

GONZALES, Z. K.; GUARESCHI, N. M. F. Discursos sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 6, n. 2, p. 463-484, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/773/77360202.pdf>> Acesso em: 01 fev. 2012.

MACHADO, V. O conceito de juventude: uma discussão histórico-cultural dos primórdios aos dias de hoje. **Universitas**, Mogi Mirim, v. 1, n. 1, p. 119-134, jul./dez. 2008.

SOUZA, R. M.; ARCARO, N. T. O Banco Mundial e o Investimento na Juventude Brasileira. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 251-270, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/viewarticle.php?id=143>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

Artigos publicados em 2009:

CASSAB, C. Imagens e representações do jovem e da juventude: considerações sobre o Juiz de Fora nos Trilhos da Paz. **Libertas**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 158-178, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Artigo-Libertas20091.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 7, n. 1, p. 179-208, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2009000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CASTRO, L. R.; MATTOS, A. R. O que é que a política tem a ver com a transformação de si? Considerações sobre a acção política a partir da juventude. **Análise Social**, Lisboa, v. 44, n. 193, p. 793-823, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aso/n193/n193a07.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

COELHO, R. N.; AQUINO, C. A. B. Inserção Laboral, Juventude e Precarização. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 275-289, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/viewarticle.php?id=193>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

MEIRELES NETO, P. R. A juventude como sujeito social: elementos para uma problematização. **Pesquisa em Foco: Educação e Filosofia**, São Luiz, v. 2, n. 2, abr. 2009. P. 1-6. Disponível em: <<http://www.educacaoefilosofia.uema.br/v2/1.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

PEREIRA, C.; ROCHA, E.; PEREIRA, M. Tempos de juventude: ontem e hoje, as representações do jovem na publicidade e no cinema. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 5-15, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu19_Claudia_Everardo_Miguel.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2012.

VIANA, N. Juventude e identidade. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1 e 2, p. 145-154, jan./fev. 2009a. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/1022/720>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

VIANA, N. Cultura, tradição e memória: A juventude entre a permanência e a ruptura. **Revista de Ciências Humanas da Faculdade Estácio de Sá de Goiás- FESGO**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 10-19, set./dez. 2009b. Disponível em: <<http://www.casadajuventude.org.br/index.php?option=content&task=view&id=1958&Itemid=0>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

Artigos publicados em 2010:

CANETTI, A. L.; MAHEIRIE, K. Juventudes e violências: implicações éticas e políticas. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 573-590, Set./Dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/400>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CASSAB, C. Refazendo percursos: considerações acerca das categorias jovem e juventude no Brasil. **Perspectiva**, Erechim, v. 34, n. 128, p. 39-51, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/nugea/files/2010/09/Revista-Perspectiva-erechim.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2012.

ENNE, A. L. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 13-35, 2010, nov. 2010. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/203>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

LEITE, M. S. Adolescência e juventude no ensino fundamental: significações no contexto da prática curricular. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 55-74, mai./ago. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=584&path%5B%5D=661>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

MAIA, R. G. Juventude como valor: referencial e método para uma definição a partir do cotidiano. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, 46-60, dez. 2010. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Juventudecomovalor.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2012.

PEREIRA, A. B. Os riscos da juventude. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, São Paulo, v. 3, p. 36-50, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uniban.br/index.php/RBAC/article/viewPDFInterstitial/161/120>>. Aceso em 01 fev. 2012.

PEREIRA, C. S. Juventude como conceito estratégico para a publicidade. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 7, n. 18, p. 37-54, mar. 2010.

RIBEIRO, W. G. Multiculturalismo, juventude e formação do professor: potenciais para uma discussão sobre a diferença. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 15, n., jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CDIQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ucs.br%2Fetc%2Frevistas%2Findex.php%2Fconjectura%2Farticle%2Fdownload%2F184%2F175&ei=h7-4UOuHOfS90QHcmoG4AQ&usq=AFQjCNFIaDz64wfMHgKPLIUIAGLI3sARaw&sig2=37k9Dai0zRh3b8nIz9WT4g>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

SPAZIRO A. M.; RESENDE, C. M. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 43-49, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a06.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

Artigos publicados em 2011:

BARBALHO, A. Juventude, cidadania e comunicação. **Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 13, n. 2, p. 86-93, mai./ago. 2011. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/diversos/revistas/ojs/index.php/fronteiras/article/view/534>> Acesso em: 01 fev. 2012.

MOURA, B. A. Juventude e trabalho: considerações sobre a situação dos estagiários da Universidade de Brasília. **Composição – Revista de Ciências Sociais UFMS**, Cuiabá, v. 5, n. 8, p. 3-22, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistacomposicao.ufms.br/composicao8.pdf#page=4>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

PEREGRINO, M. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 31, n. 84, p. 275-291, mai./ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n84/a07v31n84.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

VERGARA, A. J. S.; JUSTO, J. S. Juventude, drogas e biopolítica. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 87-119, jan./jul. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n1p87>>. Acesso em: 01 fev. 2012.